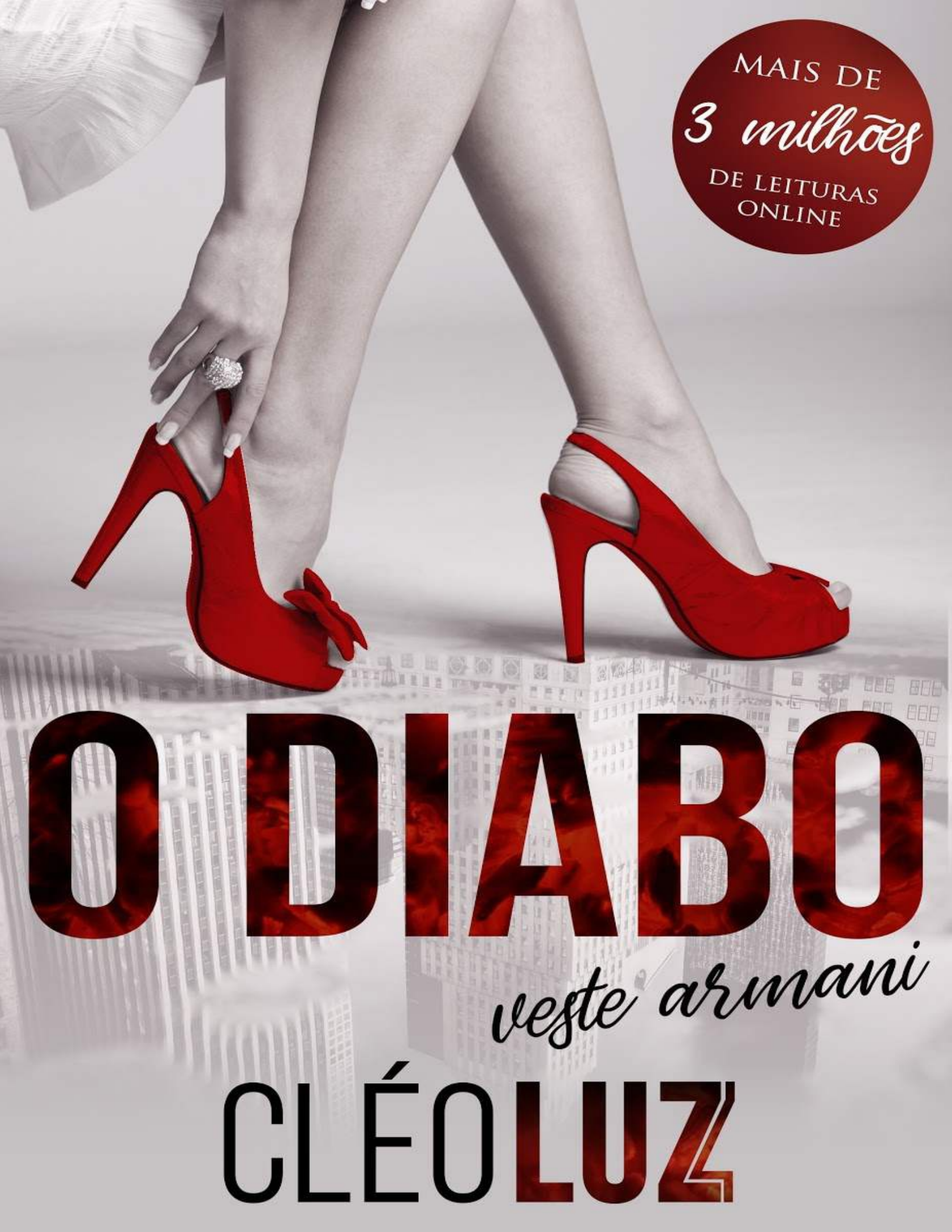




MAIS DE
3 milhões
DE LEITURAS
ONLINE

ODIABO

veste armani

CLÉO LUZ



O DIABO VESTE ARMANI

CLEO LUZ



©2018 Cleo Luz

Capa:

Revisão crítica:

Revisão ortográfica: Mila Wander

Diagramação digital: Carol Cappia

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos é produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento/e ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



| PRÓLOGO

Já reparou que existe algo ocupando parte dos nossos pensamentos? Uma vozinha incessante que às vezes nos leva por caminhos desconhecidos e muitas, muitas vezes desnecessários?

Um exemplo: você passa em frente à vitrine de uma loja e se encanta por um vestido deslumbrante. Seu lado racional alerta para o valor absurdo dele, mas de repente uma voz começa a tagarelar na sua cabeça:

“Mês que vem haverá aquela festa, imagine o que todos acharão quando você chegar usando esse vestido. Compre, sua boba, é só dividir no cartão.”

E então seu subconsciente começa a criar e fantasiar situações para aquele vestido maravilhoso, fazendo você entrar na loja e gastar todo o limite do seu cartão de crédito.

Enfim, muitas de nossas decisões são tomadas em um mundo paralelo que fica bem longe da realidade. Todas baseadas nessa voz em nossa mente que não sossega até ser ouvida.



| 01 - MIA BANKS

Não sei exatamente com que idade fui à Nova York pela primeira vez, mas me lembro do encantamento que senti ao visitar o Rockefeller Center. Eu era apenas uma garotinha e já sabia que um dia viveria naquela selva de pedras. Os anos passaram e não foram poucas as vezes em que fantasiei uma vida glamorosa, com o trabalho dos sonhos e amigos descolados para badalar nas incríveis boates de Manhattan.

Ledo engano.

De fato consegui morar em Nova York, mas nem de longe estava sendo o conto de fadas que imaginei. Nunca vivi uma situação tão desastrosa. A energia negativa do mundo tinha estacionado em cima de mim e nada mais dava certo em minha vida.

Exemplo disso era que estava há mais de vinte minutos escondida na escada de incêndio do meu prédio, esperando o dono do imóvel onde eu morava sair. Nos últimos dias ele andava atento a todos os meus movimentos e não tirava sua razão, afinal, eram três meses de aluguel atrasados.

Quando vi o carro dele virando a esquina, respirei aliviada e só então comecei a deslizar pela escada de incêndio até o último degrau, que dava para um beco sem saída. Senti o vento gelado batendo em meu rosto e fechei o casaco junto ao corpo. Depois caminhei sem pressa, até chegar à rua principal e me misturar às dezenas de pessoas que circulavam pelo centro de Nova York.

Aí vocês se questionam: *ela está ferrada e ainda assim mora no centro de uma das cidades mais caras do mundo?*

O lugar onde eu morava não era lá essas coisas e, no começo, o Sr. Abelard sentia muita pena da minha situação. Ele me achava uma moça esforçada e deu um bom desconto no valor do aluguel. No entanto, quando fiquei desempregada, seu encanto desapareceu. Desde então vivíamos feito Tom e Jerry.

Naquele momento estava a caminho de mais uma entrevista, e daquela vez, tinha que dar certo.



O local das entrevistas ficava perto de onde eu morava. Para causar boa impressão, cheguei com antecedência. Contudo, a recepção estava lotada de moças bonitas e bem vestidas. Obviamente, todas me olharam como se eu tivesse alguma doença contagiosa. Não que eu não tivesse bom gosto para roupas, sempre fui apaixonada por moda, o que não tinha era dinheiro para comprá-las, então usava peças simples que achava em brechós ou nas araras de clearance da Marshalls.

Quando a secretária chamou mais uma candidata, um banco ficou vago e eu me sentei. Peguei uma revista qualquer e, sem prestar muita atenção, comecei a folhear. Minha cabeça estava na planilha de contas discriminada no Excel do meu computador.

Depois de quase uma hora de espera, o meu nome foi chamado. Enquanto caminhava em direção à sala de reuniões, onde as entrevistas estavam acontecendo, olhei para a minha sapatilha e notei que a cola estava cedendo e meu dedão quase saindo por aquele pequeno rompimento. Sem nada que pudesse fazer, encolhi os dedos e entrei com um sorriso confiante, que desapareceu automaticamente quando o olhar afiado da moça, que imaginei estar fazendo as entrevistas, me avaliou de cima a baixo.

— Sente-se, Srta. Banks — ela disse e eu anuí feito uma criança tola, acomodando-me em uma cadeira, atrás da enorme mesa de reuniões.

Vi a secretária fechando a porta atrás de mim e voltei o olhar para a moça à minha frente. Seus cabelos eram loiros de um tom bem claro, quase branco, e destacavam os óculos de hastes escuras. Para completar, ela usava um vestido preto risca de giz, exatamente o que eu deveria estar usando.

— Meu nome é Gloria Evans e sou a pessoa responsável pelas entrevistas.

Não precisava ser muito inteligente para saber o que se passava em sua cabeça. Ela deveria estar pensando em como alguém saía de casa em busca de uma vaga tão disputada usando sapatilhas velhas e jeans surrado. E eu não tirava sua razão.

— A senhorita foi a última pessoa a ser chamada e eu só o fiz por consideração, porque, na verdade, a vaga já foi preenchida.

Afundi-me na cadeira. *Como assim a vaga já foi preenchida?*

— Mas eu preciso muito desse emprego, Srta. Evans — choraminguei.

— Sinto muito, Srta. Banks. Como acabei de lhe falar, a vaga foi preenchida.

Fechei os olhos rapidamente e suspirei.

Eu tinha estudado na Inglaterra e possuía um bom currículo, mesmo assim, não conseguia

trabalho. A angústia do fracasso deve ter se refletido no meu rosto, porque por dois segundos vi pena em seus olhos.

— Se tiver outra vaga... qualquer coisa — tentei novamente, sem qualquer constrangimento. Na minha atual situação, não podia ter vergonha. Mas ela apenas anotou alguma coisa em meu currículo e me apontou a porta.



Que diabos há de errado comigo? Por que nada na minha vida dá certo, eu pensava enquanto caminhava pela avenida movimentada, encolhendo o dedão do pé direito para que o furo da sapatilha não aumentasse.

Durante meu trajeto fiquei me perguntando: o que uma garota recém-formada precisava fazer para chegar ao fundo do poço? Porque a verdade era que uma pessoa sem instrução, que vivia na rua, podia alegar qualquer coisa em sua defesa. Mas eu, que estudei tanto e me formei com honras para conseguir o melhor emprego, não tinha qualquer desculpa. Apesar disso, sempre existia alguém mais qualificado para ocupar o meu lugar.

Talvez estivesse almejando cargos muito maiores do que poderia conquistar, mas me recusava a baixar o nível. Não iria trabalhar como vendedora ou servindo café em lanchonete. Não que o emprego fosse indigno, muito pelo contrário, todo trabalho tem seu mérito. Eu só achava que tinha estudado demais para terminar desse jeito.

Abandonei um cargo promissor em uma grande empresa no Canadá para viver o sonho de morar em Nova York e trabalhar com moda. Não deu certo, por esse motivo resolvi tirar o meu diploma da gaveta e tentar alguma coisa na minha área. Até fiz alguns planejamentos e tracei algumas metas, mas tudo só poderia ser cumprido se conseguisse um trabalho decente.

Fiquei vagando pelo centro da cidade, esperando anoitecer para poder entrar em casa. Depois de alguns meses fugindo do Sr. Abel, já conhecia sua rotina. Através de conversas com outro vizinho, que sempre atrasava o aluguel, descobri que ele tomava remédios para insônia e costumava ir para a cama cedo, então sabia mais ou menos a hora em que ele dormia.

Avistei uma loja **ARMANI** e parei em frente à vitrine, na ala masculina, admirando os cortes perfeitos dos ternos que estavam expostos nos manequins. Cada peça custava uma fortuna.

Através do vidro notei um homem elegante provando um desses ternos. Ele estava de costas, enquanto uma vendedora se desmanchava em sorrisos e elogios. Mesmo não conseguindo enxergar o rosto dele, sabia que se tratava de um cara bonito. Qualquer homem com aquela altura e aqueles ombros ficaria irresistível dentro de um terno **ARMANI**.

Verifiquei meu relógio e constatei que ainda era cedo, então decidi perambular pelo Central Park por mais algum tempo. Precisava garantir que o meu senhorio já estaria dormindo quando eu chegasse, dessa forma, eu não teria que implorar por clemência.



Assim que entrei em casa, liguei a tevê e fui direto para o meu lugar preferido: a janela com vista para a cidade. Sentei-me no peitoril e apreciei a rua por algum tempo, depois voltei-me para dentro e fiquei admirando o velho apartamento com suas janelas enormes e o piso de madeira gasto. Se aquele lugar fosse meu e eu tivesse algum dinheiro, o deixaria incrível.

A maior parte da mobília era do dono do imóvel, inclusive a tevê, mas todo o resto eu consegui em feiras e brechós. Em poucos meses minha casa estava apresentável.

Enquanto o noticiário informava sobre a previsão do tempo, fui até a geladeira e peguei uma garrafa de água, depois liguei a secretária eletrônica e, para variar, havia um trilhão de mensagens da minha mãe. Escutei todas, mas não respondi nenhuma.

Tomei um banho e fui para a cama cedo, rezando para que as coisas comesçassem a dar certo. Quando já estava praticamente dormindo, uma voz falou dentro da minha mente:

“Você conseguirá tudo o que quiser.”



Acordei sentido algo vibrando perto de mim. Quando consegui me dar conta de que era meu celular, a pessoa já tinha desistido de ligar. Franzi a testa tentando lembrar do motivo. Sempre que a voz da minha mente resolvia dar o ar da graça na hora em que estava adormecendo, eu acordava no outro dia assim, meio desorientada, sem saber se era ela ou um sonho, e tudo ficava meio embaralhado. Isso era muito estranho.

O que foi mesmo que ela falou? Que ia conseguir o que quisesse?

Não tive mais tempo de pensar no assunto, porque logo meu celular começou a vibrar de novo, anunciando um número desconhecido. Atendi imediatamente.

— Alô — falei, sonolenta.

— Gostaria de falar com a Srta. Mia Banks — uma voz feminina, e vagamente familiar, pediu em tom educado.

— É ela, quem fala?

— Olá, Srta. Banks, aqui é Gloria Evans.

— Ah, sim. Como vai, Srta. Evans? — respondi, dando um pulo da cama.

— Desculpe-me por ligar tão cedo, mas acho que encontrei uma vaga que se enquadra em seu perfil e em seu currículo. Além disso, já posso adiantar que o salário e os benefícios são ótimos. Tenho certeza de que vai gostar.

Meu coração deu uma cambalhota no peito.

— Tem muitas candidatas para a vaga? — perguntei e percebi, pelo barulho ao fundo, que ela estava mexendo em papéis.

— Não. A verdade é que a senhorita disse que estava precisando de emprego e eles de alguém na sua área. Então, se estiver mesmo interessada, esteja aqui até às nove da manhã e lhe darei mais detalhes.

— Claro! Muito obrigada, Srta. Evans, estarei aí no horário marcado.

Desliguei o telefone e comecei a saltitar pelo apartamento. Lembrei-me de ter rezado e pedido por um emprego antes de dormir, só não imaginei que fosse ser atendida tão rápido.

Corri para o banheiro, tomei um banho na velocidade da luz e, enrolada em uma toalha, parei em frente à minha única arara de roupas. Eu não tinha nada decente para usar na entrevista, a não ser o vestido preto que usei no velório do meu pai — e que jurei a mim mesma jamais colocar no meu corpo outra vez.

Situações extremas, medidas extremas.

Peguei o vestido, passei e o vesti com cuidado, era a única peça de marca que eu tinha e isso era visível na forma como o tecido desenhava o meu corpo. Calcei uma sandália de salto médio e quadrado. Ao me olhar no espelho senti-me bem. Eu estava radiante. Meus cabelos castanhos estavam muito bem alinhados e meus olhos verde-acinzentados exibiam um brilho especial de alguém que estava certa de que ia conseguir um emprego. Acho que era esse o tipo de visual que Gloria gostaria de ter visto na primeira entrevista que fizemos. Mas aquele dia eu estava fugindo do Sr. Abelard, e não dava para fazer isso usando vestido.

Pela primeira vez em semanas, saí pela porta do meu apartamento e não pela escada de incêndio. A convicção de que a vaga seria minha se refletiu na minha confiança, e se encontrasse com o Sr. Abel, já teria um discurso pronto no momento em que ele ameaçasse falar.

Mas, para a minha felicidade, não o encontrei e encarei esse fato como um sinal positivo. Era Deus me mostrando que as coisas dariam muito certo dali em diante.



Cheguei à agência de emprego com dez minutos de antecedência, e a secretária que havia me atendido no dia anterior não me reconheceu.

— Faça a gentileza de me acompanhar, por favor — disse ela, educada.

No momento em que entrei, a Srta. Evans me encarou com um sorriso ameno no rosto, que aumentou consideravelmente quando percebeu a roupa que eu estava usando.

— Bom dia, Mia, sente-se.

Estranhei ela me tratar pelo primeiro nome, mas tudo bem, se eu realmente conseguisse esse emprego, ela poderia ser a minha melhor amiga.

— Bom dia — respondi e me sentei na cadeira em frente a ela. Fiquei observando a sala que era espaçosa e pintada em um tom pastel bem clarinho, mas o que me chamou a atenção foi ver que tudo era milimetricamente organizado.

— A vaga disponível é na Holding Salvatore, imagino que já tenha ouvido falar, certo?

Tinha uma vaga lembrança de já ter escutado esse nome.

— Acredito que sim.

— A Salvatore tem um emaranhado de empresas espalhadas pelos Estados Unidos. Eles se envolvem com tudo o que pode ser comercializado: rede de supermercados, lojas de departamento, shoppings, dentre outras dezenas de empreendimentos.

Nossa, pelo visto eu me daria bem.

“Você vai se dar *muito* bem.”

Estaquei. Era a voz da minha mente novamente. Pelo visto ela iria fazer hora extra por aqueles dias.

— Estou impressionada, pelo visto terei muitas oportunidades de crescer — disse a ela, empolgada.

Ela sorriu do meu entusiasmo.

— Terá, sim. Boa sorte — desejou, enquanto assinava e carimbava duas folhas. Feito isso, as dobrou com cuidado e as colocou dentro de um envelope. — Aqui está o endereço da matriz da empresa em Nova York, procure por Christina Santer no balcão de informações — assenti. — Ela estará esperando por você e lhe passará todas as informações de que precisa saber. Boa sorte.

Abri um sorriso reluzente, peguei o envelope que ela me ofereceu e apertamos as mãos. Ela me acompanhou até a porta e não deixei de notar que Gloria me desejou boa sorte mais de uma vez.



Cheguei à matriz da Salvatore por volta das dez da manhã e avisei na recepção que Christina Santer estava à minha espera. Um lindo segurança me acompanhou até o último andar, e não tirava os olhos de mim. A princípio achei que ele estivesse me paquerando, mas depois percebi que me olhava como se sentisse certo... pesar, e aquilo me deixou inquieta.

— Boa sorte, senhorita — disse ele assim que as portas do elevador se abriram, e comecei a achar estranha essa história de todo mundo me desejar boa sorte. Eu tinha conseguido um trabalho com grandes possibilidades de crescimento, a vaga era minha, não tinha como ter mais sorte do que aquilo.

Aluguel pago, dívidas pagas, roupas novas.

— Obrigada — agradei secamente e saí para o corredor.

O andar era todo revestido de um mármore escuro e sofisticado. Alguns metros à frente havia uma enorme recepção oval. Ao lado, via-se outra mesa, e no meio, grandes portas duplas. Caminhei até a recepção e fui recebida por uma moça ruiva.

— Bom dia, estou procurando por Christina Santer.

A mulher me analisou dos pés à cabeça.

— Sério que mandaram alguém com essa aparência? — perguntou mais para si mesma do que para mim. — Não vai durar uma semana — disse, pensativa, e afastou a cadeira.

— O que disse?

— Nada, desculpe. Você deve ser Mia Banks. Sou Christina Santer, é um prazer.

Aceitei o cumprimento e me sentei na cadeira que ela indicou à sua frente.

— Estou ansiosa para começar — declarei com sinceridade e ela quase revirou os olhos, como se não acreditasse que eu fosse durar muito no cargo ou não se importasse.

— Eu sou a secretária executiva da presidência, portanto, tudo passa por mim, e quando eu falo tudo, me refiro a tudo mesmo.

Balancei a cabeça de forma séria.

— Você será minha assistente e na minha ausência terá que dar conta do todo-poderoso.

Minha testa franziu e Christina se inclinou para mais perto.

— Você lê a Bíblia, Mia? Vai à igreja? É devota de algum santo?

Arregalei os olhos e mais uma vez me senti uma idiota sem entender por que estava sendo bombardeada por tantas perguntas.

— O que isso tem a ver com o meu novo cargo?

Christina estreitou os olhos e passou a língua pelos lábios vermelhos como se estivesse se deliciando com a minha inocência.

— O trabalho é difícil, mas com seu currículo não terá dificuldade. O problema é suportar Rico Salvatore; conviver com ele diariamente não é uma tarefa fácil.

— Ele não pode ser tão mal assim — tentei, pois achei que ela estivesse exagerando.

— Muitas assistentes não duraram uma semana. Várias delas pediram demissão no primeiro dia, algumas antes do almoço — falou com seriedade.

Todos os pelos do meu corpo se arrepiaram, mas antes que eu esboçasse qualquer outro comentário, ela me entregou um envelope, assim como uma folha com sua assinatura e um carimbo.

— Apresente tudo isto no setor de Recursos Humanos que fica no 5º andar. Entregue também as guias que a Gloria te deu, juntamente com seus documentos pessoais. Eles devem te ligar dentro de dois dias.

Anotei mentalmente tudo o que ela falou e me levantei.

— E depois que eles me ligarem, o que acontece?

Christina se ergueu e espalmou as duas mãos em sua mesa, inclinando o corpo sobre ela e arqueando uma sobrancelha bem feita.

— Depois disso você se tornará oficialmente funcionária do Diabo. Pelo menos, o salário é ótimo — disse e soltou uma gargalhada horripilante. Eu fiquei parada feito uma estátua.

Naquele instante, entendi o porquê de ter ouvido tantos “boa sorte” antes de chegar ali.

No entanto, ainda achava que Christina queria apenas me assustar. Um homem que construiu um império com tantas empresas renomadas devia ser muito inteligente e esforçado. Eu me recusava a acreditar que alguém assim pudesse ser tão ruim.

“Não se preocupe. Você vai dar conta.”



| 02 - MIA BANKS

Saí do meu encontro com Christina meio tonta com as coisas que ela me falou. Mesmo assim fui ao 5º andar e deixei tudo encaminhado no Recursos Humanos.

A mocinha que me recepcionou também me desejou boa sorte, mas àquela altura eu nem estava mais dando bola. O homem poderia ser um velho grosseiro, mas eu precisaria aguentar até conseguir transferência para outro setor.

Cheguei a casa no início da tarde e novamente não encontrei com o Sr. Abel.

Aproveitei que teria mais um ou dois dias folga e revirei minhas coisas em busca de alguma peça de roupa que pudesse servir no meu novo trabalho. Fora o vestido preto do velório, eu tinha apenas mais dois modelos que poderiam ser usados na Salvatore e me dei conta de que foi uma tremenda burrice sair da casa da minha mãe praticamente com as roupas do corpo. Desde aquele dia eu nunca mais consegui ter um guarda-roupa decente. Mas o meu orgulho era maior que minha humilhante falta de roupas e eu não pretendia voltar atrás, mesmo que a solução estivesse ao alcance da minha mão.

Lavei os vestidos, dei uma boa arrumada no apartamento e passei os dois dias seguintes esperando o telefone tocar. Quando isso aconteceu, meu coração quase saiu pela boca. Mesmo sabendo que a vaga era minha, só acreditei quando recebi sinal verde do setor de Recursos Humanos.



No meu primeiro dia, cheguei à Salvatore com uma hora de antecedência para que Christina pudesse me passar todas as tarefas com mais detalhes, entretanto, fiquei uns 15 minutos na recepção da presidência esperando por ela.

— Bom dia, Mia. Desculpe o atraso — ela disse assim que saiu do elevador e já foi correndo para sua mesa. Quando parou para respirar, focou os olhos em mim e ficou me observando por algum tempo até finalmente soltar: — Não acha sua roupa um pouco simples demais para trabalhar na presidência de um grupo tão importante?

Meu vestido era azul marinho, mas o tecido e o corte realmente deixavam a desejar. Contudo, não havia nada que eu pudesse fazer, não iria assaltar uma loja de alta costura para poder me vestir de forma adequada.

— Desculpe, Christina, mas só tenho três vestidos, o que usei no dia em que nos conhecemos, esse e um mais simples que esse.

Ela revirou os olhos, me pegou pela mão e saiu me arrastando até o final de um corredor, onde havia um banheiro. Então abriu a porta de um armário que ficava embaixo da pia e de lá tirou uma sacola.

— Coloque essa roupa. Rico não gosta que suas assistentes usem uniformes, mas vou inventar qualquer coisa para ele e assim que receber sua ajuda de custos, trate de comprar roupas decentes.

Concordei e ela me deixou sozinha.

Abri a sacola e lá havia dois terninhos completos, um azul marinho e outro preto. Ambas as saias tinham comprimento comportado e eram da minha numeração. A blusa de seda estava um pouco amassada, mas não tinha problema porque o blazer iria cobrir. Coloquei a roupa em tempo recorde e voltei para a recepção.

Christina deu uma piscadela ao me ver com o uniforme, satisfeita.

— Ficou ótimo! Agora, sim, podemos começar.

Sorri, sentindo-me aliviada, pelo menos o velhote não iria me demitir por usar roupas simples.

— Rico Salvatore é um homem difícil. Mesmo quando estiver certa, ele fará você acreditar que está errada, então, a melhor dica que posso te dar é: não argumente, porque ele sempre terá razão.

Quer dizer que eu estou trabalhando com o dono da verdade.

— Todos os dias, quando você chegar, certifique-se de que a sala dele esteja organizada e de

que o café já foi providenciado. Durante o dia eu vou te passando todas as tarefas, mas o mais importante é jamais contestar uma ordem dele. Seja ela qual for, apenas obedeça.

A cada minuto eu estava mais curiosa para conhecer aquele tal Rico Salvatore.

— A que horas ele costuma chegar? — questionei quando ela parou de falar.

— Geralmente às nove, mas não é uma regra.

— Tudo bem. Mais alguma coisa?

— Apenas dê conta desse trabalho, por favor. Eu preciso tirar férias e isso só vai acontecer se você conseguir me substituir.

Dei um sorriso nervoso em resposta. Tudo o que eu mais queria era dar conta do trabalho e permanecer na Salvatore por muito tempo.

— Vou fazer o meu melhor, preciso muito desse emprego.

— Então comece agora, porque o nosso chefe está subindo — disse ela, olhando para a tela do computador.

Então era isso, chegara a hora de conhecer o velhote.

Fui para a minha mesa, que ficava no lado oposto à de Christina, e me sentei. Fiquei esperando pacientemente até que as portas do elevador se abriram e avistei um segurança de cabelos loiros. Era o mesmo que me escoltou e desejou boa sorte dias atrás. Pelo jeito, sua função era acompanhar as pessoas até o andar da presidência.

Fiquei na expectativa de saber como seria o meu novo chefe. Olhei para o lado e Christina continuava com um sorriso ensaiado no rosto, olhando diretamente para frente. Fiz o mesmo e ergui o queixo, mas vacilei miseravelmente ao encarar a figura que caminhava em nossa direção. Meu corpo reagiu por instinto e senti um leve friozinho na barriga ao me deparar com intensos olhos azuis que não me olharam de volta. Passei a língua pelos lábios em um misto de nervosismo e admiração. Nem nos meus melhores sonhos eu poderia imaginar que o diabo tivesse aquela aparência.

Rico Salvatore era inexplicavelmente bonito e presunçoso, digo isso porque ele passou por mim sem nem ao menos olhar para o lado, deixando no ar a fragrância de um perfume incomparável.

— Não passe nenhuma ligação, eu chamo se precisar — ordenou e sumiu dentro de seu escritório.

Continuei parada, me sentindo mais inútil que o enorme vaso de planta que decorava a recepção.

— Ele me ignorou completamente — anunciei o óbvio e Christina me lançou um olhar debochado.

— Isso é bom, acredite.

— De que forma isso pode ser bom?

Christina deixou o tablet em cima da mesa e caminhou até a copa. Pegou um café e sentou-se

confortavelmente em sua cadeira.

— Ele já demitiu assistentes por não gostar da cor do cabelo delas.

— Fala sério! — exclamei, desacreditada.

— Estou falando sério, ele não contrata loiras para a presidência em hipótese alguma.

Aquele homem estava me deixando intrigada.

— A namorada dele também tem cabelos castanhos? — arrisquei uma pergunta indiscreta.

— Rico Salvatore? Namorando?

Balancei a cabeça em confirmação.

— Acorda, Mia. Homens como ele só pensam em ficar cada dia mais ricos. Porém, isso não o impede de dormir com uma mulher diferente toda semana.

Engoli em seco, só por ousar pensar em como seria passar uma noite com ele.

— Não pense nisso, querida, ele jamais sairia com uma de nós.

Abri a boca e fiquei sem reação por alguns segundos.

— Você é alguma espécie de bruxa?

Minha pergunta a deixou surpresa, mas logo depois ela gargalhou. Christina ria bastante e eu gostava disso. Ela tinha uma espécie de humor negro que eu apreciava. Parecia aquela mãe brava, mas que sempre estaria por perto para te ajudar caso você precisasse.

— Vamos deixar de papo furado e trabalhar.

— Vamos lá.

Christina passou boa parte da manhã me descrevendo como era a rotina da presidência. O sistema deles era meio complicado e fiquei perdida com algumas informações, mas ela disse que era normal e que com o tempo eu pegaria o jeito.

Perto do meio-dia um senhor saiu do elevador, nos cumprimentou e disse que tinha um horário marcado.

— O Sr. Salvatore já está lhe aguardando — Christina anunciou e me lançou um olhar. — Mia, acompanhe o Sr. Volstov até a sala de reuniões.

Eu já sabia onde ficava a sala de reuniões, então me levantei e pedi a ele que me acompanhasse. O homem era de estatura média e tinha cabelos grisalhos. Usava um terno escuro e anéis com pedras quadradas e ostentosas.

— Você é nova aqui? — perguntou, puxando conversa.

— Sou, sim, comecei hoje.

— Está gostando?

Eu certamente daria uma resposta positiva. Não poderia falar mal do meu chefe justamente no primeiro dia.

— Ah, sim, está indo tudo bem, obrigada por perguntar.

Ele me lançou um sorriso sincero, exatamente quando chegamos em frente à porta da sala de reuniões. Eu a abri e convidei o Sr. Volstov a se sentar.

— Aceita uma água ou um café, senhor?

— Estou bem, obrigado.

Despedi-me dele e, quando fui me virar, dei de cara com o Sr. Salvatore.

Mais uma vez senti um frio na barriga e não foi pelo fato de eu achar o meu novo chefe incrivelmente atraente. Tinha mais a ver com o medo de ele não ir com a minha cara e resolver me demitir. Depois de tudo o que ouvi e após conhecê-lo, não tinha dúvidas de que poderia acontecer.

— Quem é você? — a pergunta foi direcionada a mim e tive a certeza de que ele realmente não havia me visto quando chegou à sua sala essa manhã.

— Sou Mia Banks, assistente de Christina. Comecei hoje, senhor — respondi, sabendo que meu rosto estava vermelho como um pimentão.

Ele ficou me encarando, talvez procurando por essa informação em seu banco de dados.

— Tanto faz, deixe-nos a sós.

Meu Deus, que homem estúpido.

Ele passou por mim e fez como ele pediu. Desapareci.

Christina providenciou o almoço deles e saiu logo depois. Assim que ela voltasse seria a minha vez de almoçar e eu estava contando os minutos para isso acontecer.

Respirar, eu precisava respirar.

— Nos vemos na próxima quinta, então. Pense bem na minha proposta — a voz do Sr. Volstov soou pelo corredor principal e eu fiquei tensa.

Eles já tinham terminado a reunião e o almoço.

— Minha secretária entrará em contato para confirmar o horário de quinta-feira — a voz do meu chefe conseguiu soar *quase* amigável.

Incrível!

Os dois se despediram em frente ao elevador e eu fiquei ansiosa só de imaginar que, para entrar em sua sala, ele precisaria passar por mim. Daquela vez ele já sabia que eu existia, como será que me trataria?

Assim que as portas do elevador se fecharam, Salvatore sacou o celular do bolso lateral de sua calça e discou um número.

— Volstov esteve aqui, passarei aí mais tarde para conversarmos — anunciou, ouviu a resposta por alguns segundos e desligou.

Fiquei apreensiva, olhando na direção dele e apreciando o corte de seu terno caro. Era

provavelmente um ARMANI ou algo do tipo. Mas com certeza era um modelo sob medida, porque não sobrava nem faltava tecido em parte alguma.

— Não passe nenhuma ligação — ordenou. E, mais uma vez, não olhou na minha direção. Pelo jeito, eu seria alguém invisível para Rico Salvatore, e talvez fosse melhor assim.

— Sim, senhor — respondi.

Quando Christina voltou, já era quase uma da tarde e eu finalmente tive autorização para ir almoçar. O telefone tocou bastante na ausência dela. Antes de sair, repassei todos os recados que havia anotado.

Dispensei o almoço e comi apenas um sanduíche leve com um pouco de suco, a ansiedade do primeiro dia tirou completamente a minha fome. Sem contar as indelicadezas do meu novo chefe. Fiquei imaginando como seria conviver com ele todos os dias e se eu duraria naquele cargo. Meus pensamentos tomaram a maior parte do meu horário de almoço e, quando dei por mim, já estava na hora de voltar ao escritório.

Durante a tarde fiz tudo como Christina pediu e anotei cada detalhe do que fazia; queria ser uma assistente perfeita.

— Agora que tenho você como assistente, posso me dar o luxo de sair meia hora mais cedo. Bom, o pessoal da correspondência trará os convites da Festa Anual Salvatore. Guarde todos e amanhã enviaremos aos respectivos destinatários.

— Festa Anual Salvatore?

— Sim. Um dia no ano, nosso querido chefe faz um evento para socializar com os funcionários — Christina explicou, arrumando a alça da bolsa no ombro e alisando seu terninho. — Atenda ao telefone e anote os recados. Antes de ir, avise ao Rico que está saindo e, se houver qualquer coisa, você já tem o número do meu celular — com isso, jogou um beijo no ar e saiu rebolando em direção aos elevadores.

A Festa Anual Salvatore devia ser legal, mas eu não tinha roupa e, sinceramente, nem ânimo para participar daquele tipo de evento, então com certeza inventaria alguma desculpa.

Foi só Christina desaparecer dentro do elevador para o telefone da mesa dela tocar.

— Grupo Salvatore, boa tarde — atendi com a saudação que Christina havia me ensinado.

— Avise ao meu piloto que vou precisar do helicóptero em meia hora e faça uma reserva para duas pessoas no Daniel.

Era ele. E agora? Eu não sabia quem era seu piloto. O Daniel, no entanto, era bem conhecido já uma reserva de última hora seria impossível. Ai. Meu. Deus. Respirei fundo.

— Sim, senhor. Vou providenciar.

Ele não agradeceu, apenas desligou na minha cara. Eu já esperava por isso, mas até me acostumar, sua atitude não deixaria de me mortificar.

O bom foi que sua frieza ajudou a me acalmar. Um pouco. Disquei o número de Christina e, graças a Deus, ela atendeu.

— Christina, ele quer o piloto e o helicóptero em meia hora e uma reserva no Daniel, por favor, me ajuda.

Para variar, ela deu uma risada debochada.

— Calma, benzinho, vamos devagar. O número do piloto está na minha agenda azul, o nome dele é Josh. Rico tem reserva fixa no Daniel, é só ligar e falar que ele vai aparecer que eles dão um jeito em tudo. Mais alguma coisa?

— Só isso, obrigada.

— Não agradeça. Pelo jeito, ele vai jantar com a chata da Soraya Walsh.

— Quem é essa?

— Uma socialite com quem ele saiu algumas vezes. E se ele pediu o helicóptero, com certeza é para buscá-la; a madame mora em um condomínio afastado.

— Ah, tá.

Christina desligou e fiquei imaginando como um homem que me tratou com tanto desprezo durante o dia poderia ser capaz de bancar o cavalheiro e pegar um helicóptero só para buscar uma mulher em casa?

Providenciei tudo o que ele pediu, liguei para avisar que estava tudo acertado e que dentro de dez minutos encerraria o meu expediente. Ele apenas respondeu com um “OK”, e alguns minutos mais tarde saiu falando ao telefone, parecendo furioso.

— Só estou fazendo por você, não se esqueça.

Esperei que ele saísse, desliguei tudo e também fui embora.

No sétimo andar o elevador parou e várias mulheres entraram.

— Estão falando que logo o todo-poderoso vai assumir o namoro com a tal Soraya — uma delas falou baixinho e as outras começaram a opinar.

— Um pedaço de mau caminho daqueles não ficaria com alguém diferente dela — respondeu uma morena baixinha.

— Será que ele vai levá-la à festa da empresa? — perguntou outra.

— Estou rezando para que vá sozinho, pelo menos poderemos apreciar com calma — comentou a ruiva ao lado da morena e presumi que nosso CEO era assunto em todos os andares do edifício, fosse para temer ou para amar.



Meu bom humor de terça-feira foi interrompido quando avistei o senhorio ao sair do meu apartamento para ir trabalhar. Ele não parecia muito feliz em me ver.

— Sr. Abel, eu sei que estou com o aluguel atrasado, mas como pode ver pelo meu uniforme, já consegui um trabalho — falei com um sorriso enorme no rosto.

Ele passou o olhar pela minha roupa e não se comoveu com o meu discurso.

— Desculpe, Banks, mas você tem duas semanas ou vou tomar providências judiciais.

Meus olhos se arregalaram e me preparei para começar a implorar, porém ele levantou o dedo.

— Duas semanas e nem uma palavra.

Deus do céu! Onde eu iria arranjar mil e quinhentos dólares em tão pouco tempo?

— Tudo bem. Vou dar um jeito — foi a única coisa que eu consegui dizer. Passei por ele e desci as escadas.

Meu caminho até o trabalho foi atormentado por pensamentos de como seria a minha vida se eu não conseguisse pagar o aluguel em duas semanas. Cheguei cedo, como sempre, e providenciei o café enquanto uma equipe terminava de fazer a limpeza dentro do escritório do Sr. Salvatore.

Liguei meu computador, bem como o de Christina, e assim que o pessoal da limpeza entrou no elevador, fui até lá para conferir se estava tudo certo, além de, claro, bisbilhotar um pouco. Eu tinha curiosidade de saber como era o escritório dele.

Passei pela porta, me deparei com uma sala espaçosa, janelas panorâmicas, piso escuro e reluzente. Os móveis eram tradicionais, com mesa de vidro, cadeira de couro e todo o luxo que os magnatas de Nova York gostavam de ostentar. Ter um escritório como aquele, no centro da cidade, era algo que todo o empresário almejava conquistar e Rico Salvatore poderia se orgulhar, afinal, ele tinha um edifício inteiro.

— Quem deu permissão para entrar na minha sala? — uma voz bem irritada soou atrás de mim. Procurei em todas as minhas lembranças se Christina havia falado alguma coisa sobre não entrar naquela sala e não achei nada.

Virei-me e encontrei Rico Salvatore dentro de um elegante terno grafite, me fuzilando com seus olhos incrivelmente azuis.

— Christina disse que eu tinha que conferir se estava tudo certo após a limpeza — disse a ele, sem me perturbar, embora por dentro estivesse desfalecendo.

Ele ficou me encarando, talvez procurando algum vestígio de mentira na minha explicação.

— Pago muito bem ao pessoal da limpeza para que façam um bom trabalho.

— Sim, senhor — respondi e comecei a caminhar em direção à porta, que estava toda ocupada por ele. Meu chefe deu um passo para o lado e eu saí.

— Não entre aqui de novo sem ser autorizada.

Virei a cabeça para ele e me senti uma formiga prestes a ser esmagada por um elefante.

— Não irá se repetir, senhor — falei em tom suave, não queria irritá-lo ainda mais. Voltei para a minha mesa e ele fechou a porta.

Acho que nunca conheci um homem tão lindo e tão arrogante. Rico Salvatore não dava espaço para nada nem ninguém.

Depois de uns vinte minutos, Christina saiu do elevador e parecia com pressa.

— Mia, precisamos enviar os convites hoje e solicitar mais um vestido para você.

— Como assim?

— Nós duas trabalhamos na presidência, por isso, assim como Rico, também estaremos recepcionando o pessoal da empresa, só que de uma maneira diferente, mas depois poderemos curtir a festa.

Com tantos problemas rondando minha vida pessoal, ficava difícil pensar em festas, mas já que se tratava de um evento da Salvatore, era melhor comparecer.



| 03 - MIA BANKS

O tom de Christina não deixou dúvidas: eu teria que participar daquela festa.

— E se eu não quiser ir?

— Você não tem essa opção — rebateu.

— Christina, eu não tenho uma roupa decente para usar à noite.

— Quem disse que é à noite? O evento começa umas dez da manhã e vai até o final do dia.

Teremos comidas, música e nosso chefinho lindo de morrer tentando ser simpático com os funcionários. Essa é a melhor parte.

Suspirei, vencida.

— OK, Chris, eu vou.

— Claro que vai.

Voltei para a minha mesa, peguei os convites e contei para ela que o chefe não tinha gostado de me ver na sala dele.

— Mia, essa não é uma regra universal. Ele não me disse nada sobre proibi-la de entrar em sua sala. Deve ter reclamado pelo simples prazer de te torturar. Rico é mau por diversão, às vezes.

Ao longo dos meus recém-completados vinte e quatro anos, jamais conheci alguém que gostasse de torturar os funcionários por diversão. O mundo é cheio de gente esquisita.

Durante a manhã, Christina e eu enviamos os convites para todos os setores da empresa e nos dividimos para dar conta das tarefas da presidência. Quando ela saiu para almoçar, pedi que trouxesse alguma coisa para eu comer; queria me dedicar inteiramente a uma tarefa que ela havia me dado antes de sair.

Estava com toda a minha atenção voltada para o computador, quando uma silhueta elegante parou na minha frente. Olhei para cima e o Sr. Salvatore segurava uma enorme pilha de pastas.

— Tire cópia de todos esses contratos e archive por ordem alfabética.

— Sim, senhor — respondi, pegando as pastas de sua mão.

Seu rosto estava diferente naquele momento, menos carrancudo, talvez o encontro com a Srta. Walsh fosse o motivo.

— Peça a Christina que venha à minha sala quando chegar.

Não cheguei a responder, porque o elevador se abriu e um homem loiro de olhos verdes saiu dele e veio em nossa direção.

— Rico.

Meu chefe o encarou e... abriu um sorriso. E pela primeira vez eu tive o prazer de ver Rico Salvatore com uma expressão aparentemente feliz. Seus dentes eram brancos e perfeitos, ele tinha o sorriso de um príncipe de contos de fadas.

— Will, espero que tenha boas notícias.

— Você me paga para isso — disse, confiante —, e os fundos de pensão são seus.

O sorriso do meu chefe se alargou. Eu poderia me acostumar facilmente com aquele sorriso.

— Estava ansioso por isso. Venha, vamos até a minha sala.

Will concordou e já ia entrar, mas seu olhar se fixou em mim.

— Assistente nova, Rico? — perguntou, parando ao lado da minha mesa.

— Sim, esta é a Srta. Banks.

— Mas que bela aquisição — ele falou e estendeu a mão para mim.

— Como vai? Eu sou Mia Banks, é um prazer, senhor.

— O prazer é meu, Mia Banks. Eu sou William Campbell e meu escritório de advocacia presta serviços ao seu chefe coração de pedra.

Aceitei seu cumprimento com um sorriso nervoso.

— Will — o Sr. Salvatore o repreendeu.

— Agora eu tenho que ir. Foi realmente um prazer, Mia.

Dei um sorrisinho incerto e os dois entraram na sala do meu chefe.

Mas, durante a tarde, aquele sorriso não sumiu da minha cabeça. Eu já achava aquele ar insolente dele irresistível, mas era incrível como podia ficar ainda mais bonito quando sorria. Rico Salvatore era atraente de várias maneiras e conseguia despertar sentimentos contraditórios em qualquer mulher com um pouco de sangue correndo nas veias.



Durante a semana fiz tudo da forma mais perfeita possível. Recebi apenas duas broncas do meu chefe carrancudo, e as duas por motivos idiotas. Era como se ele gostasse de implicar gratuitamente comigo.

Quando a quinta-feira chegou, eu estava aliviada e preocupada. As coisas estavam indo razoavelmente bem na empresa, muito melhor do que eu pensava, entretanto, ainda corria o risco de ser despejada.

Então, antes de entrar em casa, fui até o apartamento do Sr. Abel para tentar implorar por mais algum prazo.

— Mia, eu entendo que precise de um lugar para ficar, mas não voltarei atrás. O que posso fazer para te ajudar é não alugar o imóvel até o início do mês, pois sei que será difícil conseguir um apartamento por essas redondezas.

— Quer dizer que vai me despejar e não vai alugar o apartamento se eu conseguir a grana até o início do mês?

— Sim. Depois de tantas promessas não posso confiar em você, mas dou a minha palavra de que até o dia cinco do mês seguinte o apartamento ficará desocupado.

— Onde eu vou morar durante esse tempo, pelo amor de Deus?!

Ele deu de ombros.

— Sinto muito, Mia, já venho cobrando um aluguel muito abaixo do mercado para essa localização, porque sinto afeição por você e sua história. Preciso que pague ou terá que ir embora — e assim a nossa conversa maluca foi encerrada.

Eu não tinha como conseguir o dinheiro e ainda havia a maldita festa da empresa no sábado de manhã para me preocupar.

Cheguei para trabalhar no outro dia com a cabeça fervendo e pensando em uma forma de pagar o aluguel sem envolver minha mãe no meio. No final da tarde, Christina se despediu toda sorridente e saiu com seu vestido embrulhado em um plástico transparente. O meu estava por baixo de uma capa. Era lindo e numa cor creme que destacaria o tom da minha pele.

Ela havia me dito que depois de recepcionarmos os funcionários, poderíamos trocar de roupa e circular pela festa, mas eu não faria isso, afinal, não tinha nada apropriado para vestir.

— Eu já disse que hoje não dá, não insista, Soraya — Rico Salvatore esbravejou ao sair de seu escritório, me dando um susto daqueles.

Ele segurava o celular com uma mão e com a outra carregava sua valise.

— Eu sei, mas amanhã cedo eu tenho o evento com os funcionários da empresa — argumentou. — Não, você não pode ir.

Sabia que era besteira ficar feliz por saber que a Srta. Walsh não iria com ele ao evento, mas, ainda assim, fiquei.

— OK, tenho que desligar — guardou o telefone no bolso e olhou diretamente para a mim.

— Já estou de saída. Se alguém ligar, anote o recado e deixe na minha mesa.

Aquele homem era maluco?

— Posso pedir que Christina faça isso na segunda-feira, senhor? Que eu lembre, estou proibida de entrar em sua sala.

Seu olhar tornou-se gelado e severo.

— É impressão minha ou está sendo sarcástica, Srta. Banks?

— Peço desculpas se entendeu dessa forma, não foi a intenção, senhor — tentei consertar e ele estreitou os olhos.

— Apenas anote os recados.

Balancei a cabeça com rapidez e ele passou por mim. Só respirei aliviada quando as portas do elevador se fecharam.



As sextas-feiras nunca foram meu dia preferido da semana. Eu não tinha dinheiro para sair à noite e comer em um restaurante bacana, muito menos para ir a uma boate descolada. Mas tudo bem. A miséria tinha batido na minha porta, porém ainda podia comprar uma pizza e na geladeira ainda havia meia garrafa de um vinho barato; quem precisava de mais?

Aproveitei que não tinha nada de interessante para fazer e resolvi me cuidar. Fiz uma depilação completa, lavei o cabelo e depois fiz as unhas das mãos e dos pés. Já era quase meia-noite quando terminei de enrolar a última mecha de cabelo e colocar o último grampo, pois queria um efeito de pontas enroladas, então caprichei.

Antes de dormir, lancei um olhar para o vestido pendurado no cabide e, de repente, queria que o sábado chegasse. Estava ansiosa para usá-lo.



O dia amanheceu ensolarado, o que me deixou animada. Pelo menos naquele dia queria esquecer o aluguel atrasado e todos os problemas que me rondavam.

Coloquei uma touca na cabeça e fui direto para o banho. Christina ficou de me pegar às nove e meia e me aconselhou a usar um calçado confortável; disse que uma boa parte da área era gramada. Com saltos, seria uma experiência tenebrosa.

Eu provavelmente teria que voltar de ônibus ou metrô, já que o único dinheiro que ainda tinha era para comer, então coloquei uma calça jeans, uma camiseta e um par de sapatilhas em uma sacola. Se Christina não me desse uma carona, era só trocar de roupa antes de sair do evento.

Depois que me vesti, calcei uma espadrille de plataforma baixa com amarração no tornozelo; ela era confortável e combinava com o vestido que parava na altura do joelho. Soltei meu cabelo e passei os dedos entre eles para soltar os cachos e deixá-los apenas ondulados. Fiz uma maquiagem para o dia com as duas únicas sombras que eu tinha. Como meu rímel já estava seco, tive que colocar umas gotinhas de água mineral e a mágica aconteceu. Nunca imaginei passar por uma situação tão precária, mas pelo menos tinha um emprego. Aquele era o meu mantra.

Terminei de me arrumar do jeito que deu e não demorou para Christina aparecer com um vestido igualzinho ao meu. Ela dirigia seu próprio carro e fiquei com uma inveja boa, deveria ser ótimo ter um transporte e ser independente devido ao seu próprio esforço.

— Como uma pessoa que não tem dinheiro para comprar roupas mora no centro de Nova York? — ela disparou assim que entrei no carro.

— Longa história.

Ela me lançou um de seus sorrisos debochados.

— O caminho até o evento é bem longo, então pode começar a falar.

Afiveleri o cinto e comecei a explicar sobre como chegara ali e a afinidade que o Sr. Abel teve comigo desde que me conheceu, mas não falei nada sobre a possibilidade de ser despejada, dentre outras coisas — ainda não me sentia à vontade para falar sobre problemas financeiros.

Chegamos ao local do evento e fiquei encantada com tudo o que meus olhos viram.

— Isso é uma festa de empresa ou um casamento? — questionei para a minha colega de trabalho.

— Pode ser o meu casamento com Rico Salvatore, se ele quiser, é claro — sugeriu e nós duas gargalhamos.

Passamos pelos seguranças que guardavam a entrada e caminhamos pelo enorme espaço a céu

aberto.

— Esse lugar é maravilhoso.

— Espere até ver o local onde será servido o almoço.

Seguimos até lá e fiquei ainda mais impressionada. A estrutura coberta estava cheia de mesas espalhadas por toda a extensão. Havia vasos altos e floridos, além de arranjos de flores pendendo das colunas e de vários outros pontos, transformando o ambiente em um grande jardim suspenso. Entretanto, ainda não havia ninguém da empresa, apenas garçons e seguranças.

— O que faremos agora? — perguntei enquanto caminhava entre as mesas, sentindo o aroma delicioso das flores.

— Vamos organizar as lembrancinhas e depois iremos para a entrada, recepcionar o pessoal.

E assim fizemos. Depois de organizarmos tudo, Christina autorizou o DJ a tocar músicas animadas bem a tempo de os primeiros convidados começarem a chegar. Todos usavam roupas despojadas e confortáveis, nada de ternos e roupas sociais. Foi impossível não imaginar como nosso chefe estaria vestido.

Minhas dúvidas foram sanadas quando um Bentley preto atravessou o portão principal e estacionou próximo à estrutura em que estávamos. Um motorista uniformizado desceu e abriu a porta traseira. Quase tive um mini-infarto quando Rico Salvatore surgiu usando jeans, camisa branca e óculos escuros, que foram retirados assim que ele desceu do carro. Era perturbador vê-lo usando algo que não fosse um terno. Seu porte era admirável: alto e forte na medida certa, e de brinde tinha aquele rosto perfeito.

— Pare de babar, Mia — Chris zombou e desviei o olhar.

Rico caminhou até nós e meu corpo todo ficou tenso; ele era atraente demais.

— Bom dia.

— Bom dia — respondemos juntas.

— Parabéns, Christina, está tudo impecável — elogiou, mas seus olhos estavam em mim e eu não desviei o olhar, talvez a roupa nova tenha me deixado corajosa.

— Salvatore, mas que belo evento — um senhor de bigode e cabelos brancos elogiou ao se aproximar, carregando nosso colírio para longe.

Depois de recebermos todos os convidados, Christina trocou de roupa e me guiou até nossa mesa. Cheguei a fantasiar que ficaríamos junto com o Sr. Salvatore, porém isso não aconteceu. Ele ficou em uma mesa junto ao palco, próxima ao DJ.

O almoço foi servido pontualmente ao meio-dia, mas não consegui comer nada, apenas belisquei uma coisinha ou outra.

— Daqui a pouco chega a melhor parte — Christina comentou e pediu mais um drink ao garçom.

— Ah, é?

— Em uma hora, mais ou menos, eles vão escolher a garota Salvatore do ano.

Minhas sobrancelhas subiram.

— Garota Salvatore? — perguntei, atônita.

Christina pegou o drink que o garçom acabara de trazer e bebeu quase a metade.

— Qualquer garota pode se candidatar, desde que trabalhe na Salvatore. Eles improvisam um desfile e a vencedora será julgada pelos poderosos de cada setor.

Aquela empresa estava me deixando cada vez mais assustada.

— Fala sério, quem seria louca de pagar esse mico? — tremi por dentro só de imaginar como seria desfilar na presença de Rico Salvatore.

— Qualquer uma que esteja interessada no prêmio do primeiro lugar.

Ah, então não era apenas um desfile bobo.

— E qual é o prêmio? — questionei, imaginando um kit de agenda e canetas com a logomarca da Salvatore.

— Cinco mil dólares em notas de cem. É ganhar e levar o dinheiro para casa.

Fechei os olhos e senti uma eletricidade passando por todo o meu corpo. Só podia ser Deus me dando uma chance de resolver meus problemas financeiros.



| 04 - MIA BANKS

Em toda a minha existência, jamais imaginei que iria me sujeitar a desfilhar perante uma empresa inteira para conseguir ganhar cinco mil dólares. Não que o prêmio fosse ruim, mas fiquei nauseada só de imaginar que Rico Salvatore iria presenciar esse vexame.

No exato momento em que coloquei meu nome como participante, outra funcionária apareceu querendo se candidatar, porém o desfile era limitado a dez candidatas. Como eu havia chegado segundos antes, a preferência era minha. Foi notável o quanto a mulher ficou chateada por ter perdido a chance de participar. Se fosse em qualquer outra ocasião, eu desistiria e lhe daria o meu lugar, mas não estava em condições de ser generosa. Realmente precisava do dinheiro. Olhei para ela como quem pede desculpas, mas estava muito irritada e me olhou com desprezo, antes de virar as costas e sair.

Dei de ombros e fui me juntar às outras nove meninas.

— Prontas? — uma das organizadoras do desfile perguntou e todas nós assentimos.

Minhas mãos estavam geladas e minha garganta, seca. Amassei as pontas do cabelo e passei mais uma camada de gloss.

Christina resolveu não participar, pois, segundo ela, eu precisava mais do prêmio. Achei uma atitude bacana.

— Você será a candidata número três — a loira de cabelo enrolado informou depois de sortear o número que foi colocado na altura do meu busto. — Não se esqueçam de que a passarela termina praticamente dentro da piscina, mas não precisam ir até o final. Quando chegarem ao último jurado, que é Rico Salvatore, parem, sorriam e voltem graciosamente.

Espiei pela cortina e percebi que a passarela realmente terminava onde começava uma piscina com fundo infinito, de frente para o lago, e fiquei me perguntando que tipo de idiota faz uma passarela perto de uma piscina.

— OK — respondi, nervosa, e me posicionei atrás da candidata número dois.

Assim que a moça número um foi chamada, o meu coração disparou e senti uma leve falta de ar.

Puxei a cortina branca e visualizei os seis jurados; deles apenas dois rostos eram conhecidos:

Rico Salvatore e Will Campbell. Fiquei mais confiante acreditando que conseguiria ao menos o voto de Will.

Quando eles chamaram a segunda candidata, a leve falta de ar se transformou em um leve ataque de pânico, mesmo assim, consegui espiar como ela estava se saindo, numa tentativa de me acalmar. A garota tinha mais ou menos a minha idade, cabelos na altura dos ombros, porém era muito desengonçada. A passarela parecia pequena para tanto rebolado. Ela parou em frente ao meu chefe e se abriu feito um pavão. Ele deu um aceno com a cabeça e anotou alguma coisa em sua ficha, talvez a nota que daria a ela.

Quando a mulher finalmente voltou para onde estávamos, anunciaram que a candidata número três iria entrar, e em seguida falaram o meu nome. Meu corpo todo vibrou, puxei o ar com força e mentalizei os cinco mil dólares na minha mão.

A moça que organizava o desfile abriu a cortina para mim e desejou boa sorte.

Dei um passo à frente e fui recebida com uma enorme salva de palmas ao som de *Never be the Same* de Camila Cabello, mas uma versão remixada que me fez lembrar o quanto amava essa música. Ela era sexy e quase me fez sentir uma Angel num desfile da Victoria Secret, eu disse *quase*.

Obriguei minhas pernas a se moverem e tentei esquecer que o Sr. Salvatore estava olhando diretamente para mim. Foquei em um ponto imaginário além da piscina e segui em frente, ouvindo a música tocar enquanto desfilava e sorria como se não estivesse passando pelo maior embaraço da minha vida.

Quando cheguei em frente ao meu chefe, abri o meu melhor sorriso e me senti hipnotizada por aquela íris que capturava cada reação do meu rosto e sugava toda a minha energia. Aproveitei que Will estava ao lado dele e lancei um olhar em sua direção, que foi retribuído com um sorriso. Virei o corpo e voltei a desfilar. Ao fundo, era possível escutar os assobios de Christina e isso me reconfortou um pouco. Só consegui respirar de verdade quando passei pelo portal com as cortinas que nos separavam do público.

Recebi um copo de água, que respingou nos meus pés por causa da tremedeira em minhas mãos. Depois de beber um gole, consegui me acalmar um pouco.

O restante do desfile passou como um borrão. No final das apresentações, as duas primeiras candidatas, que eram parentes, tiveram um imprevisto e não puderam ficar para saber o resultado, então foram desclassificadas. Por causa disso, nos tornamos apenas oito, e eu, a número um.

Quando chegou o momento de o resultado ser anunciado, ficamos organizadas em fila. Mais uma vez teríamos que entrar na passarela e nos posicionar em frente aos jurados. Como eu era a número um, tive que assumir a ponta.

— Prontas? — a loira perguntou e todas assentimos.

Outra música começou a tocar e comecei a desfilar novamente. Fomos recebidas com uma chuva de aplausos eufóricos. Parei bem em frente a Rico Salvatore, que conversava despreocupado com Will. Pela minha visão periférica, notei que a piscina estava mais próxima do que antes. E eu não gostava nem um pouco de água, então me juntei um pouco mais a número dois.

— Parabéns a todas as candidatas, foi um belo desfile — um rapaz falou. Se não estava enganada, ele era do setor de Marketing da empresa. — Como estão todos ansiosos, sem mais delongas, vamos começar a anunciar nossas vencedoras. O terceiro lugar ficou para nossa querida...

Uma música de suspense soou por todos os lados e ele, enfim, revelou o nome:

— Erica Sanchez.

Todos aplaudiram e a moça fez a maior algazarra. O prêmio era de mil dólares, nada mal para o terceiro lugar.

— Parabéns, Erica. Agora, vamos descobrir quem é a felizarda que vai levar dois mil dólares para casa.

Mais uma vez a música de suspense começou a tocar e meu coração parecia um tambor de tão ansioso. Se eu fosse a escolhida, já conseguiria pagar o aluguel.

— Amy Page.

Mal o homem tinha anunciado e a candidata número dois, que estava ao meu lado, começou a pular e se debater feito pipoca na panela.

Minhas palmas foram interrompidas quando recebi uma cotovelada na lateral do corpo, que me fez desequilibrar completamente e cambalear para o lado. Dei alguns passos tentando me reequilibrar, mas de repente a passarela tinha acabado e eu me encontrei caindo, como em câmera lenta, vendo todos os convidados abrindo a boca de espanto, inclusive o meu chefe e Will, que pareciam petrificados com a cena.

Senti a água gelada assim que a toquei e, para o meu desespero, não achei o fundo. Ainda assim consegui me impulsionar e emergi por alguns segundos. Naquela hora pude ver que algumas pessoas estavam divididas entre o alarme e a diversão. Eu, por outro lado, só conseguia pensar em uma coisa: eu não sabia nadar.

Comecei a me debater freneticamente, tentando permanecer onde pudesse respirar, mas o cansaço físico e o pânico começaram a me vencer e lá estava eu afundando novamente. Daquela vez, engoli bastante água, porque a piscina era muito funda e estava cada vez mais difícil subir à superfície. Eu procurava por algo em que pudesse me agarrar, mas não havia nada.

Será que eu morreria afogada com todas aquelas pessoas olhando? Será que ninguém estava vendo o meu desespero?

Com muito esforço, consegui emergir pela terceira vez, mas meus olhos não conseguiram

focar em mais nada. Tudo o que vi foi um vulto se afastando da mesa e pulando na piscina pouco antes de eu me afundar de novo, porque meu corpo exausto não queria lutar mais. Já no fundo, senti braços fortes me envolvendo e me levando à superfície. Àquela altura eu já estava completamente desorientada, extenuada, meu peito doía pela quantidade de água que meus pulmões haviam aspirado e eu simplesmente apaguei.



| 05 - MIA BANKS

As vozes se misturavam na minha cabeça e eu sentia alguém pressionando o meu peito de forma ritmada, para logo em seguida soprar na minha boca com lábios gelados e macios. Na medida em que fui voltando à consciência, o embaraço pelo que havia acontecido ia me deixando mortificada.

— Acho que ela está voltando — a voz do meu chefe surgiu distante em meus pensamentos. E quando pressionaram meu tórax com um pouco mais de força, senti uma pressão enorme comprimir a minha garganta e depois uma grande quantidade de água explodir pela minha boca. Comecei a tossir e no mesmo instante ouvi um coro de vozes exclamarem, aliviadas por eu ter retomado a consciência.

Quando minha tosse se acalmou, abri os olhos, ainda desorientada, e eles se fixaram na imensidão azul que rodeava a íris de Rico Salvatore, que pairava acima de mim. Seus cabelos estavam molhados, assim como sua camisa e calça. Então tinha sido ele. Voltei a fitar seu rosto. Ele tinha uma expressão preocupada, mas abriu um sorriso ao me ver consciente. Parecia um anjo, o meu anjo salvador.

— Que susto você nos deu, garota — Christina apareceu no meu campo de visão, me tirando do meu devaneio. Ela também parecia aflita.

Olhei para baixo e a primeira coisa que vi foi que minha roupa estava toda transparente, mas era o de menos. O que me incomodava era a plateia ao meu redor, falando e cochichando.

— Venha, eu te ajudo — Chris ofereceu a mão.

— Eu a levo — Will se aproximou, mas o Sr. Salvatore foi rápido e tomou a frente.

— Eu já estou molhado, pode deixar que eu a levo.

Talvez eu estivesse imaginando coisas ou talvez tivesse ficado sem oxigênio no cérebro enquanto estive desacordada, mas parecia que meu chefe não queria que Will me tocasse. Ainda mais com aquele vestido todo transparente. Ele me pegou nos braços e instintivamente encostei a cabeça em seu peito. E foi então que o cochicho das funcionárias aumentou.

Fomos para um local afastado da tenda e ele me sentou em um banco de jardim.

— Tem uma ambulância lá na entrada, logo alguém virá examiná-la.

Tinha visto a ambulância quando passei pelos portões. Christina disse que era para o caso de

alguém comer ou beber demais, apenas por precaução. Jamais imaginei que seria a única a ser atendida por ela.

— Obrigada — falei baixo e morta de vergonha. Eu seria assunto pelo resto do ano, isso se não fosse demitida. — E me desculpe.

— Não foi culpa sua, acidentes acontecem — falou e desviou o olhar para o lago. Minha roupa estava bem transparente e não havia nada que eu pudesse fazer.

— Ali está ela — Christina disse ao rapaz de jaleco branco que a acompanhava com uma maleta na mão.

Meu chefe se afastou para que o paramédico se aproximasse. Depois de verificar meus sinais vitais, fazer um exame físico rápido e algumas perguntas, ele constatou o que eu já imaginava: eu havia expelido toda a água dos pulmões e estava bem.

Quando o rapaz me liberou, o Sr. Salvatore o acompanhou, provavelmente para certificar-se de que estava tudo bem mesmo, afinal, eu era sua funcionária e não pegaria bem se eu morresse depois de um incidente em um evento da empresa. Embora ele não tivesse culpa.

— Ah, meu Deus, Mia.

— Eu sei, Chris, estou morrendo de vergonha.

Ela revirou os olhos e se sentou ao meu lado.

— Não estou falando disso, e sim do nosso chefe mergulhando para te salvar e depois fazendo respiração boca a boca. Você quase mata metade da festa de inveja.

Soltei uma risada, pois só Christina para me fazer rir em um momento como aquele.

— Eu só não entendo uma coisa, por que ninguém fazia nada? Eu não sei quantas vezes emergi e afundei naquela piscina enquanto as pessoas apenas olhavam. Achei que fosse morrer, Chris. Se não fosse por... — parei quando senti um nó na garganta, não queria chorar.

— Do que você está falando, Mia? Assim que nós percebemos que você não sabia nadar, várias pessoas começaram a se preparar para saltar na piscina, mas Rico parou todo mundo e ele próprio saltou. Tudo isso não deve ter levado 30 segundos.

— Pois para mim pareceram horas.

Ela colocou a mão no meu ombro em conforto.

— Vou até o carro pegar sua sacola de roupa, espere aqui — levantou-se e saiu.

Fiquei olhando para os meus pés descalços, imaginando que, no processo de salvamento, alguém tivesse retirado as minhas sandálias.

— Vamos, meu motorista irá levá-la para casa — aquela voz familiar soou mais como uma ordem do que um pedido.

— Chris pode me levar ou eu pego um táxi — menti.

— Não existe táxi por aqui e Christina tem que cuidar do evento, que só acaba no final do dia.

“Aceite, Mia.”

— Tudo bem, obrigada — falei tão baixo que nem sei se ele escutou.

Comecei a caminhar pela grama ao seu lado. Ambos em silêncio e molhados.

De repente, senti uma dor absurda no pé.

— Ahhh — berrei e ele me olhou, preocupado.

— O que foi, não se sente bem?

Fiz uma careta de dor e levantei o pé para ver um enorme espinho enfiado nele.

— Espera, eu te ajudo.

Mais uma vez ele me pegou no colo e caminhou comigo até a ambulância da entrada.

— Isso aqui está feio — um dos paramédicos falou e pegou uma pinça para tirar o espinho. Depois de alguns minutos, já tinha dado um jeito no meu pé e Christina apareceu com as minhas roupas.

— O que foi agora, Mia? — perguntou, assustada, ao me ver sentada na ambulância.

— Pisou em um espinho — o Sr. Salvatore respondeu por mim.

— Vai ser azarada assim lá na casa do... — Christina parou de falar e eu quase gargalhei, ela costumava soltar essas pérolas quando estávamos sozinhas.

— Eu vou levá-la em casa. Christina, informe ao meu motorista que mando alguém para buscá-lo. Deixe que aproveite o resto da festa.

Eu sabia que não tinha como o meu chefe ficar na festa com aquela roupa molhada, mas não imaginei que fosse me levar em casa.

— Tudo bem, Sr. Salvatore, eu aviso ao Roy. Cuide-se, Mia, e se precisar, me liga.

Agradei e, mais uma vez, Rico Salvatore me pegou no colo e caminhou comigo até seu carro. Eu não conseguia imaginar que toda aquela gentileza fosse falsa. Será que nosso chefe era tão odioso quanto Christina pintava e como ele próprio fazia questão de demonstrar?

Ele destravou as portas e me colocou sentada no banco da frente, depois deu a volta e entrou no carro. O interior do Bentley era maravilhoso e tinha um cheiro incomparável.

— Onde você mora?

— Em um velho edifício ao lado da Mood Fabrics. — Todo mundo sabia onde ficava, era a melhor referência que eu poderia dar.

— Ótima localização.

— Sim — e o aluguel estava atrasado, mas ele não precisava saber.

Não dissemos uma palavra até chegar em frente ao prédio. Foi meio esquisito estar ao lado

de alguém que não conversava comigo. Ele desligou o carro, tirou o cinto e girou o corpo para pegar alguma coisa no banco de trás.

— Cubra-se com isso para entrar — disse e me entregou um blazer cinza. Durante o trajeto eu já tinha colocado minhas sapatilhas. Estava incômodo por causa do pequeno curativo, mas era melhor do que ficar descalça. — Consegue caminhar?

— Consigo, sim, e já me sinto melhor — coloquei o blazer e comecei a abrir a porta. — Obrigada pela carona.

Ele acenou e voltou a encarar a direção, como se fosse uma deixa para que eu saísse do seu carro. E foi o que eu fiz. Pisei com o meu pé bom do lado de fora e fiz uma careta de dor ao pisar com o pé machucado, mas consegui sair.

O Sr. Salvatore esperou até que eu entrasse pelas portas do velho edifício e só então colocou o carro em movimento.

Demorei o triplo do tempo para subir os lances de escada e, quando finalmente consegui entrar, me dei conta de que, por causa do blazer, o cheiro dele dominava todos os meus sentidos. Minha alegria foi interrompida quando um celular começou a vibrar dentro do bolso interno. Droga! Peguei o iPhone e percebi que era um número desconhecido. Talvez fosse o meu chefe querendo seu aparelho de volta.

— Alô.

— Quem está falando? O que está fazendo com o celular de Rico? — uma voz feminina questionou do outro lado da linha.

— É a Mia, ele esqueceu o celular comigo, quer dizer, no bolso do blazer que ele me emp...

A mulher me cortou e não pareceu gostar nem um pouco da minha explicação:

— Como assim esqueceu o celular com você? — questionou, irritada, e só pude pensar que devia ser a namorada, Soraya Walsh. Imaginei que cada palavra que eu dissesse seria interpretada de maneira errada.

Não tive tempo de responder, pois a campainha começou a tocar. Corri até a porta e abri. Era ele!

— Só um minuto, por favor — foi a única coisa que eu disse antes de estender a mão e entregar o telefone para o meu chefe, que parecia bem irritado. E mesmo sem graça, fiquei imaginando como ele sabia qual era o meu apartamento. Será que bateu em todas as portas?

— Alô — disse, encarando-me fixamente. — Estou sem paciência para os seus chilikies, mais tarde eu te ligo — e desligou na cara dela.

— Eu só atendi porque achei que fosse você, quero dizer, o senhor.

Ele não respondeu.

— O descuido foi meu.

Rico ainda estava com a roupa molhada e os cabelos úmidos. Eu até gostaria de convidá-lo para entrar, mas não tinha nem uma água decente para oferecer.

— Quer levar o blazer? — foi a única coisa que me veio à cabeça.

— Devolva outro dia, só preciso da minha carteira que está no bolso interno.

— Oh! — ainda estava com a peça no corpo e foi fácil localizar a carteira.

— Tenho que ir. Até segunda, Mia

Concordei com a cabeça e ele se foi. Eu, porém, continuei parada na porta, me deliciando com o som do meu nome que acabara de sair de sua boca.

Até segunda, Mia!



Passei meu final de semana trancada em casa, cuidando do meu pé.

Christina ligou para saber como eu estava e não falei sobre o blazer e muito menos sobre o celular. Ela faria um verdadeiro interrogatório, por isso achei melhor omitir essas informações. Até porque não éramos melhores amigas, ainda que ela fosse o mais próximo disso que consegui desde que cheguei à Nova York. Mas ainda não tinha certeza do que podia ou não falar para ela.

Na segunda-feira acordei mais cedo; com o pé ainda dolorido, iria demorar o dobro do tempo para chegar à empresa. O hall do edifício já estava movimentado quando cheguei e foi impossível não notar olhares e cochichos. Era evidente que todo mundo estava sabendo que quase morri afogada e fui salva pelo Sr. Salvatore.

Só de lembrar o nome dele, já sentia meu coração ficar inquieto. Eu não estava apaixonada, mas sentia uma atração imensa. Ele era um gato e não conseguia enxergar o tal demônio que Christina pintava. Porém, ainda era muito cedo para fazer qualquer julgamento.

Quando entrei no elevador, dei de cara com a mesma mulher do dia do desfile, a que chegou atrasada e perdeu a vaga para mim. Era impossível esquecer o olhar que me lançou naquele dia. Dei bom dia, mas ela não respondeu. Seu olhar era grave e crítico enquanto me avaliava. Olhei para seu crachá. Lá dizia que se chamava Leah Adams e trabalhava no setor comercial. Tinha longos cabelos loiros e cacheados, sobrancelhas bem marcadas e olhos escuros. Eu não gostava de julgar pessoas sem conhecê-las, mas imediatamente soube que aquela ali não tinha ido com a minha cara. Dei graças a Deus quando a mulher desceu no andar do setor comercial, levando toda a sua energia negativa para longe de mim.

— E aí, Cinderela, como vai esse pé? O príncipe te deixou em casa direitinho? — Chris zombou assim que saí do elevador. Ela havia me dito que chegaria mais cedo naquele dia por causa de todo o trauma que sofri no final de semana.

— Deixou, sim, mas não trocamos uma palavra o caminho todo, ele é meio esquisito — no fundo era isso o que ela queria ouvir. Christina era uma mulher bonita e com certeza já alimentou alguma esperança com nosso chefe. Qualquer mulher que se prezasse iria fantasiar alguma coisa, se trabalhasse com Rico Salvatore.

— Esquisito é pouco, mas ainda estou achando estranho ele ter pulado na piscina. O normal seria te deixar morrer afogada e ainda dar uma gargalhada no final.

— Cruzes! — fiz o sinal da cruz e ela gargalhou da minha cara.

— Eu sei, exagerei.

Começamos a trabalhar e, para a minha decepção, nosso chefe não apareceu na parte da manhã. Ao meio-dia minha amiga saiu para almoçar, e dez minutos depois, Rico Salvatore saiu do elevador muito bem trajado em um de seus ternos de grife e a feição fechada. Parou em frente à minha mesa, destravou cuidadosamente sua valise e tirou um envelope branco com o timbre da Salvatore.

Era a minha carta de demissão. Depois de tudo o que aconteceu, eu não deveria estranhar.

— Mia, isso é seu.

Estendeu o envelope e eu o peguei com relutância.

— Vai me demitir por causa do meu quase afogamento ou por causa daquela ligação?

— O quê?

— Isso é minha carta de demissão, não é?

Ele arqueou as sobrancelhas e pareceu se divertir com a minha conclusão.

— Não, não é.

Alívio era tudo o que eu conseguia sentir.

— O que é, então?

— Abra e descubra. — Abri o envelope e arregalei os olhos ao notar que estava cheio de dinheiro. — Você venceu o desfile em primeiro lugar, mas devido ao seu pequeno incidente, não pôde receber o prêmio.

Minha vontade era de começar a pular feito uma louca e berrar que eu conseguiria pagar o aluguel, mas me contive.

— Obrigada, Sr. Salvatore.

— Não passe nenhuma ligação — essa resposta normalmente me incomodaria, mas não dei a menor importância, só conseguia pensar em como aquele dinheiro iria ajudar a colocar a minha vida nos trilhos. Cinco mil dólares dariam para pagar o aluguel, fazer uma boa compra no mercado e ainda comprar algumas roupas. Tudo isso com o dinheiro fruto do meu esforço ou quase afogamento. Tanto faz!

— Por que não disse que eu havia ganhado o concurso? — perguntei a Christina assim que ela voltou do almoço.

— Porque o nosso chefinho pediu para dar a notícia pessoalmente.

Fiquei sem reação. Qual era a daquele cara?

— Isso não faz sentido — comentei.

— Pensei a mesma coisa. Vai ver esse rostinho bonito está amolecendo o coração dele.

— Não brinca com coisa séria.

Não podia me iludir. Fazia menos de duas semanas que estava trabalhando na Salvatore, não

dava para fantasiar que ele sentisse alguma atração por mim.

— Vou sair para almoçar.

Saí da Salvatore levando comigo apenas cem dólares para pagar o meu almoço e comprar alguma besteira que quisesse. Deixei o resto do dinheiro trancado na minha gaveta e trouxe a chave comigo.

Almocei em um lugar próximo; meu pé ainda estava incomodando, o que não foi o suficiente para estragar o meu dia. Meus problemas financeiros estavam resolvidos. Já tinha dinheiro para pagar o aluguel e poderia comprar roupas para trabalhar, enfim, a vida era bela.



Christina me manteve ocupada a tarde toda e acabei me esquecendo de ligar para o Sr. Abelard a fim de informá-lo que já estava com o dinheiro. Eu geralmente gostava que o tempo demorasse a passar, mas estava eufórica para ir embora.

— Preciso que fique até mais tarde hoje — o Sr. Salvatore pediu, me dando o maior susto.
— Ah! Pois não, senhor — obviamente eu não queria ficar trabalhando, só que não dava para negar esse pedido a ele.

— Preciso que procure em nossos arquivos todos os contratos em nome dessas empresas aqui — disse e me entregou uma lista com uma dúzia de empresas.

— Sim, senhor.
— Tire cópia de tudo, organize e deixe na mesa de Christina.
— Tudo bem — fui até o arquivo e comecei a procurar por ordem alfabética todas as empresas relacionadas. Demorei umas duas horas para encontrar todas as pastas e outras duas para fazer as cópias e organizar tudo. O pessoal da segurança já estava avisado que eu ficaria até mais tarde, então não estranhou quando me viu saindo quase onze da noite.

Já que eu tinha dinheiro, me dei o luxo de pegar um táxi, pois não queria ficar perambulando com toda aquela grana pela cidade. Minha missão era encontrar com o meu senhorio e quitar todos os meses de aluguel atrasados.

Entrei no meu edifício, eufórica, e fui direto para o apartamento dele. Bati várias vezes, mas ninguém atendeu. Quando virei as costas para sair, ele finalmente abriu.

— Mia?
— Oi, Sr. Abel, vim trazer o dinheiro do aluguel.
Sua expressão foi cômica.
— Onde conseguiu tanto dinheiro em tão pouco tempo?
— Participei de um desfile na minha empresa e ganhei um prêmio em dinheiro.
— Meus parabéns — elogiou, animado. Eu sabia que ele estava realmente feliz por mim.
Entreguei o dinheiro a ele e falei:
— Desculpe a demora, prometo que vou acertar as contas em dia de agora em diante.
Ele sorriu e agradeceu.

Senti que duzentos quilos saíram das minhas costas. Pela primeira vez em muitos meses, eu poderia dormir tranquila.



Como de costume, acordei cedo e sorrindo, como há muito tempo não fazia. Odiava ficar devendo para as pessoas. Depois de ter quitado minha dívida, poderia me concentrar no trabalho com cem por cento de foco e sem a preocupação de ser despejada.

Vesti meu vestido preto e coloquei o blazer da Salvatore por cima. Peguei a peça que o Sr. Salvatore me emprestara no sábado, mas estava com vergonha de entregá-lo sem lavar e tive receio de estragar, caso o fizesse em casa. Então o levei comigo e, no caminho para o trabalho, deixei-o em uma lavanderia, pagando uma taxa para que fosse entregue no 25º andar da Salvatore Holding até o final do dia.

— Bom dia, Mia.

— Caiu da cama, Christina?

Ela me entregou uma xícara de café e sorriu.

— O que são todas essas pastas?

Havia me esquecido de ligar para ela e avisar sobre as últimas demandas do nosso chefinho.

— Ele pediu que eu ficasse até mais tarde para procurar uma lista de contratos.

— E deu tudo certo?

— Deu, sim, terminei quase meia-noite, mas está tudo aí.

— Ótimo, vou ver o que ele precisa com isso.

A manhã foi cheia de trabalho e eu estava ansiosa pelo meu horário de almoço. Segundo as minhas contas, daria tempo para sair e comprar algumas peças de roupa para que eu finalmente pudesse abandonar o uniforme que o todo-poderoso abominava.

— O Recursos Humanos mandou entregar isso — Chris falou e me entregou um envelope.

— Diz que é dinheiro? — brinquei.

— Na verdade, sim. É o seu bônus, sua ajuda de custo para você cuidar do seu visual: roupas, sapatos, cabelos, unhas. Você sabe, para ficar impecável, compatível com o cargo que ocupa.

— Sério que eles pagam tudo isso? — disse ao ver o valor do cheque.

Eu estava boquiaberta. A empresa me daria 800 dólares todo mês para eu gastar apenas com a minha aparência. Inacreditável.

— Uhum, nosso chefe é bem generoso, não acha?

— É, sim, e você, muito sarcástica.

Nossas risadas foram interrompidas quando as portas do elevador se abriram e uma loira de parar o trânsito saiu dele. Acho que congelei por alguns segundos enquanto observava a forma

elegante como ela se movia. Alta, com cabelos que desciam até o meio das costas, ela usava um vestido nude com decote frontal e um tecido que abraçava perfeitamente o corpo naturalmente bronzeado e cheio de curvas.

— Bom dia, o Rick está?

Meu Deus! Aquela voz era a mesma da ligação de sábado.

— Bom dia, Srta. Walsh! Ele está pela empresa, vou tentar localizá-lo.

Então minhas suspeitas se confirmaram: aquela era Soraya Walsh. No mesmo instante em que Christina se afastou para pegar o telefone, a moça voltou sua atenção para mim e ficou me encarando.

Providencialmente, o telefone na minha mesa tocou e eu corri para atendê-lo. Acho que nunca fiquei tão feliz em ter que falar ao telefone.

Enquanto anotava o recado, um rapaz com uniforme da lavanderia surgiu na porta do elevador segurando o blazer do meu chefe, envolto em plástico transparente. Quando percebi as implicações que isso poderia ter, finalizei a ligação a fim de encontrar o rapaz no meio do caminho e evitar qualquer mal-entendido. Mas ele já se aproximava da recepção e a Srta. Walsh encarava o plástico com o cenho franzido, certamente reconhecendo a peça que estava lá dentro.

Meu Deus, faça com que ele não diga meu nome em voz alta.

— Mia Banks? — ele questionou, olhando para nós três e, sem outra opção, levantei a mão como se estivesse confessando um crime. Ele sorriu e se aproximou de mim dizendo: — O blazer que a senhorita deixou em nossa lavanderia já está pronto — e, satisfeito, me estendeu a peça.

Eu me encolhi por dentro e fechei os olhos.

Quando os abri, Soraya estava com os dela semicerrados, assimilando toda aquela cena. Logo depois, abriu levemente a boca, se dando conta de que *eu* era a Mia que havia atendido ao telefone de seu namorado no sábado e provavelmente se questionando por que diabos eu estava mandando lavar o blazer dele.



| 06 - MIA BANKS

Não sabia o grau de envolvimento que o Sr. Salvatore tinha com ela e nem se ele ficaria do meu lado caso a mulher fizesse um barraco, então estava apreensiva.

— Obrigada — peguei a peça da mão dele e coloquei em cima da minha mesa. Levantei o olhar e dei de cara com a Srta. Walsh me encarando. Christina continuava ao telefone, tentando localizar nosso chefe.

— Então era você quem estava com o telefone de Rico no sábado?

Droga! Como iria responder a essa pergunta sem me comprometer?

— Consegui falar com a recepcionista do setor comercial, ela disse que ele já saiu de lá e deve chegar a qualquer momento — Chris informou, alheia a tensão entre nós duas.

Soraya não respondeu, apenas continuou me encarando.

— O gato comeu a sua língua?

Meu Deus, aquela mulher me conhecia a menos de cinco minutos e já me odiava.

— Ele me salvou de um afogamento no sábado e emprestou o blazer para que pudesse me cobrir. O celular ficou dentro do bolso, foi só isso o que aconteceu.

— Quer dizer que você foi a funcionária que se afogou no evento da empresa?

Então ele havia falado sobre o meu afogamento. Mas se ela já sabia, por que ainda estava me olhando com aquela expressão demoníaca?

— Sim, fui eu.

— Bem que Rico falou que uma tonta havia caído na piscina.

Meu corpo ficou tenso só por imaginá-lo falando esse tipo de coisa, entretanto, eu também sabia ler as pessoas e Soraya Walsh não conseguira conquistar Rico Salvatore fazendo amizades pelo caminho.

— Precisa de alguma coisa, Soraya?

Levei um susto ao ouvir a voz do meu chefe. Não o tinha visto chegar e, quando apareceu em meu ângulo de visão, percebi que não parecia muito feliz em ver a namorada, ou seja lá que título ela tinha.

— Esqueceu que combinamos de almoçar com os meus pais?

Definitivamente, namorada.

Ele a ignorou, passou por ela e parou ao lado da minha mesa, ficando na frente dela. Soraya, no entanto, foi rápida e, antes que ele percebesse, passou na sua frente e o beijou repentinamente. Foi nítido que Rico não esperava pelo beijo, já que continuou de olhos abertos, depois encarou-a sem expressão e se encaminhou para sua sala, dando por certo que ela o seguiria.

E então, o que aconteceria? Eu não tive culpa de ele ter esquecido de pegar o celular antes de me entregar o blazer. Será que ela tentaria convencê-lo a me botar no olho da rua?

— Agora fale tudo, Srta. Banks — Christina exigiu, curiosa.

— Ele emprestou esse blazer para que eu pudesse sair do carro sem que todos me vissem praticamente nua. Mas quando entrei em casa, um celular que eu não tinha visto começou a tocar. Era um número estranho e achei que fosse o Sr. Salvatore tentando localizar o telefone, mas era a namorada e agora ela deve achar que tenho alguma coisa com ele.

Christina parecia espantada.

— Rico te emprestou o blazer dele? — Confirmei. — Depois você falou com a namorada dele pelo telefone e ainda está aqui? — ela bateu palminhas. — Com certeza ele foi com a sua cara.

— Por que diz isso?

Ela suspirou e se encostou na minha mesa.

— Porque ele já mandou outras garotas embora por muito menos do que isso e nesse exato momento a sonsa deve estar pedindo sua cabeça em uma bandeja de prata. — Engoli em seco e ela continuou: — Vamos ver se você é popular com o bonitão da escola.

Queria soltar uma gargalhada daquelas, Christina e seu humor duvidoso ainda iriam me matar do coração, porém a preocupação que sentia era muito maior que o meu divertimento.

O Sr. Salvatore e a Srta. Walsh ficaram trancados na sala dele por meia hora, depois saíram de mãos dadas e vê-los assim me chateou. Uma coisa era saber que ele tinha uma namorada, outra era ver pessoalmente e ainda presenciar os dois juntos em frente ao elevador. Ela sorrindo e falando alguma coisa e ele colocando seus cabelos atrás do ombro. Era um gesto pequeno, mas íntimo, que me deixou incomodada.

O único alívio nisso tudo foi que, pelo jeito, eu não seria demitida.



TRÊS SEMANAS DEPOIS

Eu finalmente tinha completado um mês na Salvatore e tudo estava indo muito bem. Christina ensinava tudo o que podia e eu procurava realizar o meu trabalho da melhor forma possível. Rico Salvatore havia viajado para Dubai e fazia quase duas semanas que não aparecia.

Quando recebi o meu bônus, decidi aposentar o uniforme que Christina me emprestou e comprei roupas adequadas ao meu novo cargo. Quando recebi o meu primeiro salário, paguei o aluguel, fui ao supermercado, comprei mais algumas roupas e ainda sobrou um bom dinheiro para colocar na poupança. De forma que a minha vida financeira estava bem organizada, mas a emocional começava a se complicar.

Os dias em que Rico Salvatore esteve ausente foram estranhos e bons ao mesmo tempo. Eu estava apresentando sintomas de saudade de um homem que jamais teve alguma coisa comigo. Porque tirando o episódio do evento da Salvatore, onde ele me salvou e me levou em casa, não houve mais nada que pudesse me dar alguma esperança. Mesmo assim, era difícil tirá-lo da minha cabeça. Por isso, foi bom ele ficar fora tanto tempo, porque me fez focar no que era importante: o meu trabalho.

Era sexta-feira e tinha combinado de sair com Chris para um *happy hour* depois do expediente. Estávamos trabalhando feito loucas nos últimos dias e merecíamos alguma diversão.

No final do dia fui ao banheiro e fiz uma maquiagem bonita. Nada muito carregado, apenas para destacar meus olhos verdes. Meus cabelos castanho-claros desciam brilhantes pelas minhas costas e suas pontas levemente mais claras e onduladas paravam pouco acima da cintura. Eu amava esse efeito despojado. Usava um vestido preto com mangas e comprimento pouco abaixo dos joelhos. Ele era colado ao corpo e me deixava sexy, pelo menos eu me sentia assim, ainda mais com os Scarpins pretos, que juntos com meu quase um metro e setenta de altura, me deixavam bem alta e poderosa.

Quando terminei de me arrumar, saí do banheiro distraída e segui de volta para a minha mesa, mexendo no celular e sentindo aquela leve euforia de estar prestes a fazer alguma coisa animada. Eu merecia, depois de tantos meses de desalento.

Meus pensamentos foram interrompidos pelo som de vozes e estaquei no meio da recepção ao ver Rico Salvatore e William Campbell olhando diretamente para mim. Christina parou de falar quando percebeu que eles não estavam mais dando atenção ao seu assunto.

— Srta. Banks — Will falou e deu dois passos em minha direção.

Estendi a mão para saudá-lo, mas ele a pegou entre as suas e a beijou.

— Olá, Will — tentei ser simpática, mas logo minha atenção se voltou para o homem ao lado de Christina. Nosso chefe estava usando jeans escuro e camiseta preta. Pelo visto havia chegado de viagem e vindo diretamente para a empresa, ver como as coisas estavam. Não deixei de notar que sua pele estava levemente bronzeada, destacando seus olhos azuis.

— Já estávamos de saída — Christina avisou e foi pegar sua bolsa.

— Aonde vão tão produzidas assim? — Will perguntou.

— *Happy Hour*, mas vocês dois nem sabem mais o que é isso. Só pensam em ganhar dinheiro e esquecem de aproveitar a vida — minha amiga falou e Will e eu rimos.

— Fale pelo seu chefe. Se me convidarem, estou dentro — Will disse, praticamente se convidando para ir junto, olhando diretamente para mim, que não tive escolha senão convidá-lo.

— Será um prazer, Will. Estamos indo ao Blinks, sabe onde fica?

Meu chefe encarou o amigo, que não disfarçava seu interesse por mim.

— Claro. Posso me encontrar vocês lá em, digamos... Meia hora.

— Está certo — respondi.

— E então, Rico — disse Will, se voltando para o amigo —, vamos tomar uns drinks com as meninas?

Levantei o olhar e vi que Rico Salvatore olhava fixamente para mim. Acho que nunca fiquei tão ansiosa por uma resposta.



| 07 - MIA BANKS

— Talvez mais tarde, tenho uma pilha de trabalho na minha mesa — Rico justificou e me senti murchar.

— Então vamos, Mia, a noite é uma criança e somos apenas os brinquedos — Christina soltou essa pérola e eu quis me esconder.

Will começou a gargalhar, mas seu amigo continuou sério, talvez se perguntando se a secretária sempre fora meio louca assim e se eu estava segura com ela.

Peguei minha bolsa e casaco e nos despedimos. Christina estava ao celular, por isso não falamos nada enquanto esperávamos o elevador chegar, o que não demorou nada. Entrei logo depois dela e arrisquei uma última olhada para a recepção. Achei estranho ver a porta do escritório aberta, mas o susto maior foi erguer os olhos e ver Rico Salvatore sentado em sua poltrona, olhando diretamente para mim.

“Ele a deseja, Mia.”



O Blinks ficava no último andar de um edifício e aquele tipo de restaurante estava em alta em Nova York.

— Será que Will vem? — perguntei enquanto nos acomodávamos em uma mesa na área externa.

— Tem certeza de que é essa a pergunta que quer me fazer?

Christina era terrível.

— Você não deixa passar nada — peguei o cardápio e comecei a folhear. De repente, senti a mão dela tocando a minha.

— Mia, eu te conheço há pouco mais de um mês, mas já te considero a minha... irmã mais nova, pois sou muito jovem e magra para ser sua mãe.

Nós duas rimos.

— Obrigada, Chris, também considero você uma amiga especial.

— Então me escute com cuidado. Estou há oito anos nesse emprego e já fui apaixonada por Rico, como você. — Meus olhos quase saltaram das órbitas e saíram rolando pelo chão. — Eu sei que está surpresa, mas não devia, que mulher não se apaixonaria? — Aquiescei. — Apenas saiba que isto que está sentindo vai passar. Rico tem todas as qualidades para fazer qualquer mortal perder o juízo, ele provoca esse tipo de coisa nas mulheres, mas seja forte e não fique fantasiando coisas que não vão acontecer. Essas gentilezas que ele andou fazendo são bem suspeitas, mas não anulam todo o resto. Ele não se envolve com funcionárias, e nessas duas últimas semanas estive em Dubai com Soraya.

Só eu sabia o quanto as minhas entranhas se reviraram por saber que ele viajou com ela.

— Mia, não fique assim. Eu sou a prova viva de que se pode sobreviver a Rico Salvatore. Hoje ele é simplesmente um homem bonito que paga o meu salário.

— Tudo bem. Obrigada pelos conselhos, Chris. De verdade.

Eu tinha vontade de desabafar com ela e dizer que ele estava sempre olhando para mim, por outro lado, ele tinha viajado com a namorada por duas semanas, então, talvez eu estivesse enxergando coisas onde não existiam e esses olhares não fossem nada de mais.

Pedimos nossos drinks e começamos a falar de outros assuntos.

— Quer dizer que você tem uma filha? — perguntei, surpresa.

— Tenho, sim. O nome dela é Trix e está com a minha mãe agora, mas não falo muito sobre ela na empresa e você também não deve falar sobre sua vida pessoal. A não ser que seja comigo,

obviamente.

— Você devia investir em stand-up, esse seu humor negro deveria te render algum dinheiro

— zombei.

— Engraçadinha.

Dei um sorrisinho debochado e abaixei a cabeça para tomar um pouco do meu suco. Quando a levantei, Christina estava de boca aberta, olhando para algo além de mim.

— O que foi? — perguntei, virando-me, e dei de cara com Will vindo em nossa direção e, ao lado dele, estava nosso chefe.

— Podemos nos sentar?

— Por favor, fiquem à vontade — Chris apontou para os lugares vazios.

A mesa era quadrada, com quatro lugares. Rico Salvatore passou atrás de mim e se sentou à minha direita, e Will, à esquerda.

— Que surpresa, achei que iria dormir no escritório — Chris zombou do nosso chefe.

— Esse era o plano — ele respondeu e fechou o cardápio. — Uísque com duas pedras de gelo — pediu ao garçom e olhou para o meu copo de suco. — Você não bebe?

Como iria explicar que quando bebia demais me transformava em uma pessoa sem controle a qual eu mesma desconhecia? Era o mesmo que abrir as portas do inferno e deixar o diabo passar.

— Às vezes, mas hoje não estou com vontade.

— *Happy hour* regado a suco não tem graça — Will decretou, chamando um garçom. — Traga uma garrafa de vinho branco para as senhoritas e um uísque com gelo para mim — pediu ao garçom, que concordou e se retirou.

Enquanto esperávamos, conversamos assuntos referentes ao trabalho que diziam respeito a todos nós, apenas para quebrar o clima, que tinha ficado um pouco tenso. Assim que todos aparentemente relaxaram, Will se aproximou um pouco mais de mim.

— E então, Mia, há quanto tempo está em Nova York?

É claro que ele se aproveitaria do ambiente descontraído para fazer um interrogatório.

— Uns seis meses.

— E onde morava antes de vir para cá?

Naquela hora o garçom chegou com as bebidas e nos serviu.

— No Canadá — respondi.

— Christina comentou que tem um MBA em Negócios.

— Sim, por influência do meu pai — falei com um sorriso e bebi um gole do vinho que era delicioso.

— Se quiser o currículo completo, posso conseguir com o Recursos Humanos — meu chefe falou secamente e Will deu uma gargalhada, levantando as mãos em rendição.

— Desculpe, Mia.

— Não precisa se desculpar.

Ficamos conversando amenidades por vários minutos, quando Christina pediu licença para atender ao telefone. Nós três continuamos conversando, mas logo depois foi a vez do telefone de Will tocar. Com isso, o Sr. Salvatore e eu ficamos sozinhos na mesa. Eu não sabia como agir, nem o que falar, então fiquei calada.

— Will parece bastante interessado em você, Mia — ele comentou depois de alguns minutos de um silêncio constrangedor.

Virei lentamente o rosto para encarar meu chefe, que me observava por cima de seu copo de uísque. Os olhos estavam fixos nos meus, ansiosos por uma resposta.

— Deve ser impressão sua.

Ele nada disse, mas seus límpidos olhos azuis continuavam desafiando os meus.

— Desculpem, mas tenho que ir, minha filha está com febre — Christina falou assim que voltou para a mesa. — Mia, você se importa de pegar um táxi?

— Óbvio que não, pode ir e se precisar de qualquer coisa me liga.

Ela se despediu de nós, falou rapidamente com Will, que estava na porta, e se foi.

Eu não sabia se fazia o mesmo ou se ficava com aqueles dois homens ali e tentava aparentar ser uma pessoa normal e não alguém que estava tendo um ataque de ansiedade por dentro.

Graças a Deus, Will voltou.

— O que costuma fazer nos finais de semana, Mia? — Will começou a me interrogar mais uma vez.

— Lavanderia e supermercado... Bem emocionante, não acha?

Ele deu risada.

— Não costuma sair, então? — Rico Salvatore perguntou, me deixando surpresa.

— Não conheço muitas pessoas aqui.

— Namorado nem pensar? — Will emendou

— Sou uma panela sem tampa, Will.

— Uma bela panela, por sinal — rebateu.

Acho que o uísque estava deixando o Sr. Campbell atrevido.

Bebi o resto do meu vinho e decidi que era hora de ir embora, pois achava que as coisas poderiam começar a ficar quentes naquela mesa e a última coisa que eu queria era irritar meu chefe por causa das investidas de seu amigo.

— Bom, eu já vou indo — disse, me levantando da mesa e pegando minha bolsa.

O Sr. Salvatore pareceu estranhar minha saída repentina. Devia estar acostumado a sei

bajulado até o final da noite e eu faria isso sem problema algum, se ele não fosse o meu chefe.

— Que pena, Mia, sua companhia é adorável — disse Will, galanteador, beijando minha mão novamente.

Abri um grande sorriso para ele. Will já era simpático no normal, mas alegriinho como estava, ficava bem fofo. Quando olhei para meu chefe a fim de me despedir, meu sorriso desapareceu. Ele me encarava sério. Parecia não ter gostado da minha interação com Will. Dei de ombros, não podia fazer nada.

— Will, quanto tempo! — uma linda morena de cabelos lisos e usando um terninho branco falou, parando ao lado de nossa mesa.

Will se levantou para cumprimentá-la e aproveitei para sair de fininho. Paguei minha conta e fui embora.

Meu coração parecia um tambor dentro do peito. Por que eu não conseguia ficar na presença daquele homem sem a iminência de ter um infarto?

O elevador desceu os vinte andares e dei graças a Deus quando saí do edifício.

Já eram quase nove da noite e fiquei na calçada à espera de um táxi. Não pude deixar de especular por que ele me encarava tanto e por que se incomodava com o interesse de Will por mim.

— Eu a levo em casa.

Fechei os olhos ao escutar a voz de Rico Salvatore atrás de mim. Virei-me e quase trombei nele, que se encontrava parado a dois passos de onde eu estava.

— Não precisa, eu vou de táxi — dei um passo para trás para me afastar e meu pé não encontrou nada, o meio-fio tinha acabado e eu iria me estatelar no chão, já estava até vendo a cena. Mas, com uma agilidade assustadora, aquele homem enorme passou a mão pela minha cintura e me puxou de encontro ao seu corpo, evitando minha queda.

Uau!

— Já reparou que estou sempre te salvando? — a voz saiu tão descontraída que fui obrigada a sorrir. Ele também sorriu e foi o mesmo sorriso que me ofereceu no dia em que me afoguei.

Fiquei ali, em seus braços, perdida na beleza de seus intensos olhos azuis, em contraste com aquela boca perfeita e os lindos cabelos escuros que emolduravam toda aquela perfeição.

Aos poucos, me apercebi da situação e fui me soltando. Tive que me chutar por dentro por ter achado tão bom estar naqueles braços que pertenciam à outra. Eu realmente precisava me recompor, mas era tão difícil com ele me olhando assim.

— Hum. Vamos? — perguntou e eu não soube o que responder.

Era sexta-feira à noite, ele deveria estar com a namorada e não em um *Happy hour* com sua funcionária e muito menos oferecendo uma carona a ela. Isso não era do feitio do Rico Salvatore que Christina descrevia.

— Mia?

“Aceite, vá com ele!”

— Ah, sim, vamos — as palavras saíram atropeladas e caminhei ao lado dele até chegar ao local onde o carro estava estacionado. Seu motorista abriu a porta para nós e deslizei para dentro. Depois de falar alguns segundos com Roy, seu motorista, Rico também entrou. Imaginei que estivesse passando meu endereço, pois o carro seguiu na direção correta sem precisarmos falar nada.

Permaneeci em silêncio enquanto me perguntava se era naquele mesmo carro que ele buscava Soraya em casa.

“Não pense nela, é com você que ele está agora.”

— Will é um bom homem, Mia, mas tem um fraco por mulheres bonitas.

A voz de Rico cortou o silêncio desconfortável. Voltei-me para ele, estranhando o tópico da conversa. Ele estava falando mal do amigo e me elogiando ao mesmo tempo?

“Com certeza ele está te elogiando.”

— Por que está falando isso?

— Conheço o meu amigo, ele vai te cercar por todos os lados e quando conseguir o que quer, vai desaparecer do mapa.

Tive vontade de me jogar pela janela. Por que ele estava fazendo isso? Por que agia de forma tão possessiva sempre que Will se aproximava, sendo que ele tinha namorada, sendo que à partir de segunda-feira continuaria me tratando com total indiferença?

Respirei fundo antes de responder ao seu aviso:

— Todos os homens são assim, Sr. Salvatore, estranho seria se ele me pedisse em casamento no primeiro encontro.

Minha resposta o fez arquear a sobrancelha. Ele não estava acostumado a me ver revidar.

— É só um alerta.

Assenti, confirmando que havia captado sua mensagem.

— Não se preocupe comigo. Se acontecer alguma coisa entre mim e Will, vai ser porque eu quero e eu não agirei como uma vítima depois.

Vi o maxilar do Sr. Salvatore se apertar e os olhos se estreitarem. Mas antes que pudesse falar qualquer coisa, o carro parou em frente ao meu edifício. Educadamente, ele desceu e segurou a porta para mim.

— Boa noite, Mia.

— Boa noite, senhor.

Entrei no edifício e corri para o meu apartamento. Chegando lá, fechei a porta e fiquei encostada nela por um bom tempo pensando naquela noite: na conversa com Christina, nos olhares

dele, no abraço (que não foi abraço), no alerta sobre Will; mas, no final das contas, não cheguei à nenhuma conclusão e isso estava me deixando louca.

Que droga estava acontecendo entre nós?



Passei o sábado cuidando da minha roupa e da limpeza do apartamento. Depois liguei para Chris para saber como sua filha estava, mas ela não atendeu. Esperava que estivesse apenas ocupada e não que a menina tivesse piorado. Fiz algo para comer e, quando não tinha mais nada para fazer, voltei a pensar em tudo que aconteceu na noite anterior.

Meu celular tocou em cima da cama e corri para atender sem ver quem era.

— Alô.

— Oi, filha.

Soltei uma respiração pesada. Falar com Ester Banks era a última coisa que eu queria.

— Oi, mãe.

— Sinto sua falta.

Escutar a voz dela me deixava melancólica demais. Ela era a razão de todos os problemas pelos quais passei nos últimos meses.

— Mãe, estou meio ocupada agora.

— Ah, que pena. Está bem, então. Ligue quando puder, estarei esperando.

— OK.

E desse jeito frio e distante, finalizamos mais uma conversa. Era sempre assim.

À noite resolvi me dar o luxo de ir ao cinema. Não dava para ficar trancada em casa pensando em Rico Salvatore, enquanto ele deveria estar com a namorada linda, loira e bronzeada. Pensar naquilo me fez questionar uma coisa: Christina disse que ele não gostava de loiras, então por que diabos namorava uma?



A presidência estava vazia e silenciosa na segunda-feira de manhã. Fiz o meu ritual de inspecionar a limpeza e providenciei o café do nosso chefe.

— Bom dia, Mia. Fiquei tão ocupada com a Trix que não tive tempo de retornar sua ligação e perguntar sobre sexta.

Christina com certeza faria um senhor interrogatório.

— Fui embora logo depois de você, não me senti à vontade na presença dos dois. E a Trix, melhorou?

Ela ficou me encarando.

— A Trix está manhosa, só quer ficar comigo. Foi difícil escapar hoje, mas pelo menos a febre cedeu. Agora me fale sobre o nosso chafinhu, ele entrou na conversa ou ficou de coruja?

— Ele é meio calado, esquisito, já Will fez um verdadeiro interrogatório.

— Normal, ele sempre foi assim — ela foi até a sua mesa e começou a organizar as suas coisas.

— Chris, eu estava pensando numa coisa. Você disse, no meu primeiro dia, que o Sr. Salvatore não contratava loiras porque não gostava dessa cor de cabelo, então por que ele namora uma?

Ela desviou o olhar do computador e me encarou.

— Me faço a mesma pergunta todos os dias. O mais estranho é que ele a fez terminar um noivado de anos para ficar com ele. Mas não vejo muita química entre os dois, pelo menos da parte dele. Então, não consigo entender.

As coisas ficavam cada vez mais complicadas na minha cabeça. Embora ele não fosse a simpatia em pessoa, era notável que me tratava bem, na medida do possível. Mas essa história do noivado da Soraya foi mais um balde de água fria. Ela terminou com outro cara, passaram duas semanas juntos em Dubai e mesmo assim Rico vivia me olhando daquele jeito.

— Bom dia — disse Rico Salvatore ao se aproximar da recepção.

— Bom dia, senhor — respondemos ao mesmo tempo.

Ele parou em frente à mesa de Christina e fiquei pensando em como deveria estar distraída para não ter escutado o barulho do elevador.

— Preciso que uma de vocês me acompanhe à filial da Salvatore na Filadélfia. Iremos no meu jato e ficaremos por três dias.

Meu coração subiu até a garganta e um frio se instalou na minha barriga. A filha de Chris

estava doente e duvidava de que ela fosse se ausentar por tanto tempo. Ai, Jesus!



| 08 - MIA BANKS

Rico Salvatore olhava de uma para outra, esperando uma resposta.

— Desculpe, senhor, mas Trix está doente e não poderei ir — ela justificou e ele se virou para mim.

— Então você vai — não era um pedido e sim uma ordem. Eu não tinha filhos, morava sozinha e não seria nenhum problema acompanhá-lo até à Filadélfia.

“Óbvio que você vai, será sua chance de se aproximar.”

— Sim, senhor.

— Partiremos após o meio-dia.

Concordei e ele entrou em sua sala.

— Ah, meu Deus, Chris, o que eu faço? — sussurrei, já entrando em pânico.

— Mia, você está me escondendo alguma coisa.

— Como assim? — perguntei, espantada.

Ela se levantou e me arrastou para longe da porta dele.

— Nos oito anos em que estou aqui, nunca ficamos fora a trabalho por mais de um dia e agora ele propõe uma viagem de três dias?

— Ele me levou embora do Blinks na sexta, foi só isso. E não se esqueça de que ele tem namorada. Além disso, a proposta não foi feita para mim e sim para nós, poderia ser você, se a Trix não estivesse doente.

Ela revirou os olhos, como se eu fosse alguma idiota.

— Não, Mia, eu não sei o que é e não quero te dar falsas esperanças, mas alguma coisa está acontecendo. Esse homem não dá ponto sem nó. Na sexta ele me ouviu falando que a Trix estava doente, então sabia que eu não poderia ir. Ele fez essa proposta já sabendo que quem iria seria você.

Será? Eu não tinha certeza, pois um homem como ele não precisaria de truques. No entanto, havia lógica no que ela estava dizendo. Não sabia o que pensar. Mas era um alívio que Christina também estivesse se dando conta de que havia alguma coisa no ar, uma atração reprimida da parte dele. Seria bom ter alguém com quem conversar.

— Olha, se ele tentar seduzi-la, não seja boba, se faça de difícil o máximo que puder. Se

Rico inventou essa viagem pra te levar para cama, mostre que será preciso muito mais do que isso — ela me advertiu, séria.

— Você mesma disse que ele não fica com funcionárias e a namorada dele parece uma modelo, então, não viaja — tive que lembrá-la.

Ela suspirou pesadamente e olhou para os lados.

— Desde que o mundo é mundo, os homens são descarados e vivem para quebrar todas as regras. Rico Salvatore pode ter tudo o que quiser e a mulher que quiser. Não seja boba. Se ele estiver afim de você, não facilite as coisas!

Soltei uma risada alta e depois tapei a boca. Estava nervosa.

— Ele não está afim de mim, pare de fantasiar — era melhor não criar expectativas, tinha que me manter realista.

— Eu também achei que não estivesse, mas juntando todos os fatos dos últimos acontecimentos, começo a acreditar que sim. Ele nunca esteve tão calmo, era para transformar sua vida num inferno, mas Rico anda quieto demais, sabe por quê? — Neguei com a cabeça. — Porque está afim de você.

Se Chris estava certa, só o tempo diria. Rico Salvatore mexia demais comigo, mas não podia esquecer que em Nova York eu era apenas uma assistente e que ele tinha namorada. Resolvi encerrar nossa conversa, tínhamos muito que fazer.

Trabalhei até às onze da manhã e depois fui autorizada a ir para casa fazer uma pequena mala. Consulte a previsão do tempo na Filadélfia para não precisar levar coisa sem necessidade. Estávamos no começo do inverno em Nova York, as temperaturas começavam a cair e na Filadélfia não seria muito diferente, então foquei nas roupas de frio.

Escolhi uma roupa quente e confortável para viajar: jeans escuro, suéter preto e trench coat bege. Para os pés escolhi uma ankle boot preta de salto baixo e quadrado.

Às duas da tarde meu celular tocou e eu soube que era o motorista da Salvatore ligando para eu descer. Assim que cheguei na calçada, avistei o Bentley. O motorista guardou minha mala no porta-malas e abriu a porta traseira. Ao entrar, vi que meu chefe também havia trocado de roupa e usava um suéter cinza com uma calça escura. Lindo demais!

Ele estava ao telefone e me deu um aceno em reconhecimento, mas continuou sua conversa e, para não ficar um clima estranho, comecei a mexer no meu celular.

Sua ligação se estendeu até chegarmos ao Aeroporto Teterboro. O motorista nos deixou em frente ao jato particular da Salvatore Holding e, como havia feito quando me deixou em casa no sábado, Rico Salvatore desceu do carro e abriu a porta para mim. Passei pela tripulação que estava reunida à nossa espera e subi a escada para entrar no avião. O segurança pessoal dele já estava

acomodado lá dentro; eu o saudei e me sentei em uma poltrona no lado oposto ao que ele se encontrava. Meu chefe entrou logo atrás de mim e se sentou ao lado do segurança.

Após aqueles minutos que antecedem a decolagem até o início do voo em si, a aeronave permaneceu em completo silêncio, exceto pela voz do piloto, que dava as instruções e informações pertinentes ao trajeto que faríamos. Quando os cintos de segurança foram liberados, um comissário de bordo apareceu perguntando se queríamos beber alguma coisa. Eu pedi uma água mais para ter o que fazer, e fiquei aguardando o que ia acontecer.

Graças a Deus o voo era rápido, porque a situação era no mínimo constrangedora. Mesmo sendo uma viagem de trabalho, Rico Salvatore poderia, pelo menos, falar comigo. Porém, ele se limitou a conversar com meu segurança sobre futebol, tênis, política e diversas outras amenidades, era como se eu não estivesse ali, então eu me virei para a janela e acabei pegando no sono.

Acordei sobressaltada. Quando olhei para o lado, ele estava sozinho e mexia no celular. Ao perceber que eu havia despertado, Rico, por fim, se dirigiu a mim:

— Estamos quase chegando.

— Ah, obrigada — foi tudo o que falei.

Peguei meu celular e me olhei pela câmera frontal; minha aparência até que estava boa, para quem tinha acabado de acordar.

Assim que o avião aterrissou, fomos direto para um hotel elegante e moderno no centro da cidade, cujos funcionários eram atenciosos e um pouco bajuladores demais.

— Estou na suíte presidencial e acredito que a Srta. Banks esteja no mesmo andar — ele disse para a moça da recepção que estava com um sorriso engessado no rosto.

— Sim, Sr. Salvatore, aqui estão os cartões de acesso.

Ele me entregou um cartão e guardou o outro em seu bolso. Seguimos até o hall de elevadores e entramos em um deles. Passamos por todos os andares em silêncio. Quando as portas se abriram, fui logo procurando a minha suíte.

— Tenho um jantar de negócios no restaurante do hotel esta noite, só vou precisar de você amanhã. Descanse.

— Farei isso.

Ele passou por mim e destravou a porta a alguns metros de onde eu estava. Fiz o mesmo e entrei. Tomei um tempo apreciando a suíte. Ela era clara e elegantemente decorada, exatamente o que se espera encontrar em uma suíte de um hotel cinco estrelas.

Deixei a mala ao lado da porta, sentei-me na cama e comecei a pensar. Ele estava tão calado e distante, provavelmente já tinha se arrependido de ter me trazido naquela viagem. Bom, não havia o que fazer. Além disso, a ideia não havia sido minha, então não iria ficar ali me sentindo culpada.

Resolvi tomar um banho demorado e relaxante. Depois me sentei numa poltrona próxima à

janela e fui ler o livro que havia trazido. Quando me cansei, fiquei zanzando de um lado para outro, vendo os detalhes do quarto até o anoitecer. Minha primeira opção era pedir o serviço de quarto e jantar na suíte, mas estava cansada de ficar sem fazer nada, então decidi me arrumar e descer para jantar no restaurante do hotel.

Coloquei um pulôver claro, uma calça escura e a mesma botinha. Não me preocupei com maquiagem, só iria jantar e voltar para a suíte, de forma que não havia motivos para me produzir.

O restaurante estava meio vazio quando cheguei, então escolhi uma mesa bem no fundo, próxima às janelas panorâmicas com vista para uma praça. Caía uma neve fina do lado de fora e as luzes de Natal já pipocavam por todos os lugares. Era uma época melancólica para mim. Desde que o meu pai morrera, o Natal havia perdido a graça.

— Posso me sentar? — uma voz conhecida perguntou.

Levantei o rosto e encontrei Rico Salvatore ao lado da minha mesa.

— Ah, claro, senhor.

Ele se sentou em uma cadeira à minha frente e imediatamente seu perfume se espalhou pelo ar. Só de sentir seu cheiro eu já ficava arrepiada. Queria entender como conseguia sentir tanto desejo por alguém que me tratava com tanta indiferença.

— Achei que tivesse uma reunião — puxei assunto.

— E tinha, mas houve um imprevisto com um dos envolvidos e tivemos que transferir para amanhã.

— Oh.

Eu não sabia mais o que pensar sobre Rico Salvatore. O cara tinha me ignorado o dia todo e naquele momento, quando teve uma reunião cancelada e poderia sair pela cidade ou voltar para o quarto e descansar, ou melhor ainda, contratar a melhor acompanhante de luxo da cidade — nunca se sabe —, enfim, quando podia fazer qualquer coisa, ele decidiu se sentar na minha mesa? Aquilo bagunçava todo o meu psicológico.

— Vai beber o quê? — perguntou.

— Um suco, eu acho.

Seus olhos se desviaram do cardápio e me fitaram com ar divertido.

— Tem certeza?

Eu não tinha certeza de muita coisa já há algum tempo; mas eu sabia o que poderia acontecer caso bebesse algumas taças de vinho. Então, era melhor não arriscar.

— Tecnicamente estou aqui a trabalho — tentei de novo.

— Tecnicamente sou o seu chefe, vou pedir uma garrafa de vinho e estou te convidando para dividi-la comigo.

Meu coração parecia uma britadeira no peito. Aquele homem estava tentando mesmo era foder com meu psicológico.

— Isso é uma ordem? — brinquei.

Ele sorriu e desviou o olhar, para logo em seguida voltar a me encarar.

— Um pedido — falou suavemente.

Jesus Cristo, eu não estava preparada para esse lado sedutor. Será que Christina estava certa? Será que aquela viagem era uma armadilha?

— Tudo bem, esse frio combina com vinho.

Ele chamou um garçom e pediu uma garrafa de Richebourg 1985 que foi servida instantes depois.

— E então, Mia, está gostando de trabalhar na Salvatore? — perguntou depois que ambos tínhamos tomado um gole do delicioso vinho.

Mas, gente!

Sério que teríamos uma conversa decente sem interrupções ou cara feia?

— Estou, sim, a Christina é ótima e tem muita paciência para explicar as coisas.

Ele girou a taça e me fitou através dela.

— Sim, por isso está comigo há tantos anos.

O silêncio voltou a reinar e, para disfarçar, bebi o vinho e passei os olhos pelo restaurante, que estava começando a encher. Ainda não me sentia à vontade para conversar, especialmente para fazer perguntas.

— Mia, não estamos trabalhando agora, não precisa ficar com tanto receio.

Será que era tão fácil assim ler meus pensamentos? Christina parecia viver dentro da minha cabeça e então vinha ele.

— O senhor é meu chefe, não sei se consigo agir diferente.

— Só por agora me veja como um amigo, esqueça a posição de hierarquia que tenho na empresa. Me veja apenas como Rico.

Eu nunca me esqueceria de sua posição, mas tentaria relaxar e aceitar o que ele me oferecia, afinal, tinha curiosidade sobre muitas coisas. Mas chamá-lo de Rico faria muitas paredes que ergui se quebrarem, o que era perigoso.

“Vai ser só por três dias.”

Terminei minha primeira taça e já me sentia mais corajosa. Ele me serviu outra.

— Tem uma coisa que me deixa bastante intrigada a seu respeito — falei e mordi o lábio, indecisa.

Ele voltou a encher sua taça e me encorajou a continuar.

— Estou curioso para saber o que é.

“Relaxe, ele está tentando ser legal.”

— Por que as pessoas o temem tanto? Você não me parece tão assustador quanto elas pintam. Ele abriu um sorriso divertido e me peguei sorrindo junto.

— Sou muito focado em meus negócios, não costumo admitir erros e se estiver de mau humor durante um equívoco que possa me prejudicar, mesmo que seja um pouco, é demissão na certa. — Acho que era desse Rico que Christina vivia falando. — Tirando esses pequenos empecilhos, a convivência comigo é tranquila.

Deve ter sido justamente o que aconteceu desde aqueles dois primeiros encontros infelizes que tivemos. Depois eu rapidamente peguei todas as instruções e ainda tive a sorte de ele ir com a minha cara. Isso explicava muita coisa.

— Mais alguma pergunta, Srta. Banks?

Era a mesma coisa que perguntar se macaco queria banana. Eu queria saber tudo sobre ele.

— Eu te causei problemas por causa daquela ligação?

Ele terminou sua segunda taça, completou a minha e voltou a encher a dele.

— Nada que eu não tenha conseguido resolver — soou mais como: não quero falar da minha namorada. Aquilo me fez lembrar de que ele tinha uma.

— Que bom — respondi e senti aquele leve fulgor da bebida tomando conta de mim. Meus olhos já não queriam mais desviar dos dele, muito pelo contrário, eu sentia vontade de olhar cada vez mais e capturar cada detalhe daquele rosto esculpido por Deus.

— Algum problema, Mia?

Ops! Acho que demorei demais na minha apreciação.

— Estou com fome — menti.

— Vamos pedir, então — disse e chamou o garçom. — O que quer comer?

Eu poderia pedir qualquer coisa elaborada e impressioná-lo, mas no fundo queria comer algo simples.

— Tem hambúrguer e fritas?

O garçom ficou surpreso com a minha pergunta.

— Temos, sim, senhorita.

— Então é isso o que eu vou querer. Um hambúrguer ao ponto com queijo, cogumelos e cebola refogados. E fritas — finalizei, sorrindo para o rapaz, satisfeita.

Quando olhei para frente, percebi que o olhar do meu chefe estava dividido entre o espanto e o deleite. Ele balançou a cabeça e se voltou para o garçom:

— Vou querer exatamente o mesmo.

O jovem garçom anotou nossos pedidos e saiu. Inclinei-me para perto.

— Não precisa fazer isso — falei, pois tinha certeza de que um homem como ele não gostava desse tipo de comida.

— Eu realmente gosto de hambúrguer com fritas, só não me lembro de conhecer nenhuma garota que goste de comer isso. Pelo menos não nos últimos anos.

Soltei uma risada e balancei a cabeça. Era bom ser aquela garota.

Alguns minutos depois, o garçom já estava com os nossos pedidos na mesa. E aquilo estava tão bom que eu dava gemidinhos de satisfação.

— Acho que somos as únicas pessoas nesse restaurante que come hambúrguer com fritas, acompanhado de um vinho que custa mais de dez mil dólares a garrafa — comentei e ele soltou uma gargalhada que tomou todo o ambiente. E aquilo me fascinou. Rico Salvatore era uma pintura, com certeza o homem mais lindo que já vi na vida!

— Então você entende de vinhos.

— Um pouco — dei de ombros e voltei a comer. Ele fez o mesmo.

Assim que terminamos, o efeito do álcool já havia passado e comecei a me sentir desconfortável por estar comendo e bebendo um vinho caríssimo com o homem mais bonito da face da terra.

— Acho que já vou indo — falei e peguei a minha bolsa, pensando se teria que rachar a conta com ele. Seria embaraçoso falar que não teria toda a minha parte, afinal, eu nunca na vida pediria um vinho tão caro. Mas aí me lembrei de que ele poderia descontar do meu salário. Em várias vezes.

— Vou subir com você.

Ai, meu Deus! Aquilo estava ficando cada vez mais pessoal.

— Não precisamos pagar a conta?

Ele negou.

— Sou o dono deste hotel. Tenho algumas regalias.

— Posso imaginar — falei, aliviada.

Sáímos lado a lado do restaurante e era difícil conseguir pensar com Rico Salvatore tão perto, tão acessível.

Entramos no elevador e mais uma vez o silêncio reinou, juntamente com o aroma de seu perfume inebriante. Havia uma energia diferente, uma atração, mas nenhum dos dois tomava uma iniciativa ou falava sobre o assunto.

Assim que as portas se abriram, ele me deu passagem e segui até o meu quarto.

— Obrigada pelo jantar — agradei.

Ele ficou parado, me encarando com suas piscinas azuis.

— De nada. Boa noite, Mia — respondeu, finalmente.

— Boa noite.

Então ele virou as costas e foi para sua suíte. Fiz o mesmo, porém com minha cabeça a mil. Não sabia o que pensar. Eu estava acostumada com os sentimentos que comecei a nutrir por aquele homem inalcançável que via todos os dias no escritório, mas não sabia lidar com aquele lado atencioso que ele já havia demonstrado por várias vezes.

Mal tinha terminado de tirar a minha roupa e colocado uma camisola, quando alguém bateu à porta. Eu não tinha pedido serviço de quarto, por isso o meu coração congelou só de imaginar que pudesse ser ele.



| 09 - MIA BANKS

Abri a porta e, para minha infelicidade, era um funcionário do hotel.

— A senhorita esqueceu o celular na mesa do restaurante — disse, me entregando o aparelho. E só então percebi que estava sem ele.

— Ah, muito obrigada.

Sem outra opção, fui me deitar, mas fiquei rolando na cama e me lembrando de cada palavra dita durante o nosso jantar.

Acabei pegando no sono já bem tarde e acordando cedo. Tomei o café da manhã no quarto e, exatamente às oito horas, estava no saguão do hotel, muito bem vestida e maquiada, à espera de Rico Salvatore.

Todo o meu entusiasmo desapareceu quando as portas do elevador se abriram e a figura do meu chefe se materializou ao lado de uma bela morena. E quando eu digo bela, quero dizer uma daquelas de parar o trânsito. Os dois conversavam e sorriam. Ela usava um terninho preto de calça e blazer e segurava uma bolsa caríssima.

— Bom dia, Mia. Essa é Gillian Lane, nossa diretora comercial aqui na Filadélfia. Gillian, essa é Mia Banks, minha assistente.

— Muito prazer, Srta. Lane — cumprimentei-a com um sorriso e um aperto de mão.

— O prazer é meu, Srta. Banks — ela retribuiu minha saudação e também sorriu, mas foi um daqueles sorrisos forçados. Ela não estava apenas me encarando e sim avaliando que grau de intimidade eu poderia ter com Rico Salvatore. Será que eles dormiram juntos ou ela só veio buscá-lo no hotel?

As perguntas brotavam na minha cabeça. Queria entender que tipo de homem ele era. Se bem que, a julgar pela forma como andava me tratando, mesmo estando com Soraya, não era necessário fazer muitas suposições.

— Vamos, o motorista já está nos esperando — ela anunciou e tomou a frente.

Seguimos para fora do hotel e entramos em um sedã preto que nos aguardava. Durante o caminho até a filial da Salvatore, Gillian dominou toda a conversa. Quase cochilei. Isso só não aconteceu porque estava bastante interessada em conhecer o lugar onde estávamos, mesmo que fosse

através das janelas.

A estrutura da filial na Filadélfia era bem imponente, mas não tive tempo de olhar todos os detalhes, já que logo fomos levados para uma sala de reuniões no Setor Comercial e lá havia mais pessoas nos aguardando.

— Bom dia, Sr. Salvatore — um homem se apressou em dizer e todos começaram a cumprimentar e bajular meu chefe.

Aproximei-me da mesa de reuniões, abri o laptop e organizei todos os tópicos que seriam discutidos. Enquanto eles conversavam, fui distribuindo os documentos e dando forma à reunião; pelo que conhecia do meu chefe, era esse o tipo de atitude que ele esperava.

— Tem serviço de café aqui? — perguntei a uma moça que estava parada bem no cantinho da sala e olhava fixamente para Rico.

— Você trabalha com ele? — perguntou sem me olhar nos olhos, enfeitiçada pelo belo homem que conversava com um grupo de empresários.

— Sim, sou assistente dele.

A morena de cabelos enrolados suspirou e finalmente me encarou.

— Deve ser incrível poder olhar para ele todos os dias.

Quase dei uma gargalhada.

— Na verdade, ele viaja bastante.

Ela assentiu.

— Li em uma revista que ele está meio que namorando. Fiquei tão triste, sou apaixonada por esse homem.

Meu Deus, Rico Salvatore não bagunçava somente a minha cabeça. Pelo visto, seu fascínio afetava todas as mulheres que trabalhavam para ele.

— Não sei muito sobre a vida pessoal dele — tentei ser evasiva. A pobre moça não parecia bater muito bem da cabeça, mal tinha me conhecido e já estava declarando seu amor pelo meu chefe.

Ela respirou fundo e pareceu se conformar.

— Vou ligar para o serviço de café. Como ele gosta? — perguntou, mudando de assunto.

— Puro e forte.

Ela assentiu e saiu suspirando. Mas quem poderia julgá-la? Rico era lindo.

Naquela hora, os olhos dele passearam pela sala e pararam em mim.

— Ali está ela! Quero que todos conheçam Mia Banks, ela irá me auxiliar na reunião.

Dei um sorriso nervoso e recebi olhares calorosos.

A reunião se iniciou exatamente às nove e meia e foi até o meio-dia. Rico saiu para almoçar com os empresários, mas preferi ficar na filial e comer alguma coisa ali por perto mesmo. Não me

sentiria à vontade com todos aqueles homens me observando.

— Oi — a funcionária apaixonada falou assim que saí da Salvatore.

— Olá — respondi, surpresa.

— Eu esqueci de me apresentar aquela hora. Meu nome é Marcy Sevilla.

Bem magra e baixa, Marcy tinha uma estrutura corporal quase infantil, mas seus olhos esverdeados eram bem bonitos.

— Eu sou Mia Banks.

Ela sorriu sem jeito e me estendeu uma sacola.

— Você pode entregar isso a ele?

— Para o Sr. Salvatore?

— Sim, mas não diga que fui eu, fale apenas que deixaram na sala de reuniões. Você poderia fazer isso?

Dei uma olhada dentro da sacola e tudo o que vi foi algo embrulhado em um papel vermelho.

— Não é uma bomba, é?

Ela soltou uma gargalhada.

— Por Deus, lógico que não!

Encarei-a por alguns segundos. Marcy parecia meio doidinha, mas não do tipo que mataria alguém por amor. Concluí que não faria mal algum ajudá-la.

— Tudo bem, então, Marcy, eu entrego e prometo não dizer que foi você.

Ela me abraçou, meio desajeitada, e se foi. Fiquei no meio da rua, olhando para aquela sacola e tentando imaginar que tipo de presente uma mulher obcecada por Rico Salvatore poderia comprar.



No final do dia eu estava exausta. Foram tantas reuniões que não via a hora de chegar ao hotel. Gillian nos escoltou até lá e ainda se ofereceu para tomar um drink com Rico no restaurante. Ele pareceu surpreso com o convite dela, mas aceitou.

— Quer nos acompanhar, Mia?

Fui eu quem ficou surpresa por ver que ele queria me levar junto.

— Obrigada pelo convite, mas quero descansar.

Gillian deve ter estourado fogos de artifício por dentro, afinal, conseguiria mais algumas horas sozinha com nosso chefe.

— Está bem, então. Mais tarde eu passo no seu quarto para pegar o material da reunião, quero analisar tudo antes de dormir.

Assim meu coração não aguenta.

— Claro, Sr. Salvatore.

Toda a alegria no olhar da Gillian sumiu quando ele informou que passaria no meu quarto. Estava na cara que ela tinha planos de esticar a noite e, se tivesse sorte, dormir com ele.

Despedi-me dos dois e subi. Tomei um banho bem quentinho e demorado e me deitei a fim de esperar por Rico, mas devia ter cochilado, porque acordei com batidas na minha porta. Ele tinha chegado.

— Já vai! — gritei e corri para ao banheiro. Lavei o rosto, escovei os dentes e soltei os cabelos. Depois, puxei aquela lufada de ar e abri a porta.

— Entre. Só um minuto, vou pegar os documentos.

Caminhei até a mesa e peguei a pasta com todas as cópias que foram usadas na reunião e as observações de todos os envolvidos.

— Andou ganhando presente, Mia?

Virei o rosto e o encontrei olhando para a sacola que Marcy tinha me dado. No meu cansaço, havia me esquecido da minha promessa de entregar a ele.

— Na verdade, é para você.

As sobrancelhas dele subiram.

— Comprou um presente para mim?

— Não — eu ri —, uma de suas admiradoras aqui da Filadélfia pediu que eu o entregasse a você.

Ele me pareceu um pouco decepcionado por saber que não era meu, mesmo assim estendeu a

mão.

Peguei a sacola e entreguei a ele. Rico tirou o embrulho vermelho de dentro e o abriu na minha frente. Nós dois ficamos paralisados ao notar que era uma carta quilométrica. O rolo era gigante. Ele olhou para os lados e resolveu apoiá-la no carpete do quarto.

— Nossa... — falei, meio assustada, enquanto ele a abria.

— Pois é — ele também parecia não acreditar.

Rico foi desenrolando a carta pelo quarto e a cada metro nós ficávamos mais assustados. Marcy escreveu “eu te amo” à mão, milhares e milhares de vezes. Uma letrinha ao lado da outra, com colagens de fotos que saíam a respeito dele na internet e desenhos de corações. Quando já tínhamos desenrolado uns dez metros de carta, eu já estava cansada, mas ele continuou.

— Vai olhar tudo? — questionei, mas ele parecia gostar de toda aquela demonstração de amor.

— Se eu tivesse feito uma carta dessas para alguém, gostaria que a pessoa olhasse até o final — disse e essa atitude me ganhou um pouco mais.

Enquanto ele desenrolava de um lado, fui enrolando o outro, ou jamais terminaríamos de organizar aquilo.

— Deve ser incrível ser amado nesse nível — falei assim que terminei de enrolar a carta.

— É meio perturbador.

Bom, ele não iria admitir que tinha gostado.

— Sério? Eu ficaria meio besta se alguém fizesse uma carta quilométrica para mim.

Rico balançou a cabeça e sorriu.

— Não se você não sentir nada pela pessoa.

— E o que você sentiu? — a pergunta era bem pessoal, mas eu precisava saber.

— Espanto e gratidão. Mas principalmente curiosidade. Como uma mulher pode declarar seu amor por mim sem ter trocado meia dúzia de palavras comigo?

Meu querido, se olhe no espelho!

— É, isso é verdade. Vai ver ela se apaixonou pela sua aparência, algumas mulheres se apaixonam pelo que veem. — Meu Deus, de onde eu tirei isso?

— Você está dizendo que sou bonito? — perguntou, com um brilho no olhar.

— Ah, sim. Acho que sim. Quer dizer... — senti meu rosto em brasas. — Vou pegar os documentos, senhor — tentei disfarçar porque seus olhos ainda estavam em mim. — Está tudo aqui — falei sem olhar para ele.

— Você já jantou, Mia?

— Ainda não.

— Então se arrume e vamos descer para discutirmos sobre a reunião.

Aquilo soou mais como um convite forçado. Acho que ele queria companhia e colocou o trabalho no meio para que eu não recusasse.

— Tudo bem, fico pronta em alguns minutos.

— Vamos nos encontrar no restaurante em 10 minutos.

Depois que ele saiu do quarto, levando os documentos e a carta de Marcy, fiquei imaginando qual era a dele. Parecia que Rico estava baixando a guarda, isso era cada vez mais notável. Mas alguma coisa não fazia sentido. Será que flertaria comigo aqui e voltaria a ser indiferente quando voltássemos a Nova York? E a namorada dele?

Era muita coisa para pensar.

Troquei de roupa, dei um jeito no meu rosto, passei um perfume e descí. Quando cheguei, Rico já esperava sentado à mesma mesa em que jantamos na noite anterior. De longe, vi um garçom servindo uma garrafa de vinho.

Ele se levantou quando me viu e puxou uma cadeira, como um legítimo cavalheiro. Rico tinha trocado de roupa; vestia jeans escuro e um suéter branco. Senti vontade de mordê-lo. Por que tão lindo?

— E então, sobre o que quer discutir? — perguntei assim que ele serviu nossas taças.

— Na verdade foi só uma desculpa para tirar você do quarto.

Então era o que eu pensava.

Abri levemente a boca para puxar um pouco de ar e meu coração disparou. Foi tão excitante ouvir diretamente dele, eu não estava preparada. Mas ainda queria mais.

— Não entendi — falei, precisava saber que explicação ele ia me dar.

— Eu faço minhas refeições sozinho todos os dias, mas não gosto muito disso.

— Devia jantar com a sua namorada, ela parece uma companhia *adorável*.

Rico ficou me encarando com certo ar de surpresa, acho que não esperava que eu fosse tocar nesse tipo de assunto.

— Soraya ainda não é minha namorada.

De tudo que ele falou, só escutei o *ainda não é*. Mas havia grandes possibilidades de ser. Ela com certeza não estava descartada.

— Desculpe, não deveria ter tocado nesse assunto.

Mas se quiser falar, fique à vontade, pensei.

Ele bebeu seu vinho e ficou me observando.

— Só namorei uma vez em toda a minha vida e jurei a mim mesmo que só o faria novamente se fosse com alguém tão especial quanto a minha primeira namorada.

Engoli em seco e minhas entranhas reviraram. Quem teria sido essa sortuda? Rico Salvatore

deveria ter uns trinta e três anos e só namorou com uma mulher, talvez ele não fosse tão cafajeste quanto todos pensavam.

— É uma atitude louvável — afirmei.

— E você, Mia, teve muitos namorados?

Quase cuspi o vinho.

— Não. Passei boa parte da minha vida em colégios internos. Para resumir a história, não tive uma vida com muitas emoções e muito menos namorados.

— Você nunca namorou? — havia espanto em sua voz.

— Não, nunca.

— Nem na universidade? — ele parecia cada vez mais surpreso.

Neguei novamente.

— Passei a maior parte da minha vida convivendo com freiras e não dá para entrar na universidade procurando por homens. Meu foco sempre foi agradar aos meus pais e abdiquei de tudo para ser o orgulho da minha família. No fim das contas, não serviu para nada — acho que o vinho estava me fazendo falar demais. — Desculpe-me, senhor, acho que me empolguei.

— Não se desculpe, todos temos problemas familiares.

Eu não sabia muito sobre ele, então, acho que era a hora certa para descobrir um pouco mais, aproveitar o efeito que o vinho estava me causando.

— Você tem irmãos?

Ele negou.

— Filho único de pais separados. Acho que isso explica um pouco da minha personalidade.

— Isso explica muita coisa.

Ele sorriu com o meu comentário.

— Meu pai cuida das empresas no Canadá, enquanto eu administro o resto.

Fiquei surpresa ao saber que o pai dele morava no Canadá, nunca ouvi falar dos Salvatore por lá.

— E sua mãe?

— Mora na França com meu padrasto.

Como era bom saber mais sobre sua vida, e de uma forma descontraída. Rico Salvatore estava realmente se abrindo.

— Então você nunca namorou?

Não acredito que ele voltou a esse assunto.

— Não, e não me arrependo nem um pouco. Digamos que os homens que conheci nunca despertaram o meu interesse. Ou talvez eu goste de meninas — franzi o cenho e comprimi os lábios, um pouco distraída. Depois olhei para ele. — Nunca tinha pensado nisso.

Ele soltou uma gargalhada gostosa e eu acabei rindo junto.

— Não me faça fantasiar, Srta. Banks.

Merda, olha o que o álcool faz comigo.

— É sério. Os homens são todos iguais, só querem nos levar para a cama e tchau — falei, melancólica.

Ele completou a minha taça e voltou a me fitar.

— Ainda existem algumas exceções.

— A cada dia fico mais desacreditada.

— Não perca as esperanças, Mia, um dia um príncipe pode bater à sua porta.

Deus do céu, aquele homem queria foder com a minha cabeça.

— Não acredito em príncipe encantado, mas vai que acontece.

O garçom trouxe outra garrafa de vinho e a conversa continuou animada. Ele perguntou muita coisa sobre a minha vida e parou de falar sobre a dele. Jantamos e, no final da segunda garrafa, eu já estava bem altinha e morrendo de medo de começar a dizer ou fazer o que não devia.

— Já está tarde, vou subir — falei e ele se levantou junto comigo.

— Eu a acompanho.

E só quando firmei os dois pés no chão foi que percebi o estrago que a quantidade de vinho fez comigo.

Seguimos lado a lado, como no dia anterior, mas daquela vez ele estava mais falante e até se despediu de alguns funcionários.

Aqueles dias estavam servindo para conhecer um lado mais leve de Rico Salvatore. Talvez o papel de carrasco fosse apenas um personagem para impor respeito, e eu não sabia explicar o quanto estava gostando dessa nova versão dele.



| 10 - MIA BANKS

Até que acordei bem para quem dividiu duas garrafas de vinho, porque as lembranças do meu último jantar com Rico Salvatore pipocaram na minha cabeça. Era impossível não fantasiar um milhão de coisas. Ele me confundia o tempo todo e eu teria que tomar cuidado para não cair em seu charme e acabar me dando mal.

Naquele dia iríamos embora da Filadélfia e confessava que sentiria falta de ver meu chefe tão cortês e acessível. Tinha certeza de que, quando chegássemos à Nova York, ele voltaria a ser o executivo de cara fechada e eu apenas sua assistente.

Durante o dia tivemos várias reuniões na filial da Salvatore. Rico ficou o tempo todo com os empresários e só ficamos sozinhos no caminho até o aeroporto, em que ele teve que atender a várias ligações. Só tive a sua atenção quando entramos no avião e ele só falou de trabalho. Quando achei que finalmente iríamos poder mudar o tópico da conversa, o segurança dele, que estava em terra finalizando os trâmites da viagem, apareceu e os dois engataram um bate-papo que durou todo o voo.

Chegamos à Nova York tarde da noite e Rico pediu ao seu motorista que me deixasse em casa. Era impossível não perceber as barreiras que ele havia levantado entre nós ao longo do caminho. Provavelmente se deu conta de que se abrisse demais com uma simples funcionária e achou melhor colocar um fim nessa amizade repentina, para não correr o risco de ela confundir as coisas. Pelo menos era o que eu pensava.

Nos despedimos formalmente e ele foi embora. Mal entrei em casa e já sentia falta de tudo o que vivemos na Filadélfia. Não houve sexo ou pegação, nem ao menos um beijo. Mas houve gentilezas, olhares, sorrisos, cumplicidade, e isso tinha muito mais valor para mim. Seriam lembranças que ficariam para sempre na minha memória.



Quando cheguei à Salvatore no dia seguinte, Christina já estava lá, ansiosa, à minha espera.

— Não sabe quanto esforço tive que fazer para não ligar *todos* os dias. Aproveita que ele não chegou e me conte tudinho.

Abracei minha amiga, deixei minha bolsa na mesa e na meia hora seguinte fiz um resumo de tudo.

— Ah, meu Deus, ele te convidou para jantar?

— Na primeira vez ele meio que se ofereceu e na segunda fez o convite com o pretexto de discutir assuntos das reuniões, mas quando cheguei lá, revelou que não gostava de comer sozinho.

— Isso está ficando cada dia melhor — ela bateu palminhas.

— Mas ficou só nisso, Chris. Ficamos só na base de olhares e palavras não ditas. Ele me confunde.

— Mia, Rico Salvatore é um homem experiente, ele está sondando o terreno. Sou capaz de apostar que essa viagem foi inventada.

Eu também queria acreditar nisso, mas era melhor manter os pés no chão.

— Ele disse uma coisa que me deixou intrigada.

— Desembuche logo.

— Ele revelou que *ela* não era sua namorada “ainda”, e que tinha namorado apenas uma vez na vida e só faria isso novamente se fosse com alguém tão especial quanto a sua primeira namorada.

— Nossa!

— Eu sei, Chris, e fiquei imaginando quem seria a sortuda.

— Bom, deve ser uma namorada da época da universidade ou mesmo do ginásio, porque desde que eu entrei aqui, ele nunca assumiu ninguém. Toda semana ele desfila com uma garota diferente, a única que está durando é a Soraya.

Não houve tempo para mais especulações, uma vez que logo o elevador se abriu e Rico surgiu com seu cão de guarda atrás dele.

— Bom dia.

— Bom dia, senhor — dissemos juntas, como de costume.

Rico mal olhou quando passou por mim, mas eu já esperava esse tipo de atitude. E o pior de tudo era que eu não tinha o direito de reclamar; não havia nada entre nós, além da minha expectativa de que algo acontecesse. Eu tinha que esquecer aquela história de amigos. Ele não era mais Ricc para mim, havia voltado a ser apenas o Sr. Salvatore. E era melhor assim.

Apesar de frustrada, eu estava bem com minha resolução. Sabia que em poucos dias, com nossa rotina intensa, eu pararia de pensar tanto nele e focaria apenas no trabalho. Que era o mais importante para mim no momento.

Minhas esperanças caíram por terra quando, horas depois, Soraya saiu do elevador. Era quase meio-dia e ela com certeza iria almoçar com ele.

— Bom dia, Srta. Walsh — cumprimentou Chris, simpática. Entretanto, os olhos da mulher estavam pousados em mim.

— Como foi a viagem, Mia? Se divertiu bastante? — perguntou, venenosa.

Meu coração quase parou.

— Quer falar com o Sr. Salvatore? Vou anunciar que está aqui — Christina sugeriu para acalmar o clima.

— Foi uma viagem de trabalho — argumentei, mas ela deu uma risada sarcástica e espalmou as mãos na minha mesa.

— Aproveite bem cada um de seus próximos dias na Salvatore, pois farei o possível para que sejam os últimos.

Eu olhei para ela, mas não respondi, não cairia em suas provocações. A última coisa que queria era fazer parte de um barraco na recepção da presidência.

Além disso, Soraya detectava algum tipo de ameaça em mim. Seu sexto sentido gritava que eu poderia ser um obstáculo em seu caminho e estava se defendendo.

Como não obtive resposta, ela se afastou da minha mesa no mesmo instante em que a porta do escritório se abriu e o Sr. Salvatore passou por ela. Ele ficou surpreso ao vê-la ali.

— Vim convidá-lo para almoçar, estou louca de saudade — disse, toda manhosa, já se pendurando no pescoço dele. — Fiz mal? — perguntou, mordendo-lhe o lábio inferior.

Desviei o olhar. Apenas eu sabia o quanto aquela cena me incomodava.

— Fez bem. Vamos? — o tom de voz dele não era o de alguém muito feliz, mas a forma como ficaram conversando enquanto esperavam o elevador tirava todas as minhas esperanças. Ele gostava dela, só não gostava de demonstrar isso dentro da empresa.



Nos dois dias seguintes eu agi de forma totalmente profissional e Rico Salvatore voltou a ser o mesmo de sempre. Não me tratava mal, no entanto, não vi qualquer vestígio do Rico que esteve comigo na Filadélfia.

No final do segundo dia, Christina se despediu e encerrou o expediente. Era sexta-feira e ainda havia várias coisas para fazer. Melhor assim, dessa forma chegaria bem cansada à minha casa, pediria uma pizza e cairia na cama.

— Termine isso na segunda.

Escutei a voz dele logo atrás de mim. Eu estava fazendo cópias e organizando os documentos das últimas reuniões e os separando para enviar a cada setor envolvido.

— Prefiro fazer hoje, senhor.

Ele ficou me encarando, como se quisesse falar mais alguma coisa. Será que Soraya tinha conseguido fazer a cabeça dele contra mim?

— Tudo bem, até segunda — disse, por fim.

— Até — respondi, sem lhe dirigir o olhar.

Ele foi em direção aos elevadores e eu deixei a impressora trabalhando para ir até a copa, pois precisava urgente de um café. Assim que a máquina apitou, tirei a minha xícara e coloquei dois saquinhos de adoçante. Mas antes que eu pudesse provar um único gole, a xícara quente deslizou de entre os meus dedos e o líquido fervente se derramou na minha camisa de seda preta, queimando o meu colo, a barriga e a minha mão direita.

— Ahhh — berrei quando senti a dor da queimadura. Comecei a abrir os botões da camisa com pressa, invocando mentalmente todos os palavrões que conhecia. Peguei a blusa e a levei até a pia, a fim de lavar a enorme mancha de café e tentar salvar a peça. — Droga, droga, droga.

— Mia, escutei você gritando, o que aconteceu? — Rico apareceu na porta da copa e estacou ao me ver de saia e sutiã.

Deus, isso não está acontecendo comigo.

Coloquei a blusa molhada em frente ao corpo, me tapando do jeito que deu, já que o tecido estava todo grudado devido à água. Mas ele continuou paralisado no mesmo lugar.

Graças a Deus, meu sutiã era bonito e deixava os meus seios perfeitos e maiores do que realmente eram, senão minha vergonha seria muito maior.

— Desculpe por isso — falei, num murmúrio constrangido. — Derrubei café quente na minha blusa.

Seu olhar fitou minha mão, que segurava a blusa, passou pelo meu colo e foi até a minha barriga.

— Isso deve estar ardendo.

Olhei para baixo e notei que os locais atingidos pelo líquido quente já estavam bem vermelhados.

— Está — confirmei, só então percebendo o quanto queimava.

Ele entrou na copa e passou por mim. Abriu a porta de um dos armários, pegando uma caixinha de primeiros socorros. De dentro dela, tirou uma pomada e parou na minha frente.

— Posso?

Meu Jesus Cristo! Era óbvio que eu tinha fantasiado uma situação como aquela milhares de vezes, mas não toda melada de café.

— Isso é tão embaraçoso — as palavras saíram tão sinceras que suas feições se suavizaram.

— Você se queimou e precisa de ajuda. Eu posso te ajudar para acabarmos logo com isso e irmos para casa descansar, ou você pode ficar vários minutos aí tentando fazer isso apenas com uma mão. De qualquer forma você tem que fazer, vai aliviar a ardência e diminuir a possibilidade de ter que ir à emergência. Essa mão não está nada bonita.

Seria tão mais fácil se Rico Salvatore fosse aquele demônio que Christina pintava, eu não sabia lidar com esse homem bonito e atencioso na minha frente.

— E quanto a isso — disse, apontando para os meus seios —, nós dois somos adultos, certo?

Corei profundamente. Devia estar parecendo patética.

— Tudo bem, pode passar — falei depois do que pareceu uma eternidade.

Ele tirou a blusa que eu segurava em frente ao corpo, abriu a pomada e começou a passar o creme na minha barriga. Os dedos deslizavam com cuidado e bem devagar para não machucar. O produto gelado ia aliviando a ardência automaticamente. Com a minha barriga pronta, ele foi para o colo. Naquela hora meu coração já batia feito um louco e eu sentia minha respiração acelerada.

Percebi que Rico hesitou por um segundo, antes de começar a passar o creme nos locais afetados que estavam um pouco mais avermelhados que na barriga. Não me passou despercebido que sua respiração também havia mudado, mas seu rosto continuou impassível. Segundos depois, pegou a minha mão. Apesar de menor, a queimadura na área do dorso parecia um pouquinho pior e precisou de uma quantidade mais generosa do medicamento.

Quando terminou, ele voltou à caixinha, pegou uma atadura e enfaixou a minha mão para protegê-la e fazer com que o creme não saísse. Só então olhou para mim.

— Melhorou? — perguntou enquanto recolocava a tampa na pomada.

— Sim, obrigada.

Rico voltou à caixa de primeiros socorros, pegou outra atadura lá dentro e depois guardou a caixinha no lugar novamente.

— Tome, leve com você para o caso de precisar fazer outro curativo amanhã — disse, entregando-me a atadura e o restante da pomada para queimaduras.

— Muito obrigada.

Ele deu de ombros e ficou olhando para a minha quase nudez da cintura para cima. Ah, se eu fosse um pouquinho mais corajosa...

— Espere aqui — ele disse, de repente, e saiu da copa. Voltou alguns minutos depois, segurando uma camisa branca de seda pendurada em um cabide.

— Sempre deixo uma roupa extra aqui no escritório, pode usá-la para ir embora.

— Ótimo, obrigada.

Vesti a camisa e dobrei as mangas até o cotovelo. Com alguma dificuldade, consegui fechar os botões e a coloquei por dentro da saia, tudo isso sob o olhar do meu chefe lindo de morrer.

— Acho que, afinal, vou ter que terminar na segunda — anunciei e ele pareceu ficar satisfeito com a decisão.

— Então, vamos — disse, abrindo caminho para eu passar.

— Só um minutinho — pedi.

Peguei minha blusa suja e a coloquei em um saquinho que achei embaixo da pia. Depois, limpei o excesso de café sobre a pia e no chão com papel toalha. Em seguida passei uma água na xícara, que não se quebrou, tudo com uma mão só e o mais rápido que consegui.

— Vamos — falei, finalmente, e passei por ele.

Chegando à recepção, eu estaquei no meu lugar ao ver Soraya de braços cruzados, olhando diretamente para nós.

Ela ia surtar de vez. Uma coisa era mandar o blazer do seu namorado para a lavanderia, outra, era me pegar usando uma camisa dele. E ela sabia que pertencia ao Rico, pois não tirava os olhos da peça.



| 11 - MIA BANKS

Quando achei que ela fosse atacar, eis que Soraya abre um enorme sorriso.

— Rick, vim te buscar para irmos ao aniversário do Colt.

— Eu me esqueci completamente — Rico disse, passando por mim e indo em direção a ela.

Como de costume, Soraya se pendurou no pescoço dele e o beijou.

Que ódio!

Fui à minha mesa, juntei e guardei todos os documentos na minha gaveta e a tranquei. Os dois se encaminharam para o elevador e eu fui direto para o banheiro. Não seria nada confortável descer vinte e cinco andares com os dois trocando carinhos.

Fiquei quase dez minutos sentada no vaso sanitário para dar tempo aos pombinhos. Quando voltei à recepção, eles já tinham ido embora. Voltei à minha mesa, peguei a bolsa, depois o meu casaco, desliguei todas as luzes e, quando estava quase chegando ao elevador, o telefone tocou. Sabia que deveria ignorar, mas acabei voltando e atendendo.

— Grupo Salvatore.

— Já deveria estar em casa, Srta. Banks.

A voz de Rico me pegou de surpresa, me fazendo estremecer.

— Precisa de alguma coisa, Sr. Salvatore?

— Sim. Esqueci documentos importantes em minha mesa. São títulos e eu tinha esperança de que você ainda estivesse aí.

— Quer que eu guarde em algum lugar?

— Na verdade, sim. Atrás do bar, que fica no fundo do escritório, existe uma gaveta com tranca. Guarde a pasta lá e leve as chaves com você.

Enquanto ele falava, eu entrei no escritório.

— É uma pasta preta?

— Isso.

— OK, já peguei. Vou guardar onde me pediu.

Caminhei até o bar e achei a tal gaveta, a chave estava pendurada nela. Guardei tudo e a tranquei. Ele ficou esperando em silêncio.

— Prontinho.

— Obrigado, Mia. Bom final de semana.

Ele estava tão educadinho.

— Ah, vai ser, sim, com certeza — falei, só para provocar.

— Por que, vai sair? — ele perguntou na mesma hora.

“Diz que sim.”

— Pretendo.

— Achei que não gostasse de sair e não tivesse amigos aqui.

Mordi os lábios. E agora?

“Diga a ele que está conhecendo alguém...”

— Hã! Estou conhecendo uma pessoa.

Meu Deus, por que estou fazendo isso?

O silêncio se estendeu. Acho que ele não estava preparado para ouvir esse tipo de revelação.

— Entendi.

— Bom, boa noite, Sr. Salvatore. Até segunda.

Não esperei que respondesse e desliguei.

Não sabia se tinha cutucado a onça com vara curta. Ele já tinha Soraya, por isso achei justo inventar um pretendente.



Saí da empresa e fui direto para o supermercado. Com a mão machucada, não tinha muito ânimo, mas realmente precisava comprar algumas coisas para o final de semana.

Ao chegar a casa, guardei tudo e fui tomar banho. Depois de vestir um moletom e uma regata, refiz os curativos e resolvi pedir uma pizza. Durante a semana havia comprado um vinho muito bom e que estava dentro do meu orçamento, achei um ótimo custo-benefício e estava ansiosa para tomá-lo.

Liguei a TV e resolvi dar uma arrumada na casa. Organizei algumas gavetas, separei a roupa suja e dei um jeito na sala. Enquanto fazia isso, me lembrei da mentira que havia contado para Rico. Se ele sonhasse que meu compromisso era aquele, sentiria pena de mim. Quando estava arrumando a mesa para jantar a campainha tocou. Peguei o dinheiro para pagar a pizza e fui abrir a porta.

— Sr. Salvatore?! — falei com espanto.

Meu chefe ainda vestia o mesmo terno que usara no escritório e percebi um brilho bem distinto em seu olhar. Um que eu já tinha visto antes. Ele havia bebido.

— Posso entrar?

— Hum, claro — abri a porta e ele passou.

Agradei mentalmente por estar tudo bem organizado.

— Veio buscar a chave?

— Ah, sim, a chave — confirmou e ficou me encarando. Seus olhos passeavam por todo o meu corpo. Ele parecia misterioso, mas lindo como sempre.

— Vou pegar — fui até o sofá e procurei a chave na bolsa.

— Achei que tivesse um encontro — comentou enquanto eu ainda estava de costas.

— Ah, eu cancelei, não estou legal hoje — levantei a mão enfaixada a guisa de explicação —, achei que não seria boa companhia.

— Ainda arde muito?

— Na verdade, não — falei, já ao lado dele. — Amanhã já deve estar boa.

Rico anuiu e pegou a chave que eu lhe estendia.

Pronto, já que estava tudo resolvido, ele iria embora. Mas não se mexeu.

Naquela hora a campainha tocou e deveria ser a minha pizza.

— Meu jantar chegou — avisei, pegando o dinheiro mais uma vez e passando por ele. Assim que voltei para a sala, Rico estava em frente às janelas, observando Nova York.

— É uma bela vista — concluiu enquanto eu depositava a comida em cima da mesa.

— É, sim, adoro esse lugar.

Rico se virou e ficou me olhando daquele jeito costumeiro.

— É uma pizza bem grande para uma pessoa só.

— Está se convidando para jantar, Sr. Salvatore?

Ele abriu seu lindo sorriso e eu quase babei.

— Saí de um aniversário agora, fiquei só alguns minutos, confesso que estou faminto.

Queria muito perguntar por que ele deixou sua futura namorada e veio até o meu apartamento.

Mas a única coisa que fiz foi convidá-lo para jantar.

— Espero que goste de sabor quatro queijos.

— Uma das minhas preferidas — rebateu e começou a tirar o paletó.

Coloquei mais um prato na mesa e peguei o meu vinho.

— Não custou doze mil dólares, mas garanto que é bom — zombei.

— Para mim está ótimo.

Sentamo-nos e, enquanto eu servia a pizza, ele abriu e serviu o vinho. Comemos entre olhares e piadinhas da parte dele. Rico estava leve e parecia feliz na minha companhia.

Eu também estava feliz, contudo, não entendia o motivo de sua presença. Ele poderia ter enviado seu segurança para buscar a chave, mas não o fez e isso tudo me confundia. Mas eu não iria reclamar.

Depois de comermos, deixei os pratos na pia e fomos até o sofá. Foi aí que a coisa ficou meio embaraçosa. Precisava voltar a tratá-lo como amigo ou ficaríamos sem assunto.

Ele encheu nossas taças novamente, sentou-se de lado, ficando de frente para mim, e eu fiz o mesmo.

— Sei que está louca para me perguntar alguma coisa, vá em frente — incentivou.

— Estou curiosa para saber o que fez para se livrar da Srta. Walsh em uma sexta-feira à noite.

Rico ficou claramente surpreso com a pergunta.

— Tem dias que não tenho muita paciência para o comportamento dela — justificou.

— Como assim?

— Ela me trata como se eu fosse um tipo de deus. Age como se todas as mulheres só estivessem esperando a oportunidade certa para me seduzir. É sufocante estar com alguém assim.

Meu Deus, querido, acorde! Olhe para esse rosto, esse corpo. Você é mesmo um deus.

— Talvez ela só não saiba lidar com o ciúme que sente.

Ele bebeu o vinho e ficou me encarando por cima da taça. Fiquei olhando para aquelas sobrancelhas lindamente desenhadas, os cílios longos e os olhos azuis mais lindos que já vi na vida. Minha garganta secou e fui obrigada a beber também.

— Agora me fale do seu encontro. Algum figurão conhecido?

Droga! Fazer perguntas pessoais não foi uma boa ideia. Acabei abrindo precedentes.

— Não, o único figurão que conheço em Nova York é você, e já está comprometido.

Ele deu uma risada gostosa e me espanquei mentalmente por ter falado isso.

— Não sou comprometido. Se fosse, jamais teria vindo aqui — disse, despreocupado, e terminou a primeira taça. Depois, completou: — Soraya ainda não passou no teste.

— Entendi — na verdade não estava entendendo porra nenhuma. Eles estavam juntos, sim, viajaram para Dubai, almoçaram com os pais dela, iam a aniversário de amigos e para ele isso não era estar junto?

— E você, Mia, pretende namorar em breve?

— Se achar alguém que passe no teste, sim.

Ele soltou uma gargalhada.

— O que um homem tem que ter para passar no seu teste?

Quis cair morta daquela vez. Bom, fui eu que comecei.

— Toda vez que olhar pra ele, quero sentir aquele famoso frio na barriga. Acho que será o primeiro sinal de que o meu coração encontrou a pessoa que procurava — respondi e mordi o lábio com força. Estava nervosa demais, pois a conversa era tão embaraçosa.

— E isso já aconteceu, depois que chegou a Nova York?

Ah, meu Deus! Como iria explicar que cada vez que olhava para ele meu coração quase parava?

— Sim, aconteceu — não iria mentir, aquele homem sabia que no fundo eu ficava tonta cada vez que o olhava. Rico sabia que me fazia sentir assim, e apesar disso, ficava me cercando.

— É bom, não é?

— É, sim — rebati e voltei a beber, era difícil manter a sanidade perto de um homem como ele. — Vou pegar mais uma garrafa — falei assim que percebi que estávamos em silêncio por tempo demais.

Fui para a cozinha e ele me seguiu; depositou nossas taças em cima da mesa e, quando me virei com a garrafa, Rico estava olhando diretamente para mim. Desceu o olhar até a minha boca e ali ficou. Eu sabia exatamente o que estava sentindo porque sentia o mesmo, ansiava por saber como era o seu beijo. Mas como tomar iniciativa sem parecer oferecida?

Rico parou na minha frente. O perfume masculino mais gostoso que já senti na vida foi me invadindo e minhas pernas amolecendo. Seria naquele momento?

Ele levantou a mão direita e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. Desviei o olhar de seu rosto e o fixei em seu peito, mais precisamente nos pelos que apareciam através da

abertura de sua camisa.

— Olhe para mim.

O pedido me deixou tensa e tive medo de deixar a garrafa de vinho cair da minha mão. Subi o olhar, passando pelo colarinho da camisa, depois por seu pescoço, parando por dois segundos em sua boca, até encontrar as duas esferas azuis me encarando.

— Você pode abrir? — perguntei num murmúrio, erguendo a garrafa.

Ele a pegou da minha mão e a depositou sobre o mármore atrás de mim. Tudo isso sem desviar os olhos dos meus. Sua mão direita subiu e acariciou o meu o rosto, foi um carinho sutil que fez o meu corpo inteiro arrepiar. Eu estava mole, entregue, louca para sentir como era ser beijada por ele. Desejei aquele momento desde a primeira vez em que coloquei os meus olhos nele. A emoção que tomava conta de mim era indescritível e eu me sentia flutuar, como se meus pés não tocassem o chão.

Rico deslizou a mão para minha nuca e aproximou nossas bocas. Queria conseguir explicar em palavras o que senti quando ele finalmente encostou seus lábios nos meus. Tudo o que posso dizer é que foi como se fogos de artifício explodissem dentro de mim. Minhas mãos rodearam seu pescoço e as dele me pressionaram a cintura.

Quando dei por mim, estávamos nos beijando lascivamente. Rico levantou o meu corpo e me colocou sentada na bancada, acomodando-se entre as minhas pernas e juntando meu corpo ao dele. Estávamos loucos de paixão. Eu o beijava com tudo o que tinha e logo senti suas mãos subindo por dentro da minha blusa.

Toda aquela loucura foi interrompida pelo barulho do seu celular.

— Atenda, pode ser importante — falei fracamente, enquanto sua boca descia pelo meu pescoço. Ele voltou a me beijar, como se não se importasse. Mas seu celular voltou a tocar e ele soltou um suspiro frustrado, antes de se afastar para atender.

— Fala, Roy.

A pessoa do outro lado da linha deve ter falado algo muito sério, porque Rico ficou branco.

— Em dez minutos chego aí — desligou e já foi caminhando para a porta.

— O que houve? — perguntei, preocupada.

— Tentaram invadir a Salvatore, mais precisamente, a presidência. Tenho que ir — explicou e se foi.

Quem seria louco de tentar entrar em uma empresa tão monitorada? E por que fariam isso? Eu não sabia as respostas para aquelas perguntas e teria que esperar até segunda-feira para descobrir.

Abri a outra garrafa de vinho, despejei o líquido na minha taça e fui para a sala. O paletó dele estava enroscado em uma poltrona. Peguei a peça e a coloquei no meu corpo, ficou enorme, mas o perfume que exalava daquele tecido me deixava extremamente excitada. Era o cheiro dele, do

homem que estava virando a minha cabeça e a minha vida de pernas para o ar. Encolhi-me no sofá e sorri ao me lembrar da loucura que foi o nosso primeiro beijo. Eu nunca me esqueceria.



| 12 - MIA BANKS

No sábado de manhã desci para comprar jornal em busca de informações sobre a invasão na Salvatore, mas não tinha nada. Eu já deveria saber que Rico não permitiria; esse tipo de notícia exporia o grupo de forma negativa.

Fui à minha cafeteria preferida e, enquanto o meu pedido era preparado, arrisquei ligar para Chris, pois talvez ela soubesse de algo.

— Alguém morreu para você me ligar a essa hora? — ela atendeu com voz sonolenta.

— Ficou sabendo sobre a invasão na Salvatore?

Houve alguns barulhos estranhos do outro lado da linha. Logo depois ela falou, com a voz mais desperta:

— Não, quando foi isso?

— Ontem à noite.

— E como *você* sabe?

Droga, acho que não foi uma boa ideia fazer essa ligação.

— Rico estava comigo quando os seguranças ligaram — soltei de uma vez e escutei mais barulhos do outro lado da linha.

— Juntos numa sexta à noite?

— Não aconteceu nada. Ele pediu para eu trancar uns documentos e depois passou no meu apartamento para pegar a chave da gaveta — menti para amenizar a situação.

— É, Mia, eu estou cada dia mais convencida de que ele está muito na sua.

Senti um enorme frio na barriga.

— Ele me confunde, Chris, não consigo entender o que está acontecendo entre nós. Ainda prefiro manter os pés no chão.

Minha conversa com ela foi longa. Chris adorava me aconselhar sobre como deveria agir e eu gostava de escutar. Ela era bem mais experiente e eu rezava para absorver pelo menos metade de seus sábios conselhos.



Na segunda-feira, quando cheguei à empresa, fiquei surpresa ao sair do elevador e escutar os berros de Rico ecoando pelo andar. Ele parecia muito furioso.

Fui para a minha mesa e comecei a me organizar. Christina chegou alguns minutos depois e ficou surpresa com o tom ríspido com que o nosso chefe falava com a equipe de segurança. Depois de dez minutos, vários homens saíram da sala dele, inclusive seu motorista.

— O bicho está pegando — ela disse baixinho enquanto todos se dirigiam aos elevadores.

— Está, sim.

Durante toda a manhã, somente Christina falou com Rico e até foi à sala dele por duas vezes. Eu estava ansiosa para saber como ele reagiria após o nosso beijo, mas para meu azar, o homem não saiu da toca o dia todo.

Será que estava tentando me evitar?

Resolvi parar de pensar besteira. Ele deveria estar de cabeça cheia e era egoísmo pensar nisso naquele momento, então foquei no trabalho. Mas, no final do dia, Rico teve uma reunião externa, então não pudemos conversar e isso me chateou.

Quando saí da Salvatore, a noite estava fria, bem típica do mês de dezembro. As ruas, que já eram iluminadas, estavam esplêndidas com toda aquela decoração natalina. Vaguei entre as lojas, me esquivando de pessoas e tentando entender como seria entre mim e Rico.

Sabia que ele sentia atração por mim e que alguma razão o fazia repensar e manter distância. Talvez por eu ser sua funcionária ou por realmente gostar de Soraya.

No percurso, passei no mesmo mercado em que encontrara aquele vinho que tomamos no sábado; queria repor o estoque. Enquanto a moça do caixa passava a minha compra, olhei para o lado e uma revista de fofoca me chamou a atenção. Na capa, com letras garrafais, estava escrito:

RICO SALVATORE ASSUME RELACIONAMENTO COM SOCIALITE.

Desci o olhar e vi a foto dos dois em um jantar de gala que aconteceu no domingo à noite. Na imagem, ela usava um vestido preto com decote generoso e ele, um smoking. Sabia que não deveria ficar chateada por ler aquilo, mas fiquei, e um nó se instalou em minha garanta. Juro que, se não estivesse em público, iria chorar.

Peguei minhas compras e fui embora. Durante o pequeno trajeto até o meu apartamento, só conseguia pensar nos momentos que passei com ele nos últimos dias. Era impossível que todos aqueles gestos e olhares fossem coisas da minha cabeça. O que mais doía era saber que nos beijamos

na sexta à noite e que no domingo ele estava com ela.

No dia seguinte coloquei a minha melhor cara de indiferença, reergui os muros entre mim e Rico Salvatore e fui trabalhar.

— O que foi, Chris? — perguntei depois de ouvi-la resmungar pela décima vez naquele dia.

— Estou tentando entender por que diabos ele assumiu o namoro com aquela vaca se está interessado em você. Isso não faz sentido — Chris andava tão inconformada quanto eu, mas não disfarçava.

Apenas dei de ombros, não queria ficar pensando naquilo.

Os dias se passaram e tudo continuava na mesma. Rico estava indolente como sempre, eu tentava agir como se nada daquilo estivesse me afetando e Christina ainda não havia se conformado.

— Fica esperta, Mia. Se Rico aparecer no seu apartamento de novo, bata a porta na cara dele.

— E por que ele faria isso? — perguntei, sem entender.

— Porque eu estou detectando um padrão. Ele finge que você não existe aqui na empresa e depois aparece em sua casa no final de semana.

— Isso só aconteceu uma vez, sua exagerada — falei, achando graça de sua preocupação. — E agora que está namorando, duvido que volte a aparecer.

Nossa conversa foi interrompida quando as portas do escritório de Rico se abriram.

— Qual a boa de hoje, meninas? — Will perguntou ao sair de lá com nosso chefe logo atrás dele.

— Cinema com a Trix — Christina informou e Will olhou pra mim.

“Invente alguma coisa, Mia.”

— Vou sair para jantar — menti e todos olharam para mim.

Minha amiga sabia que era mentira, mas Rico e Will, não.

— Nunca me senti tão dispensado — zombou Will e já foi se despedindo.

— Vou com você, Will — Chris falou e pegou sua bolsa. — Bom jantar — disse para mim com uma piscadinha.

— Obrigada — respondi.

— Até mais, Mia.

— Tchau, Will.

Eles caminharam lado a lado até os elevadores e eu fiquei fingindo que lia alguma coisa no meu computador, bem ciente de que Rico olhava diretamente para mim.

— Precisa de alguma coisa, senhor? — questionei ao perceber que ele estava há tempo demais me encarando.

— Vai jantar com quem?

Eu queria causar alguma reação nele, só não achei que ele seria tão direto.

— Com um amigo — respondi. — Aquele com quem desmarquei no dia em que me queimei com o café, lembra? — falei de forma sugestiva e voltei a encarar a tela do computador.

— Cancele.

Olhei para ele, querendo entender se aquilo era um pedido ou uma ordem.

— E por que eu faria isso?

— Terei que trabalhar até mais tarde e vou precisar de você.

“Respira, Mia, respira!”



| 13 - MIA BANKS

Fiquei encarando meu chefe e tentando entender qual era a dele.

— Precisa que eu faça exatamente o quê, senhor?

— Venha até minha sala e explico tudo a você.

Levantei-me e o segui. A mesa para pequenas reuniões estava cheia de pastas — seria trabalho para muitas horas.

— Preciso que me ajude a encontrar possíveis irregularidades nesses contratos — apontou para a pilha à nossa frente. — Você irá analisar os custos dessas obras e verificar se os orçamentos batem ou se foram superfaturados. Há uma tabela de valores atualizados para que possa fazer as comparações.

Pelo visto estava enganada e meu chefe já tinha decidido trabalhar até mais tarde antes mesmo que eu pudesse pensar na mentira do jantar.

Se bem que ele poderia ter chamado a Christina, que tinha muito mais experiência do que eu, mas não. Rico Salvatore me escolheu e meu lado sofredor gostou muito disso.

— OK, eu só preciso fazer um telefonema e já volto — soltei, sem olhar para ele, e saí rapidamente.

Fui até a minha mesa, peguei o telefone e me dirigi ao banheiro; não queria correr o risco de ele *não* me ouvir desmarcar meu falso jantar. Fiquei lá pelo tempo que achei que seria o necessário para se fazer isso e voltei.

— Tudo bem? — ele perguntou quando entrei.

— Tudo bem.

Logo puxei uma cadeira e me sentei, havia muito trabalho a fazer.

Rico tirou o paletó lentamente, dobrou as mangas da camisa até os cotovelos e afrouxou o nó da gravata. Sentou-se na cadeira da ponta, ficando bem próximo a mim.

Durante a primeira hora de trabalho, estávamos bem concentrados e achei apenas duas irregularidades nos contratos que analisei.

— Você anda meio calada ultimamente — ele comentou e continuei com os olhos fixos no papel, para não me perder no que estava fazendo.

— Você também — rebati e acabei levantando o olhar.

— Esse negócio da invasão me deixou fora dos eixos, mas já estou resolvendo tudo.

Poderia ser coisa da minha cabeça, mas parecia que Rico tinha organizado aquele trabalho fora do expediente como uma desculpa para poder conversar e justificar seu afastamento.

— Que bom.

Ele concordou e ficou me encarando. Eu amava quando me olhava daquele jeito. Conseguia fazer com que eu me sentisse mais viva sem nem ao menos dizer uma palavra.

— Quer beber alguma coisa?

— Água, por favor.

Ele assentiu e foi até o bar. Voltou alguns minutos depois com duas taças de vinho branco.

— Nós merecemos — justificou e estendeu uma das taças.

— Eu não deveria. Mesmo assim, obrigada.

Nós brindamos de leve e dei o primeiro gole. Rico voltou ao bar e pegou a garrafa. Eu me levantei e fui até as janelas panorâmicas. A vista do centro de Nova York todo iluminado era de tirar o fôlego.

Mesmo sem me virar, senti a presença dele atrás de mim.

— É uma bela vista — sussurrou no meu ouvido e estremeci por dentro.

— É, sim — virei-me e o encontrei colado a mim.

Rico subiu a mão até o meu rosto e o acariciou, exatamente como fez da última vez. Segurei sua mão e tentei me afastar, mas ele me impediu.

— O que está acontecendo, Mia?

OK. Ou eu falava ou continuaríamos naquele impasse, e eu não suportava mais.

— Aconteceu que vi você e Soraya estampando a capa de uma revista de fofoca. E você parecia bem feliz ao lado dela em um evento para onde foram no domingo.

— Então é isso — concluiu, sem parecer nem um pouco abalado por esse ser o motivo da minha distância. — Você falou a coisa certa, revista de fofoca. É apenas isso, fofoca. Não estou namorando com ela e já pedi que minha assessoria cuide dessas notícias falsas que andam circulando por aí.

Ele não está namorando com a megera? Ai, meu coração.

— Eu pensei que estivesse.

— Pensou errado.

Sorri, ao mesmo tempo sem graça, aliviada e receosa. Olhei para ele.

— Independentemente disso, você me confunde, Rico.

Sua mão voltou a tocar meu rosto, e daquela vez eu deixei.

— Eu me sinto confuso — o brilho em seus olhos era tão verdadeiro, ele também sentia alguma coisa.

Rico pegou a taça da minha mão e levou até a mesa de reuniões. Depois voltou e ficou exatamente na minha frente.

— O que está acontecendo entre nós? — questionei e implorei mentalmente que ele falasse alguma coisa real, pois não aguentava mais ficar sem saber.

— Vamos descobrir — a resposta foi vaga, mas o que veio a seguir me deixou de pernas bambas.

Rico passou uma das mãos por trás da minha cintura e me puxou de encontro ao seu peito. Eu conseguia sentir seu abdômen através das nossas roupas.

— Se fizer de novo o que acho que vai fazer, será um caminho sem volta. Uma vez pode ser justificada como um ato precipitado...

Ele colocou um dedo em meus lábios e sorriu.

— Pensei bastante sobre isso.

— E chegou a uma conclusão?

O seu corpo forte continuava colado ao meu.

— Cheguei — respondeu baixinho e aproximou o rosto do meu. Então desceu até o meu pescoço e aspirou o meu perfume. Seu nariz foi deslizando em minha pele e juro que nunca fiquei tão mole e excitada na vida. Apoiei minhas mãos em seus braços, sentindo, pela primeira vez, a firmeza de seus músculos e mapeando aquele corpo que despertava as mais loucas sensações no meu.

A boca dele roçou bem de leve na minha. Queria logo acabar com aquela agonia e avançar, mas me contive e esperei que fizesse tudo à sua maneira.

— Sabe quantas vezes imaginei nós dois assim? — sussurrou na minha boca.

Era a tortura mais deliciosa que já passei na vida. Estávamos colados, ele tão grande e forte, mas com movimentos delicados que me faziam suspirar. Quando nossas bocas se tocaram, fechei os olhos e me senti a um passo do paraíso.

Os lábios, que começaram calmos e gentis, foram se tornando famintos e vorazes. Sua língua dançava dentro da minha boca e foi impossível não gemer de satisfação. Apertei seus ombros e correspondi ao beijo mais luxurioso que já tive na vida. Rico Salvatore era quente, sedutor e me fazia questionar muitos princípios.

Antes de se afastar, ele mordeu de leve meu lábio e depois beijou no mesmo lugar.

— Isso, foi... Nossa! — me perdi completamente no que iria dizer.

— É, eu sei.

Suas palavras me deixaram mais calma, já que ele havia sentido o mesmo.

Rico me virou de frente para as janelas e me abraçou por trás. Encostou o queixo no meu ombro e ficou com as mãos entrelaçadas na minha cintura. A vista de Nova York continuava incrível, mas eu só conseguia pensar no beijo que ele tinha acabado de me dar.

— O que acontece agora?

Foi impossível não fazer essa pergunta. Talvez ele não gostasse de pressão, mas não iria dividi-lo com Soraya.

— Se eu seguir o velho ditado que diz “onde se ganha o pão, não se come a carne”, terei que demiti-la — falou, despreocupado, e me virei no mesmo instante.

— Você não faria isso. Faria? — perguntei, alarmada.

Ele sorriu do meu desespero e voltou a me abraçar.

— Não consigo imaginar como seria passar pela recepção e não encontrar você.

Um alívio enorme me invadiu e algum tipo de esperança também.

Ele pegou a minha mão e me guiou até o sofá que ficava perto do bar. Sentamo-nos e Rico virou o corpo para ficar de frente para mim.

— Vamos nos conhecer melhor. Antes que você pergunte sobre Soraya, prometo que vou resolver tudo. Mas preciso te pedir uma coisa.

Sim, qualquer coisa.

— Pode pedir.

— Não deixe a minha mudança rápida de humor nos afastar.

Tudo o que eu não precisava era de um homem instável, no entanto, eu já estava envolvida demais para dizer não.

— Como vou saber que você não vai se arrepender de tudo isso?

— Acredite, eu não vou.

— Tudo bem.

Ele me puxou para perto e mais uma vez suas mãos estavam em mim. Rico segurou meu queixo e começou a devorar meus lábios, o que me causou uma dorzinha gostosa entre as pernas. Ele estava me deixando muito excitada.

— E o trabalho? — perguntei quando percebi que ele não tinha a mínima intenção de afastar suas mãos do meu corpo.

— Terminamos outro dia.

Entrelacei as mãos em seu pescoço e voltei a beijá-lo com vontade, sentindo suas mãos subindo e descendo pelo meu corpo, apertando minha carne e tateando minhas curvas.

Quando senti seus dedos subindo por dentro da minha saia, fiquei imediatamente tensa e parei de beijá-lo.

— O que foi, Mia?

Pois é, como iria segurar um homem desses só com beijo na boca?

— Bom, eu nunca namorei. Eu te falei aquele dia. — Ele concordou, divertido. — Então você é o segundo cara que beijo na vida e...

Rico achou graça do meu embaraço, mas depois estreitou um pouco os olhos.

— Você é virgem — era mais uma constatação do que uma pergunta.

Engoli em seco, sentindo-me uma alienígena.

— Agora você vai rir da minha cara por causa disso — falei sem encará-lo.

Ele levantou meu queixo para que eu pudesse olhá-lo. Havia um sorriso em seus lábios.

— Pareço esse tipo de homem? — Neguei. — Então fique tranquila. Não sou nenhum troglodita movido a sexo. Embora goste bastante — seu sorriso aumentou e seus olhos brilharam ao dizer isso. — As coisas vão acontecer como você quiser. Não tenha medo — acrescentou.

Eu tinha bastante consciência de que perder a virgindade com ele seria o sonho de qualquer mulher e ansiava por aquilo. Mas estudar em um colégio de freiras por boa parte da minha vida me fez criar um grande receio de me entregar aos desejos da carne. Elas diziam que o prazer era temporário, já o arrependimento seria eterno. E foi nisso que me apeguei a vida toda, para não me entregar a qualquer um e depois me arrepender.

— Não consigo imaginar um relacionamento com um homem como você sem envolver sexo.

Acho que minhas palavras o fizeram analisar a situação de um outro ângulo.

— Eu também nunca imaginei isso — acariciou meu rosto e começou a beijar o meu pescoço. — Mas vamos tentar.

Aquilo não foi nenhuma declaração de amor, mas a promessa de que poderíamos ajustar nossos ponteiros e de fato conseguir ter uma relação saudável.

Rico Salvatore era um homem bem experiente e com certeza seria uma missão quase impossível para ele ficar com uma mulher virgem que não tinha a pretensão de se entregar apenas por desejo. Seria uma batalha para ambos os lados e só o tempo diria se ele seria capaz de me fazer ceder e entregar o meu corpo, pois a minha alma já estava condenada a ser dele.



| 14 - MIA BANKS

Rico me deixou em casa perto da meia-noite e nem preciso dizer que eu estava nas nuvens. Todas aquelas sensações que ele me fazia sentir eram novas e perturbadoras, mas eu estava disposta a viver tudo aquilo.

Decidi que não comentaria com Christina o que havia acontecido entre mim e nosso chefe. Ela já fora apaixonada por ele e, por mais que tenha dito que havia acabado, temia sua reação. Era melhor deixar tudo em segredo, por enquanto.

No sábado acordei cedo, levei a roupa para a lavanderia, fiz uma faxina no apartamento e esperei por uma ligação dele, coisa que não aconteceu.

Eu sabia que estávamos apenas nos conhecendo e tinha consciência de que Rico não bateria na porta do meu apartamento todos os dias. Ainda assim, fiquei esperançosa de que acontecesse, mas quando o relógio marcou meia-noite me obriguei a desligar tudo e dormir.

Rico sabia onde eu morava e tinha meu telefone, se não me procurou era porque não tinha sentido a minha falta.

Demorei a pegar no sono e, quando isso aconteceu, acabei sonhando com ele. Porém o conto de fadas foi interrompido pelo barulho de uma campainha tocando. Na minha sonolência achei que pudesse ser no vizinho, mas não, era no meu apartamento. Levantei meio zonza e saí tropeçando até a sala.

Eu mal abri a porta e Rico avançou sobre mim, envolvendo-me em seus braços.

— Mia — disse ele, com uma voz num tom meio desesperado, como se estivesse ansioso.

— Rico, aconteceu alguma coisa?

Tentei afastá-lo, mas ele não deixou. Trancou a porta atrás de mim e me guiou para o quarto.

— Ei, me explica o que está acontecendo, qual o motivo dessa visita?

Passei os olhos por seu corpo e vi que estava usando uma camisa de seda preta e uma calça de mesma cor. Era visível que tinha bebido, pois dava para sentir o cheiro de uísque misturado ao seu perfume.

Já entendi tudo.

— Senti vontade de te ver — justificou. — Fiz mal?

Rico sabia que não conseguiria sexo, então o que diabos estava fazendo ali numa hora daquelas? Por que não apareceu antes?

— Só achei estranho você aparecer por aqui esse horário.

Ele diminuiu a distância entre nós e ficou me olhando; e então eu estava perdida. A beleza de Rico Salvatore me deixava hipnotizada, jamais iria me acostumar.

— Não me olha assim — pedi.

— Não consigo evitar — sua boca tocou a minha e no instante seguinte eu já estava no céu; nossas línguas dançando sensualmente e as mãos dele subindo e descendo pelas minhas costas, me apertando em seus braços, fazendo minha camisola subir mais do que o necessário.

Rico foi me encaminhando para trás, sem descolar nossas bocas, até caímos desajeitados sobre a cama. Ele parecia faminto pelos meus beijos e ali, entre os lençóis, tudo parecia tomar uma proporção muito maior.

— Rico, por favor, pare — sussurrei, sem fôlego, entre os seus lábios, quando percebi que estávamos perdendo completamente o controle.

— Fico maluco só de imaginar como vai ser — confessou num sussurro e desceu a boca pelo meu pescoço, passando a língua na minha jugular.

— É muito cedo, Rico, você sabe — argumentei com certo pesar e acho que foi um belo balde de água fria, porque ele parou de me beijar e se afastou.

— Desculpe se pareceu que a estava pressionando, não foi essa a intenção.

— Eu sei — tranquilizei-o. — Quer dormir aqui?

— Sei que está tarde, mas gostaria de ficar um pouco mais com você.

Apesar de a minha parte racional insistir para que eu o mandasse embora, minha outra parte ansiava por aqueles momentos com ele. E foi ela que eu escutei.

— Tudo bem, pode ficar — concordei, sorrindo.

Ele também sorriu e rolou por cima de mim, atacando a minha boca novamente.



| 15 - MIA BANKS

Rico foi embora quando o dia estava amanhecendo, deixando-me cheia de marcas vermelhas e com os lábios levemente inchados de tanto me beijar. Trocamos mensagens durante o domingo e na segunda-feira eu estava de ótimo humor.

Cheguei à Salvatore e tentei fazer o meu trabalho sem chamar muito a atenção de ninguém. Rico não apareceu de manhã e Christina ficou ao telefone a maior parte do tempo, mas percebeu que havia algo diferente.

— Aconteceu alguma coisa, Mia?

— Nada, Chris, só estou cansada. Saí ontem com uma vizinha e cheguei tarde — menti.

— Fez bem, nosso chefinho tem que entender que você também tem vida social.

Dei um sorriso fraco e voltei minha atenção para a pilha de trabalho que estava na minha mesa.

Durante a tarde Rico teve várias reuniões. Quando saí da Salvatore ele ainda estava com alguns empresários em seu escritório.

Ao subir o último lance de escadas que dava acesso ao andar onde ficava o meu apartamento, fiquei surpresa ao encontrar Soraya parada em frente à minha porta. Ela sentiu a minha aproximação e se virou.

— Precisamos conversar — disse e sua voz estava surpreendentemente amistosa.

Passei por ela e abri a porta. Soraya entrou e ficou analisando o meu apartamento que, com certeza, não se comparava ao luxo onde ela vivia.

— Estou ouvindo.

— Rico terminou tudo comigo.

Fiquei tensa e engoli minha saliva com dificuldade.

— Soraya... — tentei falar, mas ela levantou a mão.

— Eu sei que ele fez isso porque está interessado em você.

Sempre fui boa em argumentar, mas naquele momento não sabia o que fazer.

— Não sei o que falar.

— Não precisa falar nada. Eu só vim aqui te deixar ciente de que, quando aparecer alguém

mais interessante, ele irá trocá-la sem dó nem piedade.

Eu não podia acreditar que Soraya estava no meio da minha sala destilando toda sua revolta por Rico ter rompido o relacionamento deles.

— Não vou discutir com você, Soraya — e de fato não era a minha intenção.

— Quando Rico começou a me cercar, mesmo sabendo que eu era noiva, achei a situação absurda. Já havia me encontrado com ele em diversos eventos da alta sociedade de Nova York e ele nunca demonstrou interesse por mim. Todas as minhas amigas ficaram loucas quando souberam que estava me enviando flores e fazendo convites para jantar fora — revelou e sorriu com desprezo. — No final, eu não suportava mais todo aquele jogo de sedução. Rico Salvatore me envolveu em seu charme de tal forma que eu não consegui mais escapar, eu queria ser somente dele. Então terminei meu noivado por causa dessa loucura que ele me fazia sentir e na semana seguinte já estava em Dubai, vivendo os dias mais intensos da minha vida. E agora, poucas semanas depois, parecemos dois estranhos.

A confissão dela foi tão sincera e desesperada que senti um nó na garganta ao me colocar em seu lugar.

— Soraya, eu não sei o que dizer. Rico me parece ser o tipo de cara que gosta de desafios, eu estou ciente disso.

— É evidente que ele sente muito interesse por você e não o culpo. Você é linda, doce, qualquer homem ficaria atraído.

Soraya estava despida de sua máscara de indiferença, falando de igual para igual. Mas eu preferi não opinar, sabia que nada a confortaria. Por isso ficamos apenas nos olhando, até ela quebrar o silêncio.

— Desculpe por ter vindo e falado tudo isso, preciso ir. Até mais, Mia.

— Adeus, Soraya.



| 16 - MIA BANKS

Passei grande parte da noite pensando na visita de Soraya. Sabia que muito do que me dissera fora baseado em ciúme, mas não pude deixar de temer que parte daquilo pudesse se tornar realidade.

Quando cheguei à Salvatore, Christina avisou que Rico havia viajado de última hora. Achei aquilo super-estranho. Depois de tudo o que aconteceu entre nós, ele deveria ter me contado nem que fosse por mensagem, mas ele não o fez e só aumentou meu receio; as coisas ditas por Soraya ficaram pipocando na minha cabeça. Fiquei esperando que ele enviasse alguma coisa, mas nada aconteceu, o que me deixou de mau humor o dia inteiro.

— Vai me falar o que está acontecendo? — perguntou Christina assim que desligou seu computador. Chris se mostrava uma boa amiga. Eu tinha que falar a verdade.

— Rico terminou com Soraya para ficar comigo. Ontem ela apareceu no meu apartamento e disse que assim que ele encontrasse alguém mais interessante iria fazer o mesmo comigo... — fechei os olhos e suspirei.

— E?

— Sei lá, Chris, estamos juntos, mas não estamos. Ele não rotulou nada, liga quando quer, às vezes aparece no meu apartamento. Hoje sumiu sem falar nada...

— Está desconfiada de alguma coisa?

— Não, mas não sei o que pensar. Não sei nada sobre a vida dele e não tenho para quem perguntar. Não tenho contato com ninguém que seja próximo o bastante para saber o que está acontecendo. Não sei o que fazer.

Christina torceu a boca de um lado para o outro e depois me encarou.

— Mas eu sei.

— Como assim?

— Estou saindo com Will — revelou, sorrindo.

Fiquei pasma, eu não desconfiava.

— Pelo visto não sou apenas eu que ando escondendo coisas, hein?

Chris deu de ombros e me abraçou.

— Vou jantar com ele hoje à noite e tentar descobrir algo sobre essa viagem repentina do

nosso chefe.

— Obrigada, Chris.

Despedimo-nos e fiquei rezando para que ela realmente conseguisse descobrir alguma coisa.



Naquela noite, rolei muito na cama até conseguir pegar no sono e acordei um pouco atrasada. No meu celular havia duas chamadas não atendidas do número de Rico e uma mensagem de boa noite. Fiquei mais aliviada por ele ter dado sinal de vida, mas não sabia se iria responder. Arrumei-me com pressa e, quando cheguei à empresa, Christina já estava em sua mesa, porém sua expressão não era das melhores.

— Que cara é essa?

— Uma noite em um belo quarto de hotel com Will rendeu informações valiosas.

Joguei a bolsa em cima da minha mesa e arrastei uma cadeira até a da Christina.

— Fala logo, pelo amor de Deus.

— A mulher com quem ele namorou anos atrás se chama Crystal Brennan. Parece que foi ela quem rompeu por ele ser muito possessivo, entre outros motivos, mas Will acha que ele ainda espera por ela e por esse motivo não assume relacionamento com ninguém.

Ela parou e, se fosse possível, sua expressão ficou ainda pior que antes.

— Diga, Chris, o que mais descobriu?

— Will acredita que essa viagem tem algo a ver com ela. Segundo ele, os dois vivem se encontrando. É só Crystal estalar os dedos e Rico sai correndo, igual a um cachorrinho.

Senti meu estômago revirar. Além da louca da Soraya, ainda havia o fantasma de um grande ex-amor?

— O que você acha de tudo isso? — perguntei à minha amiga.

— Acho que você precisa comprar um vestido.

— Quê?

— Will me confidenciou que a tal Crystal estará no leilão beneficente patrocinado pela Salvatore. Se quiser mesmo ficar com Rico, terá que marcar território nesse evento. Vocês já se envolveram, de forma que, ou você se afasta ou se atira logo nesse precipício.

Christina tinha razão, era hora de decidir qual caminho trilhar. Eu não sabia quem era essa Crystal, nem o que Rico realmente sentia, mas sabia que ela me causaria problemas. Restava saber se eu queria começar essa batalha.



TRÊS DIAS DEPOIS

Acordei na sexta-feira com uma ligação de Christina informando que Rico já estava em Nova York para participar do evento. Ela também frisou que eu teria que comprar um vestido chique, pois nós iríamos de qualquer jeito.

Mesmo com esse ultimato, ainda não tinha certeza se queria entrar nesse mundo louco de Rico Salvatore, ainda mais sabendo da existência dessa ex-namorada. Mas não podia negar que estava com saudades. Durante os três dias que se passaram, ignorei suas ligações e não respondi suas mensagens, então ansiava por vê-lo.

Rico só apareceu na empresa no meio da tarde e, para minha surpresa e angústia, saiu do elevador acompanhado de uma morena deslumbrante.

— Boa tarde, meninas, esse é minha amiga Crystal — Rico disse, despreocupado, como se ela não fosse seu grande amor do passado. Tudo bem que ele nem sonhava que eu já sabia de toda a história, mas precisava parecer tão à vontade?

— Boa tarde — Crystal nos saudou com um belo sorriso. Ela parecia algum tipo de miss universo, com seu corpo esguio e sorriso de princesa. Fiquei sem reação. Eles pareciam perfeitos juntos.

Depois que os cumprimentamos, os dois entraram na sala dele.

— Diz que isso não acabou de acontecer? — sussurrei e Christina veio voando para a minha mesa.

— Calma, Mia, ele não seria louco de trazê-la até a empresa se não fossem apenas amigos. No fundo eu queria acreditar que era somente isso, mas não conseguia.

— Não sei o fazer. Não sei lidar com ele e todas essas mulheres que o rondam o tempo todo. Isso não é vida, Chris. Não dá para ter alguém pela metade.

Ela concordou e me abraçou.

Estava na hora de eu ir embora e Rico ainda não tinha saído da sala. Já estavam trancados há mais de uma hora e eu não ficaria esperando. Podia até ser boba, mas nem tanto. Peguei minhas coisas e saí sem me despedir, precisava andar para espairecer.

Estava vagando sem rumo pela 5ª Avenida, pensando em tudo o que estava acontecendo em minha vida, quando me vi em frente à ARMANI.

Sempre amei essa loja e tinha uma grande atração por suas roupas. Não apenas as femininas,

mas também as masculinas, especialmente os ternos bem cortados que deixavam qualquer homem elegante.

Pensar em homens elegantes fez minha mente voltar a pensar em Rico, em Crystal e no bendito leilão. O evento seria no dia seguinte e eu ainda não sabia o que fazer, sentia-me tão triste, tão desolada. Olhei novamente para a loja. Se entrasse e achasse um vestido maravilhoso, talvez me sentisse um pouco melhor.

“Lógico que sim, você vai se sentir uma princesa.”

O pensamento me fez sorrir, porque me lembrou de Rico falando que um dia eu encontraria o meu príncipe encantado.

“Ele é o príncipe, então entre e compre o vestido mais lindo que encontrar.”

Fiquei uns cinco minutos escutando essa parte teimosa da minha mente tagarelar. Essa vizinha parecia ter uma força sobrenatural. Sempre que eu a escutava, acabava cedendo às suas ideias. Naquele momento não foi diferente, eu estava quase fazendo algo que relutara durante meses. Que jurei não fazer.

“Você sabe o que deve fazer, Mia. Se quer conquistar Rico Salvatore, terá de engolir o orgulho e assumir quem realmente é...”

Fechei os olhos. Essa tagarela não me deixaria em paz. Puxei o ar com força, me cobri de coragem e atravessei as portas de vidro. Imediatamente o perfume incomparável do interior da loja me encheu de nostalgia.

A primeira coisa que vi foi aquela escadaria deslumbrante. Claro que já a tinha visto pelo lado de fora, era impossível não visualizá-la através da enorme vitrine, mas vê-la de perto era completamente diferente. Sua forma sinuosa era de tirar o fôlego.

Avistei a ala feminina e me encaminhei para lá. Enquanto eu fazia uma varredura pelas roupas, meus pensamentos acabaram se desviando para os momentos que passei com Rico. A viagem à Filadélfia, onde ele se mostrou tão galanteador, nosso jantar regado à pizza e vinho barato no meu apartamento, nosso trabalho depois do expediente, que acabou se transformando em pegação. No entanto, no meio de tudo isso, não podia me esquecer de que naquele dia em seu escritório ele me deu esperanças, mas não me fez promessas. Além do fato de que sempre aparecia no meu apartamento depois de ter bebido, como se tivesse feito tudo o que queria durante o dia e eu fosse apenas seu último compromisso. Para completar, viajou sem me dizer uma palavra.

“Não pense nele agora, foque no vestido.”

— Boa tarde, senhorita, meu nome é Edward, em que posso ser útil? — abordou um educado rapaz de cabelos negros, pele clara e um belo sorriso nos lábios.

— Boa tarde. Mia Banks, como vai? Eu preciso de um vestido deslumbrante.

— Veio ao lugar certo, Srta. Banks. Acompanhe-me, por favor — falou e começou a andar

em outra direção; eu o segui.

Edward usava um elegante terno preto, parecia muito prestativo e se eu não estivesse enganada, seu sotaque era inglês.

— Elevador ou escada? — dei uma olhada para ele como quem diz: Que pergunta é essa? Ele sorriu e disse: — Escada, então — e começamos a subir.

— Dê-me uma ideia do que tem em mente.

Mordi o lábio inferior e comecei a imaginar como seria a minha chegada àquele evento e que impressão eu queria causar.

— Já assistiu ao filme ‘O Diabo veste Prada’?

Ele abriu um sorriso engraçado.

— Certamente. É um clássico.

Tínhamos chegado ao segundo andar, de forma que eu conseguia ver várias roupas formais e algumas que só poderiam ser usadas em festas. Passei a mão por algumas peças.

— O que acha que Miranda Priestly escolheria para usar em um evento de gala?

Mais uma vez ele sorriu e seus olhos brilharam, possivelmente imaginando que valor eu estaria disposta a gastar.

— Venha, acho que tenho o modelo perfeito.

Segui Edward até um local onde havia alguns vestidos de gala e quase tive um infarto ao me deparar com o mais lindo vestido que já tinha visto na vida.

— E então, o que achou?

Eu estava maravilhada com o modelo, a cor, o tecido, os detalhes.

— É magnífico.

— Acho que a diaba da Miranda aprovaria esse vestido. Não é um Prada, mas é um **ARMANI** e é absolutamente divino. Tenho certeza de que, se comprá-lo, não irá se arrepender.

Eu também, porque ele era perfeito.

Pensei, pensei e pensei. Depois pensei mais um pouco.

Abri a bolsa, peguei minha carteira e visualizei o cartão Black onde havia o meu nome escrito. Jurei para mim mesma que jamais iria usá-lo de novo. Eu quase passei fome e estive na iminência de ser despejada, e ainda assim prometi que não o tocaria. Mas parecia que aquela loucura por Rico Salvatore estava virando a minha cabeça, porque estava prestes a jogar tudo para o alto apenas para estar mais bonita do que sua ex. *Meu Deus, o que esse homem está fazendo comigo?*

Continuei olhando para o cartão por mais alguns minutos, dividida entre o orgulho e o desejo.

“Esquece esse orgulho idiota, Mia. Já passou da hora de tomar as rédeas da sua vida e parar de se lamentar.”

Era um bom argumento.

— Quero provar.

— Vou providenciar, Srta. Banks.

Quando vi meu reflexo no espelho dentro daquele modelo exclusivo, tive a certeza de que era perfeito para a ocasião. Olhei para o vestido de novo e, por fim, o desejo venceu.

— Eu vou levar — disse, confiante, pegando o cartão e o entregando a Edward, que vibrou e começou a providenciar tudo.

É estranho, mas depois de ter tomado essa decisão me senti mais forte e o ressentimento que estava sentindo por causa das atitudes de Rico Salvatore se transformou em raiva. Só conseguia pensar em como queria ter o poder de dominá-lo da mesma forma que ele tinha de me desequilibrar emocionalmente. Aquele evento seria o marco de uma contagem regressiva. Se as coisas entre nós não comesçassem a dar certo, Nova York estaria com os dias contados.

Cheguei a casa bastante cansada, por isso desliguei o celular, tomei um banho e apaguei. Quando acordei, no sábado de manhã, meus pensamentos estavam embaralhados, mas antes mesmo de acordar completamente, minha mente já estava tagarelando:

“Acorde e se prepare, Mia, porque hoje o diabo não veste Prada. Hoje, com certeza, o diabo veste ARMANI.”

Passei o sábado cuidando dos detalhes da minha produção, por isso pela manhã fui a um Studio perto de casa, para fazer as unhas e escovar o cabelo. Durante a tarde dormi e não liguei mais o celular, Rico certamente estaria ocupado com sua amiga e não perderia seu tempo ligando para mim. Ele disse que queria me conhecer melhor, mas na hora em que seu grande amor do passado aparecia, ele imediatamente se distanciava. Então, que ficasse com ela.

Quando acordei, já tinha escurecido. Tomei um belo banho e me sentei confortavelmente em frente à minha penteadeira. Havia comprado maquiagens novas e sabia mais ou menos o que faria com o meu cabelo. Olhei-me no espelho e minha mente viajou para alguns anos atrás, quando eu estava lindamente penteada e maquiada, deslizando por um elegante salão. Meu sorriso era tão inocente e alegre. Decidi que seria assim que as pessoas me veriam naquela noite.



CHRISTINA SANTER

Cheguei ao evento antes da Mia e já estava ficando preocupada. Ela não havia atendido a droga do celular o dia inteiro, deixando-me maluca. Acho que ela tinha desistido e talvez fosse melhor assim, nosso chefinho estaria com sua ex-namorada a tiracolo e seria terrível para Mia presenciar isso. Nos conhecíamos há pouco tempo, mas eu já sentia um carinho enorme por ela. Era fácil gostar daquela garota.

Mia Banks era naturalmente bonita, simpática, amável, delicada e muito inteligente. Uma princesa que poderia facilmente ser confundida com alguém da realeza, caso o Canadá fosse regido por uma monarquia. Até estranhei quando ela disse não ter roupa para trabalhar, pois era nítido, em sua aparência, que ela fora bem criada.

Outra coisa curiosa era o fato de não falar muito sobre sua vida pessoal. Pelo que sabia ela não tinha irmãos, o pai havia falecido e não se dava muito bem com a mãe. Mia Banks era tão misteriosa quanto adorável e mesmo assim eu sentia muito apreço por ela.

Saí do banheiro e fui direto para o salão principal. Os músicos já estavam no palco e tocavam um Jazz chato, bem típico daquele tipo de evento. Circulei por entre as mesas, até me deparar com um rosto conhecido.

— Você está uma delícia, Christina — Will elogiou e fiquei azul de vergonha, já que o nosso chefe estava bem ao lado dele, ambos lindos de smoking, tomando uísque.

— Sempre tão delicado, Will — tentei disfarçar, cumprimentando os dois com um beijo no rosto.

— A Mia não vem? — Will questionou, mas quem parecia ansioso pela resposta era Rico, já que imediatamente virou o rosto para mim.

— Não sei. Eu achei que sim, mas ela esteve incomunicável o dia todo — admiti. Ao perceber que ele ficou intrigado, resolvi virar o jogo. Se Rico não estava facilitando com a Mia, não facilitaria com ele. — Deve ser por causa do cara que ela conheceu outro dia.

Daquela vez os olhos de Rico quase saltaram do rosto.

— Não me diga que ela está namorando? — Will perguntou e percebi a expressão de desgosto do meu chefe. — É o cara com quem ela foi jantar aquele dia?

— Ah, não. Mia até estava bem empolgada com ele, mas parece que o cara ficou com ela uns dias e depois sumiu sem falar nada. Até disse que a mudança de humor não era problema, o problema

era o cara ir e vir quando quisesse como se ela fosse idiota, ou algo parecido com isso. Não entendi nada.

Mas ele entendeu, porque ficou muito tenso, achei até que chegou a empalidecer.

— Mas então quem é? — perguntou Will, completamente alheio ao que se passava com o amigo.

— Eu não sei o nome, só sei que é cheio da grana.

Rico fez uma expressão carrancuda, não esperava que minha amiga fosse tão rápida. Pena que era tudo mentira, mas ele não precisava saber.

— Vamos para nossa mesa? — convidei e começamos a seguir por entre as pessoas. Quando estávamos próximos à pista de dança, avistei Mia entrando no salão pelas portas principais. Parei de repente, fazendo Will trombar em mim.

— Chris, sua maluca, eu quase a derrubei — Will falou, arrumando seu terno.

Olhei para trás e Rico já a tinha visto. Estava vidrado em cada passo que ela dava.

Mia tinha elevado a definição da palavra deslumbrante a outro patamar. Os cabelos castanhos com pontas iluminadas desciam como uma cascata de um lado da cabeça e terminavam logo abaixo do seio direito. A maquiagem apenas realçou as feições perfeitas de seu rosto.

O vestido que usava era de um vermelho vivo, com um decote delicado. O modelo era divino e marcava bem a cintura e os quadris, deixando suas curvas em evidência nos lugares certos. Era colado do decote até a altura das coxas e depois abria como uma cauda de sereia.

Conforme ela se movia, suas joias brilhavam e todos os convidados viravam o rosto para analisá-la melhor.

— Ela veio! Vou encontrá-la — falei e tomei a frente.

Rico e Will ficaram parados no mesmo lugar, feito dois idiotas, babando por ela. Se Will não fosse apenas um passatempo, eu ficaria enciumada.

— Oh, meu Deus, Mia — exclamei assim que cheguei perto e pude vê-la em mais detalhes.

— Chris, que bom que te encontrei. Você está linda! — elogiou e eu a abracei.

— Linda, eu? Cala a boca, olhe para você.

Ela sorriu e balançou a cabeça.

— Venha, vamos para a nossa mesa, preciso te contar da reação de Rico ao te ver.

— Ele me viu?

— Viu, sim, e deve estar olhando para nós agora, então sorria.

E foi o que ela fez. Olhou pra mim e abriu um sorriso de princesa.

— Ah, eu menti que você está conhecendo um ricaço aqui da cidade, então, se ele comentar qualquer coisa, não desminta.

Ela arregalou os olhos e então nós duas gargalhamos.



| 17 - MIA BANKS

O nervosismo que eu sentia era tão grande que, segundos antes de entrar no evento, tive a impressão de que poderia desmaiar a qualquer momento. Mas não gastei milhares de dólares em um vestido para desistir em cima da hora. Eu estava ali, prestes a me encontrar cara a cara com ele, e não tinha certeza do que estava sentindo.

Segui Christina até a nossa mesa e, antes que pudesse me sentar, Will tocou meu braço.

— Mia, você não sabe brincar, hein? Está linda — disse, galanteador, e beijou a minha mão.

— Obrigada, Will — agradei e baixei o olhar. Will me deixava sem graça.

Virei o rosto para o lado e encontrei os olhos de Rico em mim. Ele estava a alguns metros de nós, perto do bar, com um copo de uísque na mão, me encarando com seriedade. Sustentei seu olhar até uma morena parar ao lado dele e estourar a nossa bolha. Ela usava um vestido azul Tiffany e segurava uma bolsa que brilhava mais que uma pista de dança. Quando se virou, pude analisar os traços de seu rosto. Ela tinha um nariz bonito e lábios volumosos, mas não pareciam naturais e sim resultado de algum preenchimento labial. Acho que ela estava reclamando de alguma coisa, porque a fisionomia de Rico demonstrava impaciência.

— Já volto, meninas — Will disse e saiu por entre os convidados. Ele era aquele tipo de lobo mau que não podia ver uma presa fácil que já corria para ficar à espreita. Não sabia como Christina tinha estômago para aquilo. Acho que o lance deles era só sexo mesmo.

— Posso me juntar a vocês? — a voz de Rico soou atrás de mim alguns minutos depois.

Virei-me e encontrei um olhar enigmático e perturbador.

— Claro — Christina disse e me virei para frente.

Will também voltou para a mesa e estava me dando um sorrisinho debochado, como se já soubesse do mal-estar que rolava entre mim e Rico.

Para a minha infelicidade, ele se sentou exatamente ao meu lado. Chris e Will começaram a fazer *selfies* e Rico aproveitou a distração deles para aproximar a boca do meu pescoço.

— Não consigo explicar o quanto você está linda essa noite.

“Respira, Mia!”

Foi o que fiz, para ver se adquiria um pouco mais de paciência, porque eu não estava

acreditando nele.

O cara apareceu na minha casa nos beijamos até perder o ar , depois me deu gelo; então pediu outra chance para me conhecer melhor, ainda deu o fora na quase namorada, deixando-me com mais expectativas; aí logo depois sumiu e, quando voltou, estava com seu ex-grande-amor a tiracolo e naquele instante achava que me elogiando ficaria tudo bem?

— Esse vestido ficou espetacular — continuou e eu passei a língua pelos lábios antes de responder:

— O homem que me presenteou com esse vestido também achou que ficou espetacular, pena que não pôde me acompanhar.

Seu corpo enrijeceu e ele se afastou, como se tivesse levado um choque.

— É por isso que vem recusando as minhas ligações? Quem é ele? Fale o nome ou sobrenome, qualquer coisa.

Fiquei encarando o lindo rosto de Rico Salvatore, que revelava um semblante contrariado e, diria até, preocupado. Devia estar imaginando quanto tempo iria demorar para que eu me entregasse a um cara tão rico quanto ele.

— Não gosto de relevar detalhes sobre a minha vida pessoal, mas posso te dizer que é alguém da minha faixa etária.

Sua boca se abriu e as sobrancelhas subiram.

— Está insinuando que sou velho para você?

Peguei minha taça de champanhe e bebi bem devagar.

— Acredito que deve ser uns dez ou doze anos mais velho do que eu e isso pode fazer alguma diferença em seu desempenho sexual — inclinei-me até estar com a boca próxima ao seu ouvido e completei com uma voz sussurrada: — E quando eu começar, não vou mais parar, então quero alguém com bastante disposição.

Acho que escutei o maxilar dele estalar — e era exatamente esse tipo de reação que eu queria.

Quando o olhei, Rico me encarava com ar de surpresa, jamais imaginou que eu pudesse ser tão ousada.

— O que aconteceu com você nesses dias em que estive fora?

Soltei uma risada desprovida de humor e desviei o olhar.

— Acordei para vida, só isso.

Rico ficou me olhando, provavelmente tentando descobrir por que diabos eu andava tão debochada.

— Acho que o leilão vai começar — Chris falou, animada.

— Leilão? De quê, mesmo? — questionei, pois estava tão angustiada que sequer me preocupei em me informar sobre o assunto.

Olhei para o lado e notei que Will e Rico haviam se levantado.

— Acorda, Mia. Esse evento é famoso por leiloar os homens mais bonitos e bem-sucedidos da cidade.

Meus olhos se arregalaram.

— Só falta me dizer que Rico e Will vão participar!

— Vão, sim, eles participam todos os anos. No último evento Rico foi arrematado por quinze mil dólares, por uma senhora de quase setenta anos — disse, gargalhando, e fui obrigada a rir.

— Está falando sério?

— Juro, Mia, e ela ainda teve direito a jantar com ele em uma noite da escolha dela. Evidentemente é tudo uma grande brincadeira, geralmente são as coroas ricas de Nova York que conseguem dar os melhores lances.

Eu estava chocada com as informações da minha amiga e algumas ideias começaram a brotar na minha cabeça.

Acompanhei toda a movimentação da festa. Belos homens de smoking se dirigiram ao palco, inclusive Rico e Will, enquanto uma moça com um vestido preto, extremamente colado, colocava um número em cada um deles.

— Estou sem palavras, Chris.

— Eu sei.

Um senhor, que imaginei ser o leiloeiro, se posicionou em frente ao palco. Era completamente calvo, mas de uma simpatia notável.

— Boa noite, senhoras e senhores. — Todos responderam em coro. — Vamos dar início ao 5º Leilão Beneficente em Prol das Crianças Carentes do Brooklyn.

Durante os dez minutos seguintes ele agradeceu a todos os patrocinadores e parceiros. Explicou que todos os homens que estavam participando eram empresários bem-sucedidos.

Achei memorável que homens tão ricos se colocassem em uma posição que geralmente era ocupada pelas mulheres, tudo em prol de uma boa causa.

Por fim, o leiloeiro deu início ao leilão com um rapaz muito bonito.

— O Sr. Jake Keegan tem 35 anos, é um renomado empresário de New Jersey e está esperando ansiosamente pelo primeiro lance. Vamos começar com quinhentos dólares. Quem dá mais?

O tal Jake era loiro, alto e exibia um sorriso confiante no rosto. Com certeza receberia um bom lance.

Uma senhora sentada ao fundo ergueu a mão e uma luz foi direcionada a ela.

— Cinco mil dólares — ela deu o lance e todos ficaram impressionados. Ninguém cobriu a oferta e, no final da contagem, Jake foi arrematado.

O leilão prosseguiu e eu estava ansiosa para que chegasse a vez do nosso chefe. Ele foi o quinto a ser chamado e pude ouvir suspiros quando se posicionou no centro do palco.

— Rico Salvatore tem 33 anos e é um empresário de Nova York. Ele está atualmente solteiro, então, façam os seus lances, senhoras.

Ele mal tinha terminado de falar e um burburinho se espalhou pelo salão. Não estranhei, pois todos achavam que ele e Soraya estavam juntos, pelo menos era o que diziam os jornais e revistas de fofoca.

— Vamos iniciar o lance com quinhentos dólares — o leiloeiro anunciou e mais que depressa uma loira que estava na mesa ao lado da nossa levantou a mão. Ela usava um vestido preto e brilhante e tinha uma enorme gargantilha Cartier no pescoço.

— Dez mil dólares — deu o lance e a festa inteira olhou em sua direção.

— Mas esse é um belo lance. Alguém dá mais?

— Quinze mil — disse a morena que estivera conversando com Rico no início da festa.

— Mais alguém? — silêncio. — Alguém dá mais por esse belo homem?

— Vinte mil dólares — uma moça no canto oposto ao que estávamos gritou e todos a olharam.

Rico, por sua vez, parecia satisfeito em estar sendo disputado por lances tão altos.

“Dê um lance.”

A sorrateira voz surgiu na minha cabeça.

— Dou-lhe uma.

Mais uma vez silêncio absoluto. Pelo visto a ruiva do fundo iria arrematar o Sr. Salvatore. Peguei meu celular na bolsa, coloquei na câmera frontal e analisei a minha aparência.

“Dê um lance, será divertido.”

— Dou-lhe duas.

Guardei o celular na bolsa e encarei Rico, que olhava diretamente para mim.

— Dou-lhe...

“Dê um maldito lance!”

— Cinquenta mil dólares — eu disse, levantando a mão, e um coro de ‘oh’ se espalhou pelo ambiente.

Rico me encarava com uma expressão espantada, enquanto Christina estava prestes a ter um infarto.

— Mia, você enlouqueceu? — ela sussurrou enquanto eu sorria como uma diva e esperava para ver se alguém cobriria o meu lance.

— Alguém dá mais? — silêncio. — Dou-lhe uma — mais silêncio —, dou-lhe duas —, eu já podia sentir o gosto da vitória e o olhar de Rico Salvatore em mim —, dou-lhe três! Arrematado pela senhorita...?

Ele tampou o microfone e olhou para uma moça que circulava entre os convidados e o ajudava com os lances. Rico, que estava ao lado dele, se adiantou e sussurrou o meu nome em seu ouvido.

— Ah, sim. Arrematado pela Srta. Mia Banks, por cinquenta mil dólares. As crianças agradecem esse gesto grandioso — agradeceu e eu sorri, acenando com a cabeça.

O leilão prosseguiu, mas Rico desceu do palco e vinha em nossa direção.

— Como alguém que não tem dinheiro para comprar roupas arremata o nosso chefe por cinquenta mil dólares? O que havia nesse champanhe?

Soltei uma gargalhada e recostei na cadeira. Christina estava inconformada.

— Depois eu explico tudo, Chris.

Ela estreitou os olhos, sem entender o que estava acontecendo, mas não pôde mais me interrogar, já que nossa conversa foi interrompida quando Rico parou ao meu lado.

— Precisamos conversar — declarou.

Eu já esperava por aquilo, então me levantei, sob muitos olhares, e caminhei ao lado dele para a área externa.

— Mia, eu sei que pago muito bem aos meus funcionários, mas me arrematar por cinquenta mil dólares não faz sentido.

— Certamente que não e eu não tenho esse dinheiro.

Os olhos dele ficaram levemente maiores.

— Como assim, não tem? Você não pode fazer isso! Alguém tem que pagar pelo lance.

— Sim — passei a língua pelos lábios e olhei para os lados, certificando-me de que não havia ninguém por perto —, você vai pagar.

Ele soltou uma risada incrédula.

— E por que eu faria isso?

— Por mim, Rico.

— Por você?

Balancei a cabeça e espalmei as mãos em seu peito.

— Vou considerar um mimo por toda a raiva e frustração que já me fez passar, sem contar que as criancinhas serão beneficiadas.

Ele cobriu minhas mãos com as suas antes de falar, com a voz mais branda:

— Eu te dei tanta dor de cabeça assim?

— Soraya esteve em meu apartamento para tirar satisfação. Sem contar que você sumiu por dias e eu sequer fiquei sabendo que ia viajar, mostrando que não sabe o que quer da vida. Acho justo que pague o lance.

Ele ficou me encarando e digerindo cada palavra.

— Todos os meses faço doações generosas para várias instituições. Eu acredito muito em filantropia. Pagar o lance não é o problema, farei com o maior prazer.

— Porém? — questionei quando percebi que as coisas estavam fáceis demais.

— Você terá que passar uma noite inteirinha comigo.

Engoli em seco. Todo o meu plano estava saindo dos eixos, não foi assim que imaginei a conversa. Droga!

— Não vou vender minha virgindade a você, muito menos por cinquenta mil dólares — minha voz saiu ríspida e ofendida. Tentei me afastar, mas ele não deixou.

— Em algum momento eu falei sobre sexo? É só uma noite e pronto! As criancinhas ficarão felizes e nós também.

Quase revirei os olhos em contrariedade.

— Pare de relutar, Mia, eu sei que você me quer.

Executar um plano contra Rico Salvatore não era uma tarefa fácil. Ele era bonito e esperto demais. Sabia exatamente o que falar e que tom de voz usar.

— E como seria isso? — perguntei para saber no quê estava me metendo.

Rico deslizou os dedos pelo meu rosto. Eu amava quando ele fazia isso, parecia tão íntimo, tão nosso, mesmo que não fosse.

— Podemos viajar juntos por um final de semana, você decide o roteiro.

— Estou conhecendo uma pessoa, não acho isso certo — menti, ainda não tinha engolido o fato de ele ter aparecido com sua ex na empresa.

— Esqueça esse cara, você não será dele! — sua voz saiu tão irritada quanto convicta.

— Você pode ter uma extensa coleção de belas mulheres, mas esteja certo de que eu não farei parte dela.

— É o que veremos — os braços dele me envolveram com tanta rapidez e habilidade que eu fiquei sem ar.

— Rico, me solte.

Ele continuou me encarando com aquele rosto bonito.

— Eu vou pagar o lance, mas antes quero um beijo e a promessa de que vai pensar sobre

viajar comigo — inclinou o rosto, aproximou a boca da minha orelha e sussurrou: — Sem trabalho e nem malucas atrás de mim. Só eu e você.



| 18 - MIA BANKS

Fiquei tentada com sua proposta, mas poderia estar dando um passo em areia movediça.

— Eu já sei que Crystal Brennan é a ex-namorada sobre quem você falou. Não sei se ainda têm alguma coisa, mas não posso ir adiante sem ter certeza de que quer algo sério. Você pode achar isso careta, mas sou uma garota à moda antiga e quero saber onde estou pisando. Então a resposta é não para as duas coisas, você teve a sua chance comigo e a desperdiçou.

Consegui me soltar dos braços dele e coloquei um pouco de distância entre nós.

— Você está me dando um fora?

Eu o analisei dos pés à cabeça antes de responder:

— Beleza não é tudo, Rico, e no momento é só isso o que você tem a me oferecer — então virei as costas e saí.

Voltei para o salão e, graças a Deus, a pista de dança já estava liberada. Arrastei Christina até lá e dançamos muito. Tentei controlar a bebida para não dar vexame e aproveitei a noite sem me preocupar com Rico.

Mas Rico devia estar por perto, porque quando a organização do evento veio falar comigo sobre o pagamento do lance, ele se aproximou e resolveu tudo. Um perfeito cavalheiro.

Depois disso eu não o vi mais. Também estranhei uma coisa que depois, quando mencionei Rico, foi que me lembrei. Crystal não tinha vindo e, segundo a minha amiga, sua presença era certa. Gostaria de saber o que aconteceu para ela não estar acompanhando Rico, mas não perguntaria a ele.

— Eu já vou indo — avisei a Chris quando senti meus pés protestando.

— Vou ficar mais um pouco — ela disse e nos despedimos.

Will já tinha ido embora e era provável que Rico também, só me restava pegar um táxi para poder chegar a casa. Eu estava cansadíssima, tanto física quanto mentalmente, e queria descansar o restante do final de semana sem ter que lidar com mais nenhum drama.



Subi os lances de escada do meu edifício e só não tirei os meus sapatos porque estava muito frio para andar descalça na rua. Entrei em meu apartamento e notei que havia pisado em algo. Abaixei-me para pegar e vi que era um envelope preto. Até achei que fosse coisa do Sr. Abel, talvez uma cobrança de aluguel antecipada, mas descartei completamente essa possibilidade ao abrir o envelope.

Dentro havia um bilhete que anunciava em letras grandes:

FIQUE LONGE DE RICO SALVATORE

Eu ainda estava tentando entender se aquilo era um aviso ou uma ameaça quando me dei conta da gravidade da situação, o que me deixou um pouco tonta. Uma mulher apaixonada poderia ser capaz de fazer qualquer loucura.

Voltei a olhar o envelope, mas, claro, não havia remetente e o aviso/ameaça fora impresso direto no papel. Como o edifício não tinha porteiro, seria quase impossível saber quem deixou o envelope ali.

Mas se pudesse apostar em alguém, seria em Soraya ou em Crystal, se estivesse ciente do nosso envolvimento. Contudo, foi ela quem terminou com ele e já o viu com diversas namoradas, então, não tinha por que fazer isso justamente comigo.

Tranquei a porta e deixei o envelope em cima da mesa. Tirei o vestido e aquela tonelada de maquiagem o mais rápido que pude. Tudo o que eu queria era dormir, esquecer que gastei milhares de dólares em um vestido por nada. Crystal não apareceu e minha situação com o Rico continuava a mesma.

* * *

Acordei com uma leve ressaca e agradei mentalmente por ser domingo.

Fiz um café forte e comi uma torrada. Durante a minha breve refeição, meus olhos fitaram o bilhete em cima da mesa.

Fique longe de Rico Salvatore.

Peguei o papel e caminhei até as janelas da sala. O dia estava cinzento e frio. Foi impossível não pensar em como seria meu natal e as festas de final de ano. Desde que Richard Banks morreu, minha vida virou de ponta cabeça, eu me sentia perdida e deslocada.

Tomei o último gole da minha xícara de café e depois a deixei na pia. Meu celular tocou e

por um minuto meu coração se agitou pensando que era ele, até eu ver quem era.

— Oi, mãe.

— Bom dia, querida. Vi que voltou a usar o seu cartão.

Não me lembrei de que ela seria notificada caso o usasse.

— Sim, eu precisei.

— Fez muito bem, querida. Queria saber se podemos nos ver.

Fechei os olhos e meu estômago revirou — estava adiando aquela conversa há tanto tempo.

— Acho que ainda não estou preparada.

Um leve ressoar e uma respiração desanimada foram a prévia da minha resposta.

— Eu entendo, querida, mas não deixe de me avisar quando estiver pronta.

— OK — odiava ser tão seca, mas ainda era difícil acreditar em todas as coisas que aconteceram na minha família.

— Até breve, filha.

— Tchau, mãe.

Aproveitei que não estava nevando e decidi sair pra correr, seria bom liberar um pouco de endorfina e clarear os pensamentos.



A Salvatore estava agitada quando cheguei na segunda de manhã, o que combinava bem com meu estado de espírito. Ficar sem notícias de Rico me causou um misto de sentimentos. No entanto, eu estava firme na minha decisão de não ceder aos seus encantos.

— E aí, já vendeu um rim no mercado negro para pagar o lance do leilão? — Chris zombou assim que passou por mim.

— Será que eles pagam tudo isso? Posso vender mais órgãos.

Ela soltou uma gargalhada daquelas e se ajeitou na cadeira.

— Será que nosso chefe vem hoje ou vai viajar de novo? — ela perguntou.

— Sei lá, quero distância desse homem.

— Sei bem a distância que você está querendo.

Antes que eu pudesse dar uma resposta, Rico surgiu e eu senti aquele costumeiro frio na barriga.

— Bom dia — disse com um ar sereno no rosto. Pelo visto, seu domingo tinha sido melhor que o meu.

Enquanto ele falava com Chris, levantei-me para ir ao banheiro, mas parei quando as portas do elevador se abriram, dando pulinhos por dentro pelo *timing* perfeito.

— Entrega para a Srta. Banks — anunciou um rapaz que segurava um enorme buquê de rosas colombianas.

Rico se virou quando ouviu o entregador e encarou as flores, soltando raios silenciosos pelos belos olhos azuis.

— Eu sou Mia Banks. São para mim? — falei com ar emocionado e levei as mãos à boca.

Tragam-me o Oscar, por favor!

— São para a senhorita, sim — o rapaz confirmou e estendeu o buquê.

Peguei as flores e assinei o recibo de entrega.

— Ah, meu Deus, Mia, sua sortuda, são lindas! — Chris elogiou.

— São mesmo, vou pôr na água — respondi, radiante.

Não ousei olhar para o meu chefe, mas tinha certeza de que ele estava de olho em todos os meus movimentos. Virei-me e fui até a copa, achei um vaso em um dos armários e coloquei minhas belas rosas na água.

— Nossa, Mia, acho que ele não gostou muito de te ver recebendo flores. Quem as enviou? — Chris sussurrou na porta da copa, enquanto eu gargalhava internamente.

— Eu mesma. Virei adepta do ditado que diz “no amor e na guerra vale tudo”.

Minha amiga ficou vermelha de tanto rir.

Levei minhas flores para a recepção e tive vontade de gargalhar a cada vez que Rico passava por elas. Acho que se Christina não estivesse por perto, ele seria capaz de jogar o buquê no chão e pisotear as minhas rosas.

No final do dia estava com meus sentimentos um pouco mais em ordem. Ver Rico perdendo a compostura em frente ao entregador de flores me deixou mais confiante. Fui para casa toda orgulhosa, desfilando minhas rosas pelas ruas de Nova York.



| 19 - MIA BANKS

Acordei no dia seguinte sentindo um mal-estar horrível. Minha cabeça doía e meu corpo estava febril. Será que era castigo?

Mesmo sentindo que talvez não fosse uma boa ideia, me arrumei e fui para o trabalho, mas somente quando sentei na minha cadeira, na recepção da presidência, foi que percebi o quanto estava doente.

Eu me debrucei sobre a mesa e descansei a cabeça nos meus braços. Fazia tempo que eu não me sentia tão mal.

— Pelo jeito a noite foi boa — a voz de Christina penetrou em meus ouvidos e me esforcei para erguer a cabeça.

— Quem dera, acho que tem uma gripe batendo à minha porta — me recompus do jeito que pude e voltei a trabalhar.

Rico passou por nós perto das nove da manhã e nem me dirigiu o olhar. Ótimo!

Na parte da tarde, Chris teve que fazer trabalho externo e me deixou sozinha na recepção. Graças a Deus estava tudo tranquilo, já que o mal-estar dificultava meu raciocínio. No final do dia, o telefone tocou e nem precisei olhar para saber que era ele.

— Sim, Sr. Salvatore.

— Venha até a minha sala.

Olhei no relógio e já estava quase na hora de ir embora. Ainda assim, fui até sua sala, sentindo meu corpo trêmulo.

— Sim.

— Preciso que fique até mais tarde — falou de onde estava, de frente para as janelas, mexendo no celular.

Puxei o ar com força e contei até cinco antes de responder educadamente:

— Desculpe, mas não será possível — eu não tinha condições de trabalhar.

Rico se virou e me encarou pela primeira vez. Em seguida franziu o cenho, provavelmente percebendo o quanto eu estava mal.

— O que houve com você?

— Não sei. Gripe, talvez. Dói tudo — apoiiei-me na poltrona para me sentar.

— Desde quando está assim? — ele se abaixou ao meu lado.

— Desde a hora em que acordei.

Sua expressão mudou.

— Não deveria ter vindo nesse estado.

— Não posso me dar o luxo de faltar — falei exatamente o que qualquer chefe gostaria de ouvir.

A mão dele tocou a minha testa para sentir a temperatura.

— Está com febre. Eu jamais demitiria alguém por esse motivo.

— Sua fama não é muito boa por aí — brinquei, sentindo todo o meu corpo doer.

— Sou ruim apenas com quem merece.

A resposta foi bem satisfatória.

— Bom, eu preciso ir — levantei-me devagar, sentindo minha cabeça girar.

— Espere, eu a levo em casa.

Não era uma boa ideia ficar sozinha com ele, mas não estava em situação de protestar.

Rico me ajudou a chegar ao estacionamento subterrâneo e seu motorista já estava à nossa espera. Durante o percurso, ele parou em uma farmácia para comprar uma infinidade de remédios. Achei o gesto fofo, ele devia ter sido um ótimo namorado, daquele tipo preocupado e cuidadoso, e mesmo assim aquela vaca não o quis.

— Venha, eu te ajudo a subir — disse, assim que saímos do carro.

— Não precisa, Rico, obrigada pela carona.

— Vou subir com você e só vou embora depois de me certificar que vai ficar bem.

Suspirei, derrotada. Rico subiu até meu apartamento e fui direto para o banheiro. Meu corpo estava dolorido e um banho quente seria a única forma de relaxar. Coloquei um pijama quentinho e fui para cama.

Do meu quarto, eu escutava Rico abrindo e fechando as portas dos armários. Dez minutos depois ele surgiu com uma xícara de chá para gripe e dois tipos de remédios.

— Beba isso e tome os comprimidos, vai acordar melhor.

Concordei e peguei a xícara. Rico havia tirado o paletó e a gravata, ficando apenas de camisa branca e calça social.

Bebi metade da xícara, tomei os remédios, descansei a cabeça no travesseiro e fechei os olhos. De repente, o colchão afundou ao meu lado e a mão dele tocou a minha.

— Está com as mãos geladas.

Abri os olhos e dei de cara com as lindas e preocupadas esferas azuis.

— Sou gelada naturalmente, imagina nesse frio.

Minha cabeça estava quente, mas meu corpo se arrepiava de frio.

— O que está fazendo? — perguntei, mas ele não respondeu, apenas se livrou dos sapatos, ergueu o edredom e se juntou a mim. Depois, puxou meu corpo para junto do dele e eu quase suspirei de felicidade.

— Vou te ajudar a se aquecer.

— Obrigada — encostei a cabeça em seu peito e senti o delicioso perfume de sua pele. O mundo poderia acabar naquele exato momento que eu não iria me importar.

Ficamos abraçados em silêncio, apenas escutando o barulho de nossas respirações. Queria falar tantas coisas, mas não tinha forças para começar uma discussão.

— Por onde anda o cara com quem está saindo?

Ele tinha mesmo que perguntar sobre o meu pretendente imaginário.

— Na Espanha, a família dele é de lá — menti.

— Tem certeza de que está disposta a ir adiante com ele?

Entendi exatamente o que ele quis dizer. Rico queria saber se eu iria me entregar ao tal cara que estava conhecendo.

— Ainda não sei, não estou namorando ninguém, apenas conhecendo — tentei aliviar para o meu lado.

— E quanto a nós?

Meu coração deu uma cambalhota no peito e tive uma leve vertigem.

— Nós?

— Sim, Mia. Olha, eu não viajei para fugir de você, embora pense isso. Um amigo meu teve problemas com o governo do Canadá em relação a alguns negócios. Como já tive que resolver as mais diversas situações com eles, Gael me pediu ajuda e por isso tive que sair correndo para tentar ajudá-lo, não foi nada premeditado. Eu te liguei todos os dias, mas você não me atendeu. Por que não me atendeu, Mia?

— Porque foi o que pareceu, sem contar que você voltou de lá acompanhado de sua ex-namorada. Vocês ficaram trancados na sua sala por horas. Além disso, pareceram muito íntimos. Não me diga que é coisa da minha cabeça.

Ele se remexeu para me olhar nos olhos.

— Eu conheço Crystal há muitos anos e já fazia algum tempo que não nos víamos, por isso ficamos conversando por tanto tempo, mas foi só isso. Se houvesse alguma outra coisa, não a teria levado para o escritório. Eu e ela terminamos há muito tempo porque não somos compatíveis.

— Na Filadélfia você a endeusou e agora não são mais compatíveis?

— Na época em que namoramos ela era especial, mas o tempo passou e hoje percebo que nunca daria certo. Agora somos apenas amigos.

Não dava para tirar conclusões sem saber detalhes da história deles.

— Sou apenas uma assistente e não uma bruxa com bola de cristal, não tem como adivinhar tudo isso.

Ele sorriu e me aconchegou junto ao seu peito.

— Justo agora que estou livre você começa a ficar com outra pessoa.

Suas palavras me incomodaram profundamente.

— E quanto a Soraya?

— No fundo eu sabia que não daria certo, ela já voltou com o noivo.

Por aquela eu não esperava.

— Você parece um homem bem difícil de agradar, Sr. Salvatore.

— Você me agrada — falou, simplesmente, e eu senti um friozinho na barriga.

— Você só quer me levar para cama — rebati e seus olhos encontraram os meus.

— É muito mais do que isso, pena que você não confia em mim.

— As coisas foram muito atropeladas entre nós. Estou disposta a confiar em você, mas preciso de alguma garantia de que não vou apenas me frustrar de novo.

Ele segurou o meu queixo e ficou me encarando.

— Escutar dessa boca linda que eu só tenho beleza a oferecer me deixou perturbado.

Sorri ao me lembrar das últimas palavras que disse a ele no evento de sábado.

— O que quer de mim, Rico?

— Que termine tudo com esse cara e seja só minha. Eu lhe darei todas as garantias que quiser.

Ah, meu Deus!

— Rico, eu... — minhas palavras se perderam porque eu não sabia o que dizer. Estava ciente de que, embora ele me desejasse antes, foram as minhas armações e mentiras que fizeram com que tomasse aquela atitude. E eu não tinha certeza se isso era real ou apenas sentimento de posse. — E como seria isso? Eu sou sua funcionária, não vai dar certo.

— Vai dar se soubermos administrar e separar as coisas.

Meu Jesus coroadado, quando ele me ofereceu aquela carona, jamais imaginei que chegaríamos ao ponto de estar negociando um possível relacionamento.

— E então, Mia, o que me diz?



| 20 - MIA BANKS

Eu queria tanto saber o que se passava em sua cabeça. O jeito como ele me olhava me deixava completamente confusa.

— Vou te ajudar a tomar uma decisão — disse, e rolou por cima de mim, prendendo-me embaixo de seu corpo e com a sua boca descendo até a base do meu pescoço.

— Rico, pare — falei, sem muita convicção.

— Shhh — sussurrou e voltou a subir, mordiscando a minha orelha no caminho. O corpo dele estava encaixado entre as minhas pernas e sua ereção era palpável.

Logo, suas mãos subiram por dentro do meu pijama e arfei ao sentir o contato de seus dedos em minha pele. Gemi quando ele mordeu de leve o meu lábio e me apertou contra o seu corpo.

— Se soubesse como eu a desejo... — murmurou em minha boca e a invadiu sem pedir passagem, suas mãos acariciando meu corpo de uma forma deliciosa.

— Ah, Rico — arfei quando o membro dele se encaixou perfeitamente entre as minhas pernas e a mão direita subiu pela minha barriga, encontrando um de meus seios. Eu estava sem sutiã e fui ao céu quando ele o massageou.

— É tão macio. Só de sentir já sei que são lindos e cabem perfeitamente em minha boca — falou num sussurro rouco.

Continuei em estado de transe, sentindo meu sexo pulsando, enquanto as mãos dele continuavam me explorando.

— Não — implorei quando ergueu a blusa do meu pijama e aproximou a boca do meu seio.

— Deixe me tocá-la.

Fechei os olhos. Meu corpo estava prestes a entrar em ebulição, mas ao mesmo tempo me sentia sem forças, devido à gripe, e negar qualquer coisa àquele homem me deixava ainda mais cansada.

— Sim.

Segundos depois, senti sua língua circulando o bico e a boca sugando meu seio.

Rico continuou sugando e se esfregando em mim. Nossa, aquilo era bom demais. Depois de um bom tempo, ele abandonou meu seio e voltou a me beijar. Sua ereção estava enorme e eu não

sabia se conseguiria me controlar. Rico Salvatore sabia exatamente em quais botões apertar para me deixar ainda mais louca por ele.

Ficamos nos beijando enlouquecidamente, mas não demorou para os remédios fazerem efeito. Lembro-me vagamente de estar encostada no peito de Rico, que finalmente se aquietou e ficou vendo o noticiário, enquanto acariciava meus cabelos. Adormeci com aquela carícia sutil, sentindo o perfume gostoso de sua camisa.



Acordei sozinha e me lembrando da noite passada com um misto de fantasia e realidade. Ele esteve mesmo comigo ou foi um sonho?

Um bilhete numa letra apressada e masculina foi a minha resposta.

Tive que ir embora. Tome os remédios e não precisa ir trabalhar hoje. Mais tarde eu ligo.

R. Salvatore

Ele poderia ter enviado uma mensagem, mas achei o lance do bilhete fofo e com certeza iria guardá-lo.

Os remédios estavam em cima do criado-mudo, ao lado da minha cama. Tomei a dose correta e, apesar de o meu corpo implorar para que eu voltasse a me deitar, decidi que precisava de um banho.

Enquanto a água escorria, as lembranças da noite anterior pipocavam em minha mente. Eu ainda podia sentir a boca dele me devorando e suas mãos passando pelo meu corpo, massageando os meus seios e me levando à loucura.

Mesmo me sentindo tão excitada, não podia ser burra a ponto de entregar o ouro para o bandido tão facilmente.

Rico era tão lindo quanto enigmático, ele queria muito de mim, mas não entregava nada. Seria muito fácil me seduzir e depois me descartar como fez inúmeras vezes no passado. E se mesmo sabendo disso, se eu o deixasse fazer o mesmo comigo, a culpa seria toda minha. Não, quando acontecesse, teria que ser nos meus termos. Somente assim eu não me sentiria enganada.

Passei o resto do dia de molho e, quando Rico ligou, já me sentia muito melhor. Foi uma ligação breve e automática. Ele parecia mais o meu médico, ou meu patrão.



Acordei muito melhor no dia seguinte e decidi voltar ao trabalho. Estava ansiosa para conversar com Christina, mas quando cheguei ela não estava.

Então fiz meu ritual matinal: preparei o café do meu lindo chefe e averigui se estava tudo certo em sua sala.

Através das janelas panorâmicas do escritório, fiquei observando uma fina camada de neve que caía sobre a cidade. Nova York ficava incrível naquela época do ano.

Estava tão distraída que não o vi entrando e me abraçando por trás.

— Rico! Você quase me matou de susto.

— Estava pensando em mim?

Revirei os olhos e tentei me afastar.

— Não, senhor, só admirando a neve.

Ele me virou de frente e fez um biquinho triste.

— Está melhor?

— Estou, sim, obrigada por cuidar de mim.

— Acredite, o prazer foi meu — disse, de bom humor, me olhando intensamente.

Os olhos dele ficavam incrivelmente límpidos na claridade da manhã e eu me perdi naquela imensidão.

— Preciso voltar para a recepção — fui me soltando e daquela vez ele deixou.

— Quero sair com você na sexta.

Meu coração quase parou quando escutei isso.

— Sair comigo?

Ele assentiu.

— Sim, sair, jantar, conversar. Coisas que casais normais fazem.

Ah, meu Deus! Eu queria pular e gritar feito uma louca histérica. Mas me contive.

— Certo.

— Certo quer dizer sim? — Sim, sim — falei e abri um leve sorriso. Depois saí da sala e fui ao banheiro dar pulinhos de felicidade.



Eu estava tentando me conter, mas era como se tivessem soltado rojões dentro de mim sempre que imaginava como seria um encontro de verdade com Rico.

Christina chegou e tive que me segurar para não contar a ela, mas passei o dia todo radiante, já que não conseguia disfarçar o quanto estava feliz.

— Que remédios você andou tomando para estar nessa felicidade toda? — perguntou assim que finalizei uma ligação. Segundo ela, eu estava supersimpática ao telefone.

— Faltei essa semana, preciso recompensar o tempo perdido.

Ela ficou pensativa por alguns segundos, depois saiu de sua mesa e veio até mim.

— Não sei como te falar isso, Mia.

— Falar o quê?

— A fofoca do momento pelos corredores da empresa é que você está saindo com o chefe. Ainda estão levantando suposições sobre como conseguiu o dinheiro para o lance do leilão.

Meu queixo caiu e pisquei algumas vezes.

— Diz que isso é mentira?

— Não, Mia. As mulheres de todos os andares estão divididas entre te amar, odiar e invejar.

Soltei uma risada nervosa.

— Bem que senti uns olhares diferentes na segunda-feira.

— Agora já sabe o motivo. Parece que quem começou tudo foi Leah Adams, do comercial. Segundo minha fonte, ela vem inventando coisas e espalhando pela empresa. Se eu fosse você, ficava de olho.

Depois do incidente no evento da Salvatore e do encontro no elevador, não me lembrava de ter visto a tal Leah por aí, mas pelo jeito ela andava de olho em todos os meus passos.

— Além do lance do leilão, ainda rola boatos de que ele te deu carona antes de ontem. É verdade?

Aquele povo não deixava passar nada.

— Deu, mas foi porque eu estava muito mal da gripe, você viu. Não teve nada de mais — menti mais uma vez. Não me senti à vontade para falar abertamente com Christina sobre o que aconteceu, depois desses comentários.

— Acredito em você, sei que não é do tipo desfrutável ou já sabemos o que teria acontecido. Mas tome cuidado, nessa empresa as paredes têm olhos e ouvidos.

Depois daquela revelação, fiquei pensativa. Não queria levar fama na empresa de estar indo

para a cama do chefe para poder me dar bem. Não era essa a verdade.

Quase no final do expediente, pouco antes de Chris ir embora, Will chegou para uma reunião com Rico, pois precisavam discutir detalhes de uma nova aquisição do grupo. Como sempre, ele estava cheio de galanteios e só parou com as gracinhas quando o amigo apareceu na porta do escritório.

Quando o meu horário de ir embora chegou, desliguei o computador, peguei minha bolsa e liguei no ramal de Rico para informá-lo.

— Sim — ele disse.

— Já estou indo.

— Tudo bem, Mia, mais tarde eu te ligo.

— OK — fiquei um segundo a mais para ver se ele falava alguma coisa, mas não. Quando pensei em afastar o telefone do ouvido, ouvi Will falando:

— E aí, como vocês estão, algum progresso? — ele perguntou e cheguei à conclusão de que meu chefe não tinha colocado o telefone no gancho direito.

— Vamos sair na sexta.

— Então eu estava certo, ela está mesmo afim de você.

Mal podia acreditar que eu era um *assunto* deles.

— Parece que sim.

— E depois que você não estiver mais ficando com ela?

Fiquei pasma com a pergunta, será que eles trocavam figurinhas, quer dizer, mulheres?

— Mia Banks é minha, Will. Então, se ainda quiser continuar...

— OK, OK, já entendi, amigo. Não vou falar mais nada.

Então, ele não queria me dividir com ninguém. Aquilo era uma boa notícia, mas não significava que eu deveria baixar a guarda, pelo contrário. Rico Salvatore podia ser lindo e esperto como o diabo, mas minha intenção era fazê-lo ficar de joelhos por mim.

Coloquei o telefone no gancho e saí de fininho.



| 21 - MIA BANKS

As primeiras horas de euforia pelo convite para jantar com Rico haviam passado e restaram apenas as dúvidas de sempre.

Entretanto, eu sabia que qualquer relacionamento começava com algum tipo de encontro, então eu teria que pagar para ver.

Durante os dias que antecederam o nosso jantar, Rico me tratou de forma profissional e só fazia alguma gracinha quando Christina estava ausente. Não tentou me beijar e não apareceu no meu apartamento, era como se quisesse me privar de qualquer coisa até eu decidir ficar somente com ele. Precisei ser forte para não perder a linha a cada vez que ficávamos sozinhos em sua sala, era difícil admitir que estava mais envolvida do que devia.

— Nosso chefinho me pediu para fazer reservas em um restaurante superexclusivo. Quem será a próxima vítima? — Christina comentou e fiquei apreensiva.

— Reservas para qual dia exatamente?

— Sexta, ou seja, amanhã. Estou em cólicas para descobrir com quem ele vai.

Eu odiava omitir coisas de Christina, mas uma mentira a mais não faria diferença dentre tantas que já contei.

— Preciso ir ao Recursos Humanos — disse para mudar de assunto, pois não poderia dar corda sem acabar falando a verdade.

Ela assentiu e fui ao 5º andar levar uns documentos que estavam pendentes.

Para minha surpresa, encontrei Leah Adams na recepção e mais uma vez fiquei incomodada com a forma como ela me olhou.

A secretária do setor me cumprimentou brevemente e depois voltou sua atenção para ela.

— Pronto, já foi tudo encaminhado. Agora é só aguardar a autorização para a transferência da funcionária. Se precisar de qualquer coisa, pode me ligar, Srta. Adams.

As duas se despediram e finalmente chegou a minha vez. Enquanto eu entregava os papéis à secretária, podia sentir os olhos da garota me analisando minuciosamente, mesmo estando de costas. Leah Adams devia ser mais uma integrante do fã-club de Rico Salvatore e me odiava por saber que eu passava tanto tempo perto dele.



O dia do nosso encontro finalmente chegou. Eu estava tensa e ansiosa, imaginando conversas e situações imaginárias na minha cabeça.

Pensava em uma resposta interessante para cada momento inusitado, mesmo sabendo que, quando estivesse com ele, seria difícil seguir qualquer cronograma.

Saí da Salvatore exatamente às dezoito horas e ainda me lembro do friozinho que senti na barriga quando Rico ligou no meu ramal e disse, com sua voz sexy e inconfundível:

— Pego você às nove horas, Mia.

Aquilo pareceu mais uma promessa. Bem no fundo, eu ansiava por ser pega de jeito, sim!

“Sossega esse facho, Mia!”

Coloquei um dos meus vestidos novos. Ele era preto com mangas compridas e tinha um decote provocante na medida certa. Não dava para vestir nada mais ousado, já que fazia um frio congelante em Nova York. Para finalizar, coloquei meia e cinta-liga, a fim de aquecer um pouco as minhas pernas.

Quando terminei de me maquiar o celular vibrou. Era uma mensagem dele informando que chegaria em cinco minutos.

Peguei meu sobretudo, a bolsa, passei um perfume e já fui deixando o apartamento. Desci os degraus da escada com cuidado e fiquei esperando do lado de dentro do prédio.

— Mia, você está belíssima.

Olhei para o lado e o Sr. Abel estava colocando alguns papéis no quadro de informações que ficava no hall de entrada.

— Ah, obrigada — agradei o elogio e ele continuou com suas tarefas. — Sr. Abel, a correspondência de cada apartamento é sempre deixada aqui embaixo ou as pessoas têm autorização para subir?

Ele me encarou por cima de seus óculos e parou o que estava fazendo.

— Geralmente ficam aqui embaixo — esperou que eu lhe dissesse o porquê daquela pergunta, mas eu não disse nada e ele continuou: — Já comprei um sistema onde só se poderá entrar no prédio se digitar uma senha. Já tivemos uma vez, mas estragou e não tive como reativar antes. Deve ser instalado nos próximos dias.

Fiquei feliz em saber que teríamos senhas para entrar no edifício, pelo menos não receberia mais aquele tipo de ameaça por carta. Embora não estivesse pensando muito no assunto, seria difícil esquecer que alguém me queria longe de Rico.

— Será um ótimo investimento — elogiei e então avistei o Bentley de Rico estacionado rente ao meio-fio. — Já vou indo, tenha uma boa noite — saí ao mesmo tempo em que Rico abria a porta traseira do carro. Ele havia escolhido um look *total black* com um blazer super estiloso. Estava lindo demais!

— Mia — aproximou-se e me beijou. Assim que nos acomodamos, abri a minha bolsa para pegar o celular; eu só queria me olhar, mas senti seus dedos tirando o aparelho da minha mão.

— Hoje não a divido com ninguém, muito menos com o celular — então colocou-o no bolso de dentro de seu blazer e me lançou um sorriso. — Antes que pergunte, vamos jantar no Luzini.

Eu já havia ido àquele restaurante com meu pai e sabia que uma mesa ali era bem disputada. Uma refeição custava milhares de dólares.

— A crítica sobre o Luzini é muito boa.

— Acredito que vá gostar, eles têm os melhores vinhos.

Sorri e me concentrei nas informações que ele me passava a respeito do local onde jantaríamos. Em menos de dez minutos o motorista estacionou em frente ao restaurante. Rico saiu e abriu a porta para mim, depois entrelaçou nossos dedos e me guiou para dentro.

Pegamos o elevador e subimos até o quinto andar. O restaurante tinha uma decoração conservadora, era o tipo de negócio que fora passado de pai para filho. Durante os anos eles se concentraram em refinar o cardápio, mas não deixaram que o estilo clássico do ambiente se perdesse, porque os clientes do Luzini eram famosos por manterem sua fidelidade com o passar dos anos.

— Boa noite, Sr. Salvatore, senhorita, que prazer recebê-los — cumprimentou o gerente, simpático. Ele usava um terno elegante e um cabelo bem penteado; seus olhos eram alegres e o sorriso, amigável.

— Boa noite, Gerard — Rico retornou a saudação e eu fiz o mesmo.

— Por favor, me acompanhem — ele se adiantou e o seguimos.

— Pelo pouco que a conheço, acho que acertei na escolha da mesa — Rico sussurrou em meu ouvido.

— Acertou, sim — devolvi ao perceber que nossa mesa ficava ao lado da janela e tinha uma bela vista de Nova York.

Tirei meu sobretudo e deixei na cadeira ao lado, junto com a minha bolsa. Estava curiosa para saber sobre o que iríamos conversar.

— O vinho de sempre, pediremos a comida mais tarde — Rico disse a Gerard e voltou seu olhar para mim. Exibia uma expressão indecifrável. — Gosto da forma como me olha.

— Ah, é?

— Parece gostar bastante do que vê.

Quase revirei os olhos. Ele era lindo e sabia disso.

— Qualquer mulher com um pouco de juízo te acharia bonito, mas acredito que beleza não é tudo.

Não sabia até que ponto minha resposta estava sendo verdadeira. Pois depois de todos os ensinamentos religiosos que tive durante a vida, o mais certo deles era não dar abertura a homens como Rico Salvatore.

— E o que a atrai em um homem?

Mordi o lábio e ele ficou me encarando com seus olhos azuis provocantes.

— Não tenho muita experiência com homens. Nem sequer tenho um ex-namorado para fazer comparações. Você e o que fizemos em nosso último encontro... — fiz uma pausa e desviei o olhar.

— Mia?

Voltei a encará-lo.

— Você e o que fizemos em nosso último encontro foi o mais longe que já fui com alguém, por isso não posso dizer o que esperar de um homem, mas posso te garantir que sei exatamente o que não quero que ele faça.

Rico me lançou um olhar apreciador, pareceu ter gostado do que ouviu.

— Então aceite a minha proposta. Correrá menos riscos comigo do que se acabar se entregando a qualquer um por aí.

Soltei uma risada desgostosa.

— Quem garante que você não será qualquer um?

Rico fechou a cara.

— Já sou um homem feito, Mia, jamais me envolveria com uma funcionária apenas por diversão.

Nosso assunto foi interrompido pelo garçom, que nos apresentou a garrafa de vinho, nos serviu e depois saiu.

— Não o conheço o bastante para fazer qualquer comparação.

— Se aceitar minha proposta, poderá me conhecer, é só dizer sim.

— E como seria esse nosso relacionamento? — estava curiosa.

Ele bebeu o vinho e ficou me observando.

— Passaremos algum tempo juntos, jantares, viagens. Existe algo a mais entre nós, Mia, e estou disposto a descobrir o que é.

Meu coração deu piruetas no peito por saber que não era a única a sentir aquela atração maluca.

— E seria algo público ou escondido de todos?

Levei a taça aos lábios para disfarçar meu nervosismo.

— Fica a seu critério.

Descansei a taça na mesa e me remexi na cadeira.

— Por que ao meu?

— Porque a parte mais prejudicada poderá ser você. Não me importo de assumir perante os meus funcionários que estamos saindo, não devo satisfação da minha vida a ninguém, mas sei o quanto as pessoas podem ser maldosas e não sei como você irá reagir a possíveis fofocas nos corredores da Salvatore.

Não tinha pensando tão amplamente sob esse aspecto. Meu nome já andava por todos os setores mesmo sem saberem de nada e aquilo havia me incomodado. Imagina o que falaria se assumíssemos um relacionamento?

— Rico, você tem ideia do quanto vai ser complicado? Não conseguirei ir para a cama com você logo de cara. Você disse que esperaria, mas quem garante que não ficará frustrado e acabará saindo com outras mulheres? Isso seria o tipo de coisa que poria fim a qualquer possível relacionamento entre nós.

— Eu pensei em tudo isso antes de propor qualquer acordo. Se não arriscarmos, jamais saberemos se vai dar certo.

Sabia que Rico tinha razão, mas também sabia que ele não era qualquer cara. Se as coisas não dessem certo entre nós, eu teria que sair da Salvatore, o que ainda não estava nos meus planos.

“Pense melhor, responda mais tarde.”

— Posso dar a minha resposta no final da noite?

Ele sorriu e concordou; pelo menos eu teria mais um tempinho para tentar organizar os meus pensamentos e tomar uma decisão mais acertada.

Durante o jantar conversamos sobre tudo, era tão fácil falar com ele quando o assunto não girava em torno de nós.

Quando saímos do restaurante já era quase meia-noite e ainda cedo para nos despedirmos, mas eu acreditava que ele fosse encerrar nosso encontro.

Enquanto esperávamos o motorista trazer o carro, apertei o sobretudo junto ao corpo para tentar me aquecer.

— Vem cá, eu esquento você — ele me puxou para um abraço.

Minhas mãos penetraram o seu blazer e se aqueceram no calor de suas costas. Aquilo foi tão bom, tão íntimo, parecíamos um casal de namorados. Encostei a cabeça em seu peito e fiquei em silêncio. Não queria pensar se era certo ou errado sair com o meu chefe, só queria aproveitar aquele

momento sem me importar com o resto do mundo.

— O carro chegou — Rico informou e me afastei.

Entramos no Bentley e estava bem ansiosa para saber se ele iria me deixar em casa.

— Direto para a cobertura — disse ao motorista e o encarei com uma sobrancelha arqueada.

— Eu já conheço a sua casa, está na hora de conhecer a minha — falou, despreocupado, e me puxou para perto. Fiquei feliz em saber que iria conhecer o lugar onde ele morava.



Diferente do que imaginei, Rico não morava nos edifícios com vista para o Central Park e sim em Chelsea. Segundo ele, a cobertura o deixou fascinado e não conseguiu se imaginar vivendo em outro lugar.

Só pude entender seu fascínio quando coloquei os pés dentro da cobertura. O lugar era assustadoramente grande e com paredes de vidro que cortavam vários ambientes.

Meus olhos passearam por todos os lados, capturando os detalhes.

— Agora entendo por que você prefere morar aqui.

Ele me pegou pela mão e passamos por vários ambientes até chegarmos a uma sala bem espaçosa. Rico pegou um controle remoto e ligou a lareira.

— Eu adoro esse lugar e espero que tenha gostado, porque passará bastante tempo comigo aqui.

Sorri meio sem jeito. Rico já falava como se minha resposta final fosse um sim.

— Vamos até a cozinha, tem vinho por lá.

Caminhamos de mãos dadas pela cobertura e descemos por uma escada de vidro para chegar à cozinha. Tudo ali era limpo, moderno e reluzente.

— É uma cobertura bem grande para alguém que mora sozinho — comentei enquanto ele pegava a garrafa e duas taças.

— Pretendo me casar um dia, então acho que é um bom lugar para se construir uma família.

Mas gente! Alguém para esse homem; não sei lidar com essa versão.

Uma imagem de Rico Salvatore casado passou repentinamente pela minha cabeça. Consegui me imaginar fazendo café da manhã enquanto ele lia o jornal e aguardava os ovos mexidos ficarem prontos.

— Mia?

Pisquei para sair do transe.

— Desculpe — foi a única coisa que pensei em dizer por ter ido à lua e voltado.

Seguimos para a sala e nos sentamos em um sofá perto da lareira. Tirei meu casaco e ele o blazer, ficando de suéter preto. O tecido delineava os ombros largos e tive que me concentrar para não ficar pensando em besteira. Rico pegou minha taça e a colocou junto à dele, na mesa de vidro.

— Precisamos definir alguns pontos antes de tomar sua decisão — sentou-se mais perto.

— Que pontos?

— Se decidir ficar comigo, quero que esteja ciente de que sou um pouco possessivo. Isso já

atrapalhou um relacionamento anterior e não quero que aconteça o mesmo conosco.

— Você se refere ao seu primeiro relacionamento?

— Sim.

Quase tive um treco ao escutar sua sinceridade.

— Mas nós não estamos namorando, então você não corre esse risco — tentei aliviar a conversa.

— Diferente do que todas as mulheres pensam, não começo a me envolver com alguém por diversão. Simplesmente não encontrei alguém que me despertasse real interesse a ponto de me apaixonar.

Engoli em seco. Não estava preparada para encontrá-lo tão aberto, tão acessível e ainda por cima falando de sentimentos.

— Você falou em ficar. Então vamos meio que namorar, mas sem rotular, é isso?

— Rótulos são apenas isso, rótulos. O compromisso está entre nós dois e não no que as pessoas acham que temos.

A resposta foi bem inteligente e de certa forma eu compartilhava dessa opinião. Havia tantas pessoas casadas e comprometidas que se comportavam como solteiras. Mas não tinha certeza de que era o que eu queria com ele.

— Você flertou comigo enquanto estava com Soraya, como vou saber que não fará isso de novo?

Ele abriu um sorriso de canto e pegou minha mão, depois ficou brincando com o meu anel. Parecia estar pensando se me falava ou não alguma coisa.

— Soraya foi apenas vítima de uma promessa idiota feita por dois amigos bêbados.

Estreitei os olhos em uma clara demonstração de confusão.

— Como assim?

— Lembra que tive que fazer uma viagem para ajudar um amigo no Canadá? Bom, esse amigo era o Gael, um dos meus melhores amigos. Ele sempre foi loucamente apaixonado pela namorada, pelo menos até flagrá-la na cama com o noivo de Soraya.

Ah, droga. Coitada da Soraya.

— E o que você tem a ver com isso?

— Um dia nós dois saímos para beber e Gael estava prestes a cometer uma besteira, então prometi que iria ajudá-lo de alguma forma. Ele queria vingança, queria que o noivo de Soraya passasse pelo que ele passou. Foi aí que tivemos a ideia idiota de eu seduzi-la — confessou e soltou uma respiração frustrada. — Pena que o plano deu tão certo que ela me inferniza até hoje.

Jamais poderia imaginar que uma promessa entre amigos fosse o motivo do relacionamento deles. E foi impossível não relembrar as suas palavras no dia em que foi buscá-la de helicóptero.

Lembro-me com clareza de que ele saiu de sua sala falando com alguém no telefone.

“Só estou fazendo isso por você”.

Era com o tal Gael que ele estava falando.

— Não sei o que dizer. Mas você não disse que ela tinha voltado com o noivo?

— Ela voltou, mas me liga todos os dias. No final era exatamente isso o que Gael queria.

Soraya pode estar com o noivo, mas todos sabem que ele vive atormentado e morre de medo de perdê-la para mim.

— E o seu amigo voltou com a namorada?

Rico negou.

— Não, somos parecidos nesse tipo de coisa, não perdoamos traição. Quero que o conheça, Gael é uma excelente pessoa. Ele está em Miami agora, mas deve chegar semana que vem para as festas de final de ano.

Não acreditava que me daria bem com alguém que carregava tanto rancor no coração. Gael estava combatendo o mal que recebeu fazendo mal a outras pessoas. Por mais que Soraya não fosse a melhor das criaturas, tinha que admitir que ela era uma vítima.

— Ficou calada de repente.

— Estou com pena de Soraya. Pelo jeito ela acreditou que você estivesse apaixonado por ela.

— Não me orgulho disso e jamais farei de novo, tenho consciência de que foi errado. — A cada palavra eu ficava mais confusa.

O celular dele começou a vibrar no bolso. Rico pegou o aparelho, olhou para a tela e depois mostrou para mim. Estava escrito Soraya.

— Alô — ele disse e em seguida colocou no viva-voz.

— Eu já sei que estive no Luzini com a sua secretária. Ainda não acredito que me trocou por ela! — Soraya berrou, descontrolada, e acho que até ele ficou surpreso com a revelação dela.

— Estamos nos conhecendo — disse, despreocupado.

— Eu te odeio, Rico Salvatore! — escutamos barulho de coisas sendo quebradas e a ligação foi encerrada.

— Acha que ela contratou alguém para te seguir?

Ele negou.

— Frequentamos os mesmo lugares, alguém deve ter passado a informação.

Pelo jeito ela não pararia de incomodar tão cedo. Tentei me colocar no lugar de Soraya, não deveria ser fácil estar apaixonada por Rico Salvatore e levar um fora.

— Quem garante que não está fazendo isso comigo? — quando percebi, as palavras já haviam saído da minha boca.

Rico ficou me encarando e vi certa admiração em seu olhar; ele gostava da minha língua solta.

— Eu seria incapaz de te fazer qualquer mal. Existe alguma coisa entre nós e algo em você que desperta um instinto de proteção em mim.

Rico estava conseguindo abalar minhas estruturas. Era difícil conseguir raciocinar depois de ele ter sido tão aberto ao me contar sobre seu primeiro relacionamento, sobre o plano que ele e o amigo bolaram para seduzir Soraya e com aquela declaração de que eu despertava seu instinto protetor.

As mãos dele me puxaram para perto e sua boca envolveu a minha, fazendo meu paladar recordar do gosto de seu beijo. Era impossível ficar indiferente. Rico Salvatore era incrivelmente sedutor e me derreti em seus braços.

— E então, Mia. Está na hora de me dar uma resposta.



| 22 - MIA BANKS

“Diga não! Recuse, ainda não é o suficiente...”

Não sabia se minha resposta seria uma boa coisa a longo prazo, porém, era inegável que ele estava se esforçando.

— Quero que prometa que, qualquer que seja a minha decisão, ela não irá interferir no meu trabalho.

— Tem a minha palavra, eu sei separar as coisas.

Levantei e me afastei alguns passos, era difícil pensar com ele tão perto.

— A minha resposta ainda é não. Como já havia te dito, sou à moda antiga e gosto de rótulos. Você quer fazer comigo o que vem fazendo com todas as outras; vai me seduzir, me deixar loucamente apaixonada e depois me ignorar como está fazendo com Soraya. Não confio em você, desculpe.

Tentei achar as palavras certas e fiz o melhor que pude, mas a expressão dele era surreal. Rico Salvatore parecia não estar acreditando que tinha ganhado um não.

— Mia...

Levantei a mão e pedi um minuto.

— Rico, nada do que você disser irá me fazer mudar de ideia. Adoro seu beijo, seu cheiro, amo conversar com você e, por Deus, você é lindo! — eu devia estar louca. Ainda não sabia de onde estava tirando forças para dizer não. — Mas esse jantar pareceu mais a discussão dos termos de um contrato e eu não quero estar com alguém que imponha limites. Tem que ser real, precisa existir sentimento dos dois lados. E antes que me diga que estou exigindo coisas demais — suspirei e olhei dentro de seus olhos atormentados —, só quero que entenda que, embora eu sinta muita atração por você, isso não vem em primeiro lugar.

— Eu não te entendo, Mia — ele disse, frustrado, e se levantou.

“Fale sobre a Crystal, descubra mais sobre ela.”

— Eu sei sobre a Crystal. Conheci uma pessoa que revelou a história de vocês, acredito que ainda seja apaixonado por ela. Isso explica essa fila de mulheres apaixonadas e largadas pelo caminho.

O efeito das minhas palavras foi certo: Rico ficou desconcertado.

— Quem colocou esse monte de besteiras na sua cabeça?

— Alguém que conhece sua ex-namorada muito bem e sabe que ainda se encontram. Segundo esse informante, é só ela estalar os dedos que você sai correndo.

Ele soltou uma risada desgostosa. Mas eu não estava mentindo, Chris jurou que foram aquelas as palavras que Will usou para descrever o relacionamento dele com a ex.

— Então é isso o que você acha?

— Lembro-me de você ter comentado que só iria namorar com alguém que fosse tão especial quanto a sua primeira namorada.

— Ela é passado.

Nunca imaginei que lavar roupa suja fosse tão desgastante.

— Rico, você não precisa explicar nada, afinal, nós não temos nada. Agora eu preciso ir — virei-me para sair, mas ele segurou meu braço.

— Por que aceitou jantar comigo se a resposta seria não?

— Eu não sabia a resposta e estava ansiosa para ter um encontro com você. Nós sentimos uma grande atração um pelo outro, mas eu queria que fosse mais do que isso. Atração não é o bastante para começar uma relação, Rico. Você quer uma relação sem rótulos, apenas por diversão, mas eu não me vejo seguindo adiante desta forma.

Os dedos dele aliviaram seu aperto e ele me soltou. Peguei minha bolsa, coloquei o sobretudo e caminhei em direção ao corredor. Sabia que seus olhos estavam em minhas costas e nunca imaginei que seria tão difícil dizer não a Rico Salvatore, porém, alguma coisa dentro de mim falava que era a coisa certa a fazer.

“Sim, você está no caminho certo.”



RICO SALVATORE

Enquanto Mia caminhava pelo corredor em direção à porta, fiquei parado no meio da sala tentando entender que porra tinha acabado de acontecer.

Era inacreditável que estivesse levando mais um fora da única mulher por quem verdadeiramente me interessei em anos. Nosso envolvimento foi acontecendo aos poucos. Mia era diferente, tão inteligente e doce, mas ao mesmo tempo forte e não se deixava seduzir facilmente.

Naquele momento eu conseguia entender por que se manteve virgem por tanto tempo. Ela calculava os riscos antes de se jogar de cabeça.

Foi perceptível o quanto estava decidida e era impossível não me questionar se toda sua frieza não teria a ver com o tal figurão que estava conhecendo. Provavelmente era alguém que não impunha tantas condições, alguém que realmente poderia oferecer um relacionamento normal, o que me incomodava em um nível absurdo. Era tão ridículo um homem da minha idade, que já se envolvera com tantas mulheres, estar atraído daquela forma por uma garota tão nova e inexperiente.

Peguei a taça de vinho em cima da mesa e virei de uma vez; no mesmo instante, o sorriso dela surgiu em minha mente. Sem saber, Mia Banks tinha acabado de despertar o meu mais profundo interesse. Nunca fui de perder e não pretendia começar nem tão cedo.



| 23 - MIA BANKS

Quando desci do Bentley de Rico, que me esperava em frente ao prédio juntamente com seu motorista, já era quase uma da manhã e o frio estava congelante. Entrei em meu apartamento pensando no que aconteceria depois daquela noite. Rico prometeu que não me demitiria, mas como seria seu tratamento?

Tirei minhas roupas e as joguei em uma poltrona. Encarei meu reflexo no espelho e me achei bem sexy com meias, lingerie e saltos altos. Balancei a cabeça, retirando os sapatos e os brincos. Fui para o banheiro tirar a maquiagem e fazer minha higiene noturna.

Já tinha praticamente acabado quando a campainha tocou e pensei cinquenta vezes antes de atender. Só podia ser ele, ninguém mais apareceria numa hora daquelas. Decidi que iria ignorar, terminei o que tinha que fazer e me deitei em minha cama, porém a campainha voltou a tocar insistentemente.

Coloquei a coberta sobre o rosto, numa tentativa infantil de me esconder. Mesmo assim, o barulho continuou.

Saí da cama meio irritada, coloquei um robe preto para cobrir minha quase nudez e fui atender.

Abri a porta e, de fato, era ele.

— Rico — disse, seca.

— Você esqueceu isso comigo — explicou, tirando meu celular de dentro do bolso de seu blazer. Só então me lembrei de que ele havia pegado o aparelho quando estávamos a caminho do restaurante.

— Você poderia ter devolvido amanhã, não precisava ter se incomodado.

Ele deu um passo à frente e eu dei dois para trás. Rico passou pela porta e a trancou.

— Não acha meio tarde para uma visita? — questionei.

— Não, não acho.

De repente, suas mãos estavam rodeando minha cintura e me puxando para perto.

— Se não me engano, te dei um fora há menos de uma hora.

Ele abriu um sorriso que me fez suspirar.

— Pareço um homem que desiste fácil de alguma coisa?

Não, e já ia começar a falar quando ele colocou um dedo sobre os meus lábios.

— E antes que comece a pensar qualquer besteira nessa cabecinha, quero esclarecer que não estou aqui para propor nada, só quero ficar mais algum tempo com você.

Fechei os olhos e suspirei. Deus sabia o quanto eu estava tentando, mas o cara vinha bater na minha porta, todo carente e cheio de amor para dar.

— Tudo bem, você fica, mas comporte-se.

Ele sorriu e invadiu a minha boca. Instantaneamente, comecei a flutuar. Santo Deus! Como era bom ser beijada por ele.

— Rico — alertei quando desceu a mão pelas minhas costas e apertou minha bunda.

— É mais forte do que eu, não consigo me controlar perto de você — sua voz era tipicamente sedutora e mesmo assim eu conseguia captar alguma verdade.

— Espere aqui, preciso colocar uma roupa quente e decente.

Ele desceu o olhar pelo meu corpo e meneou a cabeça.

— Fique assim, vou me comportar.

Peguei a mão dele e fomos para o meu quarto. Liguei a TV e me sentei na cama. Rico tirou o blazer e os sapatos, depois se sentou ao meu lado.

— O que vamos fazer, já que sexo não é uma opção? — falei em tom descontraído.

Ele me puxou para seu colo, fazendo o robe subir e a cinta-liga ficar aparente.

— Assim fica difícil, Mia.

— Eu falei que precisava colocar uma roupa decente.

— Não precisa, pelo menos agora vou ter com o que fantasiar.

— Rico — me fiz de ofendida e senti seus braços me apertando.

— Podemos ver um filme, conversar e talvez você me fale um pouco sobre a sua vida. A senhorita ainda é um mistério para mim.

Eu sabia que aos poucos teria que começar a me abrir, era nítido que ele estava se esforçando.

— Meu pai faleceu há pouco tempo, não falo muito com a minha mãe, não tenho irmãos, você não pode me demitir porque não quero ter que voltar para o Canadá. Fim.

Rico sorriu, se ajeitou na cama e entrelaçou os nossos dedos.

— Não vou te demitir, tire isso da cabeça.

Sorri com a boca colada ao peito dele, o tecido do suéter acariciava minha pele.

— Não tem muito o que saber, minha vida não teve grandes emoções. A coisa mais louca que já fiz foi me mudar para Nova York e ter deixado você beijar os meus seios.

A gargalhada que ele soltou me fez sorrir também.

— Você não existe, Mia.

Levantei a cabeça e fiquei olhando diretamente para as íris de seus olhos.

— Estou falando sério, acho que você será o maior dos meus pecados.

— Quer dizer que eu sou um pecado? — perguntou, divertido.

— Sim, um bem grande.

Rico me lançou um sorriso carinhoso e beijou a minha testa. Senti que ele queria falar algo mais, porém, se conteve e voltou a pousar minha cabeça em seu peito.



Acordei com as mãos de Rico rodeando minha cintura. Pensei em afastá-lo, mas então me lembrei de como ele tinha sido fofo na noite anterior. Conversamos, assistimos porcaria na tevê, nos beijamos até quase faltar o ar dos pulmões e dormimos de conchinha. Foi maravilhoso e me senti leve por não ter que fazer algo em troca. Rico estava ali porque queria estar comigo.

A mão dele deslizou pela minha barriga e apertou meu seio por cima do pijama — fui obrigada a colocar um, mesmo sob seus protestos, pois não dava para dormir com ele apenas de boxer e eu de lingerie, seria tortura demais para nós dois.

— Gostosa — sussurrou no meu pescoço e minha pele arrepiou.

— Não com esse pijama — rebati baixinho e ele me apertou juntou ao seu corpo. Senti uma ereção pressionando a minha bunda.

— Até com esse pijama.

Sorri e segurei a mão dele que continuava passeando pelo meu corpo.

— Está com fome? Posso preparar um café para nós — tentei me soltar de suas garras.

— Estou faminto — respondeu, se esfregando em mim e eu entendi exatamente a que fome ele se referia.

— Você é terrível, Rico Salvatore.

Virei-me de frente para ele e fiquei impressionada. Aquele homem era ainda mais bonito pela manhã. Os cílios enormes destacavam aquela imensidão azul.

— O que foi, Mia?

— Você é uma ofensa ao resto dos homens.

Rico sorriu e rolou para cima de mim.

— E você é linda! — declarou antes de me beijar.



Enquanto eu tomava banho e trocava de roupa, ele ficou no quarto fazendo uma ligação; tinha combinado de jogar tênis com um amigo e estava cancelando.

Parecia surreal que eu estivesse separada de Rico Salvatore apenas por uma parede.

Coloquei um jeans e um suéter e fui para a cozinha. Fiz café e ovos mexidos com torradas, depois arrumei a mesa. Quando ele finalmente encerrou a ligação, já estava tudo pronto.

Comemos trocando olhares e carinhos. Assim que terminamos o celular dele voltou a tocar. Enquanto ele conversava, eu tirei a mesa e lavei as xícaras.

— Tenho que ir — anunciou, chegando perto de mim e me agarrando pela cintura.

— Sério?

Ele fez que sim e beijou a ponta do meu nariz.

— Meu pai acabou de chegar à Nova York. Vou encontrá-lo no Waldorf-Astoria para almoçar, mas preciso passar em casa antes.

Fiquei aliviada por saber que Rico tinha um bom motivo.

— Tudo bem, então — mordi o lábio sem saber o que falar e curiosa para saber se ele voltaria.

— Volto mais tarde, vou levá-la para dançar — falou, parecendo ler meus pensamentos.

— Sempre tive vontade de sair para dançar, vai ser ótimo!

— Vai, sim. Venho pegá-la às nove, nós jantamos e depois vamos a uma boate exclusiva.

Nos despedimos com um superbeijo e depois que ele saiu fiquei repassando cada momento da noite anterior. Era difícil manter firmeza diante de tanta coisa acontecendo. Cada dia era uma luta interna em que meus sentimentos e pensamentos duelavam para me convencer a tomar a melhor decisão.

Passei o restante do dia cuidando da casa e da roupa, exatamente como fazia todos os sábados, mas meus pensamentos continuavam em Rico. Estava louca para sair com ele novamente.



Rico enviou mensagem antes de sair de casa e dei uma última olhada no espelho. Escolhi um vestido preto naquela noite; as mangas eram compridas e cobertas de tule brilhoso, mas tinha decote ousado. O corte era perfeito e deixava meu corpo com curvas bonitas e provocantes. Sentia-me sexy e elegante. Caprichei na maquiagem com olhos bem esfumados, mas na boca coloquei apenas um brilho.

Peguei meu casaco, minha bolsa e fui para sala. Estava tensa, nervosa, ansiosa, quase desistindo, quando a campainha tocou.

Abri a porta e ele me olhou, fingindo surpresa.

— Cadê a garota do pijama de bolinha?

Soltei uma risada.

— Bobo — envolvi minhas mãos em seu pescoço

— Linda — ele rebateu e me beijou.

— É melhor irmos — proferi, quebrando o beijo.

Rico me levou ao Daniel e o jantar foi maravilhoso, como era de se esperar de um restaurante estrelado. De lá seguimos para a boate. Entramos por um acesso privativo e fomos direto para a área VIP.

A área exclusiva era bem ampla e seus espaços reservados eram virtualmente divididos pelos encostos dos sofás. Cada reservado contava com dois grandes sofás retangulares num tom *off White*, além de mesas de apoio. A iluminação pontual e direcionada mantinha os corredores e passagens iluminados, mas deixava as áreas dos sofás e das mesas em uma penumbra leve e agradável. O ambiente estava bem animado quando chegamos e agradei mentalmente pela escolha da roupa; as pessoas ali eram realmente sofisticadas.

— Por aqui — Rico me guiou entre as pessoas e fomos para uma das cabines que era perto do bar e eu conseguia ver a movimentação da entrada.

Ele me perguntou o que eu queria beber e ficou me falando sobre a boate. Minutos depois que recebemos nossas bebidas, um homem muito parecido com Rico se aproximou e os dois se abraçaram.

— Mia, esse é Gael Brennan, o amigo de quem lhe falei.

Estendi a mão e nos cumprimentamos. Gael tinha a mesma altura de Rico, além de um corpo musculoso. Também era moreno, tinha cabelos castanhos, mas seus olhos eram verdes.

— É um prazer, Mia — ele disse, simpático, e olhou para Rico. — Namorada nova?

— Ela não me quer — Rico respondeu em tom divertido e todos rimos. Ele sabia que eu queria, mas não era hora de discutirmos aquele tipo de coisa.

Rico dividiu sua atenção entre mim e seu amigo, sempre tentando me incluir nos assuntos. Explicou que pela manhã Gael havia ligado dizendo que já estava em Nova York e combinaram de se encontrar. Eles contaram várias histórias e percebi que já se conheciam há muito tempo.

Depois de quase uma hora conversando e rindo, notei que Gael tinha saído e estava demorando bastante para voltar. Rico e eu ficamos nos beijando e aproveitando a noite como um legítimo casal de namorados. Estava tudo perfeito, até Gael voltar acompanhado de Crystal. Fiquei sem reação.

— Mia, esta é minha prima, Crystal.

Prima? E foi aí que a minha ficha caiu. Crystal e Gael tinham o mesmo sobrenome e eu não tinha feito a associação. Por isso Crystal havia voltado com Rico daquela viagem; ela devia estar com o primo no Canadá quando ele foi até lá para ajudá-lo.

— Olá, Mia — ela sorriu e me deu um beijo no rosto. Depois olhou para o meu lado. — Rico, como vai? Espero que não se importe com a minha invasão.

— De forma alguma, fique à vontade.

Crystal engatou uma conversa com Gael e fiquei surpresa por saber que eram realmente primos. Fiquei analisando-a de longe e logo consegui entender os motivos pelos quais Rico fora apaixonado por ela. Não dava para esquecer uma mulher com aquele sorriso. Aquela mulher era linda de tantas maneiras que eu nem conseguia mensurar.

Não demorou para ela começar a beber e dançar de forma sensual, o que me incomodou profundamente. Gael falou alguma coisa em seu ouvido e os dois foram para a pista de dança. Depois de umas três músicas eles voltaram e Gael puxou assunto comigo enquanto Crystal conversava com duas mulheres que estavam do lado de fora da cabine.

— Você costuma sair aqui em Nova York? — Gael perguntou junto ao meu ouvido, quando Rico se ausentou para atender a um telefonema internacional.

— Essa é primeira vez que saio aqui.

As sobrancelhas dele subiram.

— Também não curto boates, mas minha prima está na cidade e praticamente me obrigou.

— Entendi.

Vi que Crystal comprou alguma coisa das mulheres, porque abriu a bolsa e entregou alguns dólares para uma delas. Gael estava distraído e não viu. Rico voltou e serviu mais um drink para mim, parecia não se importar com a presença da Crystal. Dançamos e curtimos a noite como se ela não estivesse lá. Quando decidimos ir embora, Rico pediu licença e foi ao banheiro. Gael c

acompanhou e fiquei sozinha com a ex dele.

— Não me diga que já estão indo embora! — ela falou enquanto passava a língua pelos lábios. Eu já estava um pouco alta por causa da bebida, mas Crystal estava diferente, só não sabia explicar exatamente como.

— Vamos, sim — peguei minha bolsa.

— Pelo menos vamos beber um último drink. Não aceito não como resposta!

Eu não queria beber com ela, mas seu maldito olhar pidão acabou me convencendo. Crystal colocou algumas pedras de gelo em dois copos, então pegou a garrafa de vodca e verteu o líquido transparente neles até a metade. Depois completou com energético.

— Você pode pedir guardanapos ao garçom?

Dei de ombros. Por que não? Fui ao bar que ficava bem ao lado e rapidamente peguei os guardanapos que ela pediu. Crystal secou as mãos e depois me entregou um copo. Brindamos e bebi quase até a metade. Estava muito bom.

Quando Rico voltou, senti que minhas pernas estavam pesadas, mas me obriguei a andar, no entanto, meu corpo não queria me obedecer, o que era estranho, porque eu não tinha bebido muito. Dei alguns passos e meu coração começou a saltar furiosamente. Ele batia tão forte que instintivamente levei a mão ao peito. Uma camada de suor gelado começou a brotar da minha pele. As luzes, a música, aquele lugar estava me engolindo. Era como se eu fizesse parte de um mundo surreal, do qual meu corpo não estava preparado para aguentar. Eu me sentia acelerada e confusa. Rico devia ter percebido que alguma coisa estava errada e se aproximou.

— Mia, você está pálida, o que houve?

Pisquei os olhos várias vezes para tentar focar, mas ele se dividia na minha frente. A boate parecia girar ao meu redor enquanto as risadas e os barulhos se multiplicam na minha cabeça. Virei o rosto para o lado e visualizei Crystal rindo e dançando.

— Mia?!

Voltei a olhar para Rico e fui tomada de angústia acompanhada de um medo sobrenatural.

— Eu não sei, está tudo estranho. Sinta o meu coração — peguei sua mão e a coloquei sobre o meu peito.

Imediatamente ele olhou para onde Crystal estava e seu olhar era de completo ódio.

— Roy, abra caminho entre as pessoas, preciso tirá-la daqui.

O segurança particular do Rico, que estava sempre à espreita, fez o que ele pediu. Logo seus braços envolveram o meu corpo e me levantaram do chão. Tudo estava girando e meu coração quase saltando pela boca. Rico caminhava com pressa, esbarrando nas pessoas, até que senti um frio intenso. De repente, tudo parou de fazer sentido porque meu coração começou a bater de forma assustadoramente rápida.

— Rico, o meu coração! Não me deixe morrer, eu não quero morrer — era a única coisa que eu conseguia falar enquanto minha boca ficava cada vez mais seca.

— Você não vai morrer, eu prometo.

Mas sua voz tinha uma dose extra de desespero.

Senti que estava dentro de um carro que cantava pneus pelas ruas de Nova York, enquanto eu mal conseguia abrir os olhos. Era como se estivesse dopada ou algo do tipo, meu corpo estava pesado e a única coisa que não parava por um segundo era o meu coração.

— O que houve com ela? — uma voz estranha perguntou e senti meu corpo sendo colocado em uma superfície que se movia rápido.

— Estávamos em uma boate e alguém colocou alguma droga na bebida dela — Rico informou e só então assimilei o que estava acontecendo.

Crystal havia batizado a bebida que me ofereceu, por isso ela sorria daquele jeito.

— OK, assumimos daqui — a voz anunciou e ao longe eu escutei Rico berrando com alguém. Mas meu coração estava acelerado demais e minha mente vagando por universos desconhecidos. Eu não sabia se tinha morrido ou simplesmente desmaiado, mas, de repente, tudo foi ficando calmo. Eu estava no céu.



| 24 - MIA BANKS

Despertei com vozes alteradas e não precisei de muito para perceber que minha mãe estava por perto. A voz de Ester Banks era inconfundível.

Abri os olhos e me deparei com um quarto estranho. Quando olhei para baixo, vi que usava uma camisola ridícula de hospital. Senti minha garganta seca e parecia que minha boca estava cheia de algodão.

— Estou com sede — falei baixo e notei uma movimentação ao meu lado.

— Você acordou — Gael segurou a minha mão. Seu semblante era preocupado.

— O que faz aqui? — perguntei com dificuldade. Parecia que minha boca estava cortada nos cantos.

— Rico e eu estamos revezando. Sua mãe acabou de chegar e está ali no corredor discutindo com ele.

Pisquei algumas vezes para tentar me lembrar do que havia acontecido.

— O que minha mãe faz aqui?

— Não tivemos outra opção. Depois que você saiu da emergência, os médicos se recusaram a falar conosco porque não somos seus parentes. Rico tentou argumentar de todas as formas, imaginando que você ficaria chateada, mas eles não aceitaram, precisavam saber se você tinha alergias e todas essas paradas médicas que eu não entendo. Então tivemos que ligar para que ela pudesse passar as informações que eles queriam, e ela, claro, disse que estava vindo para cá. Mas, para ser sincero, acho que Rico acabaria avisando. Você ficou bem mal.

— O que aconteceu exatamente?

— Colocaram algum tipo de droga na sua bebida. Você teve uma parada cardíaca, a coisa foi séria.

Engoli em seco. Eu sabia quem tinha feito aquilo e o ódio borbulhou dentro de mim.

— Foi a Crystal — disse a ele, convicta.

— Também estamos desconfiando dela. Rico já pediu as filmagens da boate, já que não podemos acusá-la sem provas.

Queria entender como um ser humano podia ser tão baixo a ponto de colocar a vida de

alguém em risco por pura maldade.

— Vou avisar que você acordou.

Apenas acenei e fiquei em silêncio.

Os minutos seguintes foram um desfile de médicos e enfermeiras me virando de ponta cabeça e fazendo perguntas para testar todos os meus sentidos. Somente quando eles saíram foi que minha mãe e Rico puderam entrar no quarto.

— Oh, meu Deus, filha — ela me abraçou, mas meus olhos estavam em Rico, que tinha a aparência cansada e tensa. — Por que fizeram isso com você, meu amor? — disse, chorosa, me vendo pela primeira vez depois de tantos meses, e voltou a me abraçar.

Fechei os olhos e tentei não me deixar levar pela emoção de estar na presença da minha mãe.

— Eu estou bem, foi só um susto — tentei acalmá-la.

Minha mãe se afastou e me encarou de um jeito sério.

— Eu sei que não é um bom momento para falar sobre isso, mas quero que volte comigo para o Canadá. Não vou te deixar sozinha numa cidade perigosa como Nova York.

Quase revirei os olhos, mas me contive, não tinha energia nem vontade de discutir.

— Depois falamos sobre isso. Quero ir embora desse lugar.

— Só estamos esperando a liberação do médico. Assim que ele autorizar eu te levo pra casa.

Assenti e olhei para Rico, que esperava ansioso para falar comigo.

— Vocês podem me dar licença? Preciso falar com ela — Rico disse e Ester Banks lançou, pelo olhar, raios em sua direção.

— Acho que não é um bom momento, Sr. Salvatore — minha mãe resmungou e tive que respirar fundo para não brigar com ela.

— Eu quero falar com ele, nos dê licença, por favor.

Ela me lançou um olhar incrédulo. Mas, por fim, acatou o meu pedido e saiu seguida por Gael.

— Mia — Rico começou a falar e travou, estava se sentindo culpado.

— Tem alguma coisa sobre Crystal que eu não sei? — perguntei de uma vez.

— Quando eu disse que somos incompatíveis, me referia ao fato de apreciarmos coisas diferentes sob vários aspectos. A pior, e que foi decisiva na nossa separação, foram as drogas. Mas a culpa do que aconteceu com você foi minha. Jamais deveria tê-la deixado perto dela.

Crystal, com aquele sorriso de miss universo, perdida pelas drogas? Quem poderia imaginar?

— Está tudo bem, já passou.

— Pedi as imagens da boate. Se realmente foi ela, pode ter certeza de que não terei piedade — falou, decidido, e naquele momento acreditei que eles realmente eram incompatíveis.

— Quero ir embora.

Ele se inclinou sobre a cama e beijou a minha testa.

— Vou conversar com o médico responsável e chamar o meu piloto. Vamos direto para a minha cobertura; quero cuidar de você — falou com delicadeza. Depois olhou para além da porta do quarto e fez uma careta: — O problema vai ser conviver os próximos dias com o Pitbull Banks.

Soltei uma gargalhada que fez minha barriga doer.



Rico conseguiu que o médico me desse alta e fomos para a cobertura dele sob os protestos de minha mãe. Mas no fundo eu sabia que ela estava impressionada com a forma como ele me tratava. Rico não saía do meu lado e isso era comovente. Ele não foi à Salvatore nos três primeiros dias para ficar cuidando de mim pessoalmente. Àquela altura, minha mãe já estava mais acostumada e menos reclamona.

— Essa cobertura é maravilhosa! Seu namorado tem bom gosto.

— Ele não é meu namorado.

— Mas vai ser.

Fechei o livro e encarei minha mãe.

— Não quero que fale nada a ele, nossos problemas são só nossos — alertei, uma vez que era bem possível que tentasse conversar com ele achando que estaria ajudando.

Ela concordou e me deixou sozinha.

No horário do almoço Chris veio me visitar e fez muitas ameaças a ex de Rico. Achei graça da forma como falava, minha amiga era um barato.

Quando ela foi embora eu peguei no sono e só acordei no final da tarde, com Rico e minha mãe discutindo. Até que demorou a acontecer.

Levantei da cama, escovei os dentes com calma, coloquei um robe por cima da camisola e fui atrás deles. Parei no corredor e avistei minha mãe falando sem parar, enquanto Rico massageava as têmporas.

— Eu sou a mãe dela e tenho o direito de levá-la comigo.

Então era aquele o motivo da discussão: Ester queria me levar para o Canadá.

— Mia já é bem grandinha para decidir e tenho certeza de que ela não quer ir.

— Estou atrapalhando alguma coisa? — falei, com os braços cruzados em frente ao peito, e os dois se viraram.

Rico veio ao meu encontro e me abraçou.

— Está melhor?

— Estou, sim, e já posso voltar para o meu apartamento.

— É sobre isso que estávamos falando. Acho melhor você voltar comigo para casa, lá teremos toda a segurança de que precisa — minha mãe argumentou.

— Eu também posso oferecer a segurança de que ela precisa — Rico rebateu e minha mãe soltou uma risada debochada.

— Onde estava toda essa segurança quando colocaram drogas na bebida dela? — Ester Banks conseguia ser bem cruel quando queria.

— Mãe, já chega! Eu não vou para o Canadá, esquece isso.

Ela me encarou, ofendida.

— Eu vou embora depois de amanhã. Pense bem até lá — foram as únicas palavras que disse antes de sumir pelos corredores.

— Já entendi por que você foi embora do Canadá — Rico brincou.

— Foi por outros motivos, mas ela é osso duro, tenho que admitir.

Rico me pegou pela mão e saímos para a área externa da cobertura. Era final de tarde e ficamos observando o rio Hudson enquanto o sol se despedia.

— Mia, estou cansado de toda essa indefinição, dos desencontros, das brigas e de toda essa confusão que nos rodeia — Rico envolveu minha cintura com as mãos.

— E o que sugere?

— Precisamos descobrir o que temos ou vamos enlouquecer.

— Pois é — foi uma resposta curta e vaga. Porém, era frustrante estar completamente apaixonada enquanto ele ainda tentava dar nomes aos bois.

— Quero passar mais tempo com você, só com você, e dar continuidade ao que começamos antes de toda essa merda acontecer — seus olhos estavam vibrantes. — O medo de te perder fez a venda dos meus olhos cair. Eu não quero a Crystal, quero você.

Gente! Isso não foi nenhum ‘eu te amo’ com flores e chocolate, mas ele sempre foi louco pela Crystal, então não podia negar que fiquei balançada.

— Não tem que ficar comigo por medo de me perder, isso é só reflexo do ego que deseja tudo o que não pode ter.

Rico entendeu meu argumento e segurou a minha mão.

— Homens na minha posição geralmente são movidos pelo ego e querem ter o mundo aos seus pés. Mas dessa vez não.

Era inegável que estávamos apaixonados, qualquer um que olhasse mais de perto poderia ver, mas ele ainda tinha receio de nomear qualquer sentimento.

Normal para alguém que passou tanto tempo sem um relacionamento formal.

— Rico, tudo o que está me falando é maravilhoso, mas aonde quer chegar com essa conversa?

Ele voltou a me abraçar e afundou o nariz no meu pescoço.

— Cheirosa.

— Não mude de assunto — falei, estremecendo um pouco.

Senti a boca dele sorrindo contra a minha pele.

— Decidi que, se rótulos são importantes para você, então vamos rotular nosso relacionamento.

— Está falando sério? — afastei-me para encará-lo, sentindo meu corpo inteiro vibrar.

— Estou, sim, já passou da hora de virar uma página da minha vida e seguir em frente — ele me pegou pela cintura e sorriu. — Não quero apenas passar um tempo com você e sim que seja minha namorada. O que me diz?



| 25 - MIA BANKS

— Ah, meu Deus, Rico. Como assim, namorada?

Ele sorriu da minha euforia.

— Vou tentar resumir para você.

Concordei com os olhos brilhando, acho que esperei tanto por aquele pedido que jamais poderia imaginar que fosse acontecer assim.

— Vamos fazer coisas de casal, nos conhecer melhor e eu espero que goste da minha companhia, porque passaremos bastante tempo juntos.

Imediatamente uma imagem nossa como um casal feliz se materializou em minha mente, mas logo depois a de Crystal apareceu borrando tudo aquilo.

— E a Crystal? — eu não consegui segurar as palavras.

— O que tem ela?

Eu não queria estragar o momento, mas era melhor deixar tudo às claras antes de dar minha resposta final.

— Ela pode ser um problema.

— Não será. Se aceitar ser minha namorada, ela continuará sendo apenas uma ex.

Rico estava se esforçando para que as coisas dessem certo entre nós, então era hora de lhe dar um voto de confiança.

— Sim — eu disse baixo.

— Sim o quê?

— Sim, a minha resposta é sim.

Os dedos dele deslizaram pelo meu rosto e recebi um sorriso de príncipe em resposta.

— Prometo me esforçar para que dê certo — ele disse, solene, e senti muita sinceridade em suas palavras.

— Eu também.

Sorrimos e, no segundo seguinte, a boca dele já estava na minha. Eu amava o jeito como ele me beijava e apertava o meu corpo como se quisesse nos fundir.



Acordei animada no dia seguinte porque tinha sido liberada para trabalhar e queria contar tudo a Christina. Já me sentia mais à vontade para falar com ela sobre aquele tipo de assunto, pois Chris havia provado que torcia por nós.

Quando Rico e eu saímos da cobertura, minha mãe ainda estava dormindo e dei graças a Deus por isso. Ela e meu namorado eram dois fios desencapados.

Quando chegamos à presidência, Christina já havia chegado e começado a organizar tudo.

— Graças a Deus você voltou. E aí, me conta como estão as coisas — ela pediu assim que Rico entrou em sua sala.

— Sente-se, Srta. Santer.

As rugas no meio de sua testa me fizeram rir.

— Tão sério assim? — balancei a cabeça e ela correu para sua cadeira. Então respirou fundo e se recompôs teatralmente. — Tudo bem, desembucha.

Sorri e encostei o quadril na ponta da mesa dela.

— Ele me pediu em namoro.

Instantaneamente ela começou a ter um ataque de riso.

— Chris, você está me assustando.

Ela puxou o ar com força e foi até a copa em busca de água.

— Desculpe, Mia, é que não achei que fosse viver para ver isso acontecer — disse, um pouco mais calma, e me abraçou. — Parabéns, estou tão feliz por vocês!

Sorri e retribui o abraço.

— Espero que as coisas não mudem entre nós — falei, com receio de que ela não encarasse de uma forma positiva, afinal, eu estava namorando o chefe.

— Se fosse qualquer outra mulher dessa empresa, você estaria ferrada, mas até nisso teve sorte. Relaxa que eu sei separar as coisas e nosso chefe também.

Fiquei bem mais aliviada. Voltamos ao trabalho e ela me deixou a par de tudo. Perto do meio-dia Rico pediu que eu fosse até sua sala.

— Em que posso ser útil, Sr. Salvatore?

Ele sorriu, me puxou pela cintura e me deu um beijo de tirar o fôlego.

— Na semana que vem a Salvatore entrará em férias coletivas para as festas de final de ano e eu preciso saber qual é a sua programação. Você pretende passar o Natal no Canadá?

Tinha me esquecido completamente daquelas datas comemorativas, mas ir para o Canadá não

estava nos meus planos.

— Vou ficar em Nova York mesmo. Você vai viajar?

— Imaginei que essa seria sua resposta, já que estive com sua mãe nos últimos dias — assenti e ele continuou: — Sempre passo as festas de final de ano com a família do meu pai, na Itália, e esse ano gostaria que fosse comigo.

Contive um sorriso daqueles e tentei me manter calma. Rico estava deixando evidente que nosso namoro era sério.

— Tem certeza? Não acha que é muito cedo?

Ele negou.

— Tenho certeza, sim, quero muito que me acompanhe.

Sorri, sentindo uma euforia enorme tomar conta de mim. Com certeza aquele natal seria especial.

— Então tudo bem, será um prazer acompanhá-lo.

Rico beijou a ponta do meu nariz e depois os meus lábios.

— Partirmos na sexta à noite e só voltaremos em meados de janeiro, então prepare uma boa mala.

Concordei e fiquei encarando aquele homem à minha frente. Mal podia acreditar que tinha sido pedida em namoro no dia anterior e que já estávamos combinando as festas de final de ano.

— Vou providenciar tudo até sexta — concluí.



| 26 - MIA BANKS

Saímos da Salvatore e fomos direto para a cobertura. Minha mãe havia decidido antecipar sua viagem quando percebeu que não iria me convencer a ir com ela, então fui dizer adeus. Nos despedimos de uma forma amigável e concluí que os dias que passamos juntas foram o prenúncio para uma possível trégua.

— Gostou do jantar? — Rico perguntou quando saí do banho. Já estava de camisola e com um robe por cima. A pergunta era sobre comida, porém seus olhos passeavam pelo meu corpo.

— Estava tudo maravilhoso, adoro comida italiana.

— Você parece tensa, o que foi?

De fato eu estava. Nos outros dias em que ficamos juntos, minha mãe sempre estava por perto, mas naquele momento estávamos a sós e eu finalmente era sua namorada.

— Estou nervosa — admiti e seu olhar abrandou. Rico sabia exatamente o que se passava em minha cabeça.

— Embora eu queira muito fazer amor com você, esse não é o motivo de estar aqui. Tudo irá acontecer quando se sentir segura.

— Eu sei, me desculpe.

— Não precisa se desculpar, é normal que se sinta assim — beijou a minha testa, foi até o closet e voltou minutos depois, apenas de boxer.

Suspirei, pois ele era gostoso demais.

— Agora que sua mãe foi embora, já posso dormir mais à vontade — argumentou e eu sorri.

— Tudo bem.

Fui até a cama e me deitei. Ele ligou a tevê, apagou as luzes e se juntou a mim. Rico me envolveu em seus braços e foi reconfortante sentir sua pele quente e cheirosa, mas também foi instigante. Eu me sentia em chamas ao lado dele.

— Você me deixa excitada — confessei e ele soltou uma risada gostosa; depois gemeu de leve.

— Isso se chama química — sussurrou em meu ouvido. Pegou a minha mão e a fez percorrer todo o seu abdômen, parando-a em cima do volume no meio de suas pernas. — Veja como eu fico

perto de você.

Ele estava muito excitado e me fez fantasiar como seria a nossa primeira vez.

— Isso é uma droga, sabia; eu não queria ser tão insegura.

— Vou fazer com que confie em mim. Em breve faremos amor todos os dias.

Olhei para ele com um sorriso. Rico arqueou as sobrancelhas em questionamento.

— Acho bonitinho você falar “fazer amor” e não “sexo”.

Rico beijou minha testa e me puxou para mais perto.

— Você é uma princesa, merece ser tratada como tal.

— Obrigada, me sinto especial quando fala essas coisas.

Sua boca encontrou a minha e quando percebi já estava ofegante embaixo do corpo dele. Rico arrastava os lábios pelo meu pescoço e descia pelo vale entre os meus seios. Eu estava louca de tesão e não conseguia parar, era bom demais sentir a boca e as mãos dele pelo meu corpo.

— Oh, Rico — gemi quando mordiscou meu seio por cima da camisola. O corpo dele era grande e cobria completamente o meu.

— Quero fazer tantas coisas com você, Mia — declarou e voltou a atacar meus lábios. Sua mão deslizava na lateral da minha coxa e apertava com força, enquanto uma ereção gigantesca pressionava o meu sexo.

Estremeci quando seus dedos aproximaram do interior da minha coxa. Ele ficou por ali, fazendo círculos. Aos poucos os dedos foram subindo e chegaram ao limite da minha calcinha.

— Deixe-me tocá-la — sussurrou

— Não quero que fique frustrado — admiti para deixá-lo ciente de que não chegaríamos ao final da viagem.

— Não vou ficar, só quero tocar você.

Puxei uma lufada de ar e voltei a beijá-lo. Rico afastou o tecido de renda para o lado e seu polegar deslizou por entre a minha fenda encharcada, antes de tocar meu clitóris gentilmente. Gememos um na boca do outro. Aquilo era incrível demais.

— Continue — pedi e mais um dedo se juntou à brincadeira, deslizando entre os meus lábios sensíveis e excitados, levando-me às raias da loucura. Voltei a beijá-lo com volúpia; meu corpo ganhando vida própria. Eu jamais tinha sentido um prazer tão grande. Quando os dois dedos deslizaram para dentro, eu arfei. Os movimentos precisos e ritmados faziam o meu ventre se contorcer. — Nossa... eu... hum — minhas palavras não faziam mais sentido, eu só conseguia me concentrar em seus dedos mágicos. E quando o polegar tocou em um ponto específico do meu clitóris, meu corpo se desmanchou e gritei na boca dele; um prazer insano me invadia e foi algo incomparável, sublime, inexplicável. — Agora eu entendo por que as mulheres são loucas por você

— sussurrei alguns minutos depois e ele sorriu contra os meus lábios.

— Só quero que *você* seja louca por mim.

No fundo nós dois sabíamos que eu já era. Não tinha como descrever tudo que aquele homem me fazia sentir.



Acordei escutando o barulho do chuveiro e foi impossível não recordar a noite anterior. Rico me fez gozar alucinadamente e só de lembrar fiquei corada.

Ele não forçou nada depois do meu orgasmo, apenas tomou um banho e se juntou a mim na cama. Aquele tipo de atitude tinha valor, pois jamais conseguiria me entregar a um homem que ficasse me pressionando. Acho que avançamos várias casas na noite anterior.

— Bom dia — disse ele, saindo do banheiro e secando os cabelos. Para meu deleite, estava usando apenas uma boxer.

— Olá, bom dia.

Levantei-me, peguei minhas coisas e segui para o banheiro. Quando saí, ele também já estava pronto.

— Está com fome? — perguntou e me abraçou. O cheiro do seu perfume dominava o quarto assim como sua presença marcante.

— Faminta.

Peguei minha bolsa e ele sua valise. Seguimos pelos corredores até chegar à cozinha.

— Bom dia, Sr. Salvatore — a governanta disse e seus olhos gentis se fixaram em mim. Ela estivera atestado e havia retornado naquele dia.

— Bom dia, Lenny. Essa é minha namorada, Mia.

Fui até ela e nos cumprimentamos.

— Muito prazer, Lenny.

— O prazer é meu, senhorita.

Lenny tinha os cabelos na altura dos ombros, bem lisos e escuros. Seus olhos eram cor de mel, porém, o que mais chamava a atenção era o sorriso afetuoso.

Ela nos serviu em silêncio e em seguida nos deixou a sós.

— Ela parece surpresa com a minha presença — comentei com Rico depois que a mulher saiu.

Rico depositou sua xícara na mesa e me encarou.

— Esse lugar é o meu santuário. Você é a primeira mulher que trago aqui.

Sorri e voltei a comer. Rico era um tipo de homem interessante. Quando estava solteiro, ficava com quem queria e não se desculpava, entretanto, quando engatava em um compromisso, era nítido que se dedicava por inteiro a ele. Pelo menos eu sonhava com isso.



| 27 - MIA BANKS

Na quinta-feira, Rico me levou para jantar no Luzini novamente. Depois de uma garrafa de vinho, eu me sentia muito leve e feliz.

— Como estão as coisas com a sua mãe?

No fundo ele queria saber o motivo do nosso afastamento e já era hora de saber.

— OK, eu vou contar o motivo de eu ter ido embora. Talvez para você pareça uma coisa boba, mas mexeu demais com a minha cabeça.

Rico assentiu e ficou em silêncio.

— Eu, meu pai e minha mãe sempre fomos a família perfeita, pelo menos eu achei isso por um bom tempo. Desde pequena sentia o fascínio que eles tinham por mim e aquilo me deu o conforto de que toda criança precisa. Quando completei doze anos, sem qualquer aviso, fui transferida para um internato e ninguém me disse o motivo. Eu amava a minha casa, minha família, minha vida e, de repente, tudo foi tirado de mim sem nenhuma explicação lógica.

— Sinto muito — seu olhar demonstrava que sentia mesmo.

— Demorei a entender que teria que conviver com pessoas estranhas por longos anos. Passei uma adolescência reprimida e solitária, tudo para satisfazer a vontade dos meus pais.

— Você pediu para voltar para casa?

— Perdi as contas de quantas vezes implorei para ficar com eles. Embora as freiras fossem bondosas, eu odiava aquele lugar. Sentia falta da minha família, do que tínhamos, mas a resposta era sempre a mesma: que eu deveria acatar as ordens deles, porque seria o melhor para mim.

— Eles te visitavam com frequência?

— Minha mãe, sim, mas meu pai ficava até um mês sem aparecer. Era difícil entender os motivos de um afastamento tão repentino. Em um dia eu tinha tudo e, de uma hora para outra, estava sendo criada por estranhos e matando a saudade através de cartões postais escritos com letras apressadas.

— Não consigo imaginar o motivo que levou seus pais a tomarem uma atitude tão drástica. Jamais colocaria meus filhos em um colégio interno.

Rico pensava exatamente como eu.

— Eu tinha tanta vontade de voltar para casa que decidi ser uma boa aluna, sempre tirando as melhores notas. E todo final de ano eu tinha esperanças de que eles me deixassem ficar depois das festas, mas isso nunca acontecia. Quando terminei essa parte dos estudos, meu pai praticamente me obrigou a cursar Negócios na universidade e mais uma vez cedi por causa dele.

— Gostaria de ter feito outro curso?

— Na época eu queria moda, artes, qualquer coisa voltada para essa área, mas óbvio que minha vontade sempre ficava em segundo plano. Então me formei e continuei com essa conexão estranha e distante com meus pais. Eles faziam de tudo para que eu não fosse ao Canadá. Minha mãe inventava viagens e outras desculpas que me mantivessem longe de casa. Meu pai foi ficando cada vez mais ausente, com a desculpa de que tinha trabalho demais. A essa altura eu já achava que eles me viam como um erro ou qualquer outra coisa, menos uma filha.

— Não fale assim — ele tocou minha mão por cima da mesa e fez um carinho. — E você conseguiu descobrir o motivo da distância deles?

— Sim e foi aí que a minha raiva virou revolta. Eles me privaram de muita coisa, Rico. Eu não tive uma adolescência normal, vivi anos com meninas do internato que se transformaram na minha família. Somente quando eu entrei na universidade é que comecei a me questionar: por que diabos eles me afastaram tanto de suas vidas? Sentia um vazio estranho, como se parte da minha vida estivesse sendo roubada de mim.

— E quando foi que decidiu se libertar de tudo isso?

A pergunta me fez reviver a mágoa que senti no pior dia da minha vida.

— No velório do meu pai. — Ele voltou a me encarar com rugas no meio da testa. — Havia duas mulheres chorando por ele em volta do caixão. Uma era a minha mãe e a outra, a amante que escondeu de mim durante anos. Foi por ela que o meu pai me afastou de sua vida. Você consegue imaginar como eu me senti?

Dei uma risada triste em uma tentativa falha de achar graça de toda aquela situação. Era difícil não me lembrar daquela segunda-feira cinzenta e fria. Eu ainda sentia a dor da perda do meu pai e tive que passar por mais uma batalha interna que quase me fez enlouquecer.

— Meu pai morreu de infarto e essa foi a pior notícia da minha vida, nem sei explicar o quanto eu sofri, mas nada se comparou ao dia do velório.

Engoli o maldito nó da minha garganta. Era como reviver todas as emoções daquele dia, por isso odiava tocar no assunto.

— Diante do meu horror, minha mãe foi obrigada a revelar que me enviaram para um internato porque eles haviam se separado e durante anos fingiram um casamento de fachada. Meu pai havia construído seu império a partir da herança de minha mãe, então, um divórcio não seria

vantajoso para nenhuma das duas partes. Diante disso, entraram em consenso e começaram uma perfeita atuação; eles não queriam me magoar, eu era nova demais. Alegaram que tudo o que fizeram foi para me proteger de possíveis traumas.

Rico abriu a boca para falar, mas eu pedi mais um minuto. Queria contar tudo de uma vez.

— Essa notícia caiu feito uma bomba. Quando questionei minha mãe sobre o divórcio, ela simplesmente disse que ele não a amava e que a única ligação que tinham era eu. De acordo com ela, meu pai havia se apaixonado por uma advogada da empresa e resolveu viver com ela em uma casa de campo que era de nossa família. Foi nessa época que decidi me mandar para um internato. Saiu da casa onde morávamos e se mudou em definitivo para um lugar reservado com sua nova escolhida. Ele se afastou até mesmo da empresa, para evitar possíveis comentários. Estava louco de amor e trocou tudo para viver ao lado dela. Essa foi a parte que mais me machucou. Tudo bem que ele não amasse mais a minha mãe, mas eu era filha dele, não deveria haver escolha nisso.

— Isso é terrível, Mia, não sei o que te falar.

— Depois de descobrir tudo, fiquei analisando todas as visitas que eles me fizeram no internato, sempre tão estranhos e apreensivos; minha mãe sempre com aquele sorriso ensaiado nos lábios. Só depois fui entender que fazia parte do acordo deles. Queriam esperar que eu tivesse idade suficiente para saber lidar com uma separação. Quando comecei a compreender que o que vivi foi uma mentira, a revolta me dominou e isso acabou comigo. Eu me negava a acreditar que o homem que eu mais amava na vida tinha mentido por tantos anos e que preferiu ficar longe de mim para poder viver um grande amor. Que porra de pai faz uma coisa dessas?

Rico deu a volta na mesa e seus braços envolveram meu corpo.

— Não sabia que tinha sido tão sozinha, isso explica seu comportamento racional. Estou orgulhoso de você.

Sorri, encantada. Rico entendeu que minha personalidade foi desenvolvida com base em tudo o que passei na adolescência.

— Foi aí que decidiu se mudar para Nova York?

— Sim. Saí de casa com meia dúzia de peças de roupa e o dinheiro da mesada que recebia todos os meses. Aluguei o apartamento do Sr. Abelard, consegui um trabalho em uma agência de viagens e vivi muito bem nos primeiros meses, ignorando todas as mensagens e ligações da minha mãe. Eu queria que ela sofresse com a minha ausência. De certa forma minha rebeldia a assustou, afinal, eu sempre fiz tudo o que ela mandava e, de repente, me rebelei e não aceitava mais nada que viesse dos Banks.

— Não posso fazer nada quanto ao que você passou, mas garanto que vou me esforçar para que não se sinta assim novamente.

Eu o abracei com mais força, pensando que talvez tivesse sido necessário passar por tudo

aquilo no passado para ter o direito de estar dentro daquele abraço.

— Obrigada. Você tem sido a melhor parte dessa minha aventura. Passei muita dificuldade financeira, fiquei desempregada um tempo, quase voltei pra casa, mas foi aí que surgiu a vaga na Salvatore. Lembro como se fosse hoje que todo mundo fazia questão de me assustar e muitos tiveram pena; falavam que você era o próprio diabo.

Ele deu uma gargalhada.

— As pessoas falam demais.

Tive que concordar. Rico não era a pessoa mais fácil do mundo, mas ainda assim eu preferia lidar com ele a lidar com qualquer outro homem.

— Acabei de revelar sucintamente os meus problemas familiares. É por isso que não falo direito com a minha mãe. Ela me deixou viver com estranhos durante os anos mais importantes da minha vida, mesmo tendo dinheiro suficiente para me criar sem o meu pai. Depois que entendi tudo, percebi que ela me via como um peso. Mas não quero mais falar disso.

— Está certo, não vamos mais falar sobre isso.

Reviver o passado me fez perceber o quanto fui egoísta comigo. Neguei a mim mesma morar em um lugar decente, vestir roupas melhores e comer o que tinha vontade. Tudo para mostrar a minha mãe que eu conseguia viver sem o dinheiro da nossa família. No final das contas cheguei à conclusão de que tudo era uma grande besteira; aquilo era meu por direito e não fazia sentido ficar andando com uma sapatilha furada enquanto minha mãe e a mulher de meu pai viviam como rainhas.

Nunca fui uma pessoa materialista e acho que minhas maiores extravagâncias foram feitas na ARMANI, tudo por causa do homem que estava me abraçando. No final percebi que todas aquelas privações valeram a pena e Deus me recompensou com algo que não imaginei ser possível depois de tanta dor e decepção: o amor. Eu estava completamente apaixonada por Rico e contar toda a verdade foi libertador.

— Acho que todos nós temos um diabo vivendo dentro de nós e algumas situações o despertam.

Rico ficou refletindo sobre as minhas palavras.

— Você tem razão, meu anjo, e agradeço por ter confiado em mim. É importante nos conhecermos melhor para criarmos um vínculo.

Eu ainda tinha muitas curiosidades sobre a vida dele, porém, as minhas já eram revelações suficientes para uma noite.



| 28 - MIA BANKS

No dia seguinte fomos cedo para a Salvatore. Seria nosso último dia de trabalho antes das férias coletivas, por isso tínhamos muitas coisas para resolver a fim de não deixar pendências.

— Ansiosa, Cinderela? — Christina zombou enquanto desligávamos os computadores; em menos de uma hora iria viajar com Rico e nossas malas já estavam no carro dele.

— Morrendo de ansiedade — confessei.

Abri minha gaveta, tirei uma caixinha lá de dentro e a entreguei a Christina.

— Feliz Natal.

Ela arregalou os olhos em surpresa.

— Ah, não precisava — fez uma expressão engraçada. — Precisava, sim, deixa eu ver.

Nós duas gargalhamos. Pela manhã ela havia me presenteado com um cachecol maravilhoso, mas aguardei o final do dia para entregar o que tinha comprado.

— Ah, meu Deus, são lindos — ela disse ao abrir a caixa e se deparar com um par de brincos.

— Achei a sua cara — comentei e ela voltou a me abraçar.

— É, sim, vou usar na noite de Natal — ela me abraçou e nos despedimos sob muitas orientações.

Quando Christina pegou o elevador, fui ao banheiro trocar minha roupa por outra mais confortável, para usar durante o voo, e fiquei aguardando Rico.



Enquanto sobrevoávamos o oceano, Rico falou sobre sua família. Seu pai não estaria presente, pois viajaria com a nova namorada para as ilhas Maldivas, mas teceu muitos elogios à sua *nonna*. Segundo ele, Donatella se adequava fielmente àquelas italianas duronas que víamos em filmes e seriados. Falava alto, implicava com os netos, mas no fundo era um amor de pessoa.

Quando chegamos à Itália, um carro já estava à espera no aeroporto para nos levar para Toscana. Durante o voo eu estava muito empolgada e praticamente não dormi, por isso, logo que senti o balançar do carro, meu corpo cedeu e eu acabei pegando no sono. Lembro-me de ter sentido Rico me tirando do veículo, falando com alguém e minutos depois senti meu corpo ser depositado em uma cama macia e gostosa.

Quando despertei, horas depois, já havia amanhecido e podia ouvir vozes e risadas. Abri os olhos e me deparei com uma suíte estilo medieval, uma cama com dossel e cortinas cheias de arabescos.

Andei pelo quarto sentindo o carpete acariciando a sola dos meus pés. Chegando ao closet, estranhei que a mala de Rico não estivesse lá junto à minha.

Tomei um banho, coloquei uma roupa quentinha e saí à procura do meu namorado. Foi impossível não ficar impressionada com tudo o que meus olhos viam. Da escada eu conseguia enxergar uma sala toda revestida de madeira nobre, com móveis antigos e bem cuidados. Os sofás eram de um tom de creme com detalhes em dourado, que combinava perfeitamente com o gigantesco lustre antigo que descia do teto. Havia tanta coisa linda que passei um bom tempo admirando cada detalhe daquele lugar.

— Aí está você — Rico já foi me abraçando por trás. Senti seu perfume gostoso e suspirei.

— Esse é o lugar mais incrível que já vi na vida — virei o corpo e me pendurei em seu pescoço.

— Espere até ver o resto — ele me deu um beijo e depois me arrastou escada abaixo. Passamos por aquela sala e por várias outras até chegarmos na parte externa.

— Está de brincadeira? — soltei sem querer e Rico gargalhou.

— O que foi?

— Tudo bem que você parece um príncipe, mas isso aqui já é demais.

Rico não tinha uma simples propriedade, como gostava de falar, e sim um castelo.

— Quero ser um príncipe completo para você, com castelo e tudo — falou, galante, e voltou a me beijar.

— Então essa é a *ragazza*? — uma voz rouca e séria com um forte sotaque soou perto de nós. Afastei-me de Rico e dei de cara com uma senhora de cabelos brancos e muito bem presos em um coque.

— Sim, essa é Mia, minha namorada, *nonna*.

A avó de Rico usava um vestido de fio azul-marinho e por cima um avental de cozinha da mesma cor.

— É um prazer, senhora — estendi a mão.

Ela ficou me analisando e depois me puxou para um abraço caloroso.

— Seja bem-vinda, *cara*. Preparei café para vocês. Ela parece tão magrinha, Rico — disse, olhando para ele, que sorria. — Essas férias na Toscana te farão bem — acrescentou para mim.

Olhei para Rico meio assustada e seu sorriso se alargou.

Segui Donatella pelos corredores do castelo até chegarmos à mesa onde o café da manhã estava posto. Fiquei feliz por não haver mais ninguém lá.

— Fez boa viagem, Mia? — ela perguntou enquanto puxava uma cadeira para que eu me sentasse.

— Fiz, sim, obrigada.

Donatella me serviu uma xícara de café e depois foi para a cozinha buscar um bolo que terminara de assar.

— Não se assuste, ela é assim mesmo quando gosta de alguém.

Levantei as duas sobrancelhas, com expressão incrédula.

— Ela me conhece há dois minutos, não tem como ter tanta simpatia assim.

O sorriso travesso que ele lançou indicava que tinha algo a mais naquela história.

— Vai falando, Rico Salvatore.

Ele olhou para certificar-se de que Donatella não estava por perto e aproximou a boca do meu ouvido.

— Digamos que nós andamos conversando bastante sobre você.

— E você falou exatamente o quê?

A boca dele circulou minha orelha, fazendo os pelos do meu braço se arrepiarem.

— Tudo.

Abri a boca em choque.

— Tudo, tudo? — Ele assentiu e devo ter ficado roxa. — Puta merda! — coloquei a mão sobre a boca.

— Ela ficou radiante ao saber que estudou em colégio de freiras e que ainda por cima é... virgem.

— Rico Salvatore, eu vou te matar.

Ele sorriu e mordeu o meu lábio inferior.

— Foi para o seu bem. Minha avó é bem ciumenta, faria de sua vida um inferno.

A justificativa era válida, mas fiquei bem embaraçada.

— Estou morrendo de vergonha.

— Não fique, você ganhou o selo de aprovação de Donatella Salvatore e ninguém conseguiu antes.

Eu não sabia quantas mulheres ele já havia apresentado a ela, mas fiquei feliz em saber que Crystal não tinha ganhado aprovação.

— Depois do café vou levá-la para conhecer a propriedade e... — Rico desviou o olhar e suspirou pesadamente, como se tivesse acabado de se lembrar de alguma coisa desagradável. E pelo jeito dele, suspeitava que *eu* não iria gostar de ouvir.

— E? — instiguei.

— Esqueci de comentar que meu primo Marco vai noivar hoje à noite. Eu sou o padrinho.

— Isso é ótimo, estou ansiosa para conhecer sua família.

A expressão dele continuou séria, fazendo-me acreditar que realmente existia alguma coisa ruim naquela história.

— Serei padrinho junto com Crystal. A noiva de Marco e ela são melhores amigas.

Respirei fundo, sem acreditar que até na Toscana eu teria que topa com aquela vaca da Crystal. As imagens da boate não captaram nenhuma prova, mas eu tinha certeza de que ela havia colocado aquela droga na minha bebida e quase me matado. Como seria passar todos aqueles dias ali com ela?



| 29 - MIA BANKS

Nosso café da manhã foi repleto de boas risadas. Donatella monopolizou nossa atenção e contou muitas histórias da infância de Rico. Fiquei tão feliz em fazer parte daquilo, foi muito bom descobrir coisas incríveis de sua vida, ainda mais narradas por alguém tão especial.

Depois do café saímos pela propriedade. Rico falou que a família de seu pai havia comprado o castelo há muitos anos, mas que foi iniciativa dele fazer a reforma e restauração do lugar. Desde então se tornou o ponto de encontro da família Salvatore.

— Anjo, preciso ir à cidade. Você se importa de ficar com a *nonna* por umas duas horas?

Eu estava em uma das bibliotecas, bisbilhotando algumas coleções antigas, quando ele entrou.

— Donatella é um amor, vou adorar ficar com ela.

Rico me beijou e depois se foi. Não demorou para sua avó aparecer.

— Mia, aqui está você.

— Olá, precisa de alguma coisa?

— Não, *cara*. Quero aproveitar que Rico saiu para conversarmos — a voz dela era animada, mas seu semblante parecia levemente preocupado.

— Ah, claro — fechei o livro e o recoloquei na estante. Sentei-me próxima à lareira e ela fez o mesmo. — Pode falar.

— Quero que saiba que estou muito feliz que Rico esteja se dando uma nova chance. Você não imagina o quanto rezei para que superasse aquele projeto de joia.

Arregalei os olhos e comecei a gargalhar.

— Está falando de Crystal?

— Estou, sim.

— Eu não sei muito sobre a história deles, mas o pouco que ele revelou me fez perceber que ela foi alguém especial.

Donatella torceu os lábios em desgosto e se levantou.

— Não sei que feitiço aquela mulher tinha sobre ele, mas Rico ficou arrasado quando ela rompeu o namoro para viajar pelo mundo.

Eu também não sabia detalhes sobre o relacionamento deles e não era saudável bisbilhotar. A

curiosidade, no entanto, era maior que o bom senso.

— Ele não fala muito dela, mas acho que estamos bem.

— Tome cuidado, *cara mia*. Por três vezes Rico veio acompanhado para cá, mas Crystal aparecia e as garotas encerravam suas férias antes do previsto. Ela acabava ficando com ele.

Por aquela eu não esperava e fiquei sem reação.

— A senhora acha que ele pode romper comigo antes do final do ano para ficar com ela?

O silêncio dela me deixou confusa.

— Acredito que meu neto não a faria passar por esse constrangimento, até porque, diferente das outras vezes, ele me apresentou alguém como namorada. O que me faz pensar que você é especial. Mas com aquela mulher todo o cuidado é pouco.

— A senhora pode ser mais clara? De que forma ela pode me prejudicar?

Donatella foi até as imponentes janelas da biblioteca. Era uma mulher muito bonita, alta e com olhos tão azuis quanto os de Rico.

— Coisas estranhas acontecem quando aquela mulher está por perto. Não sei explicar exatamente o que ela faz, mas a situação sempre fica a favor dela, então tome cuidado.

Eu queria bombardear Donatella de perguntas, mas não dava para bancar a namorada insegura.

— Vou tomar cuidado. Rico falou que ela ficará hospedada na propriedade do primo dele, que fica a uns dois quilômetros daqui.

— Pode ser inoportuno da minha parte falar isso, mas Crystal sempre dá um jeito de ficar hospedada aqui. Caso isso aconteça, o que ela decidir será lei nesse castelo.

“Você é melhor do que ela.”

Sim. Senti uma leve sensação de poder crescendo dentro de mim. Eu ainda me negava a acreditar que Rico fizesse alguma coisa para me magoar.

— Vou tomar cuidado. Obrigada, Donatella.

Ela me lançou um sorriso. Esquecemos a Crystal e saímos andando pelo castelo. Ela me contou inúmeras histórias sobre a família Salvatore e não deixou de tecer elogios ao seu querido *nipote*.

— Esse lugar é maravilhoso — falei enquanto contemplava a vista de uma das varandas

— Que bom que gostou, Mia. Queria muito que me visitassem com mais frequência. Às vezes me sinto solitária, mesmo com tantos empregados ao redor.

— Por mim eu viveria aqui o resto da minha vida, esse lugar é maravilhoso — brinquei e o sorriso dela se iluminou.

— Acredita que Rico propôs a Crystal que vivessem aqui depois de casados e ela gargalhou

na cara dele?

Fiquei incomodada com o fato de ele já ter pensando em se casar com ela. Era irracional da minha parte sentir ciúmes de seu passado, mas eu sentia mesmo assim.

— Ela é uma idiota. Entendo sua revolta e também me pergunto como teve coragem de romper o namoro.

— *Cara*, Rico é volátil e possessivo desde criança, mas sempre a tratou com amor. O problema é que algumas pessoas simplesmente não enxergam o bem que têm. Marco não queria convidá-la para ser madrinha, só o fez por influência da namorada, Anna.

Rico comentou que a futura noiva e Crystal eram amigas.

“Cuidado em dobro.”



Assim que Donatella e suas cozinheiras terminaram o almoço, Rico entrou na cozinha e não estava com uma cara muito boa.

— Vou tomar um banho e já desço — avisou.

— No seu quarto, não se esqueça — Donatella disse e fiquei sem entender.

— Minha avó não permite que casais que não são casados na igreja durmam juntos, então nos separou.

— Ah, tá, sem problemas — mas na verdade não sabia se aquilo era bom ou ruim.

— Fica ao lado do seu, qualquer coisa eu estarei lá.

Assenti e ele se foi.

— Aposto que tem dedo da bruxa nesse mau humor — disse a avó, secando as mãos em seu avental, e foi impossível não criar teorias. Será que ele tinha ido para a cidade mesmo ou fora se encontrar com ela?

“Pare com isso, Mia!”

Tudo era coisa da minha cabeça, afinal, depois do que passamos para ficar juntos e do que contei sobre minha vida, ele não seria idiota de me magoar.

— Vá atrás dele, querida, não dê espaço para desentendimentos — disse Donatella.

Concordei e subi.

Cheguei ao corredor que dava acesso aos quartos e fui direto para a suíte que ficava ao lado da minha. Entrei e notei o barulho do chuveiro. A porta do banheiro estava entreaberta e eu sabia que não deveria espionar, mas quando dei por mim já estava quase dentro do banheiro.

Uma leve nuvem de vapor pairava no ar e Rico estava gloriosamente nu, com a água escorrendo pelo corpo, deslizando por cada centímetro de pele. Desci o olhar e encontrei os pelos de seu peitoral cheios de espuma e foi impossível não ter pensamentos inapropriados. Rico guardou o sabonete, depois ergueu a cabeça, deixando que a água levasse cada pinga de espuma enquanto eu continuava hipnotizada. Fixei o olhar em seu membro semiereto, grande, robusto, com a cabeça rosada devido à água quente. Era impossível não especular como aquilo tudo entraria em mim. Acredito que eu estava com os olhos arregalados e a boca aberta.

— Vai ficar só olhando? — a voz dele me fez sair do transe. Subi o olhar e o peguei olhando diretamente para mim. Fiquei tão sem graça que as palavras quase sumiram.

— Te espero no quarto — murmurei e saí correndo.

Sentada na cama, fiquei esfregando as mãos e repassando a cena de seu corpo nu e molhado.

O barulho do chuveiro cessou e em seguida ele passou pela porta usando um roupão aberto, enquanto secava os cabelos com uma toalha.

Rico parou de esfregar a cabeça e parou bem na minha frente. Tentei olhar para qualquer lugar, menos para ele, mas Rico tocou meu queixo com a ponta dos dedos e voltei a encará-lo. Seus olhos estavam brilhantes, ele deveria estar fantasiando como seria a nossa primeira vez.

Uma de suas mãos desceu até seu membro e deslizou os dedos pela extensão.

— Pegue nele.

Passei a língua pelos lábios em um gesto involuntário e ele sorriu.

— Rico, sua avó pode entrar aqui.

Ele caminhou até a porta e a trancou.

— Pronto, problema resolvido.

Voltou a se posicionar na minha frente e seu membro parecia muito maior. Vagarosamente subi a mão direita e toquei com a ponta dos dedos; a pele estava quente, macia e rija. O meu toque fez algumas veias ficarem aparentes e aquilo parecia tomar vida.

— Vai rir da minha cara se eu falar que não sei o que fazer com ele? — eu já tinha assistido a filmes pornôs por curiosidade, mas nunca tinha tocado em um pênis antes. Era embaraçoso e excitante ao mesmo tempo.

— Vou te mostrar o que fazer — Rico trocou minha mão pela dele e fez um vai e vem que passava por toda a extensão. Fiquei observando aquele homem enorme me ensinando a masturbá-lo. — Agora tente.

Calmamente toquei seu membro e comecei a fazer os movimentos de vai e vem. Ele soltou um leve gemido, que me incentivou a apertar mais e continuar. Aquilo estava tão perto da minha boca... Se inclinasse o rosto um pouquinho, conseguiria abocanhar boa parte da extensão.

— Isso, Mia, continue — falou e uma gotinha brilhante surgiu na ponta.

Rico parecia tão excitado que foi me deixando louca para continuar. Aproximei a boca e passei a língua bem na pontinha, fazendo um gemido rouco escapar de sua garganta. Foi o suficiente para eu mandar todo o bom senso para o espaço. Deslizei os lábios até a metade e continuei da forma que achava correta; e pelo visto acertei, porque os dedos dele se engalfinharam nos meus cabelos. Quando dei por mim, Rico estava literalmente fodendo a minha boca.

— Ah, que delícia — falou com os dentes trincados e seu membro deslizando fundo na minha boca. Senti vontade de empurrar seu corpo e acabar com a brincadeira, mas alguma coisa falava que eu conseguiria ir até o final.

Cravei as unhas em seu quadril, o que fez com que seus movimentos ficassem mais rápidos. As lágrimas já começavam a surgir nos cantos dos meus olhos e uma leve ânsia surgia em minha garganta, mas ainda assim eu me negava a parar.

— Eu vou gozar — anunciou e tentou se afastar, mas olhei em seus olhos e o impedi, queria sentir seu gosto e aproveitar cada minuto daquela experiência louca. — Tem certeza? — balancei a cabeça em confirmação. Bastou para que ele saísse quase completamente da minha boca e depois voltasse com tudo.

Deslizei a língua por onde consegui acesso e segundos depois ele explodiu em um gozo sofrido, que desceu em jatos potentes pela minha garganta. Rico se mexia e acariciava meus cabelos até que seus movimentos cessaram. Assim que ele se afastou, senti a boca dormente.

— Nossa! — exclamei e ele e me puxou de encontro ao seu corpo.

— Não vejo a hora de fazer amor com você, vai ser incrível — declarou e invadiu a minha boca com a sua. Ele me beijava com tanta paixão, como se estivesse agradecido por eu ter proporcionado aquele momento a nós dois. Rico não estava me obrigando a nada, ele já tinha entendido como eu funcionava e estava feliz por saber que as coisas iriam se encaixar aos poucos.

— Eu também estou ansiosa por isso.

A boca dele deslizou pelo meu pescoço e depois fez o caminho inverso.

De repente começaram a bater na porta e ele teve que correr para o banheiro a fim de se vestir, fazendo-me rir. Quando saímos do quarto, Donatella não estava com uma cara muito boa.

— Não precisa fazer essa cara, já estamos descendo.

Ele estendeu a mão, mas ela não suavizou o olhar.

— Crystal está lá embaixo com sua prima Luísa, querem falar com você.

Uma leve comichão subiu pelo meu corpo. Então a naja começou o ataque.



| 30 - MIA BANKS

Rico pareceu tão surpreso quanto eu, e Donatella, indisfarçavelmente, manteve-se incomodada com a presença de Crystal.

— Não imagino o que possam querer comigo, já que devo me encontrar com elas esta noite, no noivado — ele justificou e pegou a minha mão.

Descemos em silêncio. Crystal estava em frente à lareira e a tal prima Luísa, sentada no sofá. Ela deveria ter uns dezoito anos, no máximo, e tinha cabelos negros e olhos verdes.

— Primo Rico — ela caminhou em nossa direção.

— Como vai, Luísa? — os dois se abraçaram.

— Estou ótima! Você deve ser a Mia. É um prazer, eu sou Luísa — disse ela, com simpatia, e me abraçou.

— O prazer é meu, Luísa.

— Estou curioso para saber o motivo da visita — Rico falou por fim e ela o pegou pela mão.

— Venha ver o carro que eu ganhei, estava louca para te mostrar — saiu arrastando-o porta afora. — Venha, *nonna* — pediu e Donatella foi junto, deixando-me sozinha com Crystal.

— Como vai, Mia?

— Melhor do que nunca.

Dei alguns passos, sentei-me no braço do sofá e a observei. Crystal usava um sobretudo caramelo e analisava as unhas pintadas de vermelho.

— Que bom. Gostando do castelo?

Onde ela queria chegar com aquele papinho?

— O castelo é lindo e, na companhia do meu namorado, fica ainda melhor.

O desgosto ficou visível em suas feições. Ela saiu de frente da lareira e se aproximou alguns passos.

— Sei que não somos amigas, mas eu gostaria de te dar um conselho. Acho que não deveria se entregar a ele.

Sério que até aquela bruxa já sabia sobre a minha virgindade?

— Obrigada, mas quem decide isso sou eu.

— Eu sei, mas um homem vivido como Rico está acostumado a coisas, digamos, atípicas no sexo. O que uma garota boba e inexperiente pode oferecer? Você nunca conseguiria satisfazê-lo e vai acabar se arrependendo de ter se entregado a ele.

Eu não podia acreditar nas coisas que ela estava falando. Por dentro eu estava borbulhando e ainda assim tirei forças para continuar aquela conversa desagradável. Queria ver o que mais ela iria me falar. Afinal, informação é poder.

— Sabe, Crystal, um homem como Rico pode ter a mulher que quiser e mesmo assim escolheu a mim.

Ela sorriu e caminhou pela sala.

— Como você é ingênua. A ligação que tenho com Rico é muito forte. Sempre foi. Nós podemos ficar separados por um ano inteiro, mas ele sempre me aceita de volta. É só eu querer.

Engoli toda a minha vontade de dar na cara dela por falar assim de Rico e soltei uma gargalhada de deboche; isso a desconcertou.

— Você está prestando atenção nas coisas que está me falando? O seu desespero é tão grande assim? — levantei-me do sofá e comecei a caminhar para perto dela. — Vou falar exatamente o que está acontecendo. — Ela continuou em silêncio. — Por anos você teve passe livre na vida de Rico, ia e voltava quando bem entendia, você só não esperava que em algum momento de sua ausência ele se interessasse por outra pessoa. — Os olhos dela se arregalaram e ficaram nublados de ódio. — Imagino que deve doer ver aquilo que foi seu um dia escapando por entre os dedos.

O olhar dela congelou, minhas palavras a atingiram em cheio.

— Você não sabe o que está falando.

— Sei, sim. Na sua visão, posso ser apenas uma virgem inexperiente, mas conquistei o título de namorada sem ter que tirar a roupa.

Não era bem verdade, mas ela não precisava saber.

— Não vai durar, não se iluda. Ele sempre volta para mim — ela já soava meio desesperada. Acho que alguém estava começando a descer do salto.

— Isso só o tempo dirá. Se ele realmente te amar e quiser ficar com você, terei a dignidade de deixar o caminho livre e não ficarei cercando-o e abanando o rabo feito um cão sarnento em busca de atenção.

Mais uma vez seu olhar destilou um ódio mortal e sua boca se retorceu num esgar nada atraente. Aproveitei que o inimigo estava ferido e prossegui com o ataque.

— Você está sendo ridícula, Crystal. Se eu puder retribuir o conselho: pare de nos cercar. Estamos sentindo o cheiro do seu desespero e não é agradável.

Antes que ela pudesse responder, Rico entrou na sala acompanhado de Donatella e Luísa.

— Tudo bem por aqui? — Donatella perguntou, desconfiada.

— Tudo maravilhoso — menti e lhe ofereci um sorriso brilhante.

Crystal tentou se recompor, mas tudo o que conseguiu foi dar um sorriso amarelo e caminhar em direção à porta.

— Te espero no carro, Luísa.

Todos deviam ter estranhado a atitude dela, porém ninguém comentou nada. Luísa se despediu e elas se foram.

— Posso saber o que houve entre vocês? Crystal parecia desconfortável quando entramos — Donatella perguntou baixinho quando Rico saiu para lavar as mãos.

— Falei umas verdades e acho que ela não gostou.

Nós duas rimos, mas não pude falar mais nada, pois Rico apareceu e fomos para a mesa.



Depois de almoçarmos, passamos a tarde caminhando pelos vinhedos do castelo.

Quando anoiteceu, subi para tomar banho e me arrumar para o tal noivado. Fazia frio em Toscana, então escolhi um vestido comprido num tom de azul marinho, quase preto. O charme ficava por conta de um aplique de pequenas pedras nas mangas. Era elegante e bonito na medida certa, até porque quem tinha que brilhar era a noiva.

— Pronta?

Virei-me ao escutar a voz de Rico. Não era a primeira vez que o via de smoking, mas sempre era uma bela surpresa.

— Estou, sim.

— E linda, por sinal — ele me pegou pela cintura. Era só me encostar naquele homem que eu virava gelatina.

— *Che bello* — elogiou Donatella ao entrar no quarto usando um vestido verde-oliva muito elegante. — Deixe-me tirar uma foto de vocês — ela rapidamente pegou o celular e posamos para uma sessão de fotos. — Agora vamos, não quero chegar atrasada.

Durante o caminho até a propriedade de Marco Salvatore, eu só conseguia pensar em Crystal me perguntando o que ela estaria tramando para melar o meu namoro. Minha cabeça elaborava um emaranhado de teorias.

Assim que o motorista estacionou em frente à imponente propriedade com um belo jardim iluminado, notei que muitos convidados já haviam chegado.

Fomos recepcionados na porta por um mordomo uniformizado. Rico me manteve de um lado e Donatella do outro, enquanto entrávamos, e nos guiou por entre os convidados. Não demorou para um casal sorridente se aproximar.

— Rico! — o rapaz o cumprimentou com entusiasmo.

— Como vai, Marco? — os dois se abraçaram e se viraram para mim. — Essa é minha namorada, Mia Banks. Mia, este é meu primo Marco Salvatore e esta é Anna Benatti, sua futura esposa.

Marco fez uma mesura exagerada e beijou minha mão.

— Como vai, *bella*. É um prazer finalmente conhecer uma namorada de Rico.

Eu ri e olhei para Rico, mas ele estava se divertindo com o primo.

Quando me virei para cumprimentar a noiva, que me saudou por educação, mas foi impossível não notar sua antipatia por mim. Anna me analisou minuciosamente e depois agiu como se

eu fosse um artigo dispensável.

Anna usava um vestido rosado com mangas de tule e renda. Sua maquiagem era suave, mas marcava seus belos olhos amendoados de um castanho intenso, os cabelos longos e loiros estavam presos em uma trança elaborada. Já Marco, elegante em seu smoking, era bem parecido com Rico, com seu porte atlético, porém era um pouco mais baixo, seus cabelos eram de um castanho mais claro e os olhos, esverdeados.

Depois das trocas de amenidades de praxe, Donatella se misturou aos convidados e Rico voltou a pegar na minha mão.

— Venha, quero te apresentar a alguns amigos.

Eu concordei imediatamente. Ansiava por conhecê-lo um pouco mais, fazer parte da vida dele, e conhecer seus amigos era um bom começo.

Conheci familiares e alguns empresários com quem mantinha laços fora dos negócios. Rico me apresentava com orgulho, parecia à vontade comigo ao seu lado.

Quando voltamos ao salão principal, pegamos o exato momento em que Crystal, deslumbrante como sempre, passou pela porta. O vestido de veludo preto emoldurava seu corpo de Miss. Quando seus olhos encontraram os de Rico, ela abriu aquele sorriso cúmplice, íntimo, como se os dois tivessem um segredo. O tipo de sorriso que só tinha quem se conhecia muito e há muito tempo. Rico, no entanto, não parecia perturbado.

Anna e Marco a recepcionaram e a futura noiva cochichou no ouvido de Crystal, obviamente algo relacionado a mim, e as duas sorriram.

— Quer champanhe? — Rico perguntou e eu aceitei. Talvez o álcool me ajudasse a relaxar.

— *Caro, zio* Gregório está na sala de jogos e quer vê-lo. Vá cumprimentá-lo, eu fico com Mia uns minutinhos.

Rico depositou um beijo em meus lábios e atendeu ao pedido da avó.

— Então a áspide já chegou — Donatella disse, desgostosa, e eu fui obrigada a rir; ela falava exatamente o que eu tinha vontade.

Como se adivinhasse que estávamos falando dela, Crystal caminhou até nós e parou em frente à Donatella.

— Dona, tudo bem?

O sorriso falso da avó de Rico foi impagável.

— Muito bem, Crystal — a resposta foi curta e grossa.

— E você, Mia, como vai?

— Maravilhosamente bem e você?

Ela sorriu e me beijou no rosto. Aquilo soou tão falso quanto uma nota de 15 dólares. O que aquela serpente estava aprontando?

“Ela com certeza está tramando alguma coisa.”

— Ótima. Agora com licença, vou cumprimentar algumas pessoas — passou por nós deixando pelo ar um perfume tão marcante quanto sua presença.

— Manter os inimigos por perto faz parte do jogo dela. Ano passado Rico apareceu aqui com uma venezuelana com quem estava ficando. Crystal se aproximou e entrou na mente da garota de um jeito que ela não ficou em Toscana por três dias.

— Sério? Mas, como?

— Não me pergunte, *cara*, ela é boa em convencer pessoas, é tudo o que sei.

Nos minutos seguintes Donatella me apresentou a uma boa quantidade de pessoas e finalmente o jantar foi anunciado. Rico voltou a se juntar a nós e todos fomos em direção à sala de jantar. Estava tudo indo muito bem, até eu notar que os lugares na mesa eram marcados.

— Que brincadeira de mau gosto é essa? — Donatella exclamou ao perceber que era o nome de Crystal ao lado do nome de Rico e não o meu. Fiquei calada, queria ver como eles resolveriam a situação. — Anna, venha cá — Donatella pegou a noiva sem sal pelo braço e apontou para os lugares com o nome de Crystal e Rico.

A menina teve a delicadeza de ficar sem graça e começou a se justificar.

— A cerimonialista sugeriu que os padrinhos ficassem lado a lado. O noivado será anunciado logo após a sobremesa e eu não sabia que Rico viria acompanhado.

Respirei bem fundo para permanecer impassível. Eu estava com Rico no dia em que ele retornou a ligação de Marco e avisou que eu viajaria também. Cobra!

“Um verdadeiro ninho de cobras.”

— Então trate de arrumar um lugar para Crystal agora, e de preferência bem longe do meu neto — a voz de Donatella não deixou espaço para dúvidas.

Anna tirou a placa com o nome de Crystal e sumiu entre os convidados. Rico, que conversava com seu tio Gregório, nem se deu conta da pequena confusão que estava rolando.

Quando finalmente nos acomodamos, notei que Anna trabalhou rápido e conseguiu um lugar privilegiado para Crystal, bem em frente a Rico. As duas estavam trabalhando juntas para me tirar do sério.

Durante todo o jantar, Rico dividiu sua atenção entre mim e Donatella, a presença de Crystal parecia não afetá-lo. Mas juro que fiquei imaginando se ela não estava roçando a ponta do sapato na perna dele.

“Pare de ser paranoica, Mia!”

Quando a sobremesa foi servida, Gregório, que estava sentado ao lado de Crystal, puxou assunto:

— Trabalhando como modelo ainda? — ele perguntou e ela sorriu, o que era sua marca registrada, pois Crystal estava sempre sorrindo.

— Ah, sim, fiz alguns trabalhos no Japão semana passada.

Não sabia exatamente o que fazia, mas com certeza modelar combinava com ela.

— E você, querida, trabalha? — Gregório se dirigiu a mim.

— Ah, Mia é secretária de Rico — Crystal se apressou em responder e nossos olhares se encontraram. Ela claramente queria me diminuir perante a família de Rico, como se tirar fotos de biquíni fosse uma grande coisa.

— Atualmente trabalho com Rico na Salvatore. Eu tenho um MBA em Negócios pela Saïd Business School da Universidade de Oxford e quero absorver *tudo* o que ele tem a me ensinar.

Sorri e olhei para Rico, que já tinha entendido meu comentário com duplo sentido.

— Oxford? Impressionante! Com certeza será um bom aprendizado, Rico é um dos melhores empresários que você vai conhecer — comentou, orgulhoso, e ergueu a taça em um brinde solitário.
— Rico comentou que você é do Canadá.

Tio Gregório era aquele tipo de parente que gostava de interrogatórios. No fundo, ele queria saber se eu era um bom partido para o seu sobrinho preferido. Então seria um prazer responder a todas as suas perguntas.

— Sim, do Norte, estudei muitos anos na Inglaterra e depois me mudei para Nova York, mas minha mãe ainda vive lá.

— E seus pais ainda trabalham?

— Meu pai faleceu há pouco tempo. Ele foi diplomata, mas nunca deixou suas empresas de lado. Hoje em dia temos um conselho e um CEO que cuida de tudo.

Os olhos dele brilharam.

— Sinto muito pelo seu pai. Qual o segmento da empresa?

— Meu pai era um homem bastante ambicioso, mas atualmente nosso forte é a indústria automobilística.

Àquela altura Crystal, com certeza, já tinha se arrependido de ter se metido na conversa e tentado me menosprezar.

— Rico comentou que é filha única, não pensa em assumir os negócios da família?

Apesar de conhecer minhas responsabilidades, voltar ao Canadá não estava nos meus planos, ainda mais depois de provar o gosto da liberdade. Entretanto, não era aquilo que titio Gregório queria ouvir.

— Penso, sim, por isso estou trabalhando com Rico, quero acumular o máximo de experiência para quando assumir os negócios da minha família. Meu pai deixou um grande

patrimônio e quero saber administrá-lo quando chegar a hora.

Lancei um olhar para Rico, que me olhava encantado e admirado.

A conversa com tio Gregório prosseguiu e pacientemente respondi a todas as suas perguntas. Ele gostava de bisbilhotar, e já que Crystal estava obrigatoriamente ao seu lado, era uma forma de saber que eu não era a morta de fome que ela pensava. Se algum dia dei essa impressão, foi por causa do meu orgulho e mágoa.

Depois do jantar seguimos para o salão. Enfim, Marco fez o pedido a uma Anna bastante emocionada. Ela recebeu o anel com lágrimas nos olhos e ambos foram aplaudidos quando finalmente selaram o pedido com um beijo.

A fila de cumprimentos era enorme e fiquei surpresa ao notar a presença do Gael entre os convidados. Voltei-me para Rico e ele estava olhando para a mesma direção.

— Olha o Gael! — Donatella disse logo depois, animada, e foi até ele. Dois minutos depois o arrastava até nós.

— Como vão vocês? Cheguei atrasado, mas deu tempo de cumprimentar os noivos — explicou Gael. — Você está deslumbrante, Mia — ele elogiou. Depois do incidente na boate não nos encontramos mais, o que foi uma pena. Embora fosse primo de Crystal, eu sabia que ele era uma boa pessoa.

— Obrigada.

Rico e eu circulamos entre os convidados, mas já estava louca para ir embora e ficar sozinha com ele, então me lembrei das ordens de Donatella.

— Dê um jeito de dormir comigo essa noite, está muito frio para ficar sozinha.

Ganhei completamente sua atenção com aquele pedido. Rico aproximou a boca do meu ouvido e sussurrou:

— Então eu vou te chupar inteirinha essa noite.

Foi impossível não sentir uma fígada no meio das pernas só de me lembrar da boca habilidosa de Rico Salvatore.

— Fiquei molhada só de pensar — soltei sem querer e ele explodiu em uma gargalhada daquelas que chamou a atenção de vários convidados. No instante seguinte ele estava me puxando pela cintura.

— Vou me despedir de algumas pessoas e vamos embora.

Sentei-me em uma poltrona, enquanto Rico voltava à sala de jogos para se despedir de seus tios.

Minutos depois ele voltou e saímos de fininho; era gente demais para cumprimentar. Donatella ficaria mais um pouco e depois o motorista iria buscá-la.

— Mia, esqueci meu celular na mesa de jogos, volto em dois minutos. Espere-me no carro —

ele pediu e voltou para dentro da casa.

Desci um lance de escadas e não consegui localizar o carro, muito menos o motorista, então decidi esperar por Rico perto da entrada. Como estava impaciente, comecei a caminhar pela calçada que tinha em volta da mansão.

Através das janelas avistei uma sala bem decorada, com uma parede repleta de livros e uma lareira imponente.

Era tudo de muito bom gosto, exceto pelo casal que se agarrava desavergonhadamente em um canto da sala. Meu olhar congelou. Mesmo com pouca claridade foi possível distinguir Crystal e Marco Salvatore no maior amasso. O vestido dela estava enrolado na cintura e os dois pareciam em chamas. A cena seria surpreendente, se eu já não tivesse escutado tanta coisa sobre Crystal.

O papo de que Marco não gostava dela deveria fazer parte do teatro dos dois. Rapidamente abri a minha bolsa, mas para minha total desolação, meu celular estava sem bateria. Droga!

Arquivei aquela cena no fundo da minha memória e voltei para a frente da mansão, toda esbaforida; um segundo depois Rico saiu pela porta.

— Vamos?

Confirmei com a cabeça e peguei sua mão.

Quer dizer então que Crystal se revezava entre os dois primos. Há quanto tempo aquilo estava acontecendo?

Por Deus que está no céu, eu daria um jeito de Rico saber de tudo e seria antes das nossas férias acabarem.



| 31 - MIA BANKS

Eu mal tinha passado pela porta do meu quarto e as mãos de Rico já estavam em mim. Gemi quando seus dentes mordiscaram os meus lábios com um pouco mais de força.

— Ah, Mia... — o sussurro foi como uma promessa de tudo o que ele gostaria de fazer comigo.

Eu também não aguentava mais aquela tortura, mas depois de tudo o que Donatella revelou, seria burrice me entregar antes da virada de ano. Eu precisava colocar a cobra da Crystal para correr primeiro. Mas isso não impedia que eu realizasse outras fantasias que não envolvessem uma penetração completa.

— Rico, eu tenho vontade de fazer uma coisa.

A boca dele congelou na curvatura do meu pescoço.

— Me considere o Gênio da Lâmpada, farei tudo o que pedir — disse, sedutor, e apertou a minha bunda por cima do vestido.

— Bem, você basicamente já viu as principais partes do meu corpo, já passou a boca por elas e mesmo que eu não queira perder a virgindade hoje, tenho curiosidade de saber como é.

Ele arqueou uma sobrancelha, me questionando onde eu queria chegar com aquela conversa louca.

— Eu quero sentir você, mas não queria que me penetrasse, queria apenas sentir um gostinho, sabe? Acha que consegue se controlar?

Meu pedido o deixou perplexo. Eu sabia que estava pedindo demais.

— Vai ser uma tortura, mas garanto que valerá a pena — disse, por fim. Corri para o banheiro, tirei o vestido e coloquei uma camisola sexy; estava louca para saber como seria aquela experiência.

Quando voltei para o quarto, ele estava apenas de boxer branca com um roupão felpudo por cima.

— Vem cá, Mia.

Seduzida por sua imagem máscula e atraente, eu fui até ele.

— Quando quiser que eu pare, é só pedir, não faça nada tomada pela emoção do momento.

Escutar aquilo foi tão importante para mim.

— OK — puxei o ar e esperei pelo beijo, mas ele se afastou. — Aonde vai?

— Quero te levar a um lugar.

Rico foi ao banheiro, pegou um roupão e me entregou.

— Que lugar? — perguntei enquanto colocava a peça sobre o corpo.

— Segredo.

Estava curiosa, pois um castelo como aquele devia ter muitos lugares incríveis a serem descobertos. Então, de mãos dadas, saímos para conhecer o tal lugar. Rico me guiou por corredores intermináveis e então descemos dois andares até chegarmos a uma grande porta de madeira antiga. Havia uma espécie de dispositivo onde ele digitou uma senha e a porta se abriu. O contraste do antigo misturado com o moderno me deixou impressionada. Uma porta milenar que se abria com uma senha? Gostei!

— Entre — sussurrou no meu ouvido e dei um passo à frente.

As luzes imediatamente se acenderam e eu me vi em um quarto extremamente luxuoso. O piso era revestido de um carpete creme e havia uma cama imponente coberta com lençóis de seda dourados. Meus olhos estavam hipnotizados, tudo aquilo me deixou fascinada e excitada ao mesmo tempo. Ao fundo pude ver uma grande banheira toda revestida em mármore marfim com detalhes em dourado. Era magnífica.

— Nossa! — foi a única coisa que saiu da minha boca enquanto meus olhos continuavam explorando tudo.

— Ficou pronto há duas semanas.

Que bom que ele se adiantou, já estava pronta para perguntar quantas mulheres já estiveram com ele ali.

— É uma suíte exuberante, gosto das cores — elogiei, imaginando tudo o que faríamos naquele lugar quando eu finalmente decidisse me entregar a ele.

Rico regulou a temperatura, depois ligou uma lareira elétrica e na mesma hora o fogo começou a crepitar, aquecendo o ambiente.

Bisbilhotei o lugar com curiosidade, havia coisas penduradas nas paredes, quadros exóticos, tudo de muito bom gosto.

— Você é uma espécie de análogo de Christian Grey?

Ele fechou o frigobar e soltou uma risada.

— Não, não sou, meu negócio tem mais a ver com prazer.

— Ele também falava isso — rebati e Rico balançou a cabeça.

— Não tem chicotes aqui.

— Mas tem algemas — aponteí para uns brinquedinhos expostos em uma das paredes.

— É opcional, não vamos usar — lançou um olhar sedutor e completou: — Não hoje.

Será que era daquele tipo de sexo que Crystal estava falando? Será que Rico gostava dessa parada de sadomasoquismo?

— Não para todas as coisas que estão passando pela sua cabeça e enrugando a sua testa — ele falou e tomou um gole do uísque que acabara de servir, depois serviu vinho em uma taça e me entregou. — Beba.

Tinha que admitir que eu estava bem nervosa, mas também sabia que ele jamais faria algo contra a minha vontade. Virei a taça de uma vez só e depois a entreguei a ele.

— Mais uma — pedi e uma de suas sobrancelhas subiu. Eu queria estar ali com ele, queria que tocasse o meu corpo, queria tudo aquilo e sabia que Rico só iria até onde eu permitisse, então se eu conseguisse me controlar estaria tudo bem.

Rico serviu mais uma taça e me entregou, daquela vez eu bebi a metade e fui até o sofá de veludo. Todo aquele ambiente me deixava relaxada; as cores, os móveis, tudo me agradava. Se fosse vermelho, preto ou algo que remetesse a sexo, talvez meus alertas disparassem, mas aquele era um ambiente aconchegante.

Rico pegou um controle remoto e uma melodia bem sensual começou a soar por algum alto-falante. Então tirou o roupão e sentou-se ao meu lado, depois deslizou, apoiando as costas sobre o estofado, e abriu um pouco as pernas. Foi impossível não correr os olhos por aquele corpo perfeito e todo relaxado à minha frente.

— O que vamos fazer aqui? — senti meu rosto esquentar por causa do vinho.

— Tudo o que você quiser. Não se esqueça de que sou o Gênio da Lâmpada, é só pedir que eu atendo — brincou e sorriu.

Mas minha cabeça já estava pensando em coisas absurdas para fazer com aquele homem enorme ao meu lado.

— Pois eu digo o mesmo. O passe é livre, desde que eu não deixe de ser virgem.

Era uma coisa bem idiota para se falar. Se o cara podia passar a mão no meu corpo e chupar minhas partes íntimas, por que diabos não podia finalizar o serviço?

Eu não tinha uma resposta.

Acho que no fundo eu ainda precisava tirar Crystal da jogada, só assim me sentiria confiante para seguir em frente.

— Fique nua.

Uau! Ele foi bem direto. Eu sorvi o restante do vinho e deposei a taça na mesinha ao lado.

— Acho que posso fazer isso — passei a língua nos lábios. Então me levantei e parei no

meio de suas pernas. Desatei o nó do roupão e o deixei cair no chão.

— Fique assim um instante — pediu e se inclinou para frente, deslizando as mãos pelas laterais das minhas coxas. O toque era gostoso, firme, possessivo. — Adoro o cheiro da sua pele.

Senti um arrepio quando o nariz dele tocou a minha perna. Logo depois ele depositou um beijo e passou a língua no mesmo lugar.

— Continue — deu a ordem e me afastei um pouco para que ele tivesse um belo vislumbre do meu corpo.

Desci uma alça da camisola, deixando um dos seios expostos, mas ele continuou olhando para os meus olhos. Foi impossível não imaginar com quantas mulheres já estive e se pedia aquele tipo de coisa a elas também. Era difícil não imaginar que ele estivesse fazendo comparações.

“Droga, Mia, pare com isso!”

Baixei a outra alça e, finalmente, a camisola caiu, tornando-se uma poça de seda em volta dos meus pés. A única peça que eu usava era uma calcinha de renda preta e foi impossível para Rico permanecer indiferente. Ele desviou os olhos dos meus e começou a explorar meu corpo. Não me importei que estivesse me vendo praticamente nua, eu gostava da forma como ele me olhava, com tanto desejo e paixão.

— Chegue mais perto — pediu, com sua voz grossa e rouca de desejo.

Dei alguns passos até estar entre as pernas dele novamente. Mais uma vez suas mãos subiram pelas laterais do meu quadril. Rico beijou a pele da minha, fazendo-me arfar. Ele continuou explorando até chegar na borda da minha calcinha. Ficou passando o nariz pelo tecido fino, depositou um beijo e se levantou, erguendo meu corpo junto com ele. Minhas pernas rodearam sua cintura e sua boca macia subiu pelo meu pescoço até encontrar meus lábios.

— Humm — gemi quando ele mordiscou meu lábio inferior antes de me devorar com sua boca faminta. O beijo de Rico era uma coisa tão inexplicável quanto tudo o que eu sentia por ele, acho que eu conseguiria chegar ao orgasmo com um simples beijo.

Meu corpo foi depositado sobre o colchão e eu sabia que a brincadeira iria começar. Ajeitei-me no centro da cama e ele se afastou.

— Posso te pedir uma coisa? — falei, meio envergonhada.

— O que quiser, você manda.

Durante minha sondagem percebi que havia fitas douradas entrelaçadas nos pés arredondados da cama e eu sabia exatamente para o que serviam: imobilização dos braços e das pernas. Senti meu sexo pulsar só de imaginar como seria ser subjugada por Rico Salvatore.

— Quero que use as fitas que estão nos pés da cama.

Seu espanto foi visível, ele jamais imaginou que eu pudesse pedir tal coisa.

— Tem certeza? Achei que quisesse fazer essas coisas em um futuro não muito distante.

Pois é, eu também nunca imaginei que fosse pedir aquilo a um homem, mas ele não era qualquer homem, era o meu namorado e eu queria descobrir o sexo aos poucos e com ele.

— Tenho, sim, mas...

— Eu sei, meu anjo, fique tranquila. Não vai acontecer nada agora.

Respirei fundo e fechei os olhos, sentindo a primeira fita sendo delicadamente atada em volta do meu pulso. Ele não prendeu muito forte, só o suficiente para que eu não conseguisse me soltar sozinha; depois deu a volta na cama e prendeu a outra mão. Então subiu no colchão, ficando entre as minhas pernas, olhando para a minha calcinha. Seus dedos, gentilmente, tocaram as laterais do tecido e ele a deslizou, lentamente, pelas minhas pernas. A cada centímetro que ela deixava o meu corpo, uma sensação diferente me atingia, aquele momento seria um divisor de águas na minha vida sexual. Jamais imaginei deixar qualquer homem fazer algo como aquilo comigo, então imagine o quanto eu estava envolvida.

Rico admirou minha nudez por alguns segundos, depois desceu da cama e começou a amarrar meus pés. Mordí os lábios e corei quando me dei conta do quanto ficaria exposta assim. Ele se colocou de pé e ficou olhando para o meu corpo — a cena deveria ser bem excitante. Eu estava toda aberta e entregue sobre aquela cama e havia dado carta branca para que ele tocasse meu corpo como bem quisesse; isso devia mexer com a cabeça de qualquer homem.

Ele caminhou pelo quarto, ajustou as luzes, serviu mais uma dose de uísque e bebeu em pequenos goles, enquanto seus olhos me analisavam minuciosamente.

— Tem ideia do quanto essa sua submissão me enlouquece?

Eu tinha uma leve ideia de que um homem que gostava de controle, como ele, não devia ser diferente quando se tratava de sexo.

Ainda me observando, ele, calmamente, começou a despir a boxer e meus olhos desceram para o membro rijo e imponente que saltava do meio de suas pernas; era enorme e lindo.

Rico deixou o copo no bar e desfilou sua nudez pelo quarto. Naquela hora eu já estava completamente molhada só por fantasiar como seria. Ele se inclinou sobre a cama e passou a língua em um dos meus pés, o que fez meu corpo todo vibrar. A boca subiu pelas minhas pernas e parou em frente à minha intimidade, que pulsava por atenção.

Fechei os olhos. *Meu Deus, que vergonha!*

Senti seus dedos abrindo meus lábios vaginais e logo em seguida uma língua quente e suave os explorava. O contraste da minha pele sensível e úmida em contato com a aspereza de sua barba me deixou fascinada. A língua permaneceu no meu clitóris, circulando e sugando. Eu gemia e rebojava em sua boca. Aquilo era o céu.

— Ah, meu Deus! Que delícia, Rico — sussurrei, sentindo meu corpo vibrar enquanto ele me

devorava.

— *Você é deliciosa* — disse ao se levantar e cobrir o meu corpo com o dele. Senti seu membro quase encaixado entre as minhas pernas e a sensação foi incrível.

A boca de Rico encontrou a minha e eu senti meu gosto em seus lábios. Aquele beijo foi tão quente e cheio de tesão que achei que explodiria. E o fato de não poder tocá-lo potencializava o meu desejo.

Assim que nosso beijo acabou, ele se ergueu e permaneceu ajoelhado entre as minhas pernas. Instintivamente elas se abriram um pouco mais; eu queria aquele contato mais que tudo.

— Vou colocar um preservativo.

— Eu tomo pílula, por questões hormonais — falei, levada pela minha loucura de senti-lo.

— Confia tanto assim em mim? — questionou, certamente imaginando por que eu estava sendo tão irresponsável. Ele não corria qualquer risco, visto que eu nunca havia dormido com ninguém, já ele...

— Diga você. Posso confiar?

Ele sorriu e assentiu.

— Pode parecer piegas, mas não faço sexo sem preservativo. Não confio em ninguém.

— E confia em mim? — perguntei, minha voz rouca de desejo.

Rico simplesmente pegou seu membro com uma das mãos e o aproximou do centro do meu prazer. O segundo que antecedeu aquele toque pareceu uma eternidade, mas quando finalmente aconteceu, eu vibrei. Ele deslizou a cabeça desde o meu clitóris até chegar na minha entrada e depois fez o caminho inverso. A sensação era tão estimulante que empurrei o corpo para frente.

— Eu preciso de mais.

Ele me encarou e seus olhos estavam em chamas. Rico estava tão afetado quanto eu. Era a tortura mais deliciosa que já senti na vida.

— Shhh... eu sei exatamente do que você precisa — disse e voltou a me torturar. Eu sentia aquela cabeça pulsando entre meus lábios e, meu Deus, era arrebatador. Estar amarrada, nua e tendo Rico Salvatore esfregando seu membro viril em mim era maravilhoso.

— Rico, por Deus, só mais um pouquinho — implorei e ele continuou a exploração, tocando em todas as partes do meu sexo, exceto onde eu mais queria.

— Se eu forçar mais que isso, vai acontecer algo que você não quer.

Acho que o vinho e toda a excitação mandaram o meu juízo para o espaço, porque eu disse:

— Eu quero, por favor... Eu quero muito!

Ele sorriu com o canto dos lábios e aumentou o ritmo, esfregando a cabeça do seu pau contra a minha boceta molhada, estimulando meu clitóris. A intensidade fez meu desejo chegar ao limite e então eu gozei como nunca, gemendo alto e remexendo o corpo, querendo ter mais contato com ele.

As fitas nos meus pulsos limitavam os meus movimentos e mesmo assim eu continuava tentando. Com certeza haveria marcas no dia seguinte. Mas eu não me importava, tudo o que eu queria era ter o poderoso membro de Rico Salvatore dentro de mim.

Quando meu corpo se acalmou e eu praticamente desmaiei, Rico se colocou em cima de mim e notei que seu membro ainda estava duro feito pedra. Mas sua voz era calma, e seu sorriso, cheio de promessas.

— Você estava louca de desejo, mas ainda não está preparada. Vou saber quando chegar a hora, não se preocupe — sussurrou no meu ouvido, enquanto meu peito subia e descia freneticamente.

— Essa amostra grátis acabou comigo. Fico imaginando como será o pacote completo — confessei e ele sorriu com a boca colada ao meu pescoço.

— Saberá em breve — disse, soltando as fitas que me prendiam à cama. Depois beijou os meus pulsos, que estavam vermelhos, e me colocou sentada. — Quer mais vinho? — ofereceu, gentil.

Mas um diabinho sexual e desavergonhado despertou dentro de mim

— Não... Eu o quero — falei, olhando para o membro imponente a centímetros do meu rosto e Rico explodiu em uma deliciosa gargalhada.

— Estou criando um monstro — brincou.

— Que seja! — rebati e o puxei pela cintura, para que ficasse exatamente onde eu queria.

Era a minha vez.



Acordei com o corpo quente de Rico me envolvendo. E sorri ainda de olhos fechados, só de me lembrar da loucura que foi a noite anterior. Depois de ele, literalmente, foder a minha boca, fomos tomar um delicioso banho de banheira. Lá, enxugamos duas garrafas de vinho, conversamos, namoramos e passamos a madrugada como um casal de namorados qualquer.

Resultado disso?

Sáímos do seu calabouço de luxo quase de manhã, parecendo dois maracujás de gaveta, de tão enrugados por causa da água quente da banheira.

Foi uma experiência deliciosa e uma das mais incríveis da minha vida. Com ele o sexo parecia tão descomplicado, ou será que eu só achava isso por estar loucamente apaixonada?

Tanto faz!

— Você precisa ir para o seu quarto, daqui a pouco a ronda vai passar — eu caçoei, lembrando que logo Donatella nos chamaria para o café da manhã.

— Só a minha avó para me fazer passar por isso — falou e foi se levantando da cama. Depois me encarou e abriu seu sorriso de príncipe.

— Você foi incrível ontem — elogiou e meu coração deu piruetas.

— Foi culpa do vinho — brinquei, tentando amenizar a vergonha pelo meu comportamento liberal.

— Vou te dar vinho todos os dias.

Sorrimos e ficamos nos olhando por longos segundos. Não foi preciso palavras, a noite foi especial para os dois. Sabíamos disso.

— Te espero lá embaixo — disse, antes de me dar um beijo e sair.

Tomei um banho demorado e escolhi uma roupa bonita, já que iríamos almoçar na propriedade de tio Gregório e tanto Crystal quanto Marco estariam por lá. Seria a minha chance de dar um flagrante nos dois.

Mas antes disso, falaria tudo o que vi para Donatella, ela com certeza seria minha aliada para bolar um plano e desmascarar aqueles dois falsos. Estava ansiosa para ver a cara de Rico quando descobrisse que a doce Crystal não passava de uma piranha de quinta!



| 32 - MIA BANKS

Depois do café da manhã, Rico foi para o escritório fazer algumas ligações e eu aproveitei para caminhar com Donatella pelos arredores do castelo.

Paramos em um lugar com uma vista maravilhosa da Toscana e nos sentamos em um velho banco de madeira.

— Estou escutando, *cara* — Donatella soltou e eu fui obrigada a rir.

— Sou tão previsível assim?

— Não, mas sou boa em ler as pessoas.

Devia ser algum dom da família Salvatore, porque Rico também conseguia adivinhar meus pensamentos com uma precisão absurda.

— É uma coisa bem delicada, tenho medo de que não acredite em mim.

No fundo era aquilo mesmo. Marco era neto dela também, então era complicado.

— Sou uma velha bem experiente, saberei entender a situação, confie em mim.

Olhei para frente e fiquei escolhendo as palavras. Não era fácil revelar uma coisa daquelas.

— Na noite do noivado de Marco e Anna, eu o vi aos beijos com Crystal. Eu queria ter filmado e tirado foto, mas meu celular estava sem bateria. — Os olhos de Donatella quase saíram rolando pelo chão. — Eu sei que parece loucura, mas tenho certeza do que vi.

— Eu acredito em você. Na verdade, agora muitas coisas fazem sentido — ela concluiu e se levantou, bloqueando o sol à minha frente. — Ano retrasado, Crystal esteve aqui, atrás de Rico. Houve uma grande confusão com a garota que o estava acompanhando. Marco disse que a garota deu em cima dele, mas a menina disse que foi o contrário e insinuou que Marco e Crystal estavam juntos. No calor da discussão a menina perdeu a cabeça e avançou em Crystal; foi uma briga daquelas. Quando Rico chegou da cidade, Crystal estava toda arranhada e descabelada. Eu sabia exatamente o que ela tinha feito, mas meu neto caiu feito um pato. Fez algumas ligações, mandou a garota de volta para Nova York e ainda cuidou dos machucados de Crystal.

Então Marco e Crystal já eram cúmplices e amantes desde aquela época. E eu com certeza não fui a primeira a flagrar os traidores juntos. Queria entender o que Crystal tinha na cabeça, o porquê daqueles joguinhos.

— Eu não entendo por que ela faz isso. Se quer tanto Rico, por que diabos se envolve com o primo dele?

— Crystal é um tipo de mulher que quer abraçar e controlar o mundo. Ela não quer Rico por amor, mas sente prazer em controlá-lo.

Sim, mas aquele ano estava sendo diferente e a cobra peçonhenta não sabia o que a aguardava.

— Tome cuidado, Mia, ela está conquistando aliados para separar vocês.

Fiquei arrepiada com a conclusão de Donatella, mas era bem possível que ela estivesse certa. Crystal estava seduzindo o tonto do Marco para que ele a ajudasse com algum plano.

— Acha que eles podem dar bobeira hoje? — questionei e Donatella voltou a se sentar ao meu lado.

— Vamos contar com isso.



A propriedade de tio Gregório era muito bonita e arborizada, com terras a perder de vista. A temperatura estava um pouco baixa, mas o sol raiava alto no céu e deixava uma sensação agradável.

Atravessamos a mansão e fomos para os fundos da casa, onde alguns convidados estavam sentados em sofás e poltronas dispostos em uma luxuosa área externa.

Reconheci algumas pessoas que estiveram no noivado e, depois de muitos cumprimentos, me acomodei em um dos lugares livres no sofá. Rico não soltou da minha mão em nenhum momento e sentou-se ao meu lado.

Donatella infiltrou-se entre os convidados e meus olhos rapidamente procuraram por Crystal e Marco e, coincidentemente, nenhum dos dois estava por perto. Como Anna estava ali conversando com duas mulheres, a ausência de seu noivo era sinal de alerta.

Os olhos de Donatella encontraram os meus, ela deveria estar pensando a mesma coisa que eu: Anna estava sendo enganada.

— Quer beber alguma coisa? — Rico perguntou e olhei ao redor, notando que a maioria dos convidados tomava vinho.

— Vinho.

Ele se levantou e fiquei analisando seu corpo enquanto se afastava. Naquele dia ele usava um jeans escuro com uma blusa preta de gola alta e estava irresistível.

Meu momento de apreciação foi interrompido quando Luísa se aproximou de Rico, toda sorridente, para logo em seguida se afastar para falar com tio Gregório, deixando Rico livre para voltar e se sentar ao meu lado.

— A nós — ele ergueu um brinde e encostei minha taça na dele.

— A nós e ao seu maravilhoso calabouço de luxo — falei com uma voz sexy e ele soltou uma risada gostosa.

— Adoro quando você se solta comigo — comentou enquanto bebia o vinho.

— Você é meu namorado lindo, rico e gostoso — brinquei e mais uma vez ele sorriu.

Estávamos conversando e bebendo quando Crystal apareceu alguns minutos depois — ela não conseguia desviar o olhar de onde estávamos. Segurei minha vontade de ir ao banheiro até o limite do suportável, pois não queria deixar Rico dando sopa, mas assim que Donatella apareceu, pedi que ela fizesse companhia a ele e fui ao banheiro que ficava dentro da mansão.

Atravessei uma enorme sala e fui até o final do corredor, fazendo o trajeto que Donatella me ensinou. Quando estava prestes a entrar no banheiro, escutei sussurros e gemidos.

Foi impossível não pensar em Marco e Crystal, porém a víbora estava lá fora, então, quem seria o casal daquela vez?

Reprimi a minha curiosidade e fui ao banheiro. Quando saí, os gemidos continuavam e pareciam vir de outro corredor. Mandeí meu bom senso para o espaço e segui o barulho das vozes. Havia apenas uma porta e fui até ela. A porta estava encostada e pela pequena fenda pude ver Marco de costas e uma mulher à sua frente, encostada na mesa do escritório. A mão dele estava dentro da calça dela, enquanto os dois se beijavam enlouquecidamente. Aquilo era bizarro, não apenas por ele ser noivo, mas porque não era Anna e muito menos Crystal quem gemia na boca dele. Era a prima Luísa.

Que diabos de família mais louca é essa?

Peguei meu celular no bolso de trás da calça e fiz um vídeo de uns dez segundos, depois bati duas fotos e saí o mais rápido que pude de dentro da mansão. Meu coração estava acelerado e eu não sabia o que pensar de toda a merda que tinha acabado de ver. Aquele Marco era o maior sem vergonha que já conheci na vida.

Quando cheguei à área externa, Crystal estava sentada no meu lugar, bem ao lado de Rico. O que amenizou a minha raiva foi saber que Donatella estava junto e que não deixaria aquela naja jogar seu charme para cima do meu namorado.

— Olá, Crystal.

— Oi, Mia — respondeu com um belo sorriso.

Passei por ela e me sentei no braço do sofá, ficando ao lado de Rico, depois passei uma das mãos por trás das costas dele. Foi um gesto bem possessivo e ficou nítido o quanto ela odiou, especialmente quando Rico retribuiu.

— O almoço está servido — Gregório anunciou e todos foram se encaminhando para uma enorme mesa na área externa.

— Vamos, preciso te alimentar — Rico disse, carinhoso, e Crystal ficou nos encarando com seriedade.

Luísa apareceu à mesa com as bochechas vermelhas. Cinco minutos depois Marco deu as caras. A idiota da Anna o recebeu com um beijo apaixonado. Trouxa!

Almoçamos escutando tio Gregório tagarelar enquanto Crystal tentava chamar a atenção de todos, fazendo piadas que não eram engraçadas ou recordando alguma situação que aconteceu no início do namoro dela com Rico. Era patética e todos percebiam o quanto estava desesperada por atenção.

— O que foi, Mia? — Rico perguntou quando estávamos saindo da mesa.

Eu poderia falar o quanto estava chateada pelos comentários inoportunos de sua ex e fazer o

papel de namorada coitadinha e chata. Mas no fundo era aquilo o que Crystal queria. Então, fez exatamente o contrário.

— Todo esse vinho me deixou com tesão — sussurrei no ouvido dele e seus olhos soltaram faíscas. Ele adorava o meu lado devasso.

— Não me provoque — rebateu e apertou a minha bunda por cima do jeans.

Nossa brincadeira foi interrompida quando tio Gregório convidou Rico para jogar pôquer. Olhamos para a mesa e vimos Crystal e Anna lá, no meio dos homens. Pelo jeito também iriam jogar.

— Hoje não, *zio*. Combinei de levar Mia para conhecer a cidade — Rico mentiu e Gregório voltou sua atenção para mim.

— Claro, claro, eu entendo. Bom passeio para vocês.

Eu não sabia que iríamos embora tão cedo, mas por um lado foi bom. Quanto mais longe de Crystal melhor.

— Vou ao banheiro, vá se despedindo do pessoal — Rico disse e me deixou com Donatella. Ela iria passar o resto da tarde na casa de Gregório e eu já estava ansiosa para saber o que Rico pretendia fazer comigo.

Despedi-me de algumas pessoas e percebi que Luísa parecia ansiosa para falar comigo.

— Precisamos conversar — ela disse, por fim.

Olhei para os lados e notei que não tinha ninguém por perto.

— Estou ouvindo. Pode falar, Luísa.

— Eu vi você nos espiando. Pelo amor de Deus, não fale a ninguém, Mia — implorou em um murmúrio e correu os olhos para todos os lados.

Luísa havia sido seduzida pelo idiota do Marco. Pobre garota, tinha acabado de completar dezoitos anos e já acumulava mais pecados do que eu cometi a vida inteira.

— Ainda não sei o que vou fazer com a informação que eu tenho — falei com sinceridade, já que realmente não havia decidido.

— Por Deus, se Anna ou alguém sonhar que eu fico com ele será o meu fim, todos na família vão me odiar.

— Deveria ter pensado nisso antes — rebati.

— Por tudo que é mais sagrado, eu imploro que não fale isso com Rico.

Eu não falaria com Rico, pois não tinha certeza se ele e o primo eram confidentes ou até que ponto o meu namorado tinha conhecimento sobre as coisas que Marco fazia.

— Luísa, eu posso manter segredo desde que você me dê algo em troca.

Ela me olhou, desesperada, com seus grandes olhos claros visivelmente ansiosos.

— Qualquer coisa, eu faço qualquer coisa.

Dei pulos por dentro e já fui bolando um plano na minha cabeça.

— Você e Crystal parecem próximas. Descubra o que está armando, porque nós duas sabemos que ela não está aqui a passeio.

Mais uma vez Luísa olhou para os lados e depois voltou a me encarar.

— Eu não sei o que ela pretende, mas posso tentar descobrir. Só não revele o meu segredo.

Era impossível que Luísa não soubesse de nada.

— Pare de proteger essa serpente, alguma coisa você deve saber — pressionei um pouco mais na tentativa de descobrir algo.

— Eu sei que ela deve ter um plano, ela sempre tem, só não me deu detalhes. Vou tentar descobrir.

Concordei e me senti um pouco melhor. Eu teria alguém infiltrado no lado inimigo.

— Fique tranquila, seu segredo está a salvo comigo.

No fundo eu não sabia o que iria fazer com tantas informações, mas Luísa precisava escutar isso para confiar em mim.

— Obrigada, Mia — disse, me dando um beijo no rosto e depois se afastando. — Só uma coisa: não fique sozinha, esteja sempre com Rico. Ela não fará nada se estiver ao lado dele.

— Por que está me falando isso?

— Eu não sei o que ela pretende fazer com você, mas já presenciei o que fez com as outras.

Pelo jeito Crystal gostava de agir pelas costas de Rico, para depois se fazer de vítima quando ele aparecesse.

Crystal Brennan

Aproveitei que Mia estava distraída em uma conversa com a chata da Luísa e segui Rico até o banheiro. Ele andava me evitando, não atendia minhas ligações e quando estava com a tonta da Mia, fazia de conta que eu não existia. Não era a primeira vez que Rico Salvatore me tratava daquele jeito, mas eu sabia exatamente como quebrar o gelo.

Fiquei encostada na parede, esperando que ele saísse do banheiro. Assim que a porta se abriu, para sua surpresa, lá estava eu.

— O que você quer, Crystal?

— O que lhe parece? Estava esperando para ir ao banheiro — justifiquei.

— Com licença, então — ele tentou passar, mas o impedi. — O que foi agora?

O perfume gostoso me invadiu e as lembranças vieram com força. Rico Salvatore era lindo, perfeito na visão de qualquer mulher, inclusive na minha. Pena que não percebi isso antes.

— Vou ao clube hoje à noite — avisei em uma tentativa de chamar sua atenção.

A uns cinco quilômetros do castelo, existia um clube de sexo exclusivo. Rico e eu perdemos

as contas de quantas vezes amanhecemos naquele lugar.

Mais uma vez ele me encarou e não pareceu animado com a ideia.

— Tenho outros planos para hoje à noite — disse e tentou me afastar, mas eu não deixei. Imaginei que ele recusaria de primeira, nossa conversa era sempre assim.

— Qual é, Rico, vai esquecer tudo o que aconteceu entre nós? Tudo por causa daquela virgem sem graça! Sabe que é apenas novidade, assim que conseguir o que quer você vai voltar correndo para mim.

Ele ficou imediatamente sério e me lançou um olhar gélido.

— Mia é minha namorada e não vou aceitar que fale assim. E se quer saber, ela tem mais graça do que todas as outras que já passaram pela minha cama, todas, e o melhor de tudo, é só minha.

Droga, droga, droga! Aquela virgem filha da puta estava conseguindo envolvê-lo. Mas aquilo não ficaria barato, não mesmo.

— Desculpe, Rico, não sei onde estou com a cabeça, não deveria ter falado essas coisas, mas é que...

— O quê? — questionou, ainda sério.

— Estou tão arrependida de tudo o que fiz. Sinto falta de você, sinto falta de nós. Mas eu era tão nova e cheia de sonhos e você tão possessivo — justifiquei com uma voz doce e aveludada. Eu sabia o tom exato para deixá-lo mais calmo.

— Você teve milhares de chances depois disso.

O pior é que eu tive mesmo, já dizia aquele velho ditado que o ser humano só dava valor a algo depois que o perdia, e era naquela situação que eu me encaixava.

— Eu só quero mais uma chance, a última. Se você ainda não dormiu com Mia, não faça isso, não magoe essa garota. Donatella já espalhou para família toda que ela é praticamente uma santa. Se acha que ainda podemos dar certo, mande ela embora e vamos recomeçar do zero. Vou ser tudo aquilo que você sempre quis — toquei o rosto dele com a ponta dos dedos e mais uma vez o encarei no fundo dos olhos, tentando passar o máximo de sinceridade possível.

— Vamos ao clube hoje à noite. Sempre foi maravilhoso e hoje não será diferente. Não vou mais fugir, eu quero você de volta, Rico Salvatore, e prometo minha total servidão na cama e fora dela. Mas primeiro você terá que terminar com Mia.



| 33 - MIA BANKS

Rico estava demorando no banheiro, mas quando pensei em ir atrás, ele surgiu e me pegou pela mão.

— Vamos?

— Ah, claro.

Durante o caminho até o castelo ele falou pouco, porém, continuava atencioso à sua maneira.

Subimos até o quarto e Rico foi direto para a varanda. Acomodou-se em um sofá de madeira coberto por almofadas e me chamou para me juntar a ele. Peguei uma manta, tirei as minhas botas e me deitei ao seu lado.

O sol estava encoberto por nuvens, mas a vista da Toscana era maravilhosa e o homem ao meu lado era de tirar o fôlego. Estava tudo em paz e o silêncio era quebrado apenas pelo canto dos pássaros e o barulho do vento nas árvores.

— Por que quis voltar tão cedo? — perguntei com a cabeça encostada em seu peito.

— Crystal sabe ser bem inconveniente quando quer, você não merecia ficar escutando tanta besteira.

— Eu não me importo que ela relembre o passado de vocês, desde que isso não estrague o que temos — levantei a cabeça e encontrei seus olhos bonitos em mim.

— Nada nem ninguém vai estragar o que temos. Talvez eu não demonstre com palavras, mas você é especial para mim.

— Rico, não precisa falar nada, eu sei que ainda é cedo para esse tipo de declaração — amenizei as coisas, mas no fundo estava louca para que ele se declarasse.

— Comigo não tem esse negócio de cedo ou tarde, Mia. Sou muito verdadeiro com os meus sentimentos. Se assumi o nosso namoro é porque senti que nossa ligação é forte a esse ponto.

Rico me puxou para perto e me beijou. Aquilo soou como uma afirmação para todas as minhas dúvidas e temores. Girei o corpo e fiquei por cima dele. Suas mãos deslizaram por dentro da minha blusa, apertando e massageando a minha pele. A boca faminta engolia os meus suspiros, enquanto eu me esfregava sem pudor algum no corpo gostoso dele.

— Ah, Rico...

— Eu sei... — ele disse, compartilhando do meu desespero.



Passamos a tarde juntos e foi maravilhoso. Assistimos a um filme, bebemos uma garrafa de vinho e depois um dos funcionários nos serviu um belo café da tarde.

Donatella chegou quando estava anoitecendo e eu a ajudei com o jantar.

Comemos uma típica macarronada italiana e bebemos mais duas garrafas de vinho. Não era meia-noite e eu já estava caindo de sono.

Fui para o meu quarto e me deitei na cama, lutando contra a letargia que me atingia. Rico tinha ido tomar banho e depois passaria a noite comigo. Eu havia prometido que o esperaria acordada, mas toda aquela massa e vinho tiveram um efeito sobrenatural no meu corpo e acabei desmaiando.

Acordei no dia seguinte com uma leve dor de cabeça e notei a ausência do meu namorado. Quando olhei no relógio, vi que já passava das nove da manhã.

Corri para o banheiro, tomei banho, me arrumei e fui até o quarto de Rico. A cama dele já estava arrumada, pelo visto a única dorminhoca era eu.

Cheguei à cozinha e o encontrei tomando café com Donatella.

— Bom dia — falei e deixei um beijo na testa dele.

— Bom dia — Donatella também me cumprimentou e já foi enchendo meu prato de bolos e pães.

— Vou até a cidade, quer ir comigo? — Rico perguntou e eu aceitei:

— Termine em dois minutos.

Ele sorriu e se levantou da mesa.

— Termine seu café com calma, vou até o escritório.

Assim que Rico deixou a mesa, olhei para Donatella e ela estava com um sorriso bobo no nos lábios.

— Não imagina o que ele me disse antes de você chegar, *cara mia* — falou, batendo palmas, e praticamente pulou para a cadeira ao meu lado.

— Curiosidade me define, então fale — implorei e ela gargalhou.

— Disse que nunca se sentiu tão feliz e pretende estender a viagem de vocês.

Aquele friozinho gostoso me invadiu mais uma vez. Adoraria estender a viagem.

— Eu também me sinto assim, Rico me faz muito bem.

A confissão de Donatella me deixou muito animada. Terminei o café, subi para escovar os dentes e depois fui atrás de Rico. Ele estava em uma ligação acalorada.

— Escute aqui, eu não tenho culpa das merdas que você faz, então não me envolva nisso, eu já te ajudei o suficiente — disse, batendo o telefone na base e passando as mãos pelo cabelo. Ele estava nervoso e, quando levantou o olhar, eu estava parada em frente à porta.

— Desculpe, não queria atrapalhar — falei com receio, sua cara não era das melhores.

— Tudo bem, já encerrei a ligação. Vamos?

Assenti e fiquei morrendo de vontade de perguntar quem era e por que ele estava tão exaltado, mas não queria estragar o nosso passeio, então deixei pra lá.

Rico abriu a porta do carona para mim e, assim que entrou do lado do motorista, avancei sobre ele e o beijei feito uma louca. Ele correspondeu à altura e, quando percebi, estávamos ofegantes.

— O que foi isso? — perguntou e ligou o carro.

— Saudades — rebati com um sorriso enorme nos lábios.



O caminho até a cidade foi muito agradável e cheio de paisagens maravilhosas. Meia hora depois já estávamos em Florença. Rico tinha alguns restaurantes na região e combinamos de almoçar em um deles.

Conversamos sobre tudo e só fomos embora de lá no meio da tarde. O dia estava realmente agradável, até ele avisar que teríamos de passar no primo Marco, pois eles tinham que discutir alguns assuntos.

Assim que ele estacionou o carro em frente à propriedade, me perguntei como seria o casamento de Anna. Ela parecia apaixonada, mas eu ainda não estava convencida de que Marco fosse mudar depois do matrimônio.

Uma das empregadas nos recepcionou e fomos direto para a sala.

— Ele está me esperando no escritório, será rápido. Fique à vontade — Rico informou e sumiu pelo corredor.

Depois que ele saiu, percebi que havia uma menina pintando uma tela com cores vibrantes. Sorri para ela e ganhei um aceno simpático.

Sentei-me em uma poltrona e fiquei observando a menina.

Uma empregada uniformizada surgiu, segurando um cabide com um bonito vestido vermelho; era longo e tinha um decote profundo.

A garotinha de cabelos escuros e cacheados correu até a moça que segurava o vestido e tentou tocar a peça.

— Nem pensar, Gabriela, mantenha suas mãozinhas longe do vestido de Crystal ou ela mata a nós duas.

A menina murchou no mesmo instante e voltou para onde estava. O telefone tocou e a empregada depositou o vestido em uma das poltronas, depois correu para atender a ligação.

— Que lindo o seu nome! — falei e a menina correu para perto de mim.

— Obrigada.

— Meu nome é Mia e eu adorei o seu desenho, você é muito talentosa — elogiei e ela sorriu toda feliz.

— Você é a nova namorada de *zio* Rico, não é? Eu sou Gabriela Salvatore, filha de Marco. Meu pai também me acha talentosa, mas *zia* Crystal odeia as minhas telas.

Então aquela era a filha de Marco. Lembrei-me de alguém ter comentado que ela era contra o pai se casar e não quis comparecer à festa.

— O que Crystal falou sobre os seus desenhos?

Ela olhou para os lados e depois me encarou com seus olhos claros, era uma cópia fiel de seu pai.

— Disse que são horríveis e que só servem para sujar a casa de tinta. Na frente do *papà* ela até me trata bem, mas quando ele sai de perto ela fala coisas muito feias que me deixam triste.

Meu sangue ferveu por saber que aquela bruxa infernizava até a vida das crianças da família.

— Eu tive uma ideia — falei e os olhinhos dela brilharam. Cochichei o meu plano berrbaixinho e a menina soltou uma gargalhada gostosa.

— Eu topo, *zia* Mia, vai ser bom dar uma lição nela. Todos os anos ela aparece para infernizar a minha vida, não gosto que fique aqui.

— E já falou com o seu pai ou com Anna sobre isso?

Ela negou.

— Anna é uma boboca, não percebe que Crystal vive no escritório do *papà*.

Até a filha já sabia do caso do pai e a noiva não.

— Os adultos são complicados — tentei amenizar as coisas, pois traição não era um assunto legal para falar com uma garota de dez ou onze anos.

— É, eu sei — ela sorriu e voltou a tagarelar: — Vou usar tinta de tecido, a outra sai com água e não queremos que isso aconteça — a diabinha disse, me lançando uma piscadela.

Gabriela correu até suas tintas e lambuzou as mãos com a cor amarela, depois correu até o vestido e pegou em várias partes do tecido. Juro por Deus que, quando vi a peça toda marcada, me deu um tipo de nervoso, mas já era tarde demais.

Quando terminou sua obra de arte, parou perto de mim e suspirou.

— *Zia* Mia, é melhor você sair e voltar daqui uns minutinhos. Se ela a vir aqui, vai achar que somos cúmplices e ela te odeia porque *zio* Rico prefere você.

Adorava crianças, elas falavam tudo na lata.

— Como você sabe disso? — questionei enquanto ela me arrastava até a porta.

— Eu a escutei falando para Anna. Agora vá, conte uns minutos e entre.

Balancei a cabeça e saí. Fiquei caminhando em frente à porta da mansão e escutei quando a diabinha começou a chamar pelo pai. Esperei os dois minutos que ela pediu e entrei. Gabriela estava aos prantos ao lado do vestido de Crystal, com Marco e Rico ao lado dela. Todos se viraram quando notaram a minha presença.

— Eu estava lá fora e escutei alguém chorando — justifiquei e Rico veio até mim.

Gabriela me olhou por debaixo das mechas e deu um sorrisinho diabólico.

— Eu não queria estragar o vestido da *zia* Crystal, *papà*, esqueci que estava com tinta nas

mãos. Olha o que eu fiz — disse e voltou a chorar, desconsolada. Marco a abraçou.

— É só um vestido, meu anjo, ela vai entender. Não fique assim, você não fez por mal.

Eu me vi naquela cena. Meu pai era exatamente assim comigo, eu o fazia de gato e sapato, pelo menos antes de ele se apaixonar por outra mulher. Meus pensamentos foram interrompidos pelo barulho de saltos descendo a escada; era Anna acompanhada de Crystal. Pronto, o circo estava armado.

— O que está havendo aqui, por que Gabriela está chorando? — perguntou Anna ao lado de uma Crystal ainda alheia ao estrago feito em seu lindo vestido.

— Ah, meu Deus! — Crystal disse, levando uma mão a boca.

— Ela manchou o vestido sem querer, mas já falamos que *não* tem problema, é só um vestido — Rico reforçou.

Crystal o encarou com um ar demoníaco, fechou os olhos, respirou por alguns segundos e olhou para Gabriela com um sorriso ensaiado.

— Tudo bem, querida. Acidentes acontecem, não é mesmo?

A menina balançou a cabeça e abraçou Crystal, pegando-a de surpresa e manchando de tinta algumas mechas de cabelo e um pedaço de sua blusa imaculadamente branca. Com muito custo contive a vontade de gargalhar. Crystal se afastou do abraço da menina e olhou para os cabelos manchados de amarelo. Respirou fundo mais uma vez e subiu a escada visivelmente irritada.

— Estamos de saída, até mais, Marco. Não se esqueça do que conversamos — Rico ressaltou e Marco o encarou meio ressabiado.

Alguma coisa tinha acontecido na família Salvatore e eu estava louca para descobrir o que era.

Sáímos de mãos dadas e Rico estava carinhoso e atencioso como sempre, chegou a me dar um beijo daqueles antes de entrar no carro.

— Vou te levar para jantar hoje à noite, Srta. Banks, e não aceito um não como resposta — brincou e mordeu seu lábio inferior.

— Não seria louca de recusar — sussurrei de volta e, quando me virei, capturei a figura de Crystal nos espiando de uma das janelas do andar superior. Ela não parecia nada feliz com a nossa demonstração pública de carinho.

Ela estava perdendo uma batalha por dia, mas ainda era uma inimiga perigosa. Mas pelo menos até o Natal estaria ocupada procurando um vestido novo.



| 34 - MIA BANKS

Acordei cedo e ajudei Donatella com os preparativos para o Natal. O jantar seria no dia seguinte e ela queria que tudo estivesse impecável. Na noite anterior Rico e eu jantamos em um charmoso bistrô, na Toscana mesmo, e dormimos juntos. Ele saiu cedo para ir a Florença com tio Gregório, mas voltaria para almoçar conosco.

— Descobriu mais alguma coisa sobre Crystal? — Donatella perguntou enquanto colocava mais enfeites na árvore de natal.

— Ainda não, só sei que ela fica com Marco e tem a cara de pau de se dizer amiga da Anna.

— *Cara*, se quer mesmo ficar com o meu neto, terá que ser forte. Se não fosse uma data tão delicada, eu proibiria a presença dela aqui, pensei mil vezes em fazer isso, mas nem aquela áspide merece passar o Natal sozinha. Contudo, se ela te causar qualquer problema, a colocaremos pra fora sem dó nem piedade.

Apenas assenti e abracei Donatella. Ela odiava Crystal o suficiente, não precisava que eu colocasse mais lenha na fogueira.

Rico não cumpriu sua promessa de almoçar conosco e isso me deixou chateada, porém, ele vinha fazendo tudo certo, só saía durante o dia e geralmente por breves períodos, por isso preferi acreditar que tinha acontecido algum imprevisto.

Depois do meio-dia, Marco ligou para Donatella e perguntou se Gabriela poderia ficar no castelo durante a tarde. Ele, Crystal e Anna iriam a Florença e a menina havia pedido para ficar na casa da *nonna*.

Quando saí do banho, a pestinha já estava esparramada na minha cama.

— Desculpe por entrar sem bater.

— Tudo bem, já somos amigas e cúmplices, certo?

Ela sorriu e pegou o celular.

— Você foi a única pessoa que acreditou em mim e me ajudou com a bruxa da Crystal.

Terminei de me vestir e me sentei em uma poltrona perto dela.

— Eu também não gosto de Crystal, não acho que ela seja uma boa pessoa.

Gabriela ficou me olhando, torcendo a boca de um lado para o outro, como se quisesse me

falar alguma coisa.

— Você sabe guardar segredos? — ela perguntou.

— Sei, sim, você pode me confiar qualquer coisa.

Ela baixou os olhos e mexeu no celular novamente.

— Eu ganhei esse telefone do *papà* no meu aniversário e faço muitas fotos e vídeos. Desde que cheguei na Toscana já filmei várias pessoas da família.

— Que tipo de vídeos, Gabi? — tentei ser o mais amável possível.

— Alguns são bobos e sem graça, mas outros...

Aquela garota era esperta demais para sua idade e fiquei muito curiosa para saber o teor de suas filmagens.

— Quer me mostrar algum?

Ela balançou a cabeça, mas não tive muita certeza se queria mesmo mostrar.

— Esse é de *zio* Rico e Crystal, mas por favor não fala a eles que eu filmei escondido.

A minha bile subiu quando ela revelou os nomes, depois me entregou o celular e deu o play. Rico e Crystal conversavam em frente ao banheiro na mansão de tio Gregório no dia do almoço. Então foi por isso que ele demorou tanto, estava de papo com ela.

— Deixe-me aumentar o volume.

Gabriela ajustou e a voz de Crystal surgiu tão calma e maléfica quanto eu lembrava.

— *Eu só quero mais uma chance, a última. Se você ainda não dormiu com Mia, não faça isso, não magoe essa garota. Donatella já espalhou para família toda que ela é praticamente uma santa. Se acha que ainda podemos dar certo, mande ela embora e vamos recomeçar do zero. Vou ser tudo aquilo que você sempre quis.*

Ela tocou o rosto dele com a ponta dos dedos e ficaram se encarando.

— *Vamos ao clube hoje à noite. Sempre foi maravilhoso e hoje não será diferente. Não vou mais fugir, eu quero você de volta, Rico Salvatore, e prometo minha total servidão na cama e fora dela. Mas primeiro você terá que terminar com Mia.*

O nó que se formou na minha garganta parecia me sufocar cada vez mais.

Ele tirou a mão dela de seu rosto e eu quase parei de respirar esperando pela resposta dele. Mas para meu total desespero, o vídeo terminava quando Rico começava a falar alguma coisa.

— Gabi, você sabe qual foi a resposta dele?

— Não, *zia*, eu parei de filmar porque escutei um barulho e saí correndo.

Tentei manter toda a minha calma diante das últimas informações. Então Crystal estava pressionando para que Rico terminasse o namoro, e o pior de tudo, eu não sabia se ele tinha dormido comigo na noite em que ela o convidou para sair. Até aquele momento a informação era irrelevante,

mas eu faria questão de descobrir se ele esteve com ela enquanto eu dormia.

— Tem mais um vídeo aqui, *zia* Mia. Esse é do *papà* com Crystal e pensei várias vezes em mostrar para Anna, mas não quero que *papà* fique com raiva de mim. Ele gosta muito dela.

— Posso ver?

Ela selecionou o vídeo para me mostrar. Coincidência ou não, era uma ótima filmagem de Marco e Crystal no dia do noivado. Justamente quando eu fiquei sem bateria. Aquela menina fora enviada por Deus.

— Eu posso ficar com uma cópia dos dois vídeos? Você envia para mim?

— E o que vai fazer com eles?

Eu não podia esperar que uma garota esperta como ela entregasse as coisas sem fazer nenhuma pergunta.

— Por enquanto nada, mas vou pensar em uma forma de Anna descobrir sobre Crystal, quem sabe ela desista desse casamento?

O sorriso dela foi até a orelha.

Durante a tarde perambulei com Gabriela pelo castelo e ela me contou das inúmeras vezes em que flagrou seu pai com Crystal em anos anteriores.

— Teve uma vez que deu a maior confusão, mas eu não posso falar sobre isso, *papà* me fez jurar.

Eu estava louca para saber o que era, mesmo assim me contive, já que ela tinha que confiar em mim primeiro.

— Tudo bem, eu entendo.

No final do dia Marco veio buscar Gabriela e a menina não queria ir embora de jeito nenhum. Gabi era carente de atenção e foi isso o que dei a ela nas horas em que passamos juntas.

Depois de muita conversa Marco conseguiu colocá-la dentro do carro. Assim que ela se foi, caminhei até os vinhedos a fim de refletir sobre tudo o que vi, precisava decidir o que faria com as últimas informações recebidas.

Minha cabeça estava dando um nó e comecei a me lembrar de todas as coisas que sempre falaram sobre Rico. Sua bipolaridade andava ausente e principalmente seu amor épico por Crystal. Seria possível que tudo tivesse desaparecido de uma hora para outra? Ou eu estava apenas me enganando e tentando romantizar o nosso relacionamento?

Eu deixei de lado o meu orgulho por amor a ele, por acreditar que estava mudando e naquele instante me sentia voltar à estaca zero. Será que eu podia mesmo confiar em Rico Salvatore?

— Mia.

Fechei os olhos e suspirei. Era a voz de Crystal, pelo visto ela tinha saído do carro e me seguido até ali.

— O que você quer? — minha voz saiu irritada, não era um bom momento para falar com ela.

— Falar com você numa última tentativa de afastá-la de Rico. Eu tentei fazer isso de uma forma que não a magoasse, mas você não me escutou.

— Do que está falando? Eu não vou me afastar dele — disse, convicta.

— Eu jurei ao Rico que jamais te falaria a verdade, mas se depois de tudo que eu falar você ainda quiser continuar com ele, a decisão é sua.

O tom de mistério que ela usou me deixou totalmente desarmada. Crystal sabia muito mais sobre a vida de Rico do que eu. E aquilo me deixava apavorada com a ideia de descobrir algo que pudesse estragar o nosso relacionamento.

— Depois de tudo o que descobri sobre você, vai ser difícil me colocar contra Rico.

Ela deu uma risada desgostosa.

— Você não sabe um por cento do que rola na família Salvatore — disse, convicta, e foi minha vez de dar uma gargalhada.

— Sei, sim, inclusive que você e o priminho Marco têm um caso. Imagina o que Rico vai achar quando descobrir.

Crystal ficou séria e depois começou a gargalhar feito uma louca.

— Então foi você? Bem que ele me disse que sentiu alguém nos espionando — sua voz saiu tão despreocupada que me incomodou. — Vá em frente, Mia, conte a Rico, vamos ver o que ele diz.

— Óbvio que vou falar. Você vive atrás dele e ainda dorme com Marco, que tipo de homem ficaria com uma mulher assim?

Mais uma vez ela sorriu e balançou a cabeça.

— Nunca se perguntou por que ele ficou interessado em mim por tantos anos? Nunca se questionou que tipo de feitiço eu tenho sobre ele?

Não respondi, porque no fundo eu não queria saber a resposta.

— Eu sei que está com medo de descobrir a verdade, então vou te fazer o favor de falar tudo de uma vez.

Minha respiração já estava descompassada, eu me sentia um ratinho encurralado por um leão. Crystal se agigantou acima de mim, com a vantagem de saber muito mais do que eu.

— Rico não é apenas o simples CEO do grupo Salvatore, ele também é sócio de uma vasta rede de luxuosos clubes de sexo espalhados pelo mundo. Ontem eu fiquei sabendo que ele acabou de comprar um clube aqui na Itália.

Minha cabeça deu um nó e eu pisquei algumas vezes.

— Clube de sexo? — indaguei, meio perdida.

— Sim, Mia. E antes que me diga que são apenas investimentos, vou te deixar a par do que

acontece lá — suas feições eram as de alguém que sabia do que estava falando. — As pessoas pagam verdadeiras fortunas para realizar suas mais loucas fantasias sexuais e Rico não entrou nessa apenas pelo dinheiro. Eu não menti quando falei que ele gosta de coisas diferentes na hora do sexo.

— Acho que entre quatro paredes um casal tem a liberdade de fazer o que quiser — rebati, tentando sair da areia movediça em que ela tentava me jogar.

— Casal? — perguntou e gargalhou mais uma vez. Aquilo estava me deixando irritada. — Mia, Mia. O sexo que Rico gosta envolve mais pessoas.

O nó na minha garganta se tornou sufocante.

— Então, vá em frente e conte a ele sobre mim e Marco. Ele vai fingir surpresa e dizer que me odeia, mas quando você virar as costas, será atrás de mim que ele correrá. Sou eu que realizo todas as fantasias do poderoso Salvatore, inclusive de me compartilhar com outros homens.

— Pare de falar, eu não quero escutar mais nada — caminhei para longe dela, sentindo o baque de toda aquela merda.

Crystal me seguiu e me puxou pelo braço.

— O que Rico gosta mesmo é de algo que você jamais conseguirá fazer. Pense em como será infeliz tentando atingir as expectativas sexuais de um homem que é insaciável na cama.

— Você é surda? Pare de falar!

— Escute aqui, Mia. Eu não sei como conseguiu segurá-lo por tanto tempo só com beijo na boca, mas vou falar exatamente como vai ser, porque ele já fez isso comigo e estou vendo a história se repetir.

Respirei bem fundo, sentindo meus olhos queimarem com a vontade de chorar.

— Eu também era virgem e inocente quando o conheci, fiquei fascinada por sua beleza e pelo jeito como me tratava. Eu iria até o inferno por Rico Salvatore. Na verdade, posso dizer que fui. Depois da nossa primeira noite, ele começou a sugerir coisas diferentes no sexo. Eu adorava, achava tudo o máximo. Ele era experiente e me deixava enlouquecida. Rico me ensinou tudo o que uma mulher pode fazer para enlouquecer um homem na cama.

— E o que isso tem a ver comigo? Tudo faz parte do passado.

— Deixe-me terminar e depois você me diz se tem a ver ou não.

Fiquei em silêncio e Crystal continuou:

— Quando eu já estava bem experiente no sexo, nós viemos aqui para a Toscana e foi aí que ele me levou pela primeira vez em um clube. Eu achei o máximo. Rico era tudo o que uma mulher sempre sonhou: lindo, rico, viril, me satisfazia completamente na cama e eu estava louca de amor por ele. Só não imaginava que usaria isso pra me convencer a fazer coisas que eu jamais imaginei fazer.

— Que coisas? — inquiri, temerosa.

— Na família Salvatore eu sempre tive fama de ter sido cruel com Rico e de tê-lo feito

sofrer, mas não foi bem assim que aconteceu. Certa noite, perto do final de ano, ele me convidou para ir ao clube e eu aceitei. Nós sempre nos divertimos muito lá. No entanto, naquela noite Rico tinha planejado algo diferente. Sem eu saber, pela primeira vez, ele iria me compartilhar com outro homem.

— Isso é mentira — rebati, horrorizada.

— Eu também gostaria que fosse. Você não sabe como fiquei apavorada por saber que gostava desse tipo de sexo, mas ele me acalmou, disse que seria uma experiência incrível e que o cara não iria me beijar, que iria somente tocar o meu corpo e que uma garota também participaria. Eu pensei em desistir, mas o meu amor e minha vontade de agradá-lo era muito maior, então eu bebi quase uma garrafa de vinho e me deixei levar. Não vou mentir, a experiência foi prazerosa, eu só não imaginei que no dia seguinte eu me sentiria péssima. Fiquei com nojo do meu corpo, não queria ser de outras pessoas, queria ser apenas dele.

— Por que não disse isso a ele, por que não terminou? — tentei justificar o injustificável.

— Eu fiz isso, porém todas as vezes ele me seduzia e falava o quanto me amava e que aquilo tudo era normal. Mas chegou um dia em que coloquei tudo na balança e não quis mais aquilo para mim. Minha alma andava tão perturbada e foi aí que decidi terminar e viajar o mundo. Sabia que, se ficasse em Nova York, correria para os braços dele assim que estalasse os dedos.

Minha cabeça estava uma bagunça, eu queria correr para o castelo e ligar para Rico, confrontá-lo sobre toda aquela merda.

— Eu sei que a história que todos contam é outra, que eu fui a mulher sem coração que o deixou para trás a fim de aproveitar o mundo. Mas ninguém fala de quantas vezes o meu coração sangrou por saudade dele. Eu realmente o amava; ainda amo e nós só não demos certo ainda porque Rico não quer ser dono apenas do meu corpo, ele quer a minha alma, quer submissão total e eu não consigo. Ano após ano eu o procuro para matar a saudade de nós dois, mas sei exatamente o que aconteceria se voltássemos a namorar. Se eu fico com Marco ou com outros homens é para mostrar que não estou nem aí, mas no fundo estou em pedaços. E cheguei ao ponto de aceitar qualquer coisa para poder ficar com ele.

Eu não sabia se Crystal estava falando a verdade, mas acho que ninguém inventaria uma história tão mirabolante apenas por diversão.

— Quem me garante que está falando a verdade?

Ela fechou os olhos como se o que estivesse prestes a me falar não fosse algo agradável.

— No computador do escritório de Rico, aqui do castelo, tem o sistema de segurança dos clubes, inclusive o da Itália. Não tem senha, mas você terá que procurar porque está em uma pasta com o nome de Seg Club, que ele deixa escondida. Lá você encontrará várias imagens, inclusive de

clube onde ele passou o dia de hoje, com tio Gregório.

Tum tum tum

Meu coração disparou de forma tão violenta que achei que pudesse enfartar.

— Está me dizendo que ele passou o dia todo em um clube de sexo?

— Exatamente. Tio Gregório e ele são sócios, a família toda sabe, menos Donatella e você.

Senti como se tivesse sido apunhalada.

— Mia, eu sei que o que estou fazendo é cruel, mas não quero que a história se repita. Depois que dormir com ele, ficará ainda mais apaixonada e envolvida. Rico Salvatore é uma droga potente, eu sei do que estou falando, pois tento me livrar desse vício há muitos anos.

— Eu vou até castelo. Quero ver essas imagens, falar com ele e só depois vou tomar uma decisão.

— É justo. Olha, eu admito que nos anos anteriores aprontei com as garotas que o acompanhavam e foi por pura diversão, porque no final eu sabia que ele ficaria comigo independentemente do que sua família falasse. Nossa ligação na cama era muito forte. Esse ano está sendo diferente, ele encontrou uma nova vítima. Pode ser que você não acredite no que estou falando, ou até mesmo aceite as condições dele, mas sei que foi criada pelos princípios da igreja e posso imaginar o que esse tipo de vida poderá fazer com o seu psicológico.

— Eu não sei o que pensar de toda essa merda, é muita coisa para digerir.

— Se quer acreditar ou não, é uma decisão que cabe a você, mas aos poucos as atitudes dele vão provar que falei a verdade e Rico irá transformá-la em uma nova Crystal. Eu não te conheço, mas você não me parece o tipo de mulher que gosta de compartilhar a cama com outros homens ou mulheres.

Rico sempre pareceu tão possessivo, será que teria coragem de fazer tudo o que Crystal me falou? Muitas coisas não faziam sentido, porém, eu não podia esquecer que ele estava mentindo em relação a muitas coisas. Por que diabos não me falou sobre o clube de sexo? O vídeo que Gabriela me mostrou fazia ainda mais sentido.

— Ele chegou a ir nesse clube enquanto estamos aqui na Toscana? — não aguentei e acabei perguntando.

— Foi, sim, no mesmo dia do almoço na casa de tio Gregório, mas ficou pouco tempo. Não posso revelar com quem ele estava, mas garanto que não foi comigo.

E com aquela informação o meu mundo terminou de desabar.



| 35 - MIA BANKS

Deixei Crystal para trás e andei o mais rápido que minhas pernas conseguiram. Embora minha vontade fosse de socar a cara dela, achei melhor virar as costas e ir atrás da verdade. Queria chegar logo ao escritório e comprovar se pelo menos a parte dos clubes era verdade, depois eu pensaria no resto.

Agir com frieza seria o meu mantra. Quando se tratava de Crystal, todo cuidado era pouco. Ficar cega de ódio seria burrice, então eu agiria com calma e inteligência.

Entrei no castelo quase sem fôlego e fui direto para o escritório. Entrei e liguei o computador sentindo minhas mãos geladas e trêmulas, mas precisava fazer aquilo rápido, antes que Rico chegasse. Sentei-me em uma cadeira e comecei a abrir pasta por pasta. Já estava quase desistindo quando finalmente encontrei o que queria. Cada pasta continha o nome do país e da cidade onde foram feitas as filmagens. Abri a pasta de Florença na Itália. Escolhi a data do dia em que Rico não dormiu comigo e meu coração parecia ter enlouquecido dentro do meu peito, era muita angústia para saber a verdade.

Passei o vídeo adiante, mais ou menos para o horário em que peguei no sono, e não demorou a surgir uma imagem do carro dele entrando no estacionamento. Rico estava com a mesma roupa que usou durante o dia e falava com alguém ao celular, depois parou ao lado de um grupo de seguranças, conversou com eles e entrou.

Saí desse vídeo e tentei entrar em outros, mas para o meu azar só havia imagens da área externa. Droga!

Voltei para a pasta com o vídeo do estacionamento e continuei passando algumas imagens adiante. Já que não conseguia ver o que ele estava fazendo lá dentro, iria tentar descobrir a que horas foi embora.

Praticamente uma hora depois de entrar no clube, Rico saiu seguido por uma loira. Não dava para ver o rosto da mulher, mas notei que era baixa, tinha o corpo magro e usava uma roupa extremamente vulgar. Então ambos entraram no carro dele. Quem seria aquela mulher?

Escutei o barulho de um carro estacionando em frente ao castelo. Imaginei que pudesse ser ele, por isso fechei a pasta e desliguei o computador. Minha cabeça estava latejando e meu coração

pulsava nos ouvidos.

Onde você foi se meter, Mia Banks?

Suspirei, sentindo-me exausta. Minha vontade de desaparecer era grande, mas a sede de descobrir toda a verdade era muito maior.

— Ah, achei você — a voz de Rico era calma e havia um sorriso enorme em seu rosto. Ele veio a passos largos até mim, me levantou da cadeira e me abraçou bem apertado. A vontade de chorar veio com força, mas engoli as lágrimas e o abracei de volta.

— Desculpe pelo almoço, eu e Gregório tivemos imprevistos. Minha avó passou o recado?

— Passou, sim — tentei soar convincente, mas estava morrendo por dentro.

— Está tudo bem?

— Sim, só estou cansada. Gabriela passou a tarde comigo e caminhamos bastante pelo castelo.

Ele voltou a me abraçar e então sua boca encontrou a minha. Duas vozes se dividiam na minha cabeça: uma exigia que eu o empurrasse para longe e pedisse explicações sobre o que aconteceu e outra me alertava para agir com frieza, a mesma que ele teve ao me deixar sozinha para ir naquele maldito clube de sexo.

Espalmei as mãos em seu peito e o afastei. A presença dele me confundia, me seduzia, me fazia perder o foco.

— Já que estou em falta com você, o que acha de sairmos pra jantar, talvez um cinema antes?

Se eu não tivesse me encontrado com Crystal, eu com certeza adoraria ir ao cinema e depois jantar com Rico. Mas não conseguia olhar em seus olhos direito.

Saí de perto dele e me sentei em um dos sofás, apoiei a cabeça entre as mãos e fiquei por longos segundos pensando que não dava para fingir que estava tudo certo. Ele me conhecia muito bem e ficaria perguntando o tempo todo o motivo de eu estar tão diferente.

— Mia, o que está acontecendo?

Como os homens conseguem ser tão dissimulados? Foi impossível não escutar a voz da Madre Mary me aconselhando sobre o que eu iria encontrar além dos muros do colégio. Levantei o olhar e o encarei, eu queria ver sua reação a cada questionamento que eu fizesse.

— Eu sei aonde você foi antes de ontem e sei que esteve com outra mulher... Só quero entender o porquê.

Como esperado, ele ficou surpreso, depois pegou uma cadeira e se sentou à minha frente.

— Não é do jeito que está pensando.

— Então me explique — rebati com a voz calma.

Ele suspirou profundamente antes de começar:

— Eu comprei uma rede de clubes de sexo em parceria com Gregório. Naquele dia, Marco teve problemas e me ligou pedindo ajuda, você já estava dormindo e eu não quis te acordar, me desculpe.

— Eu vi a pasta de vídeos no computador. Você saiu com outra mulher do clube, como acha que me sinto?

Rico pegou na minha mão e a acariciou.

— Foi justamente isso que fui resolver. Essa garota é amiga de Luísa e menor de idade, a fiscalização bateu lá e você pode imaginar a confusão. Mas o pior de tudo é que Marco a levou sabendo dos riscos. Eu não a traí, jamais faria isso, acredite em mim.

Àquela altura eu já estava prestes a ter um colapso nervoso.

— Eu não sei mais em que acreditar. Por que não me falou sobre esses clubes e sobre todo o resto, me acha tão boba assim?

Ele negou, levou minha mão aos lábios e a beijou.

— Muito pelo contrário, você é preciosa demais para mim. Não quero te envolver em todos esses problemas.

A forma como falava, o tom de voz que usava, tudo aquilo remetia a uma sinceridade fora do normal.

— Não sei o que pensar, estou confusa.

— Eu sei quem fez isso e já esperava que fosse acontecer. Crystal tem todos os motivos do mundo para te colocar contra mim.

E mais uma vez eu me sentia dividida entre a cruz e a espada.

— Mas tenho que te dar os parabéns. Na maioria das vezes, as garotas fazem as malas e vão embora sem nem ao menos me dar a chance de explicar.

— Do que está falando?

— Ao longo dos anos, Crystal se tornou expert em acabar com os meus relacionamentos. Ela descobre tudo o que pode sobre a pessoa, então parte para o ataque e geralmente consegue o que quer. Eu nunca me importei porque nunca estive realmente apaixonado por alguém, mas agora estou e não sei o que faria se você tivesse ido embora. Não tenho ideia do que aquela desgraçada falou, mas se me deixar por causa dela, sou capaz de fazer uma loucura.

Senti um arrepio atravessar o corpo.

— Eu não sei o que pensar e nem em quem acreditar. Ela me falou tanta coisa, Rico.

Ele deslizou os dedos pelo meu rosto e levantou o meu queixo.

— Me fale exatamente o que ela disse e eu vou esclarecer todas as suas dúvidas.

Era a coisa certa a fazer. Éramos dois adultos e Crystal estava colocando nosso

relacionamento à prova. Era importante que tirássemos tudo a limpo.

— Entre outras acusações, ela disse que você tem uma rede de clubes de sexo espalhados pelo mundo. Até aí eu entendo, já que é um empresário e isso deve dar muito dinheiro. O que me incomodou foi saber que você estava no clube na companhia de outra mulher.

— OK, vamos lá — ele se levantou. — O investimento nesses clubes foi por insistência de Gregório, que entende como funciona, administra tudo e só me repassa os lucros. No dia em que Marco apareceu no clube com a garota menor de idade e ainda por cima se gabando por ser meu primo, Gregório não estava na cidade e por esse motivo eu fui até lá falar com as autoridades. Depois de muita conversa consegui tirar a garota sem maiores problemas.

— E como Crystal soube? Ela também estava lá?

— Sim, estava — respondeu, sem rodeios, e depois suspirou. — No dia do almoço na casa de Gregório ela me cercou no banheiro. Disse, entre outras coisas, que estaria no clube e me pediu para ir até lá, mas eu recusei. Quando apareci mais tarde, ela deve ter pensando que foi por causa dela, mas quando me viu saindo com outra garota ficou furiosa. Contudo, eu já a conheço e na hora imaginei que fosse dar um jeito de usar isso contra mim — finalizou, dando de ombros.

Era informação demais e mesmo assim eu queria ir até o fim.

— Tem ideia de quanto tudo isso é confuso? Não seria mais fácil ter me falado toda a verdade desde o início?

— Você tem razão, Mia. Eu só não queria envolvê-la em toda essa merda.

OK, dois pontos estavam quase resolvidos. No entanto, eu precisava tocar no assunto mais delicado de toda aquela história.

— Tem mais uma coisa que me deixou abalada.

— Estou curioso para saber o que ela inventou dessa vez.

Baixei os olhos e comecei a relatar:

— Ela disse que era virgem quando se conheceram e que depois de lhe ensinar tudo sobre sexo, você começou a levá-la a um desses clubes para dividi-la com outros homens e que em breve faria o mesmo comigo.

Antes mesmo de eu terminar Rico já andava de um lado para o outro pela sala. Fechei os olhos quando escutei o barulho de um abajur se chocando contra a parede.

— Aquela vagabunda! Essa mulher só pode estar louca!

Ele parecia realmente descontrolado.

— Rico? — Ele voltou a me encarar.

— Mia, eu pareço o tipo de homem que aceita dividir uma mulher?

Ele era bem possessivo comigo e tinha fama ter sido do mesmo jeito com Crystal, então a minha resposta não poderia ser outra:

— Não.

— E não sou — rebateu e voltou a sentar-se à minha frente. — Mia, eu conheci a Crystal em um clube de sexo. Ela não era virgem, muito pelo contrário, já tinha bastante experiência. Na época eu era novo e achava o máximo toda aquela depravação. Nós fizemos muitas coisas na cama e no início era tudo por diversão, mas quando me apaixonei por ela, decidi que não queria mais esse tipo de coisa. Durante um ano ela conseguiu se manter firme na decisão de ser só minha. Mas Crystal sempre foi um espírito livre, estar comigo era o mesmo que ficar presa em uma gaiola de ouro. Ela decidiu terminar e voltar a praticar o sexo da forma como realmente gostava. Não vou negar que ficamos juntos depois que terminamos e nem que isso aconteceu por inúmeras vezes. Eu sou homem, afinal, e qual homem recusa sexo? Mas eu não sou o mesmo homem de dez anos atrás. E se nem naquela época eu aceitei a ideia de dividir, não seria agora que eu começaria a aceitar, especialmente com você.

Só Deus sabia o alívio que senti ao escutar a versão dele. Eu ainda não estava convencida, mas alguma coisa me dizia que era mais fácil confiar em Rico do que em Crystal.

— Então quer dizer que não vai me obrigar a dormir com outros homens?

O rosto dele retorceu em uma expressão de ódio.

— Não nessa vida.

Assenti, sentindo que meu corpo estava voltando ao normal.

— Ela me fez acreditar que você gostava desse tipo de coisa. Eu não julgo quem gosta, mas não consigo me imaginar em uma situação com outro homem que não seja você.

Rico me puxou para o seu colo e me apertou.

— Não acredite em nada do que ela te falar. Daqui para frente será sem segredos entre nós. Eu não deixarei que ela estrague o que temos e vou proibir que participe da ceia de Natal. Tentei ser amigo de Crystal, mas chega. Não aceito mais que essa mulher maldita interfira na minha vida. Eu já devia ter dado um basta nisso há muito tempo.

Encostei minha testa na dele e senti meu peito transbordar.

— Desculpe ter desconfiado, mas a história dela foi tão convincente que pensei em pegar minhas coisas e voltar para Nova York sem você.

— Geralmente é o que todas fazem. Eu só permitia essas confusões que ela armava porque não tinha nenhum sentimento especial pelas mulheres com quem eu me envolvia. Elas iam embora e eu acabava ficando com Crystal, não por ser louco por ela e sim porque eu sabia que seria prazeroso. Hoje vejo que Crystal foi uma boa distração, mas em nada se compara ao que temos.

— E na sua visão, o que nós temos? — questionei, louca para saber a resposta.

— Algo que foi construído aos poucos. Você não cedeu ou passou por cima dos seus

princípios para ficar comigo, não se humilhou. Você é diferente, boa, generosa e eu valorizo isso. Não sou um moleque bobo e louco por sexo que vai sair com a primeira que me der um passe livre. Coloque de uma vez nessa sua cabecinha linda que eu não quero Crystal e nem outras mulheres, eu quero você.

— Eu já sou sua.

— Ah, Mia. Acredite você ou não, eu sempre sonhei em escutar isso da mulher por quem eu estivesse apaixonado.

Nossa! Ele sabia ser intenso quando queria.

— Está apaixonado por mim? — Rico confirmou. — Então fale, eu preciso ouvir.

Ele sorriu e seus olhos brilharam.

— Srta. Banks, eu estou total e loucamente apaixonado por você.

Meu coração deu algumas cambalhotas no peito de felicidade. Fiquei sem acreditar que meia hora atrás eu estava prestes a morrer de tristeza.

Meu Deus, aquela Crystal era mesmo um câncer, quase tinha caído no joguinho dela.

— Quero te fazer um pedido.

— Qualquer coisa — ele disse, beijando o meu pescoço.

— Deixe que Crystal participe da ceia de Natal. Já estou vacinada contra as maldades dela.

Além disso, precisava me vingar daquela peçonhenta. Não importava que isso fosse acabar com o Natal da família Salvatore, mas ela nunca mais me faria de idiota.

— Tem certeza?

— Tenho.

Era hora de dar uma lição naquela cobra dissimulada. Ela iria aprender da pior maneira a não brincar e nem manipular a vida dos outros.



| 36 - MIA BANKS

Depois de tudo esclarecido, Rico me confidenciou outras histórias sobre Crystal. Revelou que de tempos em tempos ela aparecia com algum favor importante para pedir, mas que no final acabava usando os encontros como uma desculpa para se reaproximar e tentar reconquistá-lo. Contudo, ele nunca cogitou voltar a ter mais do que apenas algumas noites de sexo com ela. Disse que em uma outra época ela tinha sido especial, mas que estava muito mais maduro e com outra cabeça para relacionamentos. Crystal era uma mulher completamente instável, já Rico era muito pé no chão e focado nos negócios, enfim, eram dois mundos diferentes.

Mas eu não pensaria em nada naquele momento. Os últimos preparativos para a noite de Natal atrasaram e, para que Donatella conseguisse recepcionar seus convidados na hora certa, pedi que ela fosse se arrumar e fiquei ajudando nos detalhes finais para a ceia. Naquele instante, era provável que a maioria dos convidados já tivesse chegado, o que significava que eu estava atrasada; ou bem no horário, se olhasse por outro ângulo, o dos meus planos.

— Você está maravilhosa, *cara* — Donatella elogiou ao me ver saindo do quarto.

— Obrigada — meu vestido era vermelho e longo num legítimo modelo sereia, com uma fenda poderosa na perna esquerda. Meus cabelos estavam soltos e, como enrolei as pontas, a mechas desciam em leves ondas pelas minhas costas. Optei por uma maquiagem leve, mas marquei bastante os olhos e quando me olhei no grande espelho do quarto, fiquei bastante satisfeita com o resultado. Rico já havia descido para interagir com os convidados e eu estava ansiosa para ver a cara de Crystal quando me visse. Segundo Donatella, Marco ligou para bisbilhotar e minha cúmplice mentiu dizendo que eu havia ido embora, então imaginem a surpresa da naja quando me visse descendo as escadas. — Você também está linda.

— Obrigada. Mas isso não vem ao caso. Esse momento é seu, desça daqui a um minuto — ela me deu um beijo na testa.



RICO SALVATORE

A sala estava linda, toda decorada com luzes de natal, e os convidados estavam vestidos com suas melhores roupas. Era uma noite muito agradável e ainda assim eu só conseguia pensar em toda a confusão que minha ex-namorada já havia aprontado na minha vida.

Eu achei que, mantendo uma boa convivência com Crystal, ela pudesse finalmente entender que o que existiu entre nós devia ser colocado para trás numa base amigável, porém, como de costume, voltou a aprontar.

Como pôde dizer que eu quis dividi-la com outro homem, e pior, mentir que era virgem?! Aquilo foi o que mais me enfureceu. Lembro-me muito bem que do que me deixou louco por ela: sua experiência no sexo. Crystal era tão descolada com tudo e na época foi o que me atraiu profundamente.

Eu realmente estava farto de suas armações e infantilidade.

Depois de toda a confusão que Crystal armou, a conversa com Mia não foi fácil, não queria ter revelado tanta coisa, mas sabia que era importante abrir o jogo para que ela confiasse em mim.

Mia Banks era o completo oposto de Crystal, não tinha como fazer comparações. Mia estava anos luz à frente dela. Apesar de bem mais nova, era tão mais decidida, centrada e dona de si. Uma mulher de verdade, alguém com quem eu conseguia imaginar um futuro. Um que eu nunca teria com Crystal.

Meu pai sempre me falava que eu estava envolvido apenas pelo sexo louco que fazíamos, lembro como se fosse hoje suas sábias palavras:

“... Amor é diferente, meu filho, você saberá quando for amor de verdade, porque envolve carinho, cuidado, cumplicidade, culpa e arrependimento. Tem frenesi, mas também tem calma e no meio disso tudo tem paixão, não é essa loucura desenfreada que você tem com Crystal...”

Muitos anos depois, eu finalmente tinha entendido o que ele queria dizer e compreendi por que nunca demos certo. Eu queria transformá-la em algo que não era e que jamais seria. Durante muitos anos achei que Crystal fosse especial, falava dela com certo orgulho e carinho, porque no fundo tinha esperanças de que se tornasse uma pessoa melhor e que finalmente pudéssemos ficar juntos. Eu estava tão cego que me sentia capaz de perdoar todas as merdas que ela fazia, pensamento que me seguiu por alguns meses após o nosso rompimento.

Mas quanto mais o tempo passava, mais eu percebia que não adiantava apostar minhas fichas

nela. Crystal nunca demonstrou interesse em abandonar aquele estilo de vida carnal e as experiências novas e excitantes que ele proporcionava.

Todas as vezes em que nos encontrávamos ela tinha mil histórias para contar e foi aí que aprendi a aproveitar apenas o seu corpo e nada mais.

Quando ela estava em Nova York, sempre me ligava e convidava para jantar. Passamos inúmeras noites juntos e isso aconteceu por anos a fio. No entanto, eu já não alimentava nenhuma esperança em relação a nós dois. Só não contava que depois de dez anos fosse se arrepender de tudo o que fez e voltasse a bater na minha porta de forma tão contundente. Nos últimos tempos ela me ligou insistentemente, tentando reatar, e minha resposta sempre foi a mesma, mas Crystal não era do tipo que desistia fácil, tentava vencer pelo cansaço. Porém, os tempos eram outros e só havia lugar para Mia Banks em minha vida.

Eu não era maluco apenas pela beleza indiscutível da minha namorada, com seu rosto de princesa emoldurado por aquele cabelo cor de chocolate; ela era muito mais do que isso. Mia tinha todas as qualidades que sempre admirei em uma mulher, realmente se valorizava e não se deixara seduzir pelas minhas inúmeras investidas.

Não podia negar que no começo era só sexo. Mesmo ela sendo minha funcionária, eu não consegui me segurar, coisa que nunca havia acontecido antes. Mas depois a ideia de ter uma virgem na cama foi irresistível, era o tipo de coisa que despertava o animal em qualquer homem. Porém, todos os acontecimentos desde que a conheci me fizeram enxergar sentimentos adormecidos dentro de mim. E todo aquele desejo foi se transformando em cuidado e paixão, além de muitas outras coisas que eu ainda tinha medo de rotular.

Sequer podia imaginá-la sendo tocada e beijada por outro homem. O sentimento de posse era algo sobrenatural e me incomodou profundamente que Crystal tivesse sugerido que eu seria capaz de compartilhar Mia com alguém.

Abandonei aqueles pensamentos e foquei na conversa dos senhores que me cercavam. Toda a minha família estava reunida, com exceção do meu pai, que estava viajando com a namorada, e da minha mãe, que nunca fez questão de celebrar aquele tipo de data. Ao fundo se ouvia cânticos natalinos e ao longe o som da algazarra das crianças. Uma típica noite de Natal Italiana e eu nunca estive mais feliz em minha vida.

Mesmo com uma música ambiente tocando, foi possível notar o breve silêncio que se fez quando Mia surgiu no topo da escada. Ela usava um vestido vermelho que flutuava conforme descia os degraus, tão linda e confiante. Nossos olhares se cruzaram e ela sorriu, me deixando hipnotizado por sua beleza e doçura. Caminhei até ela e estendi minha mão.

— *Bellissima!*

— *Grazie*, Sr. Salvatore — ela disse baixinho, corando.

Sem conseguir evitar, puxei-a pela cintura. Foda-se que estivéssemos no meio de um salão lotado, eu estava louco por ela e parecia um adolescente apaixonado.

— As pessoas estão olhando — sussurrou no meu ouvido e tentou se afastar, mas eu não deixei.

— Deixe que olhem, você está maravilhosa e é minha. É bom que todos saibam.

— Adoro um homem possessivo — zombou e voltei a apertá-la nos braços, depois a peguei pela mão e caminhamos entre os convidados. Mia Banks, com sua inteligência, doçura e cortesia, era a mulher certa para estar ao meu lado.

— Ela é demais — Gregório elogiou enquanto Mia conversava com Donatella.

— É sim, *zio*, estou louco por ela.

— Sei bem como é, aproveite cada minuto, *figlio* e mantenha Crystal à distância, essa ainda pode te dar trabalho — ele alertou e olhei para Crystal no fundo da sala. Seus olhos estavam fixos em Mia e isso me incomodou. Eu não quis fazer acusações sem ter provas conclusivas, mas depois dos últimos acontecimentos, não me restava dúvida de que ela foi responsável por drogar Mia e que Deus me ajudasse se tentasse mais alguma coisa.

— Pare de babar — Marco disse quando fiquei tempo demais olhando para Mia.

— Vou enviar o valor da multa para o seu escritório — avisei para que ficasse ciente de que eu não pagaria por sua irresponsabilidade. Já estava começando a me arrepender de ter investido naquele negócio. Clubes de sexo eram bem lucrativos, só não sabia se compensavam a dor de cabeça.

— Pode mandar e desculpe mais uma vez.

Marco era o tipo de homem irresponsável que jamais iria abandonar a vida boêmia. Anna era sua terceira tentativa de um felizes para sempre.

— Vou circular por aí, aproveitar os meus últimos dias de solteiro — ele falou e saiu entre os convidados. Tive vontade de rir. Todos sabiam que o casamento jamais seria um empecilho para que ele continuasse com sua vida mundana.



MIA BANKS

Enquanto conversava com os convidados, notei que Crystal não tirava os olhos de mim. E não era qualquer olhar, ela parecia não acreditar que eu ainda estivesse no castelo. Com certeza seu plano era para que eu saísse correndo após ver as imagens no computador de Rico.

— Não consigo desviar os olhos de você — Rico falou, abraçando-me por trás. Suspirei, apaixonada. Desde a nossa conversa sobre as armações de Crystal, ele andava tão atencioso, carinhoso, muito mais do que o normal.

— Queria te fazer um pedido — eu disse.

— O que quiser.

— Donatella me mostrou as fotos do chalé que você tem perto daqui. Sou louca por esse tipo de construção e gostaria que me levasse lá antes de irmos embora. O que acha?

— Podemos ir amanhã e voltar para a virada de ano. Fica menos de uma hora de carro.

— Por mim está perfeito.

Naquela hora Donatella anunciou que o jantar seria servido e todos seguiram para a sala de jantar. Antes da refeição ela fez uma oração e agradeceu a presença de todos. As pessoas estavam realmente felizes e o jantar foi perfeito como havíamos planejado.

Crystal foi colocada em um lugar bem longe de nós e não falou nada durante a refeição.

Depois do jantar todos voltaram para a sala e foi impossível não notar a ausência de Crystal e Marco. No mínimo haviam dado uma escapada para fugir da tensão do Natal em família. Ótimo estava ansiosa para que meu plano desse certo.

Eu não havia revelado a Rico nada sobre os vídeos e muito menos sobre o envolvimento dela com seu primo. Ele já havia deixado evidente que me achava superior a ela, então não seria inteligente desmascarar a víbora na frente da família toda. Mas naquele instante, que ambos estavam ausentes, era diferente.

— Eles foram para a biblioteca — Donatella disse e eu fiquei apreensiva.

— OK. Hora do show.



RICO SALVATORE

O jantar de natal estava sendo maravilhoso. Eu adorava aquela época e tudo o que a data simbolizava. Sem contar que naquele ano era diferente, eu me sentia completo, feliz, e tudo por causa dela.

— *Caro*, você me ajuda com os presentes? — *Nonna* pediu e eu a acompanhei.

Atravessamos a sala e encontrei Mia conversando com *zio* Gregório.

— Vamos buscar os presentes — *nonna* anunciou e puxei minha namorada para perto.

— Eu ajudo vocês — Mia se ofereceu e caminhamos em direção ao corredor que levava à biblioteca.

Já havia algumas caixas de presente na sala, mas a maioria ficou escondida. Paramos a alguns metros ao notar que Anna estava em frente à porta e olhava fixamente para dentro da biblioteca.

— Será que ela veio ajudar com os presentes? — *Nonna* questionou, mas Anna continuou alheia à nossa presença. Provavelmente a música alta que vinha da sala havia camuflado nossos passos e vozes.

Voltamos a andar e nos aproximamos de onde ela estava. Parei ao seu lado e também olhei para dentro da biblioteca, só então percebendo o motivo de seu espanto. Anna estava congelada, vendo Marco e Crystal praticamente se fodendo no sofá que ficava perto das janelas. A cena era tão absurda que congelei ao lado dela, sentindo verdadeiro asco por presenciar aquilo.

— Eu vou matar essa piranha! — Anna rosnou e marchou para dentro da sala. No instante seguinte, já estava pegando Crystal pelos cabelos.

Eu sempre imaginei que Marco tivesse atração por ela, mas aquilo era demais. Crystal tinha extrapolado todos os limites.



MIA BANKS

A cena de Anna levantando Crystal pelos cabelos fez valer a pena cada segundo de raiva que aquela mulher me fez passar.

Crystal achou que, pelo fato de eu não ter falado sobre ela e Marco, os dois estariam protegidos; não contava que eu fosse armar um flagrante e muito menos que Rico presenciasse tudo. Ela me considerava uma virgem boba e desarticulada. Bom, ali estava.

— Me solte, Anna! — Crystal se debateu, mas Anna parecia ter colado as mãos na cabeça dela.

— Vagabunda, piranha! Eu deixei você ficar dentro da casa do meu noivo para fazer isso?

A fúria estava estampada nos olhos de Anna e eu a entendia profundamente. Cheguei a pensar que ela, Marco e Crystal poderiam ser um triângulo amoroso, pois não se desgrudavam, mas era nítido que foi mais uma vítima das armações de Crystal.

— Ele me seduziu, eu não tive culpa — a vaca justificou.

Olhei para Rico e ele parecia estupefato com a cena; acho que nunca imaginou que seu primo e Crystal pudessem ter um caso. Já Marco estava branco feito papel e tentou se aproximar de Anna, mas ela não deixou.

— Não chegue perto de mim, seu filho da mãe! Tudo o que tínhamos não era suficiente? Ainda tinha que se envolver com essa piranha?

— Vamos conversar, Anna, eu te amo.

Quase gargalhei com a frase clichê de Marco. Era tão típico dos homens começarem a amar loucamente quando eram pegos traindo!

Crystal tentava se livrar do toque de Anna, mas uma mulher com raiva tinha a força de dez soldados. Se Crystal forçasse, acabaria ficando sem grande parte dos cabelos.

— Muitas coisas fazem sentido agora — Rico disse, por fim, e eu sabia exatamente do que ele estava falando. Que bom que estava ligando os pontos. Ele sacou o celular e digitou um número. — Preciso de dois seguranças na biblioteca do castelo, agora — desligou e olhou fixamente para Marco. Caminhou até ele, pegou o primo pelo colarinho e o prensou na parede. Rico estava bem alterado e eu temia que aquilo acabasse mal.

— Pare com isso, Rico — Donatella implorou, com medo de que as coisas fugissem do controle.

— Que você sempre foi a ovelha negra da família todos já sabiam, mas isso aqui já é demais. Marco ficou sério por alguns segundos, mas depois sorriu.

— Está com ciúmes de Crystal?

O cara estava completamente fodido e ainda fazia piadinhas sem graça.

— Ciúmes eu só tenho da minha namorada, mas não nesse momento, agora eu só estou furioso por ela ter o desprazer de presenciar toda essa merda. Então não, eu não tenho ciúmes de Crystal. Muito pelo contrário, tenho nojo — as palavras dele tiveram reflexo imediato em Crystal, que mesmo presa pelos cabelos, virou a cabeça para olhá-lo. — Eu já a conheço há muito tempo e sei que fica com qualquer um. Mas você acabou de ficar noivo. Como pôde ser tão desrespeitoso com Anna, com a *nonna* e especialmente com a sua filha, sabendo que todas elas estavam a poucos metros daqui? E se fosse Gabriela na porta e não Anna?

Naquela hora a raiva de Rico pareceu se acender novamente. Imaginar que a pequena sobrinha poderia presenciar aquela cena era inadmissível para ele. Ah, se ele soubesse...

— Será que algum dia vai tomar consciência das merdas que faz e se responsabilizar pelos seus atos? Quando você vai crescer e se tornar homem, Marco? Você e Crystal se encaixam perfeitamente, é um mais patético do que o outro, não sei como não percebi antes.

— Chamou, senhor? — um dos seguranças anunciou, passando pela porta juntamente com outro rapaz.

— Sim, coloque esses dois lixos para fora — deu a ordem e largou Marco de qualquer jeito.

— Esta aqui eu levo — Anna falou e saiu arrastando Crystal pelos cabelos, o que me deixou pasma. Fizemos tudo de uma forma que não chamasse a atenção dos convidados, mas nunca imaginei que a noiva ficasse revoltada a ponto de expor tudo o que viu aos outros.

— Anna, espere, não faça isso — Donatella pediu, mas ela estava cega de ódio e eu conseguia entender o sentimento de traição que sentia. Toda aquela manipulação que Crystal fez comigo no vinhedo me deixou em cacos.

— Anna, eu já falei para me soltar! — Crystal deve ter imaginado que teria ajuda de algum lugar, mas ninguém faria nada.

— Se eu fosse você — disse Anna, sem se perturbar —, ficava calada, se ainda quiser ter cabelo quando sair daqui.

Anna continuou arrastando Crystal pelos corredores e nós a seguimos. Quando ela entrou na sala, com as mãos grudadas na cabeça da víbora, as pessoas se assustaram.

— Pare a música — Anna berrou e os músicos cessaram.

Depois de empurrar Crystal com toda força no chão, ela cuspiu nos sapatos dela. Um coro de “oh” se espalhou pelo ambiente.

Meu Deus!

— Muitos dos que estão aqui esta noite também estiveram no meu noivado e estavam convidados para o meu casamento. Só há um detalhe: não haverá casamento — berrou, fora de si, antes de pegar duas taças de champanhe da bandeja de um garçom que estava atônito, próximo a ela. — Mas eu quero oferecer um brinde — Anna ergueu a taça e fitou sua inimiga no chão — a essa mulher que até então achei que fosse minha amiga, mas que não passa de uma vagabunda, sem vergonha e dissimulada.

Um burburinho se espalhou pela sala, todos sabiam que elas eram grandes amigas.

— Mas esperem. A culpa não é só dela e seria injusto que carregasse esse fardo sozinha. Não, todos esses títulos ela divide com o meu excelentíssimo ex-noivo, afinal, encontrei os dois praticamente se comendo na biblioteca. — Naquela hora todos se viraram para um Marco pálido e humilhado. — Mas calma, eu também não posso deixar de comentar sobre a minha burrice e ingenuidade — assumiu, olhou para todos na sala e voltou a fitar Crystal. — Um projeto de homem, uma amiga piranha e uma noiva cega é a receita perfeita para uma pessoa levar um monte de chifre — falou bem alto e soltou uma gargalhada. Depois encarou Marco com desgosto.

Crystal continuava no chão, olhando para os lados, talvez procurando uma forma de escapar, mas sabia que, se tentasse levantar, Anna avançaria sobre ela feito um leão.

— Querem saber de uma coisa? Eu não sinto vergonha nenhuma de estar passando por isso. Eu sempre fui correta, jamais traí, mas garanto a todos vocês que ser traída de tantas maneiras dói... dói muito.

As palavras dela fizeram o arrependimento bater com força. Toda a nossa armação era para prejudicar Crystal, mas era inevitável que respingasse em outras pessoas. Naquele momento eu vi que Anna não era uma má pessoa e sim mais uma vítima da manipulação de Crystal.

— Mas não pensem que vou desistir de procurar o amor — Anna continuou. — Posso estar profundamente ferida, mas não estou morta e sei que nem todos os homens são asquerosos como esse que um dia disse me amar.

Ninguém ousou falar nada. Ela ergueu sua taça.

— Por isso, um brinde a minha nova vida, sem piranhas fingidas como Crystal e nem homens medíocres e irresponsáveis como Marco. Minha vida será muito melhor sem vocês.

Virou uma das taças de uma vez e a outra jogou no rosto de Crystal, que estava literalmente no chão, descabelada, humilhada e naquele instante, com champanhe escorrendo pelo rosto.

— Feliz Natal, família Salvatore — Anna disse, por fim, e marchou em direção à porta.

Eu podia dizer que ela saiu por cima. Acho que todos ficaram impressionados com tudo o que ela falou.

Marco, que estava em um canto acompanhado dos dois seguranças de Rico, parecia ter acordado de um transe quando viu Anna sumindo entre os convidados, porque correu atrás dela, mas todos sabiam que era tarde demais.

Os cochichos começaram. Enquanto isso, Crystal se levantou e começou a se dirigir para a porta.

— Crystal.

Ouvi a voz firme de Donatella, que estava um pouco à frente de nós, e fiquei imaginando o que ela teria para falar. Crystal se voltou com expectativa.

— Você não é mais bem-vinda nessa casa. Então, faça o favor de nunca mais voltar aqui.

Crystal olhou para Rico, talvez pensando que teria algum apoio por parte dele. Mas o meu namorado pegou a minha mão e se colocou ao lado de Donatella, evidenciando que apoiava completamente o que a avó havia falado.

De cabeça baixa, Crystal atravessou a sala e saiu.

Fiquei imaginando o que ela faria em seguida, já que suas coisas estavam na casa de Marco e Anna provavelmente não a deixaria entrar. Ou talvez Anna nem se importasse e não estivesse mais lá.

A verdade era que aquilo não era mais problema meu. Ela sempre deu um jeito de armar os seus planos maléficos sem se importar com os outros, então que se virasse sozinha.

— Nossa! — eu disse, por fim, quando a música voltou a tocar.

A festa de natal estava acabada, mas pelo menos a família já sabia quem eram Crystal e Marco.

— O que faremos agora? — perguntei a Rico, que me puxou para um canto da sala.

— Agora nós vamos, literalmente, fugir para as montanhas — ele disse em tom engraçado e eu estranhei.

— Como assim?

— Vamos antecipar nossa ida ao chalé. Suba e faça uma pequena mala, só para uns três ou quatro dias, quero ficar com você bem longe dessa confusão toda.

Sorri, feliz, e me pendurei no pescoço dele.

— Ótima ideia, Sr. Salvatore. Vou subir e arrumar minhas coisas.



| 37 - ANNA BENATTI

Em toda a minha vida, nunca imaginei que descobriria sobre uma traição em uma noite de Natal. Mas tinha que admitir que, no fundo, sempre achei que todo aquele charme de Marcc Salvatore poderia ser usado com outras mulheres. E a pressão da minha família pelo casamento me cegou para muitas de suas atitudes. Se fosse sincera comigo mesma, assumiria que sempre achei a amizade dele com Crystal suspeita. Ela sucessivamente deixava claro que faria qualquer coisa para conseguir reconquistar Rico Salvatore, porém, jamais imaginei que fosse capaz de dormir com o meu noivo, ou melhor, ex-noivo!

Saí do castelo de cabeça erguida. Embora a humilhação da traição fosse algo impossível de esquecer, eu sabia que as pessoas não iriam me ver com maus olhos, eu sempre seria a vítima, Crystal, a vagabunda e Marco, o mau caráter.

E depois de toda a confusão, o que se passava pela minha cabeça era algo totalmente inesperado: eu estava triste pela traição em si, mas não por perder Marco, o que me fez questionar se eu realmente o amava. No fundo estava me deixando manipular por toda a situação de um casamento praticamente arranjado por duas famílias que se conheciam e que lucrariam mutuamente com a união.

Graças a Deus os meus pais não estavam passando o Natal ali, porque eu sinceramente não sabia o que aconteceria. Só de imaginar que pudessem tentar me fazer mudar de ideia e aceitar Marco de volta me embrulhava o estômago. Aquilo não aconteceria.

Não, pensando friamente, eu estava aliviada por tudo ter acontecido naquele momento. Eu era jovem, bonita e inteligente. Era mais do que capaz de conquistar alguém e nunca mais aceitaria ser manipulada.

Cheguei ao estacionamento e me lembrei de que tinha vindo com Marco. Voltar para dentro da festa não era uma opção, então, caminhei em direção à estrada que passava em frente ao castelo.

A casa de Marco ficava a dois quilômetros dali e fazia um frio dos infernos, mesmo assim, era melhor ir a pé a ter que voltar. Esfreguei as mãos na fina camada de tecido que cobria meus braços e comecei a andar.

Uma voz incessante falava o tempo todo na minha cabeça, criando suposições e cenas sobre todas as formas como eu fora traída por Marco e Crystal. Aquilo era tão humilhante! A vontade de

chorar veio com força, mas me contive, pois precisava agir com tranquilidade, uma coisa de cada vez. Primeiro eu tinha que conseguir chegar à casa de Marco e pegar o meu carro, depois poderia pensar em como amaldiçoar aqueles dois filhos da puta.

A todo momento eu olhava para trás, então notei que um carro saía do castelo. Não precisei de muito para saber que deveria ser Marco, os seguranças provavelmente o informaram que eu havia saído a pé.

Naquele momento não havia nenhuma possibilidade de eu ter uma conversa com ele, só queria beber alguma coisa forte e esquecer que aquele dia existiu. Então, engolindo todo o medo da escuridão, entrei no vinhedo e me escondi da forma que pude. O carro de Marco passou em baixa velocidade e percebi que Crystal estava no banco da frente com ele. Nojento!

Um barulho me fez assustar e saí correndo feito uma louca. Na minha confusão e medo, fui parar no meio da estrada, praticamente em cima de um carro. Meu coração faltou sair pela boca. As luzes do veículo me cegaram e eu me preparei para o impacto que não aconteceu. Quando dei por mim, escutei o motorista abrindo a porta e saindo do carro.

— Você está bem? — uma voz bem conhecida perguntou e eu me virei.

— Gael?

— Anna?

Ficamos nos encarando. Ele era um dos convidados do casamento, amigo íntimo de Rico e muito querido pela família Salvatore. Devia estar indo para o castelo.

— O que faz aqui, cadê o Marco?

Suspirei e dei de ombros.

— Longa história.

Suas sobrancelhas subiram em questionamento.

— Eu o flagrei quase transando com a sua priminha Crystal. Terminei o noivado e saí a pé do castelo.

A boca dele se abriu, demonstrando surpresa. Marco já havia comentado que ele torcia muito para que Rico e Crystal ficassem juntos, acho que nem ele imaginava que sua prima fosse tão vagabunda.

— Não sei o que dizer, Anna.

— Não fale nada, só preciso de uma carona.

— Estou às ordens. Para onde quer ir?

Pois bem, aquela era uma pergunta que eu não sabia responder.

— Para qualquer lugar onde eu não encontre Marco, Crystal ou qualquer pessoa da família Salvatore. Ah, e onde tenha álcool, eu preciso beber.

— Anna...

Levantei o dedo, impedindo-o de falar. Gael era conhecido por ser o bom moço da turma, mas não funcionaria comigo.

— Não começa com o papo moralista de que você é amigo de Marco.

— OK, até porque eu não sou — afirmou e abriu a porta do carro. — Carona e álcool, vamos lá.

Começamos a andar, mas toda aquela merda não saía da minha cabeça. Estava com tanta raiva de Marco, com tanta sede de vingança, que poderia transar com o primeiro que aparecesse na frente. Machista como era, ele ficaria louco. Desviei o olhar para o homem ao meu lado e sorri. Bom, azar do meu ex-noivo se Deus resolveu enviar o primo da vagabunda, que por sinal era um pedaço de mau caminho.



MIA BANKS

Saímos de fininho da trágica noite de Natal. Depois de quase uma hora de carro, estávamos entrando no chalé de Rico, que era simplesmente maravilhoso com o rústico e o moderno se misturando em perfeita harmonia.

A sala era aconchegante, com uma grande lareira de pedra que subia até o teto. Os móveis eram lindos, eu não pensaria em nada melhor para combinar com aquele lugar.

Não tinha chegado ao quarto, mas a sala já era o meu lugar favorito.

— Eu amei — disse, me pendurando no pescoço dele. Depois de todo o estresse do Natal nós merecíamos um tempo longe de toda aquela loucura.

— Que bom que gostou, só voltaremos para o castelo perto da festa de passagem de ano.

— Por mim está ótimo, não deve ser muito difícil passar alguns dias com o homem mais lindo do mundo, ainda mais nesse lugar maravilhoso.

— Mais lindo do mundo?

Confirmei.

— De todos os mundos.

Ele sorriu e me beijou. Eu queria me declarar, estava ensaiando desde o dia em que ele dissera que estava loucamente apaixonado por mim, mas ainda não tinha coragem.

— Vou colocar as malas no quarto, explore a casa e suba.

Enquanto ele subia com as malas, fiquei perambulando e mexendo em tudo, depois subi e tomei um banho bem demorado. Mergulhei em um pote de creme e coloquei uma camisola bonita. Já era madrugada e só queria ficar com ele.

— Aí está você — falei quando descí as escadas.

Rico estava na sala, acabando de servir duas taças de vinho. As luzes estavam apagadas, a lareira estava acesa e havia meia dúzia de velas aromáticas espalhadas pelo ambiente. Ele tinha criado todo um clima de romance e eu amei.

Seus cabelos estavam úmidos devido ao banho recente e o fogo da lareira crepitava alto. Era perfeito. Aquilo poderia ser descrito como minha definição de felicidade.

Rico estendeu uma taça e fizemos um brinde silencioso, compartilhando de uma troca de olhares que só dois corações apaixonados poderiam entender.

— Posso confessar uma coisa? — falei, jogando algumas almofadas no chão e me sentando

no tapete felpudo que havia na sala.

Rico afastou a mesa de centro para fora do tapete e se sentou ao meu lado. Senti o calor da lareira aquecendo os meus pés.

— Qualquer coisa — ele respondeu. Estávamos lado a lado, com as pernas esticadas em direção à lareira, observando a beleza do fogo dançando à nossa frente.

— Nunca existiu um pretendente, fui eu que enviei aquelas flores — confessei e fechei os olhos feito uma criança pequena. Só os abri quando escutei o som de uma gargalhada gostosa.

— Se soubesse o quanto aquilo me deixou louco! Eu queria colocar fogo naquelas rosas a cada vez que passava por elas.

— Foi infantil, eu sei.

— Não pense assim, precisei aprender algumas lições para enxergar o óbvio.

— Ah, é?

— Uhum... agora, vem cá.

Ele pegou a minha taça e a colocou na mesinha, depois me puxou para junto do seu corpo. Rico estava sem camisa e usava apenas uma calça de seda.

— Também vou confessar uma coisa.

Aquele velho friozinho na barriga surgiu de repente.

— Estou curiosa, Sr. Salvatore.

Ele deslizou uma mão pela lateral do meu quadril e apertou.

— Menti quando disse que só namoraria alguém tão especial quanto a minha primeira namorada. Crystal nunca foi um exemplo a ser seguido. A questão é que eu percebia a forma como me olhava, mas quando você falava comigo era sempre tão indiferente, como se não estivesse tão afetada quanto eu. Então, quando começamos a nos conhecer melhor lá na Filadélfia, quis provocar ciúmes para obter alguma reação de você. Foi infantil.

Só meu pobre coração sabia o quanto fiquei mal quando ele me falou sobre a primeira namorada. Grande parte das minhas atitudes foram tomadas baseadas nas informações que me falou naquela noite.

— Eu vou te matar, Rico Salvatore — falei, realmente indignada.

— Desculpe, amor — ele disse, carinhoso. Eu derreti, pois não estava preparada para escutar aquilo.

— Mais alguma coisa que eu precise saber? — cruzei os braços em frente ao peito.

— A viagem para Filadélfia foi inventada. Eu queria ficar sozinho com você.

Dei um tapinha no ombro dele, fazendo-me de ofendida.

— Quase morri quando te vi saindo do elevador com a Gillian.

— Não percebi nada.

— Eu achei que vocês tivessem passado a noite juntos e aquilo doeu.

— Nunca houve nada. Não que ela não tivesse tentado me seduzir várias vezes.

Revirei os olhos.

— Nossa! A humildade passou longe de você — zombei, ele sorriu e mordeu o meu pescoço.

Mas no fundo eu sabia que ela era louca por ele mesmo, quem iria julgá-la? Meu homem era uma delícia.

— Posso fazer uma pergunta de namorada ciumenta?

— Pode.

— Soraya parou de te procurar?

Eu sabia que ela não era uma ameaça, mas tinha curiosidade de saber quem ainda andava atrás dele.

— Não, mas eu não a atendo.

Ele respondeu numa boa e eu tinha outros milhares de questionamentos, porém tinha receio de falar alguma merda e estragar o nosso clima.

— Deixa para lá, não tem mais importância. Você é meu agora — falei, presunçosa.

— Ah, Srta. Banks, você e sua língua esperta.

Rico deslizou os dedos pelas laterais da minha camisola, transformando-a em uma blusa. Depois me colocou montada nele.

— Você é tão gostosa, Mia.

Fechei os olhos e suspirei quando ele se mexeu e o membro incrivelmente duro encaixou na minha entrada. Mesmo através da seda, era possível ficar enlouquecida com tamanha demonstração de virilidade.

Nossas bocas se encontraram e me perdi completamente naquele beijo. Minhas mãos deslizavam por entre as mechas de seu cabelo, meu corpo se esfregava em sua pele quente e macia, praticamente tentando me fundir a ele.

Rico foi subindo o resto da minha camisola até tirá-la completamente pela minha cabeça e pude senti o calor da lareira atingindo levemente as minhas costas. Ele ficou encarando os meus seios, parecia hipnotizado.

— Eles são tão lindos, delicados...

— E seus — completei e no segundo seguinte ele já estava me beijando. Os pelos de seu peito roçaram em meus seios e a sensação foi deliciosa.

— Sim, minha, toda minha! — sussurrou entre os meus lábios e voltou a me beijar. Rico Salvatore era gostoso demais e sabia exatamente o que fazer para me deixar completamente louca.

Ainda com a boca colada à minha, ele foi me levando para o centro do tapete felpudo e me

deitou. Logo a língua atrevida estava circulando os bicos dos meus seios, um depois do outro, deixando meu corpo todo arrepiado e excitado. Minutos depois a boca desceu pela minha barriga e parou quando chegou na minha minúscula calcinha vermelha.

Ele apenas afastou o tecido para o lado e passou a língua em minha fenda, subindo em seguida para circular meu clitóris, me fazendo estremecer, louca de prazer.

— Veja como está excitada, meu anjo.

Passou o dedo entre as minhas dobras sensíveis e o levou à boca. Aquilo foi tão erótico! Eu adorava quando ele fazia isso. Sua língua voltou a circular meu clitóris e meu corpo se arqueou em direção à sua boca. Rico me chupava com grande precisão, me fazendo morder os lábios com força enquanto uma sensação de contentamento emanava através de mim.

Vagarosamente, minha calcinha foi deslizando pelas coxas e deixou o meu corpo. Alguma coisa dentro de mim falava que tinha chegado a hora. Rico também sabia que o maior obstáculo entre ele e nossa primeira noite de amor sempre foi Crystal, mas aquele fantasma não existia mais. Ele subiu, beijando o meu corpo, arrastando a boca pelo vale entre os meus seios.

— Não consigo explicar o quanto eu a desejo — confessou baixinho e meu corpo inteiro se arrepiou. Era uma mistura de desejo, paixão, adoração e amor. Eu sempre imaginei que minha primeira vez seria com alguém que significasse muito para mim, mas Rico ultrapassava todos os limites do imaginável.

— E eu não aguento mais esperar — foi a minha vez de confessar.

Seus olhos brilharam. Ele estava acostumado a me ver nua, dar prazer ao meu corpo e me levar ao sétimo céu, mas aquilo seria totalmente diferente para nós.

— Ah, Mia! — suspirou e encostou a testa na minha. Aquele momento era nosso.

— Eu quero ser sua, Rico.

Senti o toque de seus dedos deslizando pelo meu rosto.

— Aqui? Tem certeza?

— As melhores coisas acontecem em momentos e lugares inusitados. Eu não consigo imaginar nada melhor do que frio, lareira e você.

A resposta foi um beijo cinematográfico. Rico invadiu minha boca, seu corpo era forte e pesado.

— Eu sei que deve estar passando mil coisas na sua cabeça agora e imagino o quanto esse momento é importante na vida de uma mulher. Quero que saiba que me sinto honrado em saber que serei o seu primeiro homem e juro que vou me esforçar ao máximo para ser o único.

Foi impossível não ficar emocionada com suas palavras. Aquilo era uma afirmação de tudo o que sempre quis escutar.

— Eu quero que seja o único.

Rico deixou um selinho em meus lábios, se levantou, foi até a carteira que havia ficado em cima do aparador, na entrada da casa, e pegou um preservativo. Ao voltar para a sala, tirou sua calça de seda. Estava sem cueca e exibiu sua gloriosa nudez.

Eu estava louca para saber como seria tudo, mas vê-lo tão determinado me deixou tensa, ansiosa.

— Relaxe, Mia — falou, despreocupado.

Desci o olhar para seu membro — ele estava muito excitado.

Inclinei-me sobre a mesinha, peguei a taça de vinho e virei tudo de uma vez só. Ele sorriu e foi em minha direção. Deixou o preservativo em cima do sofá e colocou uma almofada embaixo da minha cabeça.

— Melhor assim, obrigada — agradei timidamente.

Rico deitou-se sobre mim, apoiando seu peso nos cotovelos, posicionados em ambos os lados do meu corpo.

— Ei, não precisa ter medo, sou eu — ele disse, carinhoso, e esfregou o nariz no meu.

As palavras e o jeito como falou me deixaram calma.

— Vai doer?

Ele soltou uma risada gostosa.

— Se você relaxar, pode ser desconfortável, mas não vai doer.

Ele colocou ambas as mãos nas laterais do meu rosto e começou a deslizá-las pelos meus cabelos; seus olhos delineavam cada centímetro do meu rosto, era como se estivesse tentando armazenar todos os meus traços a fim de guardar aquele momento na memória. Então seus lábios cobriram os meus em um beijo delicado, em que apenas a ponta de sua língua roçou a minha, como se ele estivesse me provando pela primeira vez.

Aos poucos sua boca deslizou pelo meu rosto, num carinho sutil. Beijou a lateral do meu pescoço e mordiscou a minha orelha, me envolvendo em sua sedução, fazendo-me lembrar como era excitante ser tocada por ele.

O beijo começou suave, com lambidas e leves mordidinhas, mas aos poucos ele aumentou a pressão, deslizando a língua por entre os meus lábios. Abri a boca para recebê-lo e sua língua circundou a minha, lentamente a princípio, para em seguida tomá-la para si. Começou a chupá-la ao mesmo tempo em que roçava sua intimidade em meu sexo, arrancando-me suspiros desenfreados. Meu corpo voltou a ficar quente, excitado. Quando percebi, estava enlouquecendo em seus braços outra vez.

Ele elevou um pouco o tronco e deslizou a mão por entre nossos corpos. Segurou seu membro rígido e encaixou a ponta na minha entrada extremamente molhada, louca para ser invadida. Nossas

bocas não se desgrudaram enquanto ele pincelava a cabeça de seu pau entre os meus grandes lábios, me fazendo arfar a cada vez que tocava o meu clitóris.

— Por Deus, Rico! — choraminguei, levantando meu corpo para conseguir mais atrito. Dava para ver que eu estava louca de tesão e que não aguentava mais esperar.

— Shhh, tudo bem. Se doer é só dizer que eu paro — sussurrou e voltou a me beijar. Em seguida, encaixou-se na minha entrada e eu pude sentir o latejar de seu membro ao entrar em contato com o interior da minha boceta. Então Rico começou a mover o corpo de forma lenta, num vai e vem suave. Instintivamente, abri mais as penas para acomodá-lo, fazendo-o entrar um pouco mais.

Deixei-me levar pelo momento e me entreguei à sua boca faminta. Algum tempo depois, senti seu polegar tocando gentilmente o meu clitóris, em movimentos circulares que foram me deixando ainda mais excitada e receptiva. Senti que aos poucos Rico começava a me esticar, me invadir, e era exatamente assim que eu me sentia. Ele continuou deslizando para dentro de mim, comprimindo meu canal. Sua expressão de satisfação era gratificante, ele parecia estar sentindo muito prazer.

De repente, senti um desconforto e apertei seu quadril com as unhas.

— Está ardendo — falei, quase sem ar nos pulmões e com o meu coração pulsando entre as minhas pernas. Era coisa demais para administrar.

Rico parou de se movimentar e voltou a me beijar; e toda vez que ele me beijava o mundo deixava de existir. Seus dedos voltaram a tocar o meu clitóris, daquela vez com um pouco mais de pressão. Quando seu membro entrou mais alguns centímetros, eu já estava um pouco mais relaxada e receptiva. Contudo, enquanto sentia aquela cabeça pulsante contra o meu interior estreito, tentava entender como seria possível que meu corpo pudesse acomodar tudo aquilo. Parecia demais.

— Ah! — gemi quando finalmente senti uma ardência fora do normal. Percebi que o pau de Rico havia rompido a minha fina barreira, porque doeu bastante.

Ele parou imediatamente, voltando a me beijar e deslizar as mãos pelo meu corpo; aquilo me relaxou. Quando me senti pronta novamente, pedi que continuasse. Sem pressa, centímetro por centímetro, como vinha fazendo desde o início, ele voltou a me penetrar. Seus movimentos eram contidos, mas eu conseguia notar o quanto tinha que se controlar para não me machucar. Sabia que sua vontade era deslizar completamente para dentro de mim e me reivindicar. E, intimamente, aquela também era a minha vontade.

— Ah, que delícia, meu amor.

As palavras dele se perderam naquele vai e vem que me confundia, uma vez que dor e prazer se misturavam. Jamais imaginei que fosse gostar de algo assim, mas, Deus, eu gostava. Quando dei por mim, estava conseguindo acomodar toda a sua extensão. Eu me sentia completamente preenchida com aquele membro que parecia não ter fim. Seu pau era enorme e, ainda assim, parecia ter sido feito para mim.

Ele me deu alguns segundos para me acostumar com sua invasão, mas eu queria senti-lo por inteiro e foi o que lhe disse. Rico analisou meu rosto e acho que conseguiu enxergar o quanto eu o desejava, pois sorriu e me deu um beijo apaixonado antes de se afastar e voltar a investir.

Rico entrava vagorosamente, com seu rosto contorcido de prazer, e depois saía. Fez isso incontáveis vezes até eu me acostumar completamente com todo o seu tamanho, sempre me beijando e falando o quanto me achava linda e gostosa.

Quando ele finalmente sentiu que eu estava relaxada e lubrificada, aumentou a velocidade e a intensidade dos movimentos. Sem perceber, comecei a me contorcer embaixo dele. Rico me apertava contra o seu corpo e engolia meus gemidos, parecia querer se alimentar dos meus beijos. E a cada estocada eu percebia que estava perto de algo intenso, que se formava em meu ventre e só aumentava a cada vez que ele me beijava e investia em meu corpo.

Senti que Rico estava na mesma sintonia, tão ciente quanto eu de que nossos corpos haviam chegado ao limite. Rebolei embaixo dele para aumentar a fricção. Ele agarrou meus quadris e começou a arremeter de forma mais decisiva, até que seu membro tocou num ponto específico lá no fundo por algumas vezes e eu explodi. Segundos depois Rico me acompanhou e foi o paraíso. Enquanto gozávamos, ele me penetrava freneticamente e minhas unhas se mantinham cravadas em suas costas, numa tentativa de extravasar toda aquela deliciosa loucura até voltarmos à realidade.

Nós nos encaramos, ainda delirando de prazer, com nossos corpos unidos tentando prolongar aqueles segundos mágicos. Era como se apenas eu e ele existíssemos e eu acreditava que seria sempre assim entre nós.

Ainda estávamos ofegantes quando os olhos de Rico exibiram um brilho de encantamento e me fitaram cheios de amor. Eu não saberia explicar o turbilhão de emoções que transbordava de dentro de mim, mas nada me preparou para as palavras que escaparam de seus lábios:

— Eu te amo, Mia.



| 38 - MIA BANKS

O calor do corpo dele aquecia o meu e sua respiração deslizava suave atrás do meu pescoço. Rico já havia dormido há algum tempo, mas eu ainda não havia conseguido pregar os olhos.

A imagem dele falando “eu te amo” ficaria comigo para sempre.

Foi algo tão inesperado e especial que fiquei impactada. A única coisa que consegui fazer foi beijá-lo e abraçá-lo o mais forte que pude, sem saber se deveria ou não responder o mesmo.

Ao contrário de Rico, eu não era bipolar e muito menos impulsiva, então, na dúvida, resolvi me calar. Ele demorou a perceber que eu era especial em sua vida e muito disso se deu pelas minhas atitudes sensatas; não mudaria naquele instante.

Depois de termos consumado nosso ato de amor da forma mais deliciosa possível, tomamos um demorado banho de banheira e fomos para a cama. Rico estava muito mais carinhoso que o normal. Parecia extremamente feliz em finalmente termos dado mais aquele passo em nosso relacionamento.

Eu me sentia da mesma forma. Acho que nunca me esqueceria de todas as emoções que senti na minha primeira vez. Não negaria que de início foi desconfortável e chegou a doer, mas tirando isso, foi perfeito. Rico foi cuidadoso, atencioso, carinhoso, tudo que eu sempre imaginei do homem a quem eu fosse me entregar um dia.

Eu me sentia diferente e muito mais ligada a ele. Fazer amor com Rico Salvatore derrubou o último muro invisível que nos distanciava.

No calor da emoção e da ansiedade, acabamos esquecendo o preservativo, nem por isso eu estava preocupada, tomava pílulas por questões hormonais e acreditava fielmente que aquele descuido não se transformaria em um mini Salvatore.

Sorri só em imaginar como seria um filho nosso, mas não deixei essa ideia tomar conta dos meus pensamentos, ainda era muito cedo para cogitar a possibilidade.

Demorei a pegar no sono e acordei com as mãos dele passeando pelos meus seios e me puxando para junto de seu corpo.

— Bom dia, meu anjo.

Sorri e me virei, os olhos azuis mais incríveis que já vi me encaravam cheios de amor.

— Bom dia. Tinha me esquecido de como você é bonito quando acorda.

Ele deu uma risada gostosa e voltou a me abraçar. Tentei não provocar muito, ainda estava meio dolorida e sentia um friozinho na barriga cada vez que me lembrava de que tudo aquilo esteve dentro de mim. Foi uma logística louca, mas a natureza de Deus era perfeita. Amém!

Enquanto Rico tomava banho, corri para o outro banheiro e tomei uma chuveirada rápida, depois desci e preparei o nosso café tardio; quando ele desceu já estava tudo pronto.

Durante o café Rico me olhava de um jeito diferente.

— O que foi? — questionei.

— Estou curioso para saber se agora que aceitou sua herança, vou perder minha funcionária preferida.

Abri um sorriso fraco e o encarei sem saber direito o que responder. Por hora as coisas continuariam iguais, mas eu sabia que não poderia ignorar o fato de o meu pai ter construído um império e deixado a maior parte para mim.

Eu podia brincar de ovelha negra o quanto quisesse, mas todo dia, quando colocasse a cabeça no travesseiro, minha consciência me lembraria do motivo para eu ter estudado tanto.

Minha mãe jamais tomaria a frente dos negócios, ela e a mulher de meu pai estavam satisfeitas com suas retiradas mensais, mas eu não.

Conviver com Rico e presenciar tudo que ele conquistava diariamente fez alguma coisa mudar dentro de mim. Eu não queria que o sobrenome Banks se perdesse com os anos, queria dar continuidade ao legado de meu pai, pena que envolveria situações delicadas, nas quais eu não queria pensar no momento.

— Por enquanto não, preciso estar por perto, meu namorado é disputado demais — brinquei para afastar a seriedade do assunto. Mas sabia que muito em breve teríamos que enfrentar a realidade.

* * *

Na parte da manhã exploramos os arredores do chalé e me delicieei com o lugar onde me encontrava. A Toscana era linda demais e a presença de Rico tornava tudo ainda mais especial. Almoçamos em uma vila perto de casa. Pela forma como ele me beijava dentro do carro, era nítido que eu não escaparia de suas garras mais tarde.

Chegamos a casa e fomos direto para varanda. Havia sol, mas estava friozinho, então nos deitamos em um sofá confortável, cobertos por uma manta quentinha.



RICO SALVATORE

Minha noite com Mia foi maravilhosa. Várias vezes, durante o dia, me peguei a observando sem pressa e sorrindo feito um bobo. Era inegável o quanto estava envolvido.

Demorou para eu me dar conta de que as coisas entre nós estavam sérias. Não estava preparado para a avalanche de sentimentos que me invadiu quando fizemos amor pela primeira vez. De repente, todos os meus sentidos estavam despertos para algo grandioso e novo, eu estava de quatro por ela e não sabia explicar em que parte do percurso isso aconteceu.

Naquele instante, deitado ao lado dela, curtindo um lindo final de tarde no meu chalé de inverno, sentia uma paz até então desconhecida, parecia que finalmente as peças da minha vida estavam se encaixando. Eu me sentia pleno e feliz e sabia que o motivo era ela.

Sua mão deslizou para dentro do meu suéter e acariciou meu abdômen, aquele simples toque deixou meu corpo ansioso. Eu mal podia esperar para fazer de tudo com ela.

— Eu quero mais — sussurrou em meu ouvido e eu sabia exatamente do que se tratava.
— Ah, é?

Ela confirmou com a cabeça e desceu a mão até o botão do meu jeans. Deslizou o zíper e massageou o meu pau por cima da cueca.

— Sou sua namorada e quero aproveitar de todos os benefícios que este título oferece.
Soltei uma risada alta e a beijei com a mesma fome de sempre. Minha língua passeou por sua boca esperta enquanto seus dedos massageavam toda a extensão do meu pau excitado.

Lógico que já fiquei com mulheres muito mais experientes, mas nada se comparava ao tesão que ela me fazia sentir. Era diferente de todas as sensações que já experimentei na vida. Mia era só minha e isso me deixava louco.

Ela afastou nossas bocas e desceu, beijando o meu pescoço. Posicionou-se entre as minhas pernas e puxou a coberta para esconder sua cabeça.

— Fique aí bem quietinho — pediu e meu corpo todo estremeceu em antecipação. Eu sabia o que ela faria e ansiava por isso.

— Não seria louco de me mexer agora — brinquei e escutei seu sorriso abafado embaixo da manta.

Com a minha ajuda ela abaixou meu jeans e a cueca até removê-los, depois bombeou meu pau com delicadeza por alguns segundos. Tencionei as coxas quando senti suas pequenas mãos agarrarem

meu membro já ereto. Sua língua quente começou a lambem toda a minha extensão. Logo depois ela envolveu a cabeça com os lábios e circulou a glândula com sua língua gostosa, para em seguida me abocanhar até a metade. Soltei um gemido rouco de prazer. Mia continuou chupando e lambuzando o meu pau com sua saliva até conseguir levá-lo mais fundo.

— Porra, Mia, que delícia — murmurei e tentei tocá-la, mas ela afastou minhas mãos e voltou a me chupar com mais vontade, me deixando alucinado. Eu podia jurar que nunca foi tão bom.



MIA BANKS

Se alguém me falasse anos atrás que eu ia gostar de chupar um homem do jeito que eu gostava de chupar Rico Salvatore, com certeza eu teria duvidado.

Por baixo da manta eu conseguia escutar os gemidos roucos que soltava a cada vez que eu o abocanhava. Quando achei que estava prestes a gozar, eis que ele retira a manta e me puxa para cima, nos deixando lado a lado no sofá. Ele estava orgulhosamente nu da cintura para baixo e eu, completamente vestida.

Sorri e puxei a manta por cima de nós. Começamos a nos beijar enlouquecidamente.

— Espero que nenhum vizinho o tenha visto nu — declarei quando Rico começou a tirar a minha calça, levando a calcinha junto.

— Só tem dois chalés aqui perto e só um deles está ocupado. Vamos fazer amor embaixo da coberta, ninguém vai ver.

Senti um ventinho gelado subindo por debaixo da manta assim que Rico se livrou completamente da minha calça. Ele se deitou atrás de mim e sua mão foi direto para o meio das minhas pernas. Nem preciso falar que eu já estava encharcada, louca para ser dele mais uma vez.

— Nunca senti tanto tesão por uma mulher — ele falou baixinho em meu ouvido e foi guiando o membro.

Ele se encaixou e entrou sem pressa, fazendo movimentos leves, quase uma carícia. Virei um pouco o pescoço e encontrei sua boca, que já procurava pela minha. Nosso beijo fez meus músculos relaxarem. Quando dei por mim, estava rebolando em seu pau.

— Ah, você é gostosa demais! — ele disse quando estava todo dentro de mim. Senti um leve ardor lá no fundo, mas o prazer de estar sendo possuída era muito maior.

Rico voltou a fazer movimentos circulares em meu clitóris enquanto seu membro entrava e saía com mais facilidade que no dia anterior. Eu estava muito excitada, gemia e rebolava de encontro aos seus movimentos, poderia passar o resto da vida fazendo amor com ele que jamais iria enjoar. Sua outra mão entrou embaixo da minha blusa e seus dedos encontram um mamilo túrgido e o apertaram, enquanto ele continuava investindo em mim e estimulando meu clitóris. Aquilo era tão intenso.

— Mais forte, amor — implorei e o beijo dele congelou em minha boca.

— Peça de novo — sussurrou e eu sabia exatamente o que ele queria ouvir.

— Mais forte, meu amor.

Rico sorriu entre meus lábios, segurou firme no meu seio e aumentou a velocidade.

Nossa!

Eu sentia o pau dele entrando até o fundo e mesmo assim eu queria e pedia mais, falando coisas para estimulá-lo. Quando dei por mim, ele estava literalmente me fodendo, com força, sem piedade, como eu queria. Seu pau entrava com ritmo e vigor e eu mal conseguia respirar, porque era gostoso demais.

— Isso, assim... — balbuciei, enlouquecida, já muito perto de atingir o orgasmo. Quando seus dedos massagearam o meu clitóris com mais energia, senti-me desmanchar e gritei sem conseguir me conter, sentindo seus braços me apertando. Ele continuou metendo impetuosamente, mas logo depois o ouvi grunhir alto conforme jatos espessos começaram a jorrar dentro de mim.

Aquilo tinha sido incrível e o estrago também, porque foi só a sensação do prazer passar que uma ardência tomou conta do meu canal. Pelo visto não seria fácil me acostumar com toda a virilidade do meu namorado, mas por ele valia a pena o sacrifício.

* * *

Depois do nosso sexo delicioso na varanda, entramos e tomamos banho juntos. Ele se comportou, percebendo que eu sentia incômodo até para caminhar. Rico zombava de mim e falava que com o tempo eu iria me acostumar, mas achou um anti-inflamatório, que depois de alguns minutos aliviou bastante o desconforto. Mais tarde decidimos preparar alguma coisa para jantar, já que tínhamos decidido ficar em casa vendo filme e bebendo vinho.

No entanto, nossa programação foi interrompida por uma ligação de Marco. Rico ficou cerca de cinco minutos ao telefone com ele e eu já estava em cólicas para saber o que havia acontecido.

Quando ele desligou eu mal conseguia respirar de tanta curiosidade.

— O que houve?

— Depois do jantar de Natal, Marco não foi atrás da Anna porque queria esperar até que ela se acalmasse, então deu uma carona para Crystal e eles foram para o nosso clube de sexo, que fica em Florença, para beber.

Arregalei os olhos me sentindo enojada; aquele Marco não valia um ovo.

— Vindo deles eu não duvido de mais nada, mas o que isso tem a ver com você?

Rico coçou a cabeça e guardou o celular no bolso.

— Eles passaram a noite lá e na saída encontraram Anna e Gael aos beijos em um dos ambientes. Marco partiu para cima dele e Anna para cima de Crystal. O gerente teve que chamar a polícia e... Bom, resumindo, estão todos presos.

— E o que ele quer?

— Quer que eu retire a queixa que o gerente fez e vá até lá para pagar a fiança, porque, para variar, Gregório não está na cidade. Deixei claro que só vou se você concordar, afinal, não temos nada a ver com isso.



| 39 - MIA BANKS

Estava cansada das intromissões de Marco e Crystal em nossas vidas, mas jamais perderia a oportunidade de vê-los atrás das grades.

— Vamos, por Anna e Gael. Eles não têm culpa disso tudo e vou adorar ver a cara daquela vagabunda na cadeia.

Rico arregalou os olhos e depois gargalhou.

— Fale de novo.

— Qual parte?

— Nunca escutei você falando de alguém assim, fiquei surpreso — disse e me abraçou.

— Geralmente não falo, mas essa sua ex, pelo amor de Deus, que mulher maldita.

— Eu sei, meu anjo, no fundo sempre soube... Vamos?

Subimos para arrumar nossas coisas, pois teríamos de voltar antes do planejado, mas deu tempo de curtir bons momentos com Rico.

O caminho até Florença foi rápido e eu fiquei ansiosa para encontrar o quarteto fantástico. O advogado da família, para quem Rico havia ligado no caminho, já nos esperava no local onde eles estavam detidos e se divertiu muito com a história. Ele conhecia Marco desde sempre e já o tinha tirado de algumas enrascadas.

Rico pediu para falar com Marco e, depois de quase meia hora, fomos autorizados a entrar no local onde se encontravam.

Os brigões estavam separados. Segundo o advogado, até tentaram colocar Anna e Crystal na mesma cela, mas elas voltaram a se engalfinhar e o mesmo aconteceu com Marco e Gael. Então foram misturados com outras pessoas que estavam detidas temporariamente.

Rico e eu passamos pelo corredor de mãos dadas e paramos em frente à cela onde Marco estava. Ele tinha a boca machucada e um hematoma no olho. Virei-me para o outro lado e lá estava Crystal, com o rosto arranhado e a alça de seu vestido rasgada. Ela havia feito um nó para que a peça ficasse no corpo.

Com muito custo contive minha vontade de gargalhar.

Gael e Anna estavam logo à frente, ele com um pequeno corte na testa e Anna, intacta. Pelo

jeito, Marco e Crystal levaram a pior.

— O advogado já está cuidado dos trâmites legais. Mas quis vir aqui para esclarecer uma coisa. Essa é a última vez que você estraga a minha noite — Rico disse, sério, e Marco o encarou feito um cãozinho que caiu da mudança. Com certeza àquela altura a bebedeira já havia passado e o arrependimento estava batendo com força.

— Eu sei, Rico, não vai acontecer de novo.

— Vou acertar apenas a sua fiança e a de Gael. Se vire para pagar o resto, afinal, a culpa de tudo isso é sua.

— Tudo bem — ele concordou, cabisbaixo.

Olhei ao redor e Crystal, como de costume, me fuzilava. Não era para menos, a situação dela era humilhante, toda arranhada, descabelada, vestido rasgado e ainda tendo que me aguentar ali, presenciando tudo.

Quando me virei para Gael, ele estava trocando olhares com Anna. Pelo jeito, ela superaria tudo bem mais rápido do que esperávamos.

— OK. Vou acertar a fiança e de lá vou embora.

Marco anuiu e Rico voltou a segurar a minha mão.

— Vamos, meu anjo.

— Vamos, sim, meu amor — falei e olhei uma última vez para Crystal. Sua expressão era impagável e valeu a minha visita. Ela parecia não acreditar que Rico a estivesse ignorando e me tratando com tanta ternura.

Ofereci a ela o meu sorriso mais doce e saí de mãos dadas com ele.



Voltamos para o castelo e jantamos com Donatella, que passou mal de tanto rir com a história dos brigões. Aproveitei para ligar para a minha mãe, pois havia várias chamadas dela no meu celular.

Segundo ela, a amante de meu pai andava deixando o conselho de acionistas da empresa loucos. Eu não tinha contato com ela e não sabia exatamente quanto recebia. Após ter vivido com meu pai por tantos anos, mas sabia que o correto era o que estava estipulado no testamento, não tinha por que ela estar indo atrás dos acionistas.

Por mais que minha mãe tivesse mentido sobre a relação do meu pai com aquela mulher, não queria que ela sofresse com a situação. Não era justo que, depois de tudo, ainda tivesse que se desgastar com as exigências infundadas dela. Tentei acalmá-la e prometi que depois do ano novo eu iria ao Canadá para conversar com o conselho.

— Problemas? — Rico perguntou quando finalizei a ligação; estávamos no escritório do castelo.

— A mulher do meu pai está fazendo exigências que não constam no testamento. Não acho certo que minha mãe tenha que passar por isso.

Ele assentiu e se encostou na mesa, ficando de frente para mim.

— Vai viajar para o Canadá?

Balancei a cabeça em confirmação.

— Preciso ajudá-la a resolver essa situação.

Levantei-me, ficando na frente dele. Suas mãos rodearam a minha cintura e foi perceptível que ele não gostou de saber que eu viajaria em breve.

— Estava pensando em esticar as nossas férias e retornar à Salvatore apenas no início de fevereiro. Desde que chegamos à Itália não tivemos paz.

Tive que concordar com ele. As armações de Crystal causaram várias turbulências em nossa viagem.

— Você pode ir comigo ao Canadá. Resolvemos as coisas por lá e depois podemos estender nossas férias. Só acho que não vai pegar bem com Christina, não quero que ela ache que tenho regalias por ser sua namorada.

Eu realmente me preocupava com a situação.

— Você é minha namorada e funcionária. Esses dois cargos incluem muitas regalias, inclusive viajar comigo. Nem Christina nem ninguém tem que achar nada. Eu mando e eles obedecem,

simples assim.

Balancei a cabeça e sorri. À minha frente estava o Rico egocêntrico dos primeiros dias. No fundo aquele lado estava lá, apenas maquiado pelo amor que sentia por mim.

— OK, chefe, você manda — zombei e nos beijamos apaixonadamente.

Eu não entendia muito sobre homens, mas conseguia sentir o quanto ele estava entregue e apaixonado. A recíproca era verdadeira, eu me sentia da mesma forma.

Sáímos do escritório e fomos para a área externa. Fazia uma noite de céu estrelado, por isso namoramos até tarde e falamos sobre a vida.

Nos próximos dias a casa estaria sendo preparada para a festa de virada de ano. Rico Salvatore ofereceria um jantar de gala para duzentos convidados e juro que não imaginei que ele conhecesse tanta gente na Itália, porém, estava feliz por saber que daquela vez a cobra da Crystal não estaria presente. Poderíamos aproveitar a festa sem nos preocuparmos com suas armações.



O dia trinta e um de dezembro finalmente chegou. Durante o dia, Rico saiu para resolver alguma coisa enquanto eu fazia o papel de boa moça e ajudava Donatella com os últimos preparativos para o evento. Ela era expert naquele tipo de festa, então não precisei fazer muita coisa. O serviço de buffet era o mesmo de todos os anos e já estava habituado com as exigências da Sra. Salvatore.

— *Ciao, zia Mia.*

Olhei para o lado e encontrei Gabi, filha de Marco.

— *Ciao, Gabi.*

Fui até ela e nos cumprimentamos com um abraço. Seus cabelos longos exalavam um cheiro de baunilha delicioso.

— Veio visitar a Donatella? — Anna me deu uma carona. Ela foi na casa do *papà* pegar algumas coisas e nós conversamos. Ela não é tão má assim, sabe. No fundo acho que se livrou, *papà* não a faria feliz.

Queria eu ter uma filha tão esclarecida quanto aquela menina, ela pegava as coisas no ar. Passei algumas horas com a Gabriela e subi quando já estava anoitecendo.

Demorei quase duas horas para terminar a produção e só saí do quarto quando Gabi veio me buscar.

— *Wow! Que vestido lindo!*

Eu dei uma voltinha. O vestido longo e branco tinha apliques de pedras em tons de dourado; o modelo era tomara-que-caia com decote coração.

— Você também está linda, Gabi.

Ela sorriu e me pegou pela mão.

— Agora vamos, todo mundo já chegou e o *zio* Rico parece ansioso para te ver.

Saímos pelos corredores do castelo e descemos as escadas juntas, sob o olhar atento dos convidados. Meu namorado estava posicionado ao centro da sala e veio ao meu encontro, depositando um beijo casto em meus lábios. Rico estava lindo como sempre em um smoking elegantíssimo.

— Sou o homem mais invejado dessa festa — falou, galante, ao pé do meu ouvido enquanto uma música gostosa tocava.

— Eu só tenho olhos para você.

Minha resposta o fez sorrir.

Diferente dos outros eventos, aquele era especial pelo fato de não ter convidados indesejados. O clima estava leve e consegui beber algumas taças de champanhe sem a preocupação de Crystal estar aprontando alguma coisa pelas minhas costas.

Circulei à vontade, conversei e socializei com os amigos dos Salvatore. Fui apresentada a muitas famílias tradicionais da Itália.

De repente a música cessou e notei que Rico parou perto da escada, para ficar um nível acima dos convidados.

— Senhoras e senhores, eu gostaria de falar algumas palavras antes do jantar — Rico anunciou e os convidados ficaram em silêncio. — Em primeiro lugar quero agradecer a presença de todos, é um prazer recebê-los — olhou ao redor e abriu um sorriso. — A maioria de vocês me conhece desde criança e por esse motivo gostaria de dividir esse momento especial.

Rico olhou para mim, estendeu a mão e caminhei até ele sem entender nada, mas sentindo meu coração dando pulos dentro do peito.

— Essa é minha namorada, Mia Banks, a mulher mais linda, inteligente e incrível que já conheci.

Ele beijou a minha mão e me fitou no fundo dos olhos. Eu tinha certeza de que Rico podia ver toda a confusão que eu estava sentindo, porque deu um sorrisinho sabedor antes de voltar a se dirigir ao pessoal:

— Eu sempre tive uma personalidade difícil. Sempre fui um homem irascível, controlador, enérgico, exigente e muito mal-humorado — ele falou, rindo — Talvez nem todos vocês tenham visto essa parte da minha personalidade, já que quando estou entre a minha família e amigos, aqui na Itália, normalmente consigo relaxar e me tornar um pouco mais acessível. Mas quem me conhece somente como homem de negócios, como chefe — ele olhou para mim, deu um sorriso e levantou a sobrancelha —, normalmente me chama de diabo.

Eu me senti corar ao me lembrar do comentário que havia feito. Rico me puxou e deu um beijo na minha testa enquanto seus convidados riam de seu comentário.

— A verdade é que hoje acredito que essa inconstância se devia ao fato de não entender que eu queria mais do que já tinha. Não nos negócios, mas na vida pessoal. Por muito tempo achei que trabalhar incansavelmente, fazer doações para todos os projetos em que acredito, promover e patrocinar campanhas e leilões com o intuito de arrecadar dinheiro para ajudar várias causas era o que me fazia sentir vivo. Que era para isso que eu estava aqui. Não que eu não tivesse a pretensão de me casar e ter filhos, esse sempre foi um objetivo. O que eu não imaginei foi que pudesse ter a oportunidade de encontrar alguém que me fizesse querer mais do que isso. Mais do que ganhar dinheiro e, principalmente, mais do que me casar e procriar por obrigação. Pelo menos não

conscientemente, porque lá no fundo, sem que ninguém soubesse, foi o que sempre busquei.

Fez uma pausa e olhou para os convidados; parecia emocionado e imaginei que usou aquela interrupção para se recompor. Ele, então, voltou a olhar para mim, que já tinha os olhos marejados devido à sua confissão.

— O coração sente quando nossa busca termina e a minha acabou quando encontrei você.

A minha mente ainda tentava processar aquela declaração pública quando ele tirou uma caixinha de veludo do bolso e se ajoelhou na minha frente.

— Eu nunca senti nada parecido na vida. Você me completa de uma forma assustadora e eu não quero esperar anos para viver os melhores momentos da minha vida. Eu a quero para sempre desde hoje, Mia Banks.

Pegou a minha mão e mais uma vez me encarou com um olhar emocionado.

— Aceita se casar comigo?



| 40 - MIA BANKS

Presenciar Rico Salvatore, ajoelhado na minha frente, me pedindo em casamento foi a coisa mais inesperada que aconteceu.

— Acho que esse é o momento em que você diz sim ou sai correndo.

Todos na sala gargalharam com a piada dele.

— Sim, é claro que sim! — falei, convicta e atordoada, era muita coisa para assimilar em tão pouco tempo.

Rico sorriu, se levantou, deslizou o anel com um diamante solitário pelo meu dedo e o beijou.

— Eu te amo — falou aquelas palavrinhas mágicas e me beijou.

Os aplausos e suspiros tomaram a sala e logo depois começaram os cumprimentos. Eu me senti perdida em meio a todo aquele acontecimento, em nenhum momento Rico deu pistas de que faria aquilo.

Naquela noite, Rico me tratou melhor do que nunca, a felicidade estava estampada em seu olhar. Era inegável o quanto estava certo sobre a ideia de um casamento e sua alegria me contagiou. Comecei a fazer planos de como seria nossa vida dali para frente e confesso que fiquei surpresa com as reações dos meus pensamentos.

Comemoramos a chegada de um novo ano com um show de fogos no jardim do castelo, com Rico envolvendo o meu corpo em seus braços e falando o quanto eu era especial. Senti-me nas nuvens, tudo aquilo era surreal. Comecei um joguinho de sedução e sentia o peso de usar um anel de noivado no dedo, além da promessa de ser sua futura esposa.

Após a queima de fogos a maioria dos convidados seguiu para a pista de dança e nós também. Dancei e rodopiei nos braços do meu noivo, sentindo-me leve e feliz.

No final da noite, e já um pouco alta de tanto champanhe, implorei para que ele me levasse ao seu calabouço. Já estava totalmente recuperada e queria comemorar o nosso noivado com tudo o que tinha direito. Ele atendeu ao meu desejo. Passamos a noite fazendo amor e, por mais de uma vez, ele disse que me amava.

— Estou sentindo que está meio distante — ele falou, abraçando-me por trás e beijando a curvatura do meu pescoço. Tínhamos acabado de voltar do calabouço e eu fitava o meu anel com o

pensamento longe.

— Ainda não acredito que fez o pedido.

Rico me virou de frente e ficou me encarando com olhos receosos.

— Acha que fui precipitado?

No fundo eu me fazia aquela pergunta, mas ainda temia a resposta.

— Não sei, mas temos que admitir que tudo aconteceu muito rápido. Nosso namoro, a minha primeira vez, o pedido de casamento.

Ele beijou a ponta do meu nariz e sorriu.

— Eu sei que deve estar assustada, mas sou assim mesmo quando amo, não sei esconder ou fingir sentimentos.

Eu nunca fui do tipo que corria atrás de homens. Naquele instante em que tinha o mais lindo deles aos meus pés, não sabia exatamente o que fazer, mas de uma coisa eu tinha absoluta certeza e disse a ele:

— Não estou assustada, também não imagino uma vida sem você.

Rico me tomou nos braços e nos beijamos por longos minutos.

Dormimos de conchinha e, como sempre, ele pegou no sono quase de imediato, enquanto eu fiquei escutando as vozes dos meus pensamentos incessantes.



Como combinado viajamos no dia seguinte, logo após o almoço, e o destino foi o Canadá. Seria uma viagem rápida, apenas para resolver os problemas que a mulher do meu pai vinha causando e aproveitar para anunciar o noivado à minha mãe.

Ultrapassamos o portão da mansão, que pertencia a ela, e experimentei uma mistura de angústia e felicidade, me sentindo nostálgica, mesmo que minhas últimas lembranças não fossem muito agradáveis.

Assim que o carro estacionou e descemos, Rico parecia apreensivo, afinal, o primeiro encontro dele com minha mãe não foi muito agradável.

— Relaxa, Rico, ela só late, não morde.

Ele assentiu, confiante, e seguimos para a entrada.

— Mia, que saudade! — Grace disse e já foi me abraçando. Ela trabalhava para a minha mãe desde que eu me conhecia por gente.

— Também senti sua falta. Esse é o meu noivo, Rico Salvatore.

Grace desviou sua atenção para Rico e foi tão perceptível o magnetismo que ele teve sobre ela que quase gargalhei.

— Mas que homem é esse, menina?

Foi impossível não rir do jeito como ela perguntou. Grace era assim mesmo, muito simpática e falava o que vinha na telha. Eu não entendia como ela e minha mãe deram certo, já que Ester Banks era a rainha das reclamações.

— É um prazer, Grace — Rico disse, atencioso, e nossa governanta o abraçou, me dando uma piscadela.

— Sua mãe está na sala, vamos.

Seguimos para dentro da casa e, a cada passo que eu dava, uma nova lembrança me atingia.

Minha mãe estava ao telefone, e como sempre, super produzida com um de seus conjuntos chiques. Nunca vi alguém gostar tanto de se arrumar para ficar em casa.

— Filha! — desligou e veio em minha direção, me abraçando apertado. — Não acreditei quando você ligou e disse que estava a caminho.

Nos abraçamos por longos segundos e só então ela olhou para Rico.

— Como vai, Sr. Salvatore? — disse ela, estendendo a mão.

— Ótimo, Sra. Banks — Rico a saudou de volta.

Assim que eles se afastaram, fiquei me perguntando se aquele era um bom momento para falar

sobre o noivado e decidi que não adiantava adiar o inevitável.

— Rico me pediu em casamento, estamos noivos.

A boca dela se abriu, mas depois tentou disfarçar todo espanto que sentiu.

— E quando isso aconteceu? — perguntou para mim, mas seu olhar estava em Rico.

— Ontem à noite — anunciei e ela voltou a me olhar.

— É uma notícia inesperada. Você nunca me apresentou um namorado e aparece noiva. Bom, não interessa. Eu estou feliz, vocês formam um belo casal.

— Obrigada, mãe. Mas não se preocupe, o casamento não é para agora.

— Não? — Rico questionou e me fuzilou com o olhar, pelo visto ele tinha pressa em se casar.

— Depois vocês decidem isso. Venham, vou pedir que Grace sirva o jantar para nós e vocês me contam tudo sobre o noivado — pediu minha mãe, abafando uma possível discussão, e fomos todos para a sala de jantar.

Durante a refeição ela se lamuriou sobre os problemas que a mulher vinha causando. Rico e eu a escutamos e opinamos nos poucos momentos em que Ester nos deixou falar. Minha mãe parecia uma criança mimada, louca por atenção.

A princípio tínhamos pensado em ficar num hotel, mas depois da insistência de dona Ester, acabamos aceitando o convite para passar a noite em sua casa.

— Estou te achando calado — comentei enquanto colocava uma camisola. Sabia que Rico estava chateado com o meu comentário sobre o casamento, mas não queria começar uma discussão.

— Cansado — a resposta curta me deixou em alerta.

Sentei-me na cama e o encarei. Como disse Grace, Rico era um “homão”, lindo em todos os sentidos, e mesmo assim eu achava aquela história de casamento meio precipitada, afinal, ele já tinha vivido tudo e eu apenas começava a descobrir algumas delícias da vida. Mas como explicar a ele sem que entendesse de forma ofensiva ou como se eu estivesse lhe dando um fora?

— Já falei hoje o quanto eu te acho lindo?

Ele deu uma risada fraca e se sentou ao meu lado, sua coxa tocando a minha.

— Vai precisar mais do que isso para melhorar o meu humor.

— Sexo? — ofereci e ele sorriu também.

— Melhorou — rolou por cima de mim na cama.

Por aquela noite as coisas se resolveram com uma boa dose de amor, mas eu sabia que aquela história de casamento ainda teria que ser discutida.



RICO SALVATORE

Eu estava me esforçando para entender o que se passava na cabeça de Mia Banks.

Em toda a minha vida, nunca imaginei que fosse ficar tão louco por uma mulher como estava por ela. Desde que a conheci ela soube exatamente como agir para me deixar de joelhos. Com pequenas doses de um feitiço poderoso, soube me envolver perfeitamente em sua personalidade decidida e encantadora. Ela era o tipo de pessoa que voava com os pés no chão.

Qualquer mulher ficaria eufórica com o meu pedido de casamento, mas ela, não. Mia era diferente e mais uma vez me surpreendeu. Eu não sabia o que pensar ou como agir.

— Se eu puder te dar um conselho... — disse Ester Banks.

— Estou ouvindo.

Mia estava se despedindo de Grace na cozinha enquanto eu a esperava na sala.

— Não a pressione, Mia não responde bem a qualquer tipo de pressão.

— Acha que a estou pressionando?

— Tenho certeza de que sim — respondeu sem rodeios e percebi a quem Mia tinha puxado.

— Mãe, já estou indo. Vou passar na empresa para resolver as coisas. Fique tranquila, porque como acionista majoritária, terei a palavra final sobre esse assunto.

Mia se despediu de Ester e eu fiz o mesmo, mas fiquei intrigado com o conselho de minha futura sogra.



MIA BANKS

Depois de passar na empresa de minha família e deixar tudo acertado, seguimos para o hangar. O destino escolhido por Rico foi a Tailândia.

Assim que nos instalamos em um hotel, aceitamos a sugestão do gerente e contratamos um guia local, que nos levou a lugares maravilhosos e dividiu conosco todo o seu conhecimento e crenças místicas.

Nosso ritual era sempre o mesmo: tomávamos café no hotel, saíamos em seguida para conhecer algum ponto turístico, almoçávamos em um restaurante típico, depois íamos a um novo lugar e no final da tarde voltávamos para o hotel. Então ficávamos na enorme sacada do quarto, contemplando o pôr do sol, geralmente em silêncio, observando a beleza e a magia daquele lugar. Por último, fazíamos amor.

Rico estava tão leve e feliz, parecia decidido a me fazer experimentar todo tipo de vivência. Eu me sentia imensamente agradecida por isso.

Nos dias que passamos lá, visitamos templos e escutamos histórias e lendas do povo local. Cada dia era uma experiência nova e eu me sentia realmente grata por estar vivendo tudo aquilo.

Em pouco tempo eu já me sentia em casa, as pessoas eram tão acolhedoras e aprendi tanto com o nosso guia que foi difícil dizer adeus.

— Se for ficar com esse bico a cada vez que deixarmos um país, vou interromper a viagem — Rico brincou quando o jato já estava a quilômetros da Indonésia.

— Me acostumei demais com aquele lugar.

— Eu sei e será assim nos outros destinos. Achei que estivesse animada para a Capadócia.

— E estou! — falei, convicta, e saí do meu assento para sentar no colo dele. Nosso próximo destino seria a Turquia, mais precisamente a Capadócia, e eu mal podia esperar para contemplar as paisagens terrosas e o show de balonismo.

Chegamos ao hotel já à noite e fiquei sem ar com o cenário que podia ser visto do nosso quarto. Estava contando as horas para o dia amanhecer, queria sair e explorar tudo.

Enquanto contemplava aquele panorama deslumbrante, da cidade toda iluminada, senti as mãos de Rico deslizando pela minha cintura e seu peito encostando em minhas costas.

— Sabia que ia te encontrar aqui — falou baixo enquanto admirava a linda vista à nossa frente.

— Eu já ia entrar, mas que bom que veio até aqui — virei-me de frente e ficamos nos olhando. Acho que não existia na terra um ser humano mais bonito que Rico Salvatore.

— Adoro quando você me olha assim, me sinto algum tipo de deus — ele brincou e eu gargalhei.

— Na verdade você é, sim, meu deus do sexo. Agora vem cá.

Puxei-o pela mão e fomos para dentro da suíte. Naquela noite nos amamos loucamente. Rico nunca se cansava de mim ou eu dele. Todas as vezes que fazíamos amor, ele sempre fazia questão de falar o quanto me amava. E àquela altura eu também fazia o mesmo. Amor, meu amor e eu te amo se tornaram termos frequentes em nosso vocabulário.

No dia seguinte acordamos cedo. Como de costume, aceitamos a sugestão do hotel e contratamos um guia. Saímos pelas ruelas da Capadócia e eu suspirava a cada coisa nova que descobria.

Rico tinha um pouco de medo de altura e foi difícil convencê-lo a participar do passeio de balão. Mas depois dos primeiros minutos, até ele se rendeu à paisagem.

Enquanto Rico se agarrava a uma das cordas como se aquilo fosse sua tábua de salvação, eu fui para o lado oposto e fiquei contemplando toda a beleza daquele lugar. Fechei os olhos e abri os braços. Daquela forma tive a sensação de estar voando, era libertador viver aquilo. Fiquei sedenta por mais, eu queria muito mais.

Nosso passeio não demorou a terminar e, por mim, iríamos de novo. Mas Rico não parecia tão animado quanto eu.

Almoçamos em um restaurante charmoso à beira de uma estrada. Na parte da tarde visitamos cidades subterrâneas. Durante todo o passeio eu parecia uma matraca, falava sem parar e agradecia o tempo todo. Era mágico estar ali, Rico estava me mostrando um mundo novo, desconhecido e cheio de possibilidades. Eu amava aquilo mais que tudo. Mas, por outro lado, minha mente me lembrava de que quando voltássemos iríamos nos casar e ter filhos.

Nosso último destino foi Dubai. Por um minuto me lembrei de que ele havia levado Soraya para lá, mas no instante seguinte as construções suntuosas, toda ostentação e a beleza natural daquele lugar me fascinaram e nada além do que estávamos vivendo ocupou a minha mente. Rico também agia como se tudo fosse novidade e acho que de certa forma era, já que me dizia que estar ali comigo era totalmente diferente. Sua felicidade me contagiava.

Durante aquele mês de férias, ninguém falou sobre casamento, Crystal ou qualquer coisa desagradável. Estávamos em perfeita sintonia, era como se nossas almas soubessem que precisávamos de um momento de paz e tranquilidade. Aproveitamos os dias para nos conhecer melhor e foi bom conviver com Rico Salvatore sem toda aquela pompa.

Viajar também me fez ver o mundo por outra perspectiva, era como se tivesse vivido em uma bolha durante a minha vida e, de repente, acordasse para tudo que o mundo tinha a me oferecer.



— Saiu uma nota sobre o nosso noivado no *The New York Times* — comentei.

— Eu pedi para a minha assessoria soltar o comunicado.

— Ficamos bem — admiti.

Ele pegou o jornal e ficou olhando para a nossa imagem

Tínhamos voltado de Dubai há dois dias e seria nosso primeiro dia de volta na Salvatore.

— Ficamos, sim.

Ele continuou lendo a matéria enquanto eu analisava sua cobertura ostentosa. Aquilo era enorme.

— Você não vai ter que limpar — ele zombou e eu sorri.

— Eu sei, só estou tentando imaginar como será morar aqui.

Rico já estava vestido em um terno escuro, com suas abotoaduras de diamantes. Um legítimo CEO, poderoso e dono de si.

Terminamos o nosso café e fomos juntos para o Grupo Salvatore. Rico subiu antes para fazer uns telefonemas e eu fiquei no hall conversando com Christina. Ela estava eufórica com a notícia no jornal que anunciava o meu noivado.

Enquanto ela tagarelava, tive a sensação de estar sendo observada. Olhei para o lado e vi Marcy Sevilla caminhando em minha direção. Não tinha como esquecer aquele rosto e nem a carta quilométrica que havia feito para Rico.

— Mia, que bom te encontrar — disse, animada.

— Oi, Marcy, quanto tempo.

— Fui transferida, é minha primeira semana.

Eu não tinha nada contra ela ser transferida, mas sabia do seu amor épico pelo meu noivo e aquilo sim poderia ser um problema.



| 41 - MIA BANKS

Subimos no mesmo elevador e apresentei Christina a Marcy. Chris, falante e espalhafatosa como sempre, logo começou a falar mal do setor comercial, onde Marcy iria trabalhar. Enquanto elas conversavam, lembrei-me do dia em que encontrei Leah Adams no setor de Recursos Humanos. Segundo a secretária, ela estava lá tratando da transferência de uma funcionária para o setor comercial. Vendo Marcy ali, cheguei à conclusão de que a funcionária era ela.

Christina e Marcy trocaram dicas e telefones enquanto eu observava. Quando o elevador parou no setor comercial, nos despedimos dela.

— Que cara é essa, Mia? — Christina perguntou assim que chegamos ao nosso andar.

— A Marcy é aquela que fez uma carta quilométrica para Rico.

— Que carta?

Não me lembrava de que não tinha comentado sobre a tal carta com ela, então expliquei a história.

— Nossa, sério que existe gente fanática assim?

— Sim, existe, e acho que essa transferência dela tem a ver com se aproximar dele.

— Está com ciúmes?

— Não — rebati e já fui guardando minhas coisas na gaveta. — Não é ciúmes, mas sei lá, achei estranho.

Encerramos nosso assunto quando Rico saiu de seu escritório e seguiu para a sala de reuniões. Ele exibia um semblante confiante, estava animado com as projeções para o próximo ano, o que só me fez lembrar de que minha empresa continuava em mãos de desconhecidos.

No final do dia eu saí no horário e Rico ficou preso em uma última reunião. Combinamos de nos ver somente no dia seguinte e quem impôs essa condição fui eu, pois, se dependesse dele, já estaríamos morando juntos.

Estava saindo da Salvatore quando avistei Marcy conversando com um dos seguranças de Rico — imaginei que a veria o tempo todo. De longe tive que admitir que ela estava muito mais bonita, exibindo uma postura confiante, mas ainda não sabia se ficava aliviada ou preocupada com a sua presença.

— Oi, Mia — ela disse ao me ver.

— Olá, Marcy.

O segurança se virou e nos cumprimentamos.

Ela se despediu rapidamente dele e começou a caminhar do meu lado.

— Mora aqui perto? — ela perguntou.

— Sim.

Continuei caminhando, mas logo depois ela parou e segurou gentilmente o meu braço.

— Mia, eu sei que deve estar pensando que sou uma louca e que vim atrás do Sr. Salvatore, mas te juro que superei essa fase. Eu sei que estão noivos e não queria que me tratasse diferente por causa daquela carta maluca — disse, com bastante sinceridade, e eu me senti mal por estar pensando coisas ruins a respeito dela.

— Fique tranquila, não estou pensando em nada. Está gostando de Nova York? — mudei o foco da conversa.

— Sim, estou amando. Pena que não conheço muitas pessoas, mas estou animada com o meu novo cargo e louca para fazer amizades, começar a sair e tudo mais.

De certa forma eu me via nas palavras dela. Quando cheguei à Nova York eu pensava exatamente igual. Talvez Marcy estivesse em busca de uma nova vida e a paranoia em minha cabeça não me deixava enxergar as coisas com clareza.

Fomos caminhando e conversando. Ela tinha muita facilidade em dominar a conversa e a minha atenção. Falou sobre sua família e sobre seus planos de trazê-los à Nova York. Quando dei por mim, já estava em frente ao meu apartamento. Nos despedimos e ela disse que iria pegar o metrô, visto que seu prédio ficava em um bairro afastado.

Entrei em casa sentindo o cheiro de ambiente fechado e constatando o quanto Rico me fazia falta. Aquele apartamento parecia claustrofóbico sem ele e perdi as contas de quantas vezes eu dei para diminuir a minha ansiedade.

Então resolvi me manter ocupada; fiz uma boa limpeza, organizei a correspondência e graças a Deus não encontrei nenhuma carta ameaçadora. Desde que assumimos nosso namoro, fiquei preocupada com a possibilidade de receber mais ameaças. Mas parecia que aquela seria a única e eu estava agradecida. Era difícil conviver com a ideia de que alguém pudesse me fazer mal.

Cuidei de tudo o que precisava até o cansaço me vencer. No dia seguinte eu iria trabalhar e depois seguiria direto para o apartamento de Rico. Minha mala com tudo o que levei para a Itália foi confiscada por ele e ficou por lá, de forma que não me preocupei em separar roupas, teria um estoque por um bom tempo. Com esse pensamento, me deitei e dormi feito uma pedra.



Quando cheguei à empresa recebi a notícia de que a filha de Christina estava doente e ela havia faltado. Tive que me virar trabalhando por nós duas, mas deu tudo certo.

No início da tarde Will apareceu para uma reunião e, como era de se esperar, ficou fazendo piadinhas sobre o meu noivado.

— Seu noivo quer me mandar para o Japão. Interceda por mim, oh, rainha soberana.

Gargalhei com o pedido dele e, quando o meu ataque de riso cessou, explicou que Rico estava fechando um contrato importante com os japoneses e não aceitava que outro advogado participasse das negociações. Então Will teria que passar um mês por lá.

— Sinto muito, Will, espero que goste do Japão. Eu também só confio em você.

Ele deu de ombros e depois ofereci um café. Contei como foi a viagem e não toquei no nome de Crystal, de Marco e todas as armações deles. Mas contei sobre Marcy. Não sei por que diabo senti a necessidade de falar sobre as coisas que aconteceram na Filadélfia e sobre a coincidência de ela estar morando em Nova York. Will era uma pessoa fácil de conversar, eu gostava muito da presença dele, sempre tão alegre e cheio de energia.

— Se ela for gata como você, dou um jeito nesse problema — ele ofereceu e nós rimos.

— Ela não é um problema — defendi.

— Querida Mia, ela pode falar o que quiser, mas ninguém esquece meu amigo assim. Sei disso porque convivemos há anos e sei que elas demoram a sair do pé dele. Então, fique alerta.

— Vou ficar — garanti. — Mas e você e Christina, como estão?

— Nós nos damos muito bem. A Chris é ótima, mas não é nada sério, você sabe.

Eu sabia. Os dois eram parecidos nesse negócio de relacionamento sério, mas eu tinha esperanças de que aquela história acabasse rendendo frutos, afinal, já estavam juntos há um bom tempo.

— Bom, agora tenho que ir contar à fera que vou ficar um mês fora. Christina vai ficar louca.

Foi impossível não começar a rir de novo.

— Boa sorte, meu amigo.

Depois que Will saiu, fiquei pensando no que ele me disse sobre as mulheres que ficavam atrás do meu noivo. Ele tinha razão, nenhuma mulher que fosse loucamente apaixonada por Rico Salvatore o esqueceria assim, da noite para o dia. E isso me fez levantar a hipótese de que talvez Marcy pudesse ser a pessoa responsável pela ameaça. Mas logo depois descartei a ideia, ela morava na Filadélfia até alguns dias atrás, não teria como ter me mandado aquele bilhete.

Mas mesmo assim eu ficaria de olho em todos os seus passos. Ela nunca foi alguém que eu desconfiasse, mas aquela transferência repentina não fazia muito sentido.



ALGUNS DIAS DEPOIS...

RICO SALVATORE

Meus dias haviam sido cheios de reuniões intermináveis. O meu consolo era saber que no final do dia eu e ela iríamos juntos para casa. Desde que voltamos da Itália, Mia dormiu apenas um dia em seu apartamento e já havia praticamente se mudado para a minha cobertura.

Era exatamente aquilo o que eu queria.

Minha futura esposa e minha fiel governanta se deram bem desde o início. Mia sabia como administrar uma casa e não teve qualquer dificuldade quanto a isso. No entanto, fazia aquilo com simpatia, tratando a todos muito bem e parecia realmente gostar de estar à par de tudo. Eu apreciava aquele lado atencioso que ela tinha com as coisas.

Além disso, ela gostava de cozinhar e adorava me mimar. Para um homem que sempre teve mulheres que estavam sempre esperando algo dele, era gratificante. Mia me deixava cada dia mais encantado.



MIA BANKS

As coisas entre mim e Rico andavam cada vez melhores. Desde o nosso breve desentendimento no Canadá, nunca mais havíamos brigado por nada. O assunto casamento surgia de vez em quando, sempre por parte de Rico, mas ele não persistia e aquilo me deixava tranquila. Não queria discutir com ele, pois nos dávamos muito bem.

Nossa rotina de trabalho e casa era uma orquestra bem afinada e, coincidência ou não, tínhamos os mesmos gostos para muitas coisas, então nossos programas de casal estavam sendo incríveis. Íamos a restaurantes, cinema, teatro e até à ópera.

Naqueles poucos dias, conheci pessoas da alta sociedade de Nova York e até fiz algumas amizades com mulheres de empresários próximos a Rico. Era notável que ele queria que eu fizesse parte de seu mundo. Podia dizer que tive boas surpresas, as pessoas eram muito melhores do que eu julgava.



| 42 - MIA BANKS

Rico e eu chegamos juntos à Salvatore na parte da manhã. Logo depois, Rico saiu de helicóptero para reuniões externas e Christina e eu ficamos surpresas quando Marcy surgiu na presidência no final da tarde. Os cabelos enrolados estavam lisos e suas roupas muito diferentes das que usava na última vez em que a vi. Ela estava muito bonita e não tinha mais aquele ar infantil.

— Oi, meninas, vim fazer um convite — disse ao parar em frente à minha mesa.

— Olá, Marcy, estamos curiosas! — eu falei e ela sorriu.

— Sexta é meu aniversário. Vou fazer uma reuniãozinha em meu apartamento, gostaria que vocês fossem.

Eu tinha zero intimidade com ela, também sabia sobre o lance da carta e do caminhão que arrastava pelo meu noivo. Então não tinha muita certeza.

— Eu só conheço vocês duas aqui — Marcy falou.

Christina me encarou como se dissesse que a decisão era minha.

— Vamos, sim — eu falei sem pensar e me arrependi no instante seguinte. Deveria ter inventado uma desculpa.

— Que maravilha! Vai ter comida mexicana, espero que gostem.

— Gostamos muito — garanti.

Christina se levantou, pegou café para nós três e ficamos conversando sobre a empresa e o aniversário de Marcy.

— O que achou desse convite? — minha amiga questionou assim que Marcy entrou no elevador.

— Ainda não tenho uma opinião formada sobre ela, a história da carta me deixa meio assustada.

— Eu sei, Mia. Nós duas sabemos que ela não esqueceu Rico, então fique esperta.

Nos poucos minutos que antecederam a chegada de Rico, fiquei imaginando o que Marcy estaria planejando com essa transferência para Nova York e só gastei massa cinzenta, já que não consegui chegar a nenhuma conclusão.

Quando Rico chegou, fomos direto para a cobertura dele. A governanta havia deixado nosso

jantar pronto e, depois de comermos, assistimos uma série de ficção na tevê. Eu amava aquela nossa rotina, era tão bom trabalhar com ele e depois voltar para casa e fazer coisas de casal.



Durante a semana eu dormi todos os dias na cobertura de Rico. Tivemos um breve desentendimento na sexta-feira, quando eu finalmente falei sobre o aniversário de Marcy. Ele queria sair para jantar e eu, como boa samaritana, não deixaria a garota cantar parabéns sozinha, porque se eu não fosse Christina também não iria.

— Estou pensando em que parte da semana eu deixei você me convencer a comparecer a esta festa — minha amiga sussurrou quando Roy estacionou em frente a um edifício de tijolos aparentes, no Brooklyn.

— Vou esperar por vocês aqui — Roy comunicou.

— Vem, Chris, vamos entregar o presente, ficar uns minutos e depois cair fora.

— Tudo bem — ela concordou e saímos do carro

Já havia anoitecido e confesso que aquela rua me dava arrepios. Sorte que Roy também era segurança e me senti melhor com a presença dele.

Subimos um lance de escadas e fui a responsável por interfonar. Marcy atendeu no primeiro toque, pelo visto estava nos aguardando. Ela liberou nossa entrada e subimos para o segundo andar. A aniversariante já nos aguardava com a porta do apartamento aberta e um chapéu de festa infantil.

— Ainda não acredito que vieram! — disse, animada, e nos cumprimentou.

Entregamos nossos presentes, desejamos feliz aniversário e entramos. O apartamento era pequeno e simples, mas muito bem organizado. Ela deveria ser do tipo perfeccionista, pois as revistas da mesa de centro estavam organizadas com dois centímetros de distância uma da outra. Nem tive coragem de tocar.

A mesa já estava arrumada e de fato havia comida mexicana e algumas garrafas de bebida.

— Vem mais alguém? — Christina perguntou para puxar assunto.

— Eu convidei Roy, acho ele um gato, mas ele disse que estaria de serviço.

Então Marcy andava de papo com o chefe da segurança de Rico. Aquilo só me fazia questionar se esse o por Roy era genuíno ou se estava tentando uma aproximação com o meu noivo.

— Ele é tão sério que mesmo se estivesse de folga acho que não viria — Christina bancou a sincera.

— Será que ele tem namorada? — Marcy perguntou e nos ofereceu uma bandeja de tacos, que eu aceitei por educação; não estava com fome.

— A namorada de Roy se chama trabalho. Faz um tempão que ele está com Rico e não o vejo fazendo nada divertido.

Ao contrário de mim, Christina estava faminta e foi devorando tudo. Confesso que a comida estava boa, mas as dúvidas sobre as reais intenções de Marcy me tiravam o apetite.

— E então, Mia, para quando é o casamento? Os sites e blogs de fofoca só falam disso — Marcy perguntou em tom descontraído e nos serviu refrigerante.

— Ainda não sei, estamos decidindo.

Na verdade, Rico era quem tinha pressa. De minha parte, ficaríamos noivos por mais um tempo.

— Espero que sejam felizes — ela disse em tom sincero e brindamos com refrigerante.

Na meia hora seguinte Marcy conversou mais com Christina, porque quando minha amiga falou que tinha uma filha, as duas engataram um assunto sobre crianças e eu fiquei meio de lado.

Sorte que Rico ficou me enviando mensagens e assim o tempo passou rápido. Quase duas horas depois eu decidi que já tinha feito a minha boa ação do dia e me levantei para ir embora.

— Eu amei que vocês vieram, vamos marcar outras vezes — Marcy disse, com um sorriso enorme.

— Com certeza e obrigada pelo convite — Christina respondeu e logo depois foi a minha vez.

— Claro, Marcy.

Marcy me olhava de um jeito que eu não sabia identificar. Apesar de toda aquela simpatia e aparente carência, meu sexto sentido não confiava nela.

— Boa noite, Marcy — eu disse e ela me abraçou. Usava um perfume bem doce, eu não gostava de fragrâncias assim. Me afastei e, enfim, encerramos a noite.

Roy deixou Christina em casa e depois me levou para a cobertura. Conteí a Rico como tinha sido nossa noite, mas não falei que ela era a mesma autora da carta. Tomamos um banho demorado, fizemos amor e depois dormimos juntinhos.

No dia seguinte eu iria para a Salvatore mais tarde porque tinha uma consulta marcada para as nove da manhã.

Rico acordou irritado, pois Marco estava em Nova York e queria vê-lo. Segundo ele, Anna e Gael engataram um romance e ele precisava conversar com Rico. Para minha surpresa, meu noivo não quis encontrá-lo. Donatella havia revelado que Crystal estava na casa de Marco desde o final do ano, o que o deixou indignado. Então Rico decidiu que não queria mais contato com o primo para tratar daqueles assuntos, porque se ele realmente quisesse Anna de volta, não estaria com Crystal.

Deixei que ele resolvesse tudo e fui ao médico. Era uma consulta de rotina e, quando saí de lá, fui direto para a Salvatore.

Cheguei à presidência e Christina estava com uma expressão preocupada.

— Que cara é essa?

— Mia, lembra de uma das vezes em que Rico pediu que ficasse até mais tarde para fazer cópias de alguns documentos?

— Lembro sim, foram umas duas ou três vezes. Mas o que isso tem a ver com essa sua cara de preocupação?

— O setor comercial solicitou esses arquivos para uma reunião e estavam uma bagunça, tudo fora de ordem e com cópias pela metade. A supervisora do setor subiu aqui e reclamou de você, já que tinha o seu nome como último acesso aos arquivos.

Soltei uma respiração pesada, tentando entender como aquilo havia acontecido.

— Eu sempre fiz tudo com calma e atenção, não entendo o que pode ter dado errado.

— Eu sei, amiga, eram seus primeiros dias, acontece.

— E Rico, como reagiu?

— Bom, ele não aceita ser criticado e muito menos que façam críticas à sua equipe da presidência, ainda assim, se desculpou e disse que o erro não iria mais se repetir.

— E teve algum problema grave por causa dessas malditas cópias?

— Se fosse só pelas cópias não teria problema, mas os arquivos originais sumiram e isso sim o deixou enfurecido. Rico teve que cancelar duas reuniões e só poderemos remarcar-las quando tudo for impresso e organizado para que possa ser utilizado.

— Chris, tem coisa errada nessa história. Jamais deixei de conferir se os arquivos originais estavam certos. Isso é um erro grotesco que eu nunca cometeria nem no meu primeiro dia.

— O que quer dizer com isso, Mia?

— Quero dizer que alguém está me sabotando. As coisas nunca deram errado para o meu lado e do nada acontece essa merda toda? Justo com o setor em que Marcy trabalha?

— Ah, meu Deus, como não pensei nisso antes?

Não tivemos tempo de comentar sobre a minha hipótese, porque o telefone na mesa de Chris tocou e ela correu para atender. Era ele.

— Sim, Sr. Salvatore, eu dou o recado.

Ela colocou o telefone na base e me encarou.

— Rico quer falar com você.

Assenti e segui para a sala dele, temendo que pudéssemos ter o nosso primeiro desentendimento por questões de trabalho.

— Me chamou? — perguntei quando entrei no escritório.

Rico estava com o olhar fixo no computador.

— Sim, sente-se — o tom imperativo me fez voltar no tempo, exatamente na semana em que

comecei a trabalhar na Salvatore, quando Rico estava me tratando exatamente com a mesma frieza.

Fiz como ele pediu e me sentei.

— Mia, eu sei que estamos noivos, mas você também é minha funcionária. Espero que saiba separar o que vou falar agora.

— Sim, pode falar.

— O problema do setor comercial atrapalhou duas reuniões importantíssimas. Negócios que venho tentando fechar há meses e que, por causa de um erro idiota, tivemos que remarcar.

Engoli o nó na minha garganta. Ele tinha me chamado de idiota?

— Rico, eu sempre fui muito perfeccionista com meu trabalho e sempre cuidei muito bem de todos os arquivos. Não entendo como isso foi acontecer.

— A questão é que não foi apenas um erro e sim uma série deles. Volto a afirmar que, mesmo que estejamos noivos, preciso de sua total atenção em seu trabalho.

Confirmei com a cabeça, sentindo-me uma criança de seis anos. Eu sentia que havia feito tudo certo e já tinha minhas suspeitas de quem estivesse por trás disso. Marcy deveria ter armado toda a situação para que Rico e eu brigássemos.

— Rico, eu acho que sei o que está acontecendo. Você se lembra da...

Ele levantou a mão, pedindo para que eu parasse de falar.

— Já aconteceu, as reuniões foram remarcadas e você não pode fazer mais nada. Assunto encerrado.

— Eu sei, mas...

— Chega, Mia! Esse assunto estragou o meu dia e você continuar falando sobre isso vai apenas me chatear ainda mais.

Havia várias formas de Rico me repreender e, para estar usando aquele tom de voz, com certeza os negócios eram muito importantes para ele. O que só me fez odiar Marcy com ainda mais força.

— Está certo. Vou prestar mais atenção, não se preocupe.

Foi a única coisa que consegui dizer. Não adiantava tentar justificar o que aconteceu. Ele não me daria ouvidos e ficaria ainda mais irritado. O homem à minha frente não era meu noivo carinhoso da Itália e sim o poderoso CEO da Salvatore.

— Ótimo, está dispensada.

Assenti e saí de sua sala borbulhando de ódio. Eu podia até estar louca, mas tinha certeza de que havia dado de Marcy naquela história e eu iria descobrir ou não me chamava Mia Banks.



| 43 - MIA BANKS

A bronca de Rico me deixou arrasada e trabalhei o resto do dia no automático. Ele saiu do escritório no meio da tarde e foi para um compromisso externo. Fiquei repassando meus últimos meses na Salvatore. Comecei a ser assistente de Christina por causa do meu orgulho em não aceitar minha herança, mas a realidade era outra e ela estava batendo com força na minha porta. Rico e eu estávamos noivos e trabalhando juntos. Talvez aquela equação não desse certo. Já que não tinha mais que me preocupar com dinheiro, talvez fosse melhor começar a pensar seriamente no assunto, e quem sabe, procurar outro lugar para trabalhar.

Depois que Chris foi embora, decidi que precisava falar com Marcy, deixar algumas coisas bem claras. Já que sabia onde ela morava, por isso peguei um táxi e fui até lá.

Quando o carro parou em frente ao prédio dela, eu já não tinha tanta certeza se deveria subir ou esperar para conversar no dia seguinte, na empresa. Mas estava tão chateada por ser repreendida por algo que não fiz que segui em frente. Para a minha sorte, um morador estava entrando e aproveitei para pegá-la de surpresa, queria ver como reagiria ao me ver ali. Fui até o seu andar e toquei a campainha. Ela demorou alguns minutos para abrir.

— Mia? — Marcy ficou espantada com minha visita repentina.

— Oi, Marcy. Desculpe vir sem avisar, mas queria falar com você — disse, mas então notei que ela não estava sozinha no apartamento.

Olhei por cima dos ombros de Marcy para ver melhor e avistei Leah Adams no meio da sala. À princípio achei estranho, mas depois me lembrei de que ambas trabalhavam no setor comercial e poderiam ser amigas assim como Christina e eu.

— Posso entrar? — pedi, enquanto Marcy permanecia confusa, sem saber o que fazer.

— Hum, tudo bem — abriu a porta para mim.

Fiquei bem curiosa para saber sobre a amizade das duas. Não era novidade que Leah me odiava desde a época do desfile. Segundo Christina, ela era responsável por difamar meu nome pela empresa. A novidade era que Marcy havia falado que não tinha amigas ali.

— Como vai, Leah? — perguntei.

Ela desviou seu olhar alarmado de uma caixa de papelão, que estava em cima da mesa, e depois me encarou com um sorriso nervoso.

— Muito bem e você? — respondeu, enquanto Marcy fechava a porta e se juntava a nós.

Olhei para a caixa e fiquei imaginando o que poderia ter lá e porque elas pareciam tão nervosas com a minha presença.

Os arquivos que sumiram. Poderia ser isso o que estão escondendo ali?

Droga! Marcy e Leah estavam juntas para me prejudicar e melar o meu relacionamento com Rico. Como não pensei naquilo antes?

Antes que elas pudessem fazer qualquer coisa, caminhei, determinada, até a mesa.

— Não mexa nisso aí — Marcy pediu com uma voz irritada, mas não dei ouvidos e abri a caixa. Fiquei perplexa ao me deparar com os arquivos originais que haviam sumido.

— Então foram vocês? — acusei sem a menor sombra de dúvidas.

Elas se entreolharam e não falaram nada.

— Não precisam responder, agora já sei a verdade e Rico também saberá. Espero que o currículo de vocês esteja em dia, porque vão para o olho da rua.

Quando Rico soubesse tudo o que aquelas duas iludidas foram capazes de fazer, eu não iria querer estar na pele delas.

Peguei a caixa de cima da mesa e marchei em direção à saída. Mas antes que eu pudesse encontrar a porta, algo atingiu a minha nuca. Uma dor lancinante se espalhou pela minha cabeça, deixando-me com a visão turva e o corpo mole. Fiquei desorientada, larguei a caixa e fui caindo em câmera lenta até encontrar o chão e não ver mais nada.



RICO SALVATORE

No final do dia eu já estava um pouco mais calmo e fiquei refletindo sobre a minha conversa com Mia. Fiquei muito nervoso e acabei sendo grosseiro sem necessidade. Ela sempre foi cuidadosa e nunca tive motivos para reclamar. Infelizmente, tinha me pegado em um momento de extremo mau humor.

Saí do meu último compromisso e pedi a Roy que parasse em uma banca de flores. Comprei duas dúzias de rosas e segui para a cobertura. Estava ansioso para vê-la e fazer as pazes. Precisava me desculpar pela forma ríspida como a tratei, mas sua ausência me pegou de surpresa.

Procurei por toda a cobertura e não a encontrei. Liguei para o celular e caiu na caixa postal. Fiquei intrigado, mas imaginei que ela chegaria a qualquer momento.

Tomei um banho, abri um bom vinho e fiquei na sala esperando.

Contrariando todas as minhas expectativas, Mia não apareceu. Já eram quase dez horas da noite e nada dela. Então decidi ir até o seu apartamento. Talvez estivesse magoada e não queria me ver.

Eu já tinha liberado Roy e não quis mais incomodá-lo, então peguei um de meus carros e fui dirigindo até seu endereço. Digitei o código que ela havia me passado meses atrás para entrar no prédio, subi os lances de escada com pressa e bati por várias vezes na porta, mas não obtive nenhuma resposta.

— Ela não está.

Virei-me, confuso, e dei de cara com um senhor.

— Sou John Abelard, dono do apartamento, senhorio da Mia — ele explicou, estendendo a mão para me cumprimentar.

— Sou Rico Salvatore, noivo dela. Como sabe que ela não está?

— Eu sei mais ou menos o horário em que ela chega e já bati umas três vezes para entregar uma encomenda que foi por engano para outro inquilino. Como ela não tem aparecido por aqui, venho batendo em sua porta quase diariamente para ver se tenho sorte de encontrá-la para entregar o pacote. Ele não cabe no local onde ficam as correspondências.

— Entendo.

Mas na verdade não estava entendendo porra nenhuma.

— Se ela aparecer, eu digo que o senhor esteve aqui — falou o senhorio.

— Obrigado. Diga a ela que vou ficar esperando que entre em contato.

Despedimo-nos e, no caminho para casa, fiquei pensando em todas as possibilidades, sentindo um terrível mal estar. Se Mia não estava na minha casa e nem na dela, onde diabos havia se metido?

Ao chegar à cobertura e ver que Mia não havia chegado, liguei para Christina. Se Mia tivesse decidido sair para desabafar, com certeza ela seria sua única opção.

— Rico, ela ficou na Salvatore quando encerrei o expediente. É muito estranho não ter chegado em casa ainda — Christina informou. — Deve estar perambulando pela cidade. Não se preocupe, amanhã vocês conversam — acrescentou, tentando me acalmar.

Mas aquilo não me convenceu e comecei a ficar muito preocupado. Mia teve problemas com a mãe e veio embora para Nova York, mas nosso pequeno desentendimento não poderia ter causado algo parecido, ou poderia?

— OK. Se falar com ela me avise — pedi e desliguei.

Resolvi esperar. Mia estava tentando me dar um gelo e estava funcionando.

Acabei dormindo no sofá da sala. Quando acordei já passava das nove da manhã. Corri para tomar um banho e me arrumei com pressa. Estava louco para chegar à Salvatore e resolver as coisas com o meu anjo.

Cheguei à empresa um pouco antes das dez da manhã e estaquei no meio da recepção quando notei que a mesa de Mia estava vazia.

— Ela não veio trabalhar? — perguntei, já em pânico, sentindo uma coisa ruim.

— Achei que ela estivesse com você — Christina respondeu com ar preocupado.

Àquela altura eu não sabia mais o que pensar.

— Vou ao apartamento dela, remarque meus compromissos.

Christina assentiu e chamei Roy para me levar ao endereço de Mia novamente.

Chegando lá, encontrei com o dono do edifício logo na entrada e, segundo ele, Mia ainda não tinha voltado.

— Ela estava praticamente morando na minha cobertura. Mia não conhece ninguém em Nova York e sua única amiga também não tem notícias dela. Então ou ela está trancada no apartamento e não quer atender ninguém ou algo grave pode ter acontecido — expliquei a Abelard.

— Eu não costumo permitir esse tipo de coisa sem um mandato, mas gosto muito de Mia e também estou preocupado. Vou pegar a cópia da chave do apartamento dela.

Respirei aliviado e subimos. Enquanto Abelard buscava a chave, fiquei feito um leão em frente ao apartamento, andando de um lado para o outro.

— Aqui está — ele disse, mostrando-me a chave, e depois abriu a porta.

Entramos e fui direto para o quarto. A cama estava arrumada e tudo parecia intacto.

— Pelo visto ela não está, Sr. Salvatore.

— Não, não está. O senhor se importa se eu ficar mais alguns minutos?

— Fique o tempo que quiser. Quando tiver notícias dela me avise, por favor.

Assenti e caminhei pelo apartamento, imaginando onde ela poderia estar. Mia só tinha amizade com Christina e acredito que não seria infantil a ponto de sumir sem dar explicações. Fui até a secretária eletrônica e havia alguns recados aleatórios de Ester Banks, sendo que o último tinha sido pela manhã, o que descartou a hipótese de ela ter voltado para a casa da mãe. Sentei-me no sofá e fiquei observando os detalhes do apartamento, tentando achar uma justificativa para aquele sumiço repentino. Será que minhas palavras foram tão duras e Mia não soube lidar? Será que se sentiu pressionada?

Fiquei muito tempo lá, remoendo nossa conversa, até decidir voltar para a empresa. Talvez ela já estivesse lá.



MIA BANKS

Uma pontada incessante em minha nuca me fez despertar. Tentei levar a mão à cabeça, mas não consegui, minhas mãos estavam presas, também não consegui falar e percebi que haviam passado algum tipo de fita na minha boca. Eu ainda estava desorientada, mas aos poucos fui lembrando o que havia acontecido.

— Olha, a bela adormecida acordou — Leah disse com ar de deboche. Notei que eu não estava mais no apartamento de Marcy e sim em outro lugar muito parecido.

Fiquei tentando me soltar e debatendo o meu corpo, mas foi inútil. Seria impossível me soltar sem a ajuda de alguém.

— Assim que Marcy voltar, vamos decidir o que fazer com você.

Senti um arrepio atravessar o meu corpo. Muitas coisas faziam sentido naquele momento; Marcy e Leah estavam juntas e tive certeza de que o bilhete com a ameaça foi coisa delas.

Eu não sabia quanto tempo tinha se passado e nem por que elas resolveram me prender ali. Não seria muito mais fácil procurar outro emprego a ser presa por sequestro? Pois era exatamente o que estavam fazendo comigo. Sequestro e cárcere privado.

Um barulho nos fez olhar para a mesma direção. Marcy entrou com algumas sacolas e a depositou em cima da mesa.

— Até que enfim você voltou. E aí, decidiu o que vamos fazer com ela? — Leah perguntou um tanto aflita, enquanto Marcy parecia despreocupada.

— Temos que nos livrar dela. Se a soltarmos ela vai nos denunciar.

Meu corpo amoleceu no mesmo instante e a dor incômoda na minha nuca já não era mais a minha principal preocupação. Eu sabia muito bem o que uma mente doentia poderia fazer. Marcy era mortalmente apaixonada por Rico e seria capaz de tudo em nome daquela doença.

— Marcy, você ficou louca? Sempre dissemos que o objetivo era separar os dois, em nenhum momento falamos em nos livrar dela dessa maneira — Leah falou, temerosa.

— Isso foi antes de ela dar uma de heroína e aparecer aqui descobrindo tudo. Não, ou nos livramos dessa patricinha disfarçada de plebeia ou vamos mofar na cadeia.

Marcy parecia realmente decidida a dar um fim na minha vida. Que mulher louca!

— Além disso, pense bem. Em todos esses anos em que trabalho na Salvatore, ele só se apaixonou por ela. Então se essa sonsa morrer, Rico vai ficar livre de novo, já que enquanto ela

existir ele não terá olhos para outras mulheres. Dessa forma vamos matar dois coelhos com uma tacada só. Nos livramos dela e ainda teremos Rico Salvatore para consolar.

Marcy soltou uma gargalhada horripilante e até Leah se assustou. Ela estava completamente desequilibrada e disposta a tirar a minha vida para ficar com Rico. E eu só conseguia me perguntar desde quando estava planejando aquilo. Porque talvez ela não tenha falado nada para Leah, mas ninguém decide tirar a vida de outra pessoa de uma hora para outra. Parecia que estava esperando o momento certo para se livrar de mim. E eu facilitei as coisas.



RICO SALVATORE

Fazia exatamente vinte e quatro horas que Mia havia desaparecido do mapa e a minha leve preocupação se transformou em algo aterrorizante. Entrei em contato com as autoridades e começamos a varrer a cidade em busca dela. As primeiras horas foram angustiantes, já que as buscas começaram por hospitais, necrotérios e delegacias. Graças a Deus não a encontraram em nenhum desses lugares. Mas isso não atenuou a minha preocupação.

— A Srta. Banks tinha desavença com alguém? — o Investigador Bruce Hoffman questionou. Estávamos na minha sala e havia outro policial com ele.

— Que eu saiba, não. Mia é reservada e sua única amiga na cidade é Christina Santer, minha outra assistente.

— Pode chamá-la?

Disquei o ramal de Christina e no minuto seguinte ela já estava entrando na sala. Seus olhos vermelhos indicavam que esteve chorando.

— Me chamou?

— Sim, o detetive Hoffman quer fazer algumas perguntas.

— Estou à disposição — ela disse, fungando o nariz.

— Tem ciência de alguma desavença da Srta. Banks? Qualquer coisa pode ser relevante nesses casos de desaparecimento.

— Mia é uma pessoa maravilhosa. As únicas desavenças dela são com as ex de Rico ou as mulheres apaixonadas por ele.

Fiquei surpreso e constrangido. Christina estava me culpando indiretamente pelo sumiço de Mia.

— Isso procede, Sr. Salvatore?

Remexi-me, desconfortável, na cadeira.

— De fato ela teve desavenças com duas pessoas que se relacionaram comigo no passado, mas não acredito que alguma delas pudesse sequestrar minha noiva.

Mas só quando terminei de falar foi que me dei conta de que tanto Crystal quanto Soraya seriam capazes de ter feito algo contra Mia para se vingar de mim. Como não pensei nisso antes?

— Precisamos investigá-las informalmente, qualquer pessoa pode ser suspeita.

Assenti e o investigador continuou.

— Mais alguém, Srta. Santer?

— Mia andava desconfiada das intenções de uma funcionária da Salvatore que veio transferida da Filadélfia.

— Sabe o nome dessa funcionária? — o inspetor questionou.

— Marcy, não sei o sobrenome.

— E por que Mia estaria desconfiando dessa mulher? — foi minha vez de questionar.

— Marcy é a mesma mulher que fez aquela carta quilométrica para você.

Fiquei surpreso com a revelação de Christina e nos minutos seguintes ela fez um resumo sobre o aparecimento repentino dessa moça. Percebi que Roy estava inquieto no canto da sala.

— Roy?

— Senhor, também acho essa moça bem suspeita. Ela me abordou nos últimos dias e tentou uma aproximação. Eu neguei e mesmo assim continuou insistindo.

— Fale o que sabe sobre ela.

Então Roy nos falou sobre as sucessivas tentativas de aproximação de Marcy e tudo foi ficando bastante suspeito.

— Você sabe onde ela mora? — perguntei a Christina.

— Sim, ela nos convidou para o aniversário dela uns dias atrás. Roy nos levou até lá — ela explicou e me lembrei de ter me desentendido com Mia naquele dia, mas ela estava com pena da garota e acabou indo a tal festa.

— Podemos ir até lá e fazer algumas perguntas — o investigador sugeriu e àquela altura eu já estava aceitando qualquer coisa que pudesse nos levar a uma pista do paradeiro de Mia.



MIA BANKS

O apartamento onde eu estava era muito parecido com o de Marcy, o que me fez perceber que Leah devia morar no mesmo prédio, porque o layout era o mesmo.

Conforme as horas passavam, Leah parecia mais nervosa com o sequestro, enquanto Marcy demonstrava um semblante tranquilo e despreocupado.

— Cuide dessa tonta, vou até o meu apartamento e já volto.

As palavras de Marcy me deram a certeza de que eu ainda estava no prédio e rezei para que Christina desconfiasse dela; seria a minha única chance de sair viva.

Depois de quase meia hora, comecei a escutar vozes no corredor e uma delas quase fez meu coração parar. Rico estava ali.

Comecei a me debater, mas Leah também notou a movimentação no corredor e pegou uma faca de cima da mesa, vindo correndo até mim.

— Nem mais um suspiro — disse, aproximando a faca do meu pescoço, e eu congelei. Ao fundo eu conseguia escutar Rico e outro homem fazendo perguntas para Marcy, mas não conseguia escutar a voz dela.

Depois de quase vinte minutos, ela entrou pela porta do apartamento e avançou sobre mim, com fúria.

— Maldita seja, Mia Banks!

Minha face queimou com a bofetada que desferiu em meu rosto. Então ela avançou sobre mim com chutes e tapas. Estava tão transtornada que sequer via onde me atingia e eu apenas me encolhi, tentando me resguardar o máximo possível enquanto destilava palavras cheias de ódio.

— Por causa de você seu noivinho e a polícia estiveram no meu apartamento — pegou-me pelos cabelos e me jogou no chão. — Por sua culpa eu me tornei suspeita do seu desaparecimento, sua mosca morta desgraçada! — falou baixo e chutou a minha barriga, fazendo todo o ar sair dos meus pulmões. A dificuldade para respirar me deixou apavorada.

— Pelo amor de Deus, Marcy, pare com isso. Os vizinhos podem ouvir.

Marcy estava fora de si. Foi até a cozinha e voltou de lá com um recipiente esquisito.

— Sabe o que tem aqui?

As lágrimas escorriam pelo meu rosto e o desespero só não era maior do que a dor que sentia em todo o meu corpo. Aquela mulher era completamente maluca.

— É ácido, Mia. Eu podia muito bem jogar isso nesse seu rostinho de princesa, gostaria de ver se o amor do poderoso Rico Salvatore resistiria a uma noiva deformada.

Fechei os olhos, esperando pelo pior. Ela estava morrendo de ódio e qualquer reação poderia fazer com que jogasse aquela merda em cima de mim.

— Controle-se, Marcy. Você quer dar um fim nela e eu entendo que será necessário, mas que não seja no meu apartamento, não quero confusão para o meu lado.

Graças a Deus Leah era a medrosa da história.

— Tudo bem, está certo. Precisamos tirar essa tonta daqui sem que ninguém perceba. Vou entrar em contato com Block e avisar que teremos que antecipar o negócio que fechamos alguns dias atrás. Ele virá pegá-la e a levará para algum lugar remoto e depois se livrará do corpo.

— Block? Você está falando do chefe daquela gangue aqui do Brooklyn? Mas como você... Marcy, você está louca? Ele pode nos matar!

— Ele não vai fazer nada disso. Nós já conversamos e eu paguei metade da grana que cobrou para se livrar dela. Só vamos antecipar o serviço.

Leah parecia horrorizada e eu estava mais desesperada a cada minuto. Aquilo me fez perceber como a vida era frágil e como as pessoas eram cruéis. Eu mal tinha saído da universidade, estava começando a conhecer as coisas do mundo e então estava prestes a perder a vida pelas mãos de uma pessoa completamente doente. Tudo pelo amor épico que dizia sentir por um homem que sequer sabia que ela existia e tudo por que aceitei ser noiva dele.



RICO SALVATORE

A nossa visita informal ao apartamento de Marcy não deu em nada. Ela disse não ter visto Mia e também não sabia nada sobre o desaparecimento dela. O investigador fez algumas perguntas, mas não descartou a possibilidade de continuarmos a investigando.

Voltei para a empresa desolado, imaginando quem poderia ter feito algo assim a Mia.

— Precisamos ir até o apartamento dela. Meus homens vão fazer uma busca, interrogar vizinhos, precisamos de todas as informações possíveis.

— O dono do imóvel onde ela mora me deu uma chave extra. Eu vou com vocês até lá — me prontifiquei e fomos para o endereço de Mia. Era a terceira vez que eu ia lá em menos de quarenta e oito horas.

Entramos no apartamento e continuava tudo como no dia anterior, não havia rastros de que Mia pudesse ter passado por ali.

— Comecem pelo quarto, eu fico com a sala — Hoffman deu a ordem e seus homens começaram a trabalhar. Caminhei até as janelas e fiquei observando a vista de Nova York, tentando entender o que tinha acontecido. Será que ela havia fugido? Eu ainda me recusava a acreditar.

Pensar naquilo me lembrou de que eu precisava ligar para a mãe dela. Já iria completar dois dias do seu desaparecimento e eu não podia mais protelar.

— Senhor, achei algo aqui.

Meu corpo congelou quando um dos policiais surgiu no pequeno corredor segurando um papel branco com as mãos calçadas com luvas.

O detetive e eu andamos rapidamente até ele e meu coração ficou em pedaços quando li o conteúdo daquele bilhete.

FIQUE LONGE DE RICO SALVATORE

— A Srta. Banks estava sendo ameaçada. O senhor tinha ciência disso?

— É óbvio que não, jamais imaginei que isso estivesse acontecendo. Se soubesse teria colocado seguranças para segui-la. Meu Deus! — passei as mãos pelos cabelos, sentindo o pavor se apossar de mim. Havia alguém por trás do desaparecimento de Mia e a culpa era toda minha.

— Envie para a perícia com urgência e descubra se há digitais nesse papel.

O policial fez como Hoffman pediu; guardou o bilhete em um saco plástico e se foi.

— Acha que podemos localizar o responsável pelas impressões digitais?

— Se tiver passagem pela polícia aqui nos Estados Unidos, ou até mesmo fora, sim. Se foi

Marcy Sevilla, será mais fácil. Ela é imigrante e conseguiu o Green Card há poucos anos, então temos todas as informações referentes a ela no banco de dados do governo.

Assenti e continuamos revirando o apartamento de Mia, mas não encontramos mais nada. Eu rezei para que alguma impressão fosse encontrada naquele maldito papel.



A ligação para a mãe de Mia foi a coisa mais difícil que já tive que fazer na vida. Ela simplesmente surtou quando eu falei que sua filha havia desaparecido e que a polícia já tinha iniciado as buscas. Omiti o bilhete com ameaça, era melhor falar sobre isso pessoalmente ou ela ficaria ainda mais nervosa.

Hoffman continuou sua investigação na Salvatore e interrogou várias pessoas da segurança. No meio da tarde, acabamos descobrindo que no dia de seu desaparecimento, ela tinha ido embora da Salvatore em um táxi.

Roy puxou os vídeos do sistema de segurança e as informações se confirmaram. Anotamos a placa e, com a ajuda da polícia, conseguimos localizar o motorista. Naquele exato momento estávamos aguardando pela chegada dele e ninguém imaginava o quanto eu estava ansioso para saber onde ele a tinha deixado.

— Ele chegou — um dos homens do detetive anunciou e abriu a porta. Um senhor de meia idade passou por ela, um tanto desconfiado.

— Bom dia, Sr. Smith, sou Bruce Hoffman, investigador de polícia, e esse é Rico Salvatore. Precisamos fazer algumas perguntas.

O homem assentiu e se sentou à minha frente.

— A Srta. Mia Banks é noiva do Sr. Salvatore e está desaparecida há quase 48 horas. As imagens mostram o seu carro apanhando-a em frente à empresa. Sabe nos dizer onde a deixou?

Frank Smith franziu a testa como se estivesse forçando sua mente a associar as informações recebidas.

— Ah, sim. Lembro muito bem dela, estava com aparência triste e passou a viagem em silêncio. Eu a deixei no Brooklyn, um lugar meio barra pesada. Ela pagou a corrida e pediu que eu esperasse, disse que seria uma visita rápida. Fiquei por quase meia hora e desisti, às vezes os clientes fazem isso e esquecem que estamos lá fora, então fui embora.

— Pode nos dizer exatamente onde a deixou?

Smith pediu licença e rabiscou o endereço em um bloco de papel. Hoffman me encarou e no segundo seguinte eu já estava dando a volta na mesa.

— É o mesmo endereço de Marcy Sevilla. Precisamos voltar lá.

— Precisamos de um mandato — ele explicou e eu entrei em desespero.

— E quanto tempo demora isso?

— Vou pedir com urgência. Vamos fazer perícia no apartamento e ver se encontramos algum

indício de que a Srta. Banks esteve lá.

Eu me sentia dentro de um episódio de CSI e a sensação era horripilante. Mia poderia estar machucada ou coisa pior.

A culpa me consumia a cada momento e então a razão me atingiu com força.

Marcy era funcionária do grupo.

— Essa Marcy trabalha no setor comercial, vamos até lá interrogá-la.

— Não é assim que as coisas funcionam, acalme-se, Sr. Salvatore. Não sabemos quantas pessoas estão envolvidas nisso. Se a Srta. Sevilla for realmente a culpada pelo desaparecimento da sua noiva, vamos descobrir. Fique tranquilo.

Aquele homem só poderia estar louco. Mia estava desaparecida há quase dois dias e ele estava me pedindo calma?

Hoffman fez o pedido do mandato. Enquanto isso, Christina confirmou que Marcy estava no prédio e trabalhava como se nada tivesse acontecido. Será que estávamos tão loucos assim? Como alguém podia sequestrar uma pessoa e depois facilmente fingir que estava tudo bem?

— Não faz sentido ela estar trabalhando — comentei com Hoffman.

— Faz todo sentido, sim. Manter a mesma rotina a faz ficar menos suspeita.

Ele podia ter razão, mas isso não me tranquilizava porque, além do aparente sequestro de Mia, eu ainda tinha que me preocupar com a mãe dela que estava a caminho.



MIA BANKS

Marcy teve mais dois surtos de fúria depois que Rico foi embora e me chutou quase à exaustão. Meu corpo estava tão dolorido que eu só conseguia chorar, já que era impossível me defender.

Leah interrompeu seus golpes por várias vezes, mas eu sabia que alguma coisa havia se quebrado; minhas costelas latejavam e eu sentia dor para respirar, então era obrigada a inspirar pequenas quantidades de ar para não expandir demais os pulmões.

Passei a segunda noite chorando de dor e desespero. Leah percebeu o quanto eu estava sofrendo e prometeu que compraria algum analgésico. Foi a noite mais longa e dolorosa da minha vida, senti-me um lixo humano, jogada no canto de um apartamento, com o corpo machucado e a cabeça perturbada.

Quando vi o sol nascer e a manhã passar, entrei em total estado de desespero. Pelo que pude perceber de suas conversas, Leah estava de atestado por três dias, então no seguinte ela voltaria para o trabalho. Aquilo me fez deduzir que Marcy teria que fazer o que pretendia naquela noite.

Tentei não chorar com essa constatação e fiz uma prece silenciosa.

Senhor Deus, criador de tudo o que há;

Eu te imploro que coloque sua mão sobre mim;

Não deixe que tirem a minha vida;

Eu quero viver, eu preciso viver...

Minha prece foi interrompida por vozes no corredor. Leah deu um pulo do sofá e seus cabelos claros caíram sobre os olhos.

— Nem um pio, ou antecipo o que Marcy fará hoje à noite.

Balancei a cabeça e continuei em silêncio. As vozes foram se aproximando mais e mais, até que escutei Rico falando com alguém e meu coração doeu e disparou feito um louco. As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto e minha respiração ficou falha devido ao medo de eles irem embora mais uma vez sem me encontrar.



RICO SALVATORE

Quando finalmente conseguimos o mandato para o apartamento de Marcy Sevilla, a perícia do bilhete ficou pronta e imagine a minha surpresa ao saber que mais uma funcionária do grupo estava envolvida. Leah Adams trabalhava no setor comercial e eram dela as digitais no bilhete da ameaça. Fizemos uma rápida consulta com o setor de recursos humanos, constatando que ela estava de atestado por três dias e que morava no mesmo edifício de Marcy. Aquilo só aumentou nossas suspeitas de que estivessem juntas no sequestro.

Infelizmente, o investigador teve que providenciar outro mandato, porque o que tínhamos não valeria para o apartamento de Leah. Mas graças a Deus, devido àquela nova descoberta, foi muito mais rápido de conseguir.

Naquele exato momento estávamos em frente ao apartamento dela, já tocamos a campainha por várias vezes e nada.

— Afaste-se, Sr. Salvatore — um dos policiais disse e, com a ajuda de Roy, arrombaram a porta.

O investigador entrou primeiro, com a arma em punho, e eu fui logo atrás, meus olhos passeando pelo pequeno cômodo onde aparentemente não tinha ninguém. De repente senti meu coração parar quando meu olhar cruzou com o de Mia. Ela estava em um canto, amarrada, amordaçada e com o rosto todo machucado.

Meu Deus, o que fizeram com você, meu anjo?

Corri pelo apartamento e fui até ela.

— Está tudo bem agora, encontrei você — disse a ela e fui tirando a fita de sua boca com cuidado.

No lado esquerdo de seu rosto havia hematomas arroxeados e algumas lesões. Também havia sangue seco em seu pescoço e nos cabelos. Ela parecia ter sido espancada.

— Não me abrace, por favor. Meu corpo todo dói — ela falou quando me aproximei para pegá-la.

Assenti e fechei os olhos, sentindo uma fúria descomunal tomando conta de mim.

— Chame uma ambulância, Roy.

— Já está a caminho, senhor.

Tirei as fitas dos pulsos dela e das pernas também. Mia continuou sentada, olhando para o

nada, parecia entorpecida, provavelmente em estado de choque.

— Tinha mais alguém aqui com você?

Hoffman perguntou depois de revirar o apartamento.

— Leah Adams. Ela fugiu pela escada de incêndio. Marcy Sevilla é a parceira dela e deve estar trabalhando — disse, baixinho, e começou a chorar.

Abracei seu corpo com cuidado. Fiquei com ela até que os paramédicos chegassem.

Mia estava muito machucada e a culpa de tudo era minha.



MIA BANKS

O caminho até o hospital foi um borrão, eu só conseguia chorar e me lembrar das ameaças de morte que Marcy me fazia nos dois piores dias da minha vida.

Passei por alguns exames para constatar que aquela doente tinha me deixado com fissuras graves em duas costelas e vários hematomas pelo corpo. Ainda doía para respirar, mas não houve lesão nos pulmões. Depois de medicada, eu me sentia muito melhor.

Rico esteve todo tempo ao meu lado e a culpa estava estampada em seus olhos.

— Mia, eu... — Rico começou a falar e percebi que estava emocionado por me ver machucada daquele jeito.

— Tudo bem, não precisamos falar sobre isso agora, já passou — tentei soar convincente, mas no fundo eu estava magoada. Não poderia me esquecer de que antes de ir para o apartamento de Marcy eu tentei conversar com ele, ia falar sobre as minhas suspeitas e talvez até do bilhete, mas ele arrogantemente dispensou minhas informações e encerrou o assunto.

— Você tem razão, não vamos falar disso agora.

Ele mal terminou falar e minha mãe passou pela porta feito uma leoa. Parou alguns segundos com a mão na boca e olhos arregalados, sem acreditar no que estava vendo. Depois caminhou até mim e me abraçou como pôde, para não me machucar. Após se certificar de que estava tudo bem comigo, apontou o dedo na cara de Rico, o que me fez acreditar que ela já sabia de tudo.

— Mais uma vez a vida de Mia correu perigo por causa dessas mulheres malucas com quem você se relaciona. Até quando vai permitir que isso aconteça? Até uma delas ter êxito e matar a minha filha?

O discurso de minha mãe deixou Rico sem palavras e me fez refletir. Primeiro Crystal tinha colocado drogas na minha bebida, e se Rico não tivesse me levado imediatamente para o hospital, eu com certeza teria morrido. Além disso, por várias vezes a cobra tentou arruinar o meu namoro na Itália. Fiquei imaginando o que ela não teria feito se tivesse tido outra oportunidade. Marcy quase conseguiu êxito em seu plano, o que me fez pensar se Soraya seria a próxima, já que até então o infernizava, ou em quantas mais estariam apaixonadas por Rico e dispostas a tudo para ficar com ele.

— Ester, eu sei que deve estar nervosa e... — Rico tentou falar, mas minha mãe soltou uma risada desgostosa.

— Mia e eu podemos ter nossas diferenças, mas sempre vou amá-la e protegê-la, e pode ter

certeza de que vou fazer de tudo para que fique longe de você. Acho que todos concordamos que depois que vocês se conheceram a vida dela correu perigo por mais de uma vez. Espero que, assim que receber alta, a minha filha se dê conta do relacionamento destrutivo que terá ao seu lado.

Rico não respondeu às acusações de minha mãe e eu não o defendi, no fundo, ambos sabíamos que parte daquilo era verdade.



RICO SALVATORE

Mia ficou alguns dias no hospital e eu acompanhei tudo de perto. Ester e eu entramos em um acordo tácito de não brigarmos na frente dela. Mia parecia muito abalada com tudo o que sofreu durante os dias em que estive em posse daquelas duas psicopatas.

Leah estava foragida. Infelizmente, devia ter conseguido avisar Marcy a tempo porque, mesmo com uma equipe de policiais na Salvatore, ela conseguira escapar. Todas as estradas, fronteiras, rodoviárias, portos e aeroportos já estavam de sobreaviso e seria praticamente impossível que escapassem.

Mas naquele momento tudo o que me interessava era Mia.

— Adorei as flores — ela disse assim que a ajudei a se acomodar em nossa cama, na cobertura. Ester estava se instalando no quarto de visitas e foi totalmente contra a ideia de trazer Mia para lá. Ela queria a filha longe de mim, mas no fim Mia conseguiu convencê-la.

— Providenciei para que estivessem aqui antes de você chegar.

— São lindas, obrigada.

— Não precisa agradecer. Está confortável?

— Estou, sim, obrigada.

— Então vou verificar como está o seu jantar.

Ela assentiu e eu saí do quarto.

Mia estava estranha, calada. Não reclamava de nada e concordava com a maioria das coisas. Nos poucos dias em que dormi com ela no hospital, teve pesadelos terríveis e acordava a todo instante assustada. Aquilo só fazia o meu ódio aumentar. Marcy havia traumatizado minha noiva de tantas maneiras que eu jamais poderia imaginar.

Tudo bem, era coisa demais para ela assimilar em tão pouco tempo, mas não deixava de me preocupar. Eu sabia que fisicamente Mia se recuperaria, o que me deixava angustiado era não saber se psicologicamente conseguiria superar o trauma.

Fui até a cozinha e pedi que a governanta arrumasse a bandeja com o jantar de Mia. Quando saí de lá, encontrei Ester Banks no meio da sala, à minha espera.

— Ela vai terminar com você — disse sem rodeios, como sempre.

— Do que está falando?

— Mia está traumatizada. Minha filha sempre foi forte e nunca deixou que nada a abalasse

por muito tempo, mas consigo ver o medo em seus olhos. Assim que ela melhorar da dor nas costelas e tiver condições de viajar, irá embora.

— Mia jamais faria isso, ela me ama — afirmei com convicção.

— Tenho certeza de que sim. Mas Mia passou a vida toda fazendo exatamente o que os outros queriam, sempre foi um passarinho preso na gaiola. Mas desde que descobriu sobre seu pai, sobre as mentiras que contamos, minha filha mudou, se revoltou e começou a enxergar a vida de outra forma. Mia quer muito mais do que se casar com um magnata de Manhattan e encher essa cobertura de filhos. E depois de tudo o que aconteceu, sei que está muito mais convicta disso.

Ester Banks era muito direta e não se importava em ser cruel no caminho.

— Talvez ela esteja abalada agora, mas com o tempo as coisas vão voltar ao normal — argumentei.

— Se quer um conselho de alguém que a entende profundamente, deixe-a ir se essa for a vontade dela. Mia foi controlada a vida toda e se rebelou contra qualquer tipo de imposição. As coisas com ela têm que acontecer a seu tempo e quanto mais você insistir, mais ela vai se afastar. Pode ser que se case com você um dia, mas não será agora. Eu conheço a minha filha.

O discurso de Ester fazia todo sentido. Mia estava agindo no automático comigo, e embora eu não quisesse enxergar, estava na cara que as coisas já não eram as mesmas entre nós. E talvez não voltassem a ser.



MARCY SEVILLA

Por causa daquela visita inesperada de Mia, eu estava sendo procurada pelos quatro cantos dos Estados Unidos. Graças a Deus a tonta da Leah conseguiu fugir e me avisou a tempo. Mas só iria respirar aliviada quando conseguisse sair do país. Rico Salvatore era um homem influente e não deixaria barato tudo o que fiz com sua noivinha sonsa.

Droga!

Olhei para Leah e tive vontade de esbofetear sua cara medrosa. Foi por causa dela que fomos pegas. Suas digitais estavam salvas no banco de dados da Salvatore, uma vez que a sala de arquivos, a qual ela tinha acesso, só podia ser aberta através de biometria. Foi aí que a polícia ligou os pontos e a merda toda aconteceu.

Nossa amizade começou por acaso. Um dia nos conhecemos em um workshop para funcionários da área comercial da Salvatore, e depois de várias conversas por telefone, nossa cumplicidade cresceu e acabamos nos unindo por uma mesma causa: o amor que sentíamos por Rico Salvatore. Conversamos bastante até chegar à conclusão de que Mia Banks teria que sair do nosso caminho. Depois daquilo, nós duas teríamos a chance de tentar conquistá-lo. Loucura ou não, fazia sentido em nossa cabeça.

Confesso que as coisas saíram de controle, não deveria ter agredido tanto aquela mosca morta. Aquele, com certeza, era um dos motivos de a polícia estar fechando o cerco. Mas quando vi os tiras na minha porta já no primeiro dia, não consegui me controlar.

Os rostos de Rico Salvatore e Mia Banks estavam em todos os jornais, juntamente com o meu e o de Leah. Na nota eles informavam que Mia havia sido sequestrada e espancada, mas que se recuperava. No entanto, a notícia estava sendo vinculada em todos os jornais do estado e em alguns havia a especulação de que fazíamos parte de uma quadrilha especializada em sequestrar pessoas ricas e importantes, já que Mia Banks era a herdeira de uma família tradicional do Canadá. Tinha certeza de que foi Salvatore quem plantou a mentira, para as coisas não ficarem feias para o lado dele. Não pegaria bem perante a sociedade que duas malucas sequestrassem sua noiva por estarem apaixonadas por ele.

Também não ajudou para o nosso lado que durante as investigações a polícia tenha recebido informações de que eu havia me encontrado algumas vezes com o chefe de uma gangue local. Aquilo só aumentou essa especulação.

— Para onde vamos agora? — Leah perguntou.

— Precisamos chegar à fronteira com o México — falei, ríspida, e continuei andando entre o amontoado de carros velhos.

— Estou com medo, Marcy.

— Deveria estar. Se não conseguirmos fugir, é cana na certa, isso se os homens de Salvatore não nos acharem antes.

Os olhos dela se arregalaram e fiquei me perguntando como aceitei fazer parceria com uma mulher tão covarde. A única coisa em que combinamos era naquela loucura que tínhamos por Rico Salvatore.

— Então vamos logo, não quero ser pega.

Procuramos um lugar seguro para ficar e entrei em contato com Block. Disse que o serviço para o qual ele tinha sido contratado havia mudado, que precisava que nos levasse em segurança até a fronteira. Ele avisou que a polícia estava rondando, mas que daria um jeito de mandar um de seus rapazes para nos buscar. Não via a hora de aquele cara chegar para darmos o fora dali. O cerco estava se fechando e pioraria a cada dia.



RICO SALVATORE

Fazia exatamente um mês que Mia havia sido sequestrada e as coisas continuavam iguais. Os pesadelos apareciam todas as noites e nós dois estávamos cada dia mais distantes. O que só confirmava tudo o que Ester Banks havia me falado.

Durante aquele período não foram poucas as vezes em que me peguei pensando na nossa viagem cheia de amor e cumplicidade. No meu ramo de trabalho, era importante conseguir interpretar as pessoas para saber o melhor modo de agir durante uma negociação. E ao longo dos anos eu aprendi a fazer isso muito bem, principalmente com as mulheres; aprendi a ler suas expressões e até mesmo seus pensamentos, às vezes.

Por isso eu quis que ela conhecesse o mundo, para que lá na frente não me culpasse de tê-la privado de algo por causa do casamento. Mia não tinha aproveitado nada de sua vida, então, em nossas longas férias, eu quis dar uma amostra de tudo o que poderíamos viver juntos.

Em cada país que visitávamos eu via o quanto ela se sentia mal por não ter experimentado nada daquilo antes. A maior parte dos jovens fazia aquelas viagens na época do ginásio ou universidade. Mia se sentia roubada, era como se os anos de internato lhe tivessem tirado a oportunidade de conhecer lugares, fazer amigos, e isso a revoltava.

Acredito que ela juntou o gosto de liberdade que havia sentido em nossa viagem com todo o horror do sequestro e percebeu que naquele momento eu não era sua melhor opção. Entretanto, ela não falava nada. Christina esteve conosco por várias vezes, mas não conseguiu arrancar nenhuma informação de Mia.

Suas costelas já estavam muito melhores e os hematomas haviam sumido. Mia havia recebido alta há cinco dias, mas o médico pediu que não viajasse imediatamente por causa da pressurização dentro do avião, por isso ela ainda estava ali. Mas eu sentia que meus dias em sua companhia estavam acabando.

Cerca de dez dias antes, quando já estava se sentindo melhor, ela começou a impor certa distância, e por telefone e através de videoconferência, começou a tomar parte nos negócios de sua família.

Era uma pequena pista de tudo o que viria a seguir.

Eu estava finalizando uma ligação quando a vi saindo do nosso closet. Usava um vestido preto e saltos altíssimos. Estava linda, parecia uma importante executiva, e em nada lembrava a

mulher machucada e cheia de hematomas que encontrei no Brooklyn um mês atrás.

Desci o olhar e notei que ao seu lado havia uma mala. Voltei a encarar a mulher à minha frente. Eu sabia exatamente o que ela iria fazer e nem por um momento senti raiva ou qualquer rancor. Apenas dor.

— Rico, eu não sei como te falar, mas eu...

— Eu já esperava por isso — interrompi-a de forma contida. Não precisava dificultar ainda mais para ela. Já estava sendo muito difícil.

— Faz algum tempo que eu decidi que quero mais da minha vida do que apenas me casar e ter filhos. Você é um sonho, qualquer mulher daria um rim para estar no meu lugar, mas sinto que não estou preparada para ser esposa e mãe. E não acho certo colocar o seu desejo acima do meu. Talvez um dia eu quera muito isso, mas não agora.

Foi doloroso escutar aquelas palavras, mas eu também já esperava. Mia sabia do meu desejo de voltar para a Itália e construir uma família. O prazo poderia ser negociado, eu faria qualquer coisa para ficar com ela, mas sabia que Mia queria voar.

— As responsabilidades que deixei de assumir com as empresas da família já estavam me preocupando e eu sabia que uma hora teria que assumi-las. Mas foi esse sequestro que me fez tomar essa decisão. Eu estou tão confusa, Rico, minha cabeça está tão perturbada. Pode ser que eu me arrependa disso daqui a algum tempo, mas agora eu preciso me afastar de Nova York.

Ela fez uma pausa e engoliu a vontade de chorar.

— Você sabe que eu te amo e o motivo de eu estar indo embora é por não poder me entregar cem por cento à nossa relação. Você quer casamento e filhos e eu não quero isso agora. Sei que não me pressionaria porque me ama, mas eu me sentiria pressionada e depois o culparia e não seria justo. Eu me sinto tão egoísta por isso.

Ela fungou e eu me aproximei para abraçá-la. Sentir o seu cheiro foi minha perdição, eu estava com tanta saudade.

— Não se sinta assim, você sempre foi movida pela razão, sempre fez o que achava certo e não será diferente agora — falei com sinceridade.

Ela suspirou e me abraçou mais forte.

Mia tinha questões mal resolvidas com sua mãe, a empresa no Canadá estava em mãos de estranhos e, para completar, o maldito sequestro orquestrado por Marcy foi a gota que transbordou o copo. Eu a entendia. Só que ao senti-la em meus braços, tive certeza de que, com paciência, poderíamos superar tudo.

Sem conseguir me conter, argumentei:

— Olha, eu compreendo o que está me dizendo e entendo sua decisão, mas quero que saiba que, se quiser ficar, nós daremos um jeito. Eu prometo que será diferente, apenas... Não jogue o que

construímos fora — pedi, mesmo sabendo que seria inútil.

— Eu te amo — ela disse, com os olhos marejados —, mas não consigo ficar. Estou tentando pensar de forma racional, na verdade é uma questão puramente emocional. Meu psicológico está uma bagunça. Tenho passado todo esse tempo tentando me recompor, fico dizendo a mim mesma que sou forte e que vou superar, no entanto esses pesadelos não me deixam em paz, eu só consigo pensar em quantas Marcys não estão por aí esperando para me fazer mal.

Suas palavras quebraram meu coração e abracei Mia com mais força. Eu tinha falhado na tarefa de protegê-la e meu castigo seria perdê-la.

— Eu posso imaginar o que você está sentindo, mas, por favor, não se culpe. Nada disso é culpa sua.

Mesmo com o coração sangrando, eu a incentivei a ir atrás do que queria naquele momento. Não me senti trocado ou usado. Deu certo por algum tempo e naquele momento ela queria assumir os negócios de sua família e ser dona do seu próprio nariz. Mia não estava me deixando por falta de amor, e sim por se amar demais. Ela sempre se colocou em primeiro lugar e eu admirava essa atitude. Mesmo me amando, não cedeu ao meu desejo de casar e ter filhos. Foi fiel à suas convicções. E eu precisava aceitar. O amor era entender a necessidade do outro sem guardar mágoas ou rancor.

Ajudei os seguranças a guardarem as malas dela no carro. Na hora de nos despedirmos, nos beijamos apaixonadamente. Aproveitei cada segundo, pois não sabia quando nos veríamos de novo.

Enquanto estávamos ali, unidos, várias lembranças surgiram na minha mente: a primeira vez em que nos vimos, o seu quase afogamento na Salvatore, nosso primeiro beijo e tantos outros momentos maravilhosos. Um nó se formou em minha garganta e bateu aquela enorme vontade de pedir para ela ficar. Se eu implorasse, talvez ela ficasse, mas eu havia ensinado o meu passarinho a voar e era aquilo o que ela queria fazer.

Nosso beijo acabou e nos afastamos, mas antes de entrar no carro, ela se virou e me olhou com olhar triste, porém decidido. Mia havia experimentado as delícias e loucuras do mundo ao meu lado e a partir dali o faria sem mim. Qualquer pessoa ficaria chateada ou decepcionada, mas não eu. Já tive vinte quatro anos e sabia exatamente o que se passava em sua cabeça. Mia precisava trilhar seu próprio caminho e colher suas próprias experiências. Iria deixá-la ir, se voltasse era porque era minha!



| 44 - MIA BANKS

MESES DEPOIS

Tomar a decisão de romper o noivado com Rico foi a coisa mais dolorosa que já fiz em toda a minha vida. Eu sabia que ele entendia os meus motivos e nem isso tornou as coisas mais fáceis.

Desde que ele me pediu em casamento, eu vinha ponderando sobre a minha vida. Sabia das obrigações que tinha para com os negócios da família, mas ao mesmo tempo sabia que queria fazer coisas que não pude quando era mais nova.

Junto a tudo isso, eu queria Rico de todo coração, mas durante o nosso trajeto entre a Itália e o Canadá, ele falou várias vezes sobre como seria a nossa vida depois de casados, perguntou que nomes eu gostaria de colocar nos nossos filhos, o que foi me assustando. Depois que saímos de lá, ele não tocou mais no assunto e passamos o restante de nossas férias como um simples casal de namorados, sem grandes planos para o futuro, e isso me fez relaxar. Porém, depois que voltamos, e especialmente depois que comecei a praticamente morar em sua cobertura, ele recomeçou. Eu não sabia lidar com a pressão e Rico sempre que podia tocava no assunto.

O que ele não sabia era que, após todas as experiências que vivi com ele em nossa viagem de férias, uma sede de liberdade tomou conta de mim. Na minha cabeça era como se o casamento fosse me privar de alguma outra coisa que eu queria viver. E que se fôssemos em frente com aqueles planos, haveria uma pressão contínua e silenciosa em torno de nós.

Sem contar as malucas que o rodeavam. Parecia que a vida ao lado dele seria sempre cheia de surpresas e principalmente, perigos.

Tudo aquilo era coisa demais para administrar e eu me sentia extremamente confusa. Não sabia o que fazer.

Então aconteceu o sequestro, que colocou um fim nas minhas dúvidas e no nosso relacionamento. Crystal havia tentado me drogar, Soraya vivia atrás dele e Marcy apareceu para completar o time. Graças a Deus ela e Leah foram presas tentando entrar no México. Rico mexeu os pauzinhos e as duas foram condenadas em tempo recorde, o que me deixou aliviada. Era bom saber que aquele monstro chamado Marcy Sevilla estava fora das ruas. Isso, porém, não diminuía a angústia que eu sentia toda vez que pensava naqueles dias.

Quando cheguei ao Canadá, passei os primeiros meses tentando me inteirar das coisas da empresa, mas fui obrigada a buscar algum tipo de ajuda profissional ou iria enlouquecer. Então decidi procurar uma psicóloga e minha mãe quis fazer o mesmo, a fim de resolvermos o nosso caminhar de problemas. Desde então comecei um árduo caminho de autoconhecimento.

As coisas andavam muito bem entre nós, mas o vazio que sentia desde que fui embora de

Nova York continuava lá. Ela não tocava no nome de Rico, porque sabia que me fazia sofrer e eu estava agradecida a ela, mas não mudava os fatos.

— Mia?

Olhei para frente e encontrei os olhos de minha terapeuta me encarando. Adele era ótima e desde que comecei as sessões de aconselhamento com ela, os pesadelos melhoraram e já me sentia um pouco mais equilibrada.

— Sim.

Ela me olhou por cima de seus óculos e pegou um tablet que estava em seu colo.

— Sobre o que quer falar hoje?

Em todas as sessões eu escolhia um assunto qualquer e ela o aprofundava até entender o porquê de eu tê-lo escolhido e de que forma afetava a minha vida. As primeiras sessões foram dominadas pelo trauma do sequestro e já conseguia lidar melhor com o assunto e com o medo que senti da morte.

— Quero falar sobre ele.

Ela ficou receosa. Na primeira vez que tentamos tocar no assunto eu caí no choro e mal conseguia respirar. Então ela sugeriu que tratássemos de outros traumas e problemas e deixássemos Rico por último.

— Tem certeza?

Balancei a cabeça com convicção. Era tão difícil tocar no nome de Rico Salvatore e não chorar. Já havia se passado muitos meses desde o nosso rompimento e de lá pra cá eu me sentia triste e sozinha. Parecia que um pedaço do meu coração tinha sido arrancado e sangrava toda vez que eu me lembrava dele. No começo ele me ligava com certa frequência, mas devido ao meu comportamento hostil, suas ligações e mensagens foram ficando esporádicas, até que ele parou.

— No dia em que terminamos, parecia que ele tinha entendido os meus motivos, mas hoje se nega a aceitar qualquer tipo de contato — confessei e senti lágrimas quentes escorrendo pelo meu rosto.

Quando notei que Rico parou de ligar, tomei a iniciativa de tentar contato, mas para a minha total surpresa, ele não atendeu e não retornou. Deveria estar seguindo em frente e isso doía mais do que podia explicar.

— Talvez seja difícil para ele. Pode estar te dando espaço para que você viva sem a interferência que uma amizade poderia causar.

Aquela hipótese passou várias vezes pela minha cabeça. Talvez Rico quisesse me deixar viver sem ter notícias, talvez estivesse fazendo isso para nos poupar de algo doloroso.

— Tenho medo de que ele esteja com ela.

Adele era minha terapeuta há meses e já conhecia todas as pessoas e o grau de envolvimento

delas com Rico e com meus traumas. Então ela sabia que eu me referia a Crystal, já que Soraya havia se casado e não era mais uma preocupação.

— Não acho provável — comentou e anotou alguma coisa no tablet.

— Eu não sei o que fazer, Adele. Desde que comecei a cuidar dos negócios da minha família, as coisas melhoraram. Os funcionários me respeitam, os lucros subiram e mesmo assim não me sinto feliz como estava ao lado dele.

Quando deixei Rico em Nova York, meu psicológico estava muito abalado e senti a necessidade de me afastar. Mas a distância não fazia mais sentido naquele momento.

— Já conversamos sobre isso, Mia, você fez o que achou certo naquela ocasião. Sei que não devemos dar opiniões pessoais, mas já temos intimidade para isso, certo?

Concordei, ansiosa. Adorava quando Adele me dava conselhos.

— Não se culpe por ter tomado essa decisão. Agora você pode achar que foi errada, mas era o que você sentia que tinha que fazer. Se tivesse ficado lá, você não teria tido tempo de refletir e provavelmente o estaria culpando por tudo o que aconteceu. Hoje não há nada disso entre vocês. E você sempre pode mudar de idéia.

Aquele era o problema, não havia como voltar atrás. Rico não atendia minhas ligações e muito menos as minhas mensagens. Segundo Christina, ele se sentia culpado por tudo o que aconteceu comigo. Ela disse que percebeu a mudança depois que Marcy e Leah foram capturadas. Pelas coisas que falou a ela, parecia que a realidade o tinha atingido e foi aí que ele decidiu que manter distância seria uma forma de me proteger.

— Eu me sinto horrível — comentei, limpando o rosto.

— Eu imagino como se sinta, Mia, mas pare de se culpar. O primeiro passo é assumir que essa escolha não está mais te fazendo feliz. Você fez o que era certo, se reconciliou com sua mãe, assumiu os negócios de sua família e se reencontrou. Se esse caminho não está mais sendo agradável, corra atrás do que a faz feliz. Não precisa ter vergonha de admitir a ele que naquela época você precisava de tempo, mas que, agora, precisa dele.

Toda vez que conversávamos sobre minhas decisões, Adele sempre deixava claro que éramos responsáveis por tudo aquilo que estávamos vivendo, éramos o resultado de nossas escolhas. Mas na prática isso era tão difícil de se resolver.

Aquela sessão foi encerrada com uma dose de bons conselhos. Saí da terapia e fui direto para a empresa. Trabalhar era uma forma de ocupar a minha cabeça e de esquecer que Rico Salvatore não me queria mais.

— Oi, filha, vamos almoçar? — mamãe falou quando entrei em minha sala.

Percebi que a mobília estava limpa e reluzente, sinal de que Beth havia passado por ali. Ela

era a faxineira mais caprichosa e conversadeira de toda a empresa e eu a adorava. Ela sabia de tudo o que havia acontecido comigo e sempre que me encontrava, tentava me animar.

— Não vai dar mãe, estou cheia de coisas para fazer.

Ela anuiu, meio chateada, e foi para a recepção. Com certeza iria almoçar com a minha secretária, as duas se adoravam.

Aproveitei que ela saiu e liguei para Christina.

— Mia, que saudade — ela disse, alegre, ao telefone. Fazia mais de um mês que eu não ligava e só Deus sabia o quanto de esforço me custava.

— Estou enlouquecendo sem ele, Chris — soltei de uma vez.

— Ah, minha amiga, as coisas estavam tão certas entre vocês, mas entendo que precisou de um tempo para colocar as ideias em ordem.

— Ele continua sem me atender, não responde mensagens, não sei mais o que fazer. Achei que pelo menos manteríamos algum contato.

— As últimas notícias que eu tive é que ele anda estudando sobre vinhos lá na Toscana mesmo, parece que vai abrir uma vinícola de vinhos finos ou algo assim.

Christina havia me confidenciado que depois que fui embora de Nova York, Rico se dividia entre os Estados Unidos e a Itália, e que ultimamente passava bastante tempo na Toscana. Até nomeou uma pessoa para ficar em seu lugar na Salvatore. Pelo visto ele tinha planos de ficar morando por lá, e no fundo eu amei a ideia. Combinava demais com ele.

— Sabe se ele está com alguém?

Eu sempre fazia aquela pergunta.

— Pelo que eu sei, não. Rico virou um ermitão que só pensa em vinhos e produtos orgânicos.

Na semana passada eu havia ligado para Donatella, que era minha segunda fonte de informações, e ela havia comentado que ele andava fazendo hortas pelo castelo. Só de imaginar a cena, eu tinha vontade de chorar.

— Não soube mais nada da Crystal? — continuei com o interrogatório e sabia que era coisa de mulher com dor de cotovelo, mas nada se comparava com o desespero que eu andava sentindo.

— Ela e Marco estão firmes. Ele comprou um clube na Espanha e se mudaram para lá. Essa não incomoda tão cedo. E parece que Anna e Gael vão noivar na semana que vem.

Senti alívio por saber que aquela víbora não estava mais na Itália e que Anna e Gael estavam prestes a subir ao altar. Mas isso só me fez lembrar de que a vida de todo mundo estava tomando um rumo e eu continuava no mesmo lugar.

Conversamos mais um pouco sobre outras coisas: sua filha, Will, fofocas da empresa e foi ótimo, o humor de Christina sempre me fazia bem.

— Obrigada pelas informações, amiga, se houver qualquer coisa, me liga.

Despedimo-nos com a promessa de nos encontrar em breve, mas eu duvidava. Apesar de terem assumido um relacionamento sério, Christina não confiava em Will e mantinha uma marcação tão cerrada em cima dele que se negava a passar um final de semana no Canadá, por medo de ele ficar aprontando em Nova York. No fundo os dois combinavam demais e esperava que ela desencanasse.

Aproveitei a melancolia daquela semana e decidi viajar. E por mais doloroso que fosse, resolvi passar as duas semanas em dois dos lugares onde estive com Rico. Então fui para a Indonésia e depois para a Capadócia. Fiz exatamente o mesmo roteiro, contratei os mesmos guias, mas não senti a mesma felicidade. Rico tinha me estragado para tudo que não tivesse a ver com ele. Quando voltei para o Canadá, me sentia mais descansada, mas o vazio ainda continuava lá.



Os dias foram se passando rápido. Fui obrigada a ligar o piloto automático e focar no trabalho. Meus dias se resumiam a acordar cedo e dormir tarde. Eu tentava preencher o meu tempo com tanto trabalho quanto fosse possível. Qualquer coisa era válida para não pensar nele.

— Nada dele? — Beth perguntou.

— Não, tudo na mesma — respondi, deprimida.

Ela colocou a mão dentro do bolso de seu avental e deixou um envelope em cima da minha mesa.

— O que é isso?

Ela sorriu e apenas empurrou o envelope para mais perto.

Abri e dentro havia uma passagem de avião.

— O que é isso? — questionei, perplexa.

— Você está louca para ir atrás dele, só não tem coragem de comprar a passagem. Deixa de ser boba e vai atrás do seu homem.

Fechei os olhos e engoli a vontade de chorar.

— Ele não me quer mais, Beth. Se quisesse já teria retornado as minhas ligações.

Ela largou o espanador em cima do carrinho de limpeza e me encarou.

— Se ele quer ou não você só vai saber se for atrás. Levanta essa cabeça, porque o seu voo sai em duas horas.

Olhei para o relógio e depois para o horário da passagem. A Mia corajosa havia se aposentado nos últimos meses, o sofrimento e a rejeição de Rico haviam me transformado em uma alma penada, que não vivia, apenas existia. Mas se Beth teve todo aquele trabalho, talvez fosse um sinal de que as coisas ainda poderiam dar certo entre nós. Peguei minha bolsa e meu blazer e dei um beijo nela.

— Vou pedir para a minha mãe te reembolsar — gritei do elevador, sentindo uma euforia daquelas tomando conta de mim. Por que diabos eu não fizera aquilo antes?

“Por medo!”, minha consciência respondeu e tive que concordar. Eu tinha medo de ser rejeitada pessoalmente.

Passei em casa e fiz uma pequena mala, somente o básico. Cheguei ao aeroporto em cima da hora, mas consegui pegar o voo. Durante o percurso minha cabeça foi bombardeada de situações que poderiam ocorrer quando ele me visse e não consegui dormir um minuto sequer. Meu corpo estava agitado e a euforia foi o mais próximo que cheguei de uma felicidade genuína.

Antes de sair do aeroporto, parei em uma lanchonete, estava morta de fome e praticamente engoli um sanduíche acompanhado de uma garrafa de água. Depois aluguei um carro e peguei a estrada que levava à Toscana. Enquanto seguia as orientações do GPS, vi que o tempo se fechava atrás de mim. Não ia demorar a cair um temporal daqueles.

Quando avistei o castelo, meu coração disparou, achei que fosse passar mal. Minhas mãos estavam trêmulas e geladas, apesar disso, continuei firme até me aproximar e estacionar em frente aos portões. Desci do carro, estranhando a ausência dos seguranças. Por mais de dez minutos eu gritei o nome de Rico e de Donatella, mas ninguém atendeu.

— Não tem ninguém aí, moça, eles viajaram — um senhor calvo, carregando um cesto cheio de uvas, informou. Eu tive vontade de gritar.

— O senhor sabe para onde eles foram?

Ele negou e voltou a caminhar.

O barulho dos pingos de chuva sob o capô anunciavam que a tempestade estava chegando. Estranhamente eu não senti vontade de ir embora. Em quase um ano de afastamento aquilo era o mais próximo de Rico Salvatore que eu havia chegado. Então iria aproveitar o máximo que pudesse, antes de me dar por vencida e voltar para casa.

Sentei-me em um cantinho do portão e por ali fiquei. A chuva chegou com força, encharcando minhas roupas e meu cabelo. Apoiei a cabeça sobre os joelhos e me encolhi naquele canto. Chorei a dor de um amor que deixei passar. Talvez a imaturidade ou a falta de talento para lidar com a pressão foram os meus piores inimigos. Eu lutei tanto para conquistá-lo, então por que o deixei escapar?

“Porque você queria liberdade, Mia.”

A cada minuto que passava a chuva aumentava e isso me lembrou que eu estava um trapo em frente ao castelo de Rico Salvatore. Queria ter forças para me levantar, entrar no carro e ir embora com um pouco de dignidade. Mas a tristeza de não tê-lo encontrado me deixou fraca e desolada.

Depois de quase uma hora encolhida naquele portão tomando chuva, voltei a chorar, um choro tão sentido e cheio de dor que eu tinha certeza de que, mesmo com toda aquela chuva, era possível ouvir meus suspiros.

Abaixei a cabeça sobre os joelhos novamente e arquejei, derrotada.

No instante seguinte o barulho de um carro me fez levantar a cabeça e as luzes de um farol quase me cegaram. Coloquei a mão no rosto para tapar a claridade. Tentei me levantar, mas congelei no mesmo lugar quando vi um homem saindo do carro e vindo em minha direção. Meu coração se apertou e eu comecei a chorar. Era ele.

— Mia? — Rico perguntou e se abaixou perto de mim. O vento trouxe o cheiro de seu

perfume e eu chorei ainda mais. — O que está fazendo aqui, por que está chorando?

Limpei meu rosto e o fitei. Ele usava um suéter azul marinho e uma calça escura, estava lindo de morrer, o que só me fez lembrar que eu estava um caco.

— Eu-eu... já estou indo embora — falei, sem ter certeza, e fui me levantando. Ficamos frente a frente e a vontade de chorar veio com força, mas segurei o nó.

Rico nada respondeu, então eu passei por ele e dei apenas dois passos, até me certificar de que não era aquela a direção que meu corpo queria tomar. Virei-me rápido para voltar para ele, mas Rico já estava na minha frente e eu me joguei em seus braços, apertando-o como se minha vida dependesse daquilo.

— Eu não aguento mais, Rico — declarei, entre soluços.

— O que você não aguenta? — ele perguntou, me abraçando de volta, e meu corpo reagiu imediatamente ao saber que estava entre seus braços mais uma vez.

— Essa droga de distância.

Ele mais uma vez não respondeu, deve ter percebido que meu emocional não andava muito bem. Rico sempre foi um lorde, mesmo que não me quisesse, jamais me magoaria de graça. Escolheria o momento certo para me falar qualquer coisa.

— Venha, você precisa de um banho. Vai ficar doente com essas roupas molhadas.

Àquela altura eu me sentia tão exausta e queria tanto estar perto dele que concordei e deixei que me guiasse até seu carro. Antes de entrar, virei ao meu e peguei a minha mala, depois o tranquei.

Rico abriu a porta do Range Rover para mim, deu a volta e entrou em silêncio. O interior do veículo estava impregnado com o cheiro dele. Suspirei de saudade.

Ele guiou o carro até a garagem e me ajudou a descer. Peguei minha mala e caminhamos em silêncio para dentro do castelo. Rico abriu uma porta lateral e me deu passagem.

— Vamos subir, você pode tomar um banho e trocar de roupa.

Concordei e subi as escadas, ele na frente e eu atrás. Rico me guiou até um quarto de hóspedes, o que foi um péssimo sinal.

— Vou te esperar aqui — ele disse e eu concordei. Durante vinte minutos deixei que a água escorresse pelo meu corpo e levasse parte da tristeza e da culpa que eu sentia. Enrolei uma toalha na cabeça e coloquei um roupão. Saí do banheiro, encontrando-o de costas para mim, olhando a chuva do lado de fora.

Eu sabia que ele estava ciente da minha presença, então fui até a cama e me sentei.

— Mia, eu entendo o que está sentindo.

Não foi assim que eu imaginei o início da nossa conversa.

— Eu sei que fui hostil no começo, Rico, mas demorei alguns meses para superar o trauma do

sequestro e então você parou de ligar. Depois também já não me atendia mais.

— Foi melhor assim, seria doloroso manter contato. Sem contar que todo o mal que te fizeram foi culpa minha.

Então era aquilo, Rico realmente sentia-se culpado por tudo o que aquelas duas loucas me fizeram. Pelo menos era culpa, não falta de amor. Não que fosse um bom sinal. Eu não tinha experiência com outros homens, mas conhecia Rico e sabia que, assim que amanhecesse, ele me mandaria embora.

— Então é isso?

— Sim, Mia. Você quis romper o noivado, eu aceitei, sofri, corri atrás, você não quis voltar. Acho que tenho o direito de querer manter distância agora.

Só eu sabia o quanto doeu ouvir aquelas palavras dele.

— Vou providenciar o seu jantar. Pode descansar, se quiser — ele disse, passou por mim e deixou o quarto. Fiquei ali, sentada na cama e sem saber o que fazer. Então era aquilo? Ele me convidou para entrar, trocamos meia dúzia de palavras e só?

Fiquei andando pelo quarto por uns quinze minutos. Depois sequei os meus cabelos e voltei a zanzar de um lado para o outro. Aquilo só me fez chegar à conclusão de que eu não fui ali por um banho quente e uma noite de sono. Eu o queria, droga!

Saí porta afora e encontrei o corredor escuro com todas as luzes apagadas. Guiei-me pela claridade que vinha do quarto de Rico e entrei sem bater. Ele estava sentado na cama, apenas de boxer preta, e mexia no celular. Nossos olhares se encontraram e o que vi me deu esperanças.

— Não me mande embora — implorei e ele colocou o celular no criado-mudo. Depois, voltou a me encarar. Caminhei até ele e me sentei em seu colo.

— O que você quer, Mia?

— Eu quero você.

Ele soltou uma risada desgostosa, como se falasse: você já me teve e preferiu terminar.

— As coisas são complicadas, eu também sofri bastante. Impor distância foi a forma que encontrei para ser menos doloroso.

— Talvez, se eu pudesse voltar no tempo, teria feito as coisas de outra maneira. Mas o sequestro, a ideia de casamento e filhos me deixou assustada. Eu tinha problemas com as empresas e com a minha mãe. Mas nada me deixou tão apavorada quanto a falta que você me fez.

Quando dei por mim, já estava com os olhos cheios de lágrimas de novo. Rico me olhou e me perdi nas feições perfeitas de seu rosto.

— Diga alguma coisa, qualquer coisa — pedi e me virei de frente para ele, uma perna de cada lado de seu quadril. Estava sem nada por baixo do roupão e senti meu sexo tocando o membro

dele por cima do tecido. Tive certeza de que ele também sentiu, porque seu pau pulsou e eu fiquei feliz. Era sinal de que pelo menos desejo existia entre nós.

— Não dificulte as coisas, Mia — ele pediu e desviou o olhar.

Apeguei-me à esperança de que ele ainda pudesse me amar. Deslizei meu roupão pelos ombros e o joguei no chão.

— Faz quase um ano que eu não faço amor. Me dê uma noite com você, e se realmente não me quiser, amanhã eu prometo que vou embora.

Meu pedido demorou alguns segundos para ser atendido. Rico desceu o olhar pelos meus seios e suspirou. A saudade estava estampada em seu rosto e eu fiquei extremamente feliz por saber que ainda o afetava.

Passei as mãos em volta de seu pescoço e encostei meus seios em seu peito. Ele gemeu e abriu a boca. Foi a minha deixa para beijá-lo. Quando nossos lábios se encostaram eu quase desmaiei de felicidade. Rico começou a roçar nossas bocas com calma e delicadeza, mas em poucos segundos estávamos devorando um ao outro, sua boca engolindo a minha e meu corpo se esfregando no dele com todo o desejo que eu sentia dentro do meu ser.

De repente, ele rolou por cima de mim. Com um movimento rápido, se livrou de sua cueca e voltou a me beijar tão desesperado quanto eu. Sua necessidade aumentou o meu desejo de tal forma que senti que se ele não me penetrasse logo eu iria morrer.

— Humm — gemi quando Rico entrou inteiro dentro de mim, como se adivinhasse os meus pensamentos.

Minhas mãos deslizaram por suas costas até as unhas se cravarem em sua pele, enquanto meu corpo se arqueava para receber suas estocadas rápidas e certeiras. Rico não estava fazendo amorzinho, havia urgência em nosso ato, nós dois precisávamos sentir o prazer que nossos corpos sempre proporcionaram um ao outro. Eu sentia falta das palavras de amor sussurradas, mas sabia que havia perdido aquele direito quando o abandonei.

— Eu te amo, Rico — falei quando o orgasmo me atingiu e me apertei ao corpo dele.

Pela primeira vez eu não escutei uma resposta de volta. Ele continuou entrando e saindo, beijando-me até o seu corpo encontrar prazer no meu. Rico permaneceu em cima de mim, seu peso me comprimindo, tornando difícil respirar. Mas eu não estava reclamando, sentia muita falta dos nossos momentos pós-sexo.

— Senti sua falta — ele disse, por fim, e rolou para o lado. Depois me puxou para junto dele e assim ficamos.

— Eu te conheço tão bem, Rico, e sei que sua resposta será não. Ainda assim, obrigada por fazer isso, por estar me tratando bem.

O cheiro de sua pele era delicioso e não me importei com a falta de resposta. Rico era assim,

preferia se calar a magoar.

Durante aquela noite nos amamos por mais duas vezes, pois nossos corpos estavam insaciáveis, e fomos dormir de madrugada.

Quando acordei, na manhã seguinte, Rico não estava na cama. Fui até o banheiro e notei um desconforto delicioso entre as minhas pernas. A noite anterior estava cobrando seu preço, mas eu não me importaria.

Tomei banho, coloquei uma roupa limpa, peguei minha mala e descii. Afinal, aquele era o combinado. Além disso, se Rico me quisesse de volta, eu teria acordado de uma forma diferente.

“Ah, mas como você sabe?”

Eu simplesmente sabia.

Deixei minha mala na sala e segui o barulho que vinha da cozinha. Rico lia um jornal enquanto bebia uma xícara de café.

— Bom dia — falei, escorada no portal, e ele levantou o olhar. Usava um suéter preto e seus cabelos estavam úmidos.

— Bom dia. Quer café?

Quero você!, pensei, mas não falei.

— Eu já vou indo — disse, já sabendo que ele não seria capaz de me mandar embora.

— Quer que eu a leve até o carro?

Ele ofereceu e acho que um tapa na cara não teria doído tanto.

— Não precisa, vai ser menos doloroso — usei suas palavras contra ele.

Ficamos nos olhando e ambos sabíamos das coisas que não foram ditas, mas que naquele momento não teriam nenhum efeito.

No dia em que eu resolvi ir embora, Rico parecia ter compreendido os meus os motivos. Mas era óbvio que aquele quase um ano longe o fez repensar, ele estava magoado. Forçar uma barra seria muito pior e desgastante para os dois.

Aos poucos eu estava percebendo que cada ser humano tinha um tempo para estar em sintonia com o outro e me entristecia profundamente que Rico e eu não estivéssemos na mesma frequência.



RICO SALVATORE

Pouco mais de um mês havia se passado desde a visita de Mia e só eu sabia como foi difícil deixá-la partir. Minha decisão de manter distância foi baseada em todo o perigo que ela correu ao meu lado e no que poderia voltar a acontecer caso reatássemos. Marcy e Leah já estavam condenadas e passariam muitos anos na prisão. Mesmo assim, fiquei cauteloso.

Não foram poucas as vezes em que quase joguei toda a minha razão para o ar e fui atrás dela. Mas aí eu me lembrava de que o sequestro não fora o único motivo para me abandonar. Mia não tinha vivido nada e precisava de liberdade para fazer tudo o que lhe foi negado desde a adolescência. Ela também havia dito que não estava preparada para filhos e casamento. Então, apesar de amá-la profundamente, me mantive afastado, porque se fosse para tê-la de volta eu queria o pacote completo.

Quando a vi no castelo aquele dia, senti um misto de alegria e angústia. Fiquei feliz porque o que mais queria era vê-la de novo, mas preferi não me entusiasmar. Mia me amava e sentia a minha falta, mas não queria dizer que todas as outras coisas haviam ficado para trás. Não queria aceitá-la de volta para depois de alguns dias ela dizer que só voltou porque estava com saudade, mas que ainda não estava preparada para se casar. Eu não suportaria outra rejeição. Por isso a deixei ir, achei que precisasse de mais tempo. Mas já estava arrependido e tinha decidido começar a entrar em contato para saber se sua vinda havia sido uma coisa de momento ou se ela estava mesmo preparada para assumir um compromisso definitivo comigo.

Nos meses em que ficamos longe, meus pensamentos foram somente dela. Nunca imaginei que pudesse amar alguém com tanta intensidade e entrega. Tê-la em meus braços, mais uma vez, só reforçou o desejo e o amor que sentíamos um pelo outro. Mas quando a tivesse novamente, teria que ser por inteiro e para sempre.

— *Caro*, ligação para você.

Nonna anunciou, entrando em meu quarto com meu celular na mão. Peguei o aparelho e coloquei o notebook em que trabalhava de lado.

— Alô.

— Oi, Rico, é a Ester.

Estranhei a ligação da minha ex-sogra e fiquei preocupado.

— Aconteceu alguma coisa com Mia? — questionei enquanto *nonna* arregalava os olhos de preocupação. Ela sabia que, em sua ausência, Mia havia me procurado.

— Aconteceu que desde que minha filha voltou da Itália não sai do quarto e tem passado muito mal ultimamente.

Eu notei que, depois de sua visita ao castelo, Mia parou de me ligar. Aquilo só reforçou minha ideia de que ela estava apenas com saudade, mas não preparada para voltar a assumir um compromisso comigo. Nunca imaginei que o motivo fosse por ela estar doente.

— Já a levou ao médico?

— Levei, contra a vontade dela, claro, e fizemos uma bateria de exames, mas o meu sexto sentido de mãe já sabia o que estava acontecendo.

Não entendi o comentário da Ester.

— E o que ela tem?

Ela suspirou do outro lado.

— Mia está grávida e morrendo de tristeza a cada dia que passa. Rico Salvatore, eu juro por Deus que, se não vier aqui e tirar a minha filha daquela cama, eu cumpro todas as ameaças que já te fiz.

O telefone quase caiu da minha mão.

Mia estava grávida?!



MIA BANKS

Meus dias se resumiam em ficar enjoada, dormir e chorar por Rico. A minha única felicidade era saber que havia uma sementinha dele dentro de mim e era por isso que eu tentava ficar firme a maior parte do tempo. Minha mãe estava histérica, achava que o motivo de eu não sair do quarto era somente pelo Rico. Era por ele também, mas no fundo o mal-estar da gravidez era o maior causador de tudo. Eu me sentia muito mal na maior parte do tempo e a tristeza por não ter Rico por perto só agravava ainda mais a situação.

Saí do banheiro depois de um banho revigorante, escovei os dentes, coloquei uma camisola gostosa e fui até o meu escritório.

Quando voltei para o quarto, vi que havia várias chamadas não atendidas em meu celular, mas não tinha vontade de responder ninguém.

Christina ligava todos os dias desde que soube da minha gravidez e brigava comigo por não ter revelado a verdade a Rico. No fundo eu estava emocionalmente abalada e tinha medo de ele continuar me rejeitando, fosse por ainda sentir culpa ou por achar que engravidei de propósito — eu não aguentaria se me acusasse de ter engravidado para forçá-lo a me aceitar de volta, quando na verdade, com tudo o que passei, descuidei dos remédios, o que acabou rendendo um herdeiro.

Eu passava horas acariciando a minha barriga, que ainda era imperceptível, e tentando entender como eu já podia amar tanto aquela coisinha tão pequenina. Era assustador se apegar a alguém que você nunca tinha visto ou tocado. O sentimento de mãe já aflorava dentro de mim e, quando aquela sensação gostosa surgia, eu relaxava e conseguia dormir.

Acordei com a sensação de uma mão levemente fria deslizando sobre a minha barriga. Fui despertando aos poucos e sentindo um perfume bem familiar, que fez meu coração disparar.

— Rico? — perguntei baixinho e me virei. Ele estava deitado ao meu lado e juro que achei se tratar de um sonho.

— Oi, meu anjo.

Um nó se formou na minha garganta. Fazia um ano que eu não escutava aquilo e a vontade de chorar veio com força.

— Ei, não chore, não quero te ver triste.

Ele me puxou para perto e me abraçou. Aí as comportas se abriam. Meu choro não era de tristeza e sim por estar sensível à gravidez e à presença dele.

— Esse bebê me faz chorar o tempo todo, acho que vai ser um chorão — eu brinquei, limpando o rosto, e ele sorriu.

— Devia ter me contado quando descobriu — ele disse, com voz calma e terna, não era uma cobrança, mas uma afirmação.

— Pensei que você não me quisesse mais. Essa gravidez está me deixando louca. Só tenho vontade de dormir.

Ele assentiu e deslizou as mãos por cima da minha barriga. Estava encantado com a boa nova.

— Ester me ligou, vim buscar vocês.

Tum tum tum tum...

Meu coração acelerou e quase saiu pela boca.

— Não quero que fique comigo por pena ou porque estou grávida — confessei, orgulhosa.

Rico levantou o meu queixo e sorriu docemente.

— Eu nunca deixei de te amar, Mia. Tive medo de que coisas ruins pudessem acontecer com você, além disso, eu queria a certeza de que estava pronta para voltar e ficar comigo para sempre. Se o que ouvi de sua mãe for verdade, esse filho veio para nos unir novamente.

— O que ela disse a você?

— Que agora você estava pronta para assumir um compromisso comigo.

— Ela está certa — confessei.

— Então nós ganhamos uma página em branco. Vamos passar a limpo todo esse sofrimento. Chegou a hora de sermos felizes e você nunca mais vai me deixar.

— Eu prometo — afirmei, com convicção. — Eu nem acredito que você está aqui — falei, baixinho, e o abracei apertado.

— Estou, sim, vou ficar até que se sinta melhor para viajar.

Rico não entendia que o mal-estar da gravidez não se comparava com a tristeza de viver longe dele.

— Eu quero ir hoje.

Ele sorriu e acariciou o meu rosto.

— Eu me mudei definitivamente para a Toscana, espero que não seja um problema.

Sorri, encantada.

— Não consigo imaginar um lugar melhor para passar a minha vida.

Ele sorriu amplamente e pude ver que estava tão emocionado quanto eu.

— Então vou agilizar tudo e partiremos ainda hoje.

Confirmei e no segundo seguinte sua boca encontrou a minha. Foi como estar no céu.



Rico fez algumas ligações e depois voltou para a cama. Ficamos horas conversando sobre o bebê e imaginando como seria o seu rostinho. Se há um ano eu soubesse o quão delicioso seria estar passando por esses momentos, jamais o teria deixado. Mas a vida é cheia de altos e baixos, incluindo decisões impensadas.

Preferia acreditar que tudo o que vivemos foi aprendizado. O sofrimento me tornou mais madura e decidida. E agradecia a Deus por estar ganhando uma segunda chance.

Viajamos para a Itália no mesmo dia e estranhei a felicidade de minha mãe por me ver ao lado de Rico. Foi comovente o quanto ela se desculpou por todos os desentendimentos que tiveram no passado. No fundo, toda aquela hostilidade nada tinha a ver com ele e sim com fato de querer me proteger. Rico era uma pessoa boa e a perdoou. Senti uma paz enorme por saber que meu futuro marido e minha mãe estavam se entendendo. Com a chegada do bebê, ela nos visitaria com frequência e não seria bom que os dois estivessem brigados.

Minha chegada na Itália foi em clima de festa. Donatella estava radiante com a iminente chegada do bisneto e providenciou um jantar de comemoração. Eu fiquei feliz e agradecida por todos os presentes. Mesmo sem saber o sexo do bebê, a família me encheu de roupinhas de cores neutras. E, só de ver aqueles pedacinhos de tecido, meu coração se enchia de amor.

Não pude ficar muito no jantar e mal consegui tocar na comida. Rico e eu agradecemos a presença de todos e ele explicou que eu estava sentindo muito enjoos e por isso precisaria de mais cuidados.

Subimos e fomos para a sacada do quarto a fim de observar o céu estrelado que fazia na Toscana. Ficamos namorando entre uma crise de enjoo e outra. Rico era tão paciente, tão bondoso, o que me fazia lembrar o quanto fui injusta e no quanto senti sua falta.

— Pare de pensar nisso — ele disse e procurei seu olhar. Rico sabia ler meus pensamentos de forma assustadora.

— Eu fui infantil.

Ele sorriu e deslizou a mão pelo meu rosto.

— Vou falar uma coisa que fará você se sentir melhor.

Assenti, ansiosa para saber o que era.

— Eu fiquei solteiro por quase dez anos e não foram poucos os Ricos e Mias que conheci pelo caminho. Fiz questão de viajar com você pelo mundo e mostrar a diferença de fazer isso comigo ou com outra pessoa, ou mesmo sozinha. Li os seus e-mails e vi as fotos das suas viagens, você

passou por muitos lugares, vários deles foram os mesmos em que eu a levei pela primeira vez e fiquei feliz em saber que você estava fazendo tudo o que tinha vontade, que estava vivendo.

Nos meses em que estávamos afastados eu quis reafirmar que poderia ser feliz sem ele, mesmo onde já tínhamos ido juntos, mas apesar de os lugares continuarem deslumbrantes, não senti a mesma felicidade. Rico me ensinou de uma maneira inteligente que o mundo sempre teria mais graça com ele.

— Se eu tivesse lhe seduzido ou implorado que ficasse, você provavelmente iria ceder. Mas seu inconsciente ficaria te cobrando as coisas que havia deixado de fazer por mim. Então eu te deixei ir e alguma coisa me dizia que um dia você voltaria.

Toquei o rosto dele com a ponta dos dedos e o beijei. Depois fiquei pensando que estávamos vivendo o nosso melhor momento: havia um herdeiro a caminho e os inimigos estavam sob controle. Não era nenhuma garantia de felizes para sempre, mas o mais perto disso que conseguimos chegar naquele tempo todo.



| EPÍLOGO

ANOS DEPOIS

Enquanto eu folheava as páginas de um velho livro, Rico tentava sem sucesso tirar as folhas secas da piscina. Enrico chegaria do colégio a qualquer momento e já deixou avisado que queria tomar banho de piscina à tarde.

— Não seria mais fácil pedir a *nonna* que chame um funcionário? — sugeri.

Ele parou de peneirar a água e sorriu.

— Ele pediu que eu fizesse.

Balancei a cabeça e suspirei, aquela coisinha de apenas quatro anos nos fazia de gato e sapato. Rico vivia para agradar o filho e eu tinha até medo de que isso o estragasse. Fiquei imaginando como seria com o próximo, especialmente se fosse uma menina. O pensamento me fez sorrir, encantada.

Terminei de ler o último capítulo, entrei e subi para guardar o livro. *Nonna* Donatella estava arrumando o quarto de visitas que o pai de Rico usou no dia anterior. Ele e minha mãe andavam de namorico e nos visitavam com frequência.

Quase enfartei quando Rico me falou sobre o interesse de seu pai por Ester, mas depois achei muito bom. Meu sogro era uma pessoa adorável e minha mãe precisava de uma boa companhia.

Depois de papear com *nonna*, fui até o escritório de Rico e liguei para a Christina.

Enquanto ela não atendia, peguei a moldura com a foto do meu casamento com Rico. Estávamos na sacada do castelo, um de frente para o outro, com um pôr do sol divino ao fundo. A forma como ele sorria deixava evidente o quanto estava feliz, eu estava com 3 meses de gravidez e foi de longe o dia mais especial da minha vida.

Apenas os nossos amigos mais próximos foram convidados e, pela primeira vez na vida, eu vi Rico Salvatore completamente bêbado. Tanto que não conseguia nem falar e nossa lua de mel só

aconteceu dois dias depois, quando ele finalmente se recuperou. Mas no fundo eu o entendia, casamento era algo que ele desejava muito, então, nada mais justo do que comemorar.

— Alô — Chris disse, com uma voz cansada, do outro lado da linha. Ela estava grávida de sete meses de seu segundo filho com Will e vivia morrendo pelos cantos.

— Como está o meu afilhado? — perguntei e ela bufou do outro lado.

— Tem ideia do quanto é desgastante passar por uma gravidez e ainda manter o pai de meus filhos na linha? — ela falou e eu quase gargalhei.

— Já te falei para dar uma folga ao homem ou ele vai te largar antes de completar cinco anos de casado.

Chris e Will se casaram alguns meses depois de nós, e contra todas as nossas expectativas, porque Rico jurava que ele cairia fora devido à marcação cerrada que ela fazia. Mas, para a nossa surpresa, acabaram fazendo exatamente o contrário. Já tinham Luca e ela esperava outro menininho. Apesar de todo o drama, eles eram muito felizes.

— Você fala isso porque seu príncipe encantado mora num castelo a quilômetros de qualquer distração que só uma cidade como Nova York pode oferecer — disse, soltando uma gargalhada debochada.

Acabei rindo junto e ela emendou:

— Você é uma vaca sortuda. Quem me dera Will querer fugir para as montanhas.

Não tinha como não sorrir com a sinceridade dela. Chris era a minha melhor amiga e mesmo a quilômetros de distância tentávamos manter contato quase que diário.

Depois de finalizar a ligação, fui para fora do castelo onde *nonna* e duas funcionárias terminavam de ajeitar o almoço. Era sexta-feira e ela gostava de montar a mesa na área externa, sob a sombra de um pergolado que fizemos no verão passado.

De onde eu estava, percebi que Rico havia largado a peneira da piscina e ido de encontro ao nosso baixinho, que saiu do carro de *zio* Gregório a toda velocidade e correu para abraçar o pai. Era assim todos os dias, eles não podiam ficar algumas horas sem se ver que o encontro do meio-dia era sempre um espetáculo.

Rico ensinava o filho sobre tudo. Os dois passavam a tarde perambulando e brincando pelo castelo. Em várias ocasiões me juntei a eles.

Os três vieram em nossa direção. Meu pequeno me abraçou e me deu um beijo. Ele me chamava carinhosamente de minha rainha. Geralmente quando queria alguma coisa, mas não diminuía o efeito que causava em mim.

Cumprimentei *zio* Gregório, depois Rico me deu um selinho nos lábios e apertou a minha bunda por cima do jeans. Era um tarado incorrigível.

Todos nos sentamos à mesa e fizemos uma breve oração antes de comer.

Enquanto aquela miniatura de Rico Salvatore agradecia pela nossa refeição, eu suspirei, orgulhosa da família que tinha construído ao lado do meu grande amor. Não tinha mais a responsabilidade de cuidar das empresas, Rico cuidava de todos os nossos negócios e eu me sentia bem com isso. Não havia mais a necessidade de provar nada a ninguém. Sentia-me segura vivendo na Toscana com a única tarefa era cuidar da minha família, o que me trazia uma paz interior assustadora.

Depois do almoço servi uma taça de vinho branco e caminhei até a sacada de pedra, apoiei os cotovelos e fiquei admirando a vista maravilhosa da Toscana. *Nonna* e *zio* Gregório ficaram na mesa falando alto como legítimos italianos que eram. Eu também já falava italiano e todos nos comunicávamos na mesma língua.

Não demorou para eu sentir os braços de Rico envolvendo a minha cintura. Ele descansou sua taça ao lado da minha e encostou a boca em meu ouvido.

— Calabouço hoje, Sra. Salvatore — sussurrou, com voz safada, e eu me virei. Entrelacei os meus braços em seu pescoço e sorri. Meu marido era como um bom vinho, os anos só o faziam mais charmoso e interessante.

— Eu mal posso esperar, Sr. Salvatore.

Sorrimos e o beijei sob o sol gostoso que reinava na Toscana.

Na época de internato eu sempre sonhei em viver em Nova York, jamais imaginei morar na Itália e muito menos que fosse gostar de sexo em um calabouço de luxo. Mas naquela época ninguém me falou que eu encontraria o homem perfeito que me ensinaria que o lar era onde o coração se sentia feliz.

FIM

Se gostou deixe uma avaliação.

Outros livros e redes sociais da autora:

Facebook: <https://www.facebook.com/cleo.luz.756>

Intagram: <https://www.instagram.com/cleo.luzz/>

A OUTRA – BOX VOL.1 E 2

https://www.amazon.com.br/OUTRA-Duologia-BOX-VOL-Cleo-ebook/dp/B07D19RHXG?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=CLEO+LUZ&qid=153human-store-name%29&sr=1-1&ref=sr_1_1

O REI DOS DIAMANTES – BOX VOL. 1 E 2

https://www.amazon.com.br/BOX-REI-DOS-DIAMANTES-VOL-ebook/dp/B07G3KXHSK?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=CLEO+LUZ&qid=153human-store-name%29&sr=1-9&ref=sr_1_9

A GRANDE VIRADA – BOX VOL 1 E 2

https://www.amazon.com.br/Box-GRANDE-VIRADA-Cleo-Luz-ebook/dp/B07BYSJP42?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=CLEO+LUZ&qid=153human-store-name%29&sr=1-4&ref=sr_1_4

O SHEIK DOS MEUS SONHOS

https://www.amazon.com.br/Sheik-Dos-Meus-Sonhos-ebook/dp/B07CG24Z1X?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=CLEO+LUZ&qid=153human-store-name%29&sr=1-10&ref=sr_1_10

ROMEO STONE

https://www.amazon.com.br/ROMEO-STONE-Série-meus-sonhos-ebook/dp/B078SWPRSG?__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=CLEO+LUZ&qid=153human-store-name%29&sr=1-6&ref=sr_1_6

MEU ADORÁVEL FAZENDEIRO

<https://www.amazon.com.br/Meu-Adorável-Fazendeiro-Cleo-Luz-ebook/dp/B07BPG3V82?>

__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&keywords=CLEO+LUZ&qid=153human-store-name%29&sr=1-20&ref=sr_1_20